

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

BOAS COSTURAS, BELAS FIGURAS
Uma história do despertar da moda no Oitocentos carioca

MARIANA DE PAULA CINTRA

**FRANCA
2018**

MARIANA DE PAULA CINTRA

BOAS COSTURAS, BELAS FIGURAS

Uma história do despertar da moda no Oitocentos carioca

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais,
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como pré-
requisito para a obtenção do Título de Mestre em História.

Área de concentração: História e Cultura Social

Orientadora: Profa. Dra. Milena da Silveira Pereira

**FRANCA
2018**

Cintra, Mariana de Paula.

Boas costuras, belas figuras: uma história do despertar da moda no Oitocentos carioca / Mariana de Paula Cintra. – Franca : [s.n.], 2018

181 f.

Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.

Orientador: Milena da Silveira Pereira

1. Rio de Janeiro – História. 2. Beleza feminina. 3. Costura.
4. Moda – Estilo – Mulher. I. Título.

CDD – 746

MARIANA DE PAULA CINTRA

BOAS COSTURAS, BELAS FIGURAS

Uma história do despertar da moda no Oitocentos carioca

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como pré-requisito para a obtenção do Título de Mestre em História.

Área de concentração: História e Cultura Social

Orientadora: Profa. Dra. Milena da Silveira Pereira

BANCA EXAMINADORA

PRESIDENTE: _____

Profa. Dra. Milena da Silveira Pereira

1º EXAMINADOR: _____

Profa. Dra. Maria do Carmo Teixeira Rainho

2º EXAMINADOR: _____

Profa. Dra. Ana Carolina de Carvalho Viotti

Franca, 11 de setembro de 2018.

*Ao Lucas, que me ajudou a finalizar este projeto e
iniciou muitos outros.*

AGRADECIMENTOS

Sou profundamente grata a Deus por ter me concedido vida, saúde e sabedoria em todas as etapas desse trabalho que me acompanha, diariamente, há mais de dois anos. Aos meus pais, Walter e Elilda, por terem criado a mim e meus irmãos para amar e, assim, nos amado – em alguns momentos – mais que suas próprias vidas e projetos. Obrigada, pai e mãe, por terem escolhido construir a família que somos hoje e ensinado cada um de nós a viver. Tenho orgulho de tê-los como pais. Agradeço, igualmente, as minhas irmãs e irmãos por terem sido sempre uma fonte de refúgio – antes nas brincadeiras da infância, e, agora nos copos de cerveja e conversas descontraídas à mesa da cozinha. Ana Flávia, Ana Lígia, Heloísa, Ana Beatriz, Marcos e Mateus, vocês são peças fundamentais da minha trajetória. Estendo essa mesma gratidão aos meus sobrinhos e/ou irmãos de coração, Maria Clara e Rafael, por serem as duas crianças mais lindas desse mundo e por deixarem nossa casa, cotidianamente, mais feliz. Aos meus cunhados Gregory, Eduardo e Alex que se tornaram também parte importante dessa grande família.

Agradeço a minha querida orientadora Profa. Dra. Milena da Silveira Pereira, co-responsável por qualquer mérito que este estudo possa vir a ter no futuro. Obrigada pelas incontáveis correções, propostas, sugestões, apontamentos e, o mais importante, por ter me proporcionado um processo de escrita leve e muito prazeroso. Escrevi com amor porque você corrigiu com amor.

Não posso deixar de registrar meus sinceros agradecimentos às professoras que compuseram a banca de qualificação: Profa. Dra. Karina Anhezini e Profa. Dra. Maria Claudia Bonadio. É até difícil dimensionar o quanto seus apontamentos e conselhos, sempre generosos, contribuíram para a finalização do trabalho que agora apresento na íntegra.

À todo o pessoal do grupo de pesquisa *Escritos sobre os novos mundos*, que de maneiras muito particulares me auxiliaram nos caminhos percorridos. Destaco as queridas amigas Michelle e Amanda – cuja amizade ultrapassou os eventos acadêmicos. Agradeço, igualmente, a Profa. Dra. Susani e o Prof. Dr. Jean Marcel, exemplos de dedicação e erudição, por terem sempre aberto as portas de sua casa para que pudéssemos expor inquietações, angústias e propostas nas reuniões.

Um agradecimento particular à Maria do Rosário e Daniela, responsáveis pela divisão de Obras Raras da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, por terem sido solícitas às propostas dessa pesquisa desde as primeiras trocas de emails, não medindo esforços para que fosse possível fotografar, de forma inédita, as imagens coloridas apresentadas neste trabalho.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP, processo 2016/03312-1, pelo financiamento desta pesquisa.

Gostaria ainda de agradecer a todas as pessoas que não desistiram de me querer por perto ao longo desta jornada chamada mestrado. À minha grande e maravilhosa amiga Jéssica Bueno Goulart, por nunca deixar de me proporcionar boas risadas. Nossas conversas me ajudam a ressignificar as lutas da vida. Obrigada por me aplaudir nas vitórias e se entristecer comigo nas derrotas. Você é um ser humano de essência. Às companheiras de trabalho temporário que tive o prazer de conhecer e conviver por longos dias já na etapa final de escritura da dissertação – Flávia, Camila, Milena, Natália e Amanda. Graças a vocês, meninas, hoje eu acredito firmemente que só vive quem se arrisca. Trabalhar na Hering foi uma experiência de superação de limites, mas também de muitas alegrias e aprendizados. Desejo-lhes sorte nessa vida e que o mundo descubra e valorize o talento de cada uma de vocês. Aos amigos e familiares do Lucas – que naturalmente se tornaram também meus amigos e minha família; de modo especial aos meus sogros, Valnei e Damares, e minhas cunhadas, Letícia e Lara. Todos vocês, de modos distintos, foram importantes para o encerramento dessa trajetória, tornando prazerosos até mesmo os dias que antecederiam os prazos com cerveja gelada e conversa boa.

E finalmente ao Lucas Cesar Soares Martins. Que alguns conhecem por Lucas, outros preferem Bazé e eu chamo apenas de “meu amor”. O espaço desta página é muito curto para dimensionar o quanto você tem me feito ser uma pessoa mais evoluída. Obrigada por ler, ouvir e me aconselhar sobre esse trabalho como se fosse um especialista na área e por estar aqui em todos os momentos dessa minha caminhada.

A moda é, porém, indispensável à mulher [...] É conhecido de toda a gente o caso daquela senhora que, nos últimos instantes de permanência no mundo, com o suor gelado a empastar-lhe os cabelos na fronte, ouve o marido dizer-lhe, entre lágrimas: “– Meu amor, a Heloísa, tua amiga, veio ver-te; está aí na sala vizinha...” A essa notícia, a moribunda retardou a morte por um instante, e, com a voz estrangulada perguntou: “– Com que chapéu... ela... veio?” E morreu.

Humberto de Campos

CINTRA, Mariana de Paula. **Boas costuras, belas figuras**: uma história do despertar da moda no Oitocentos carioca. 2018. 181f. Dissertação. (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2018.

RESUMO

As descrições e prescrições dos diversos aspectos do cotidiano da boa gente foram recorrentes nos escritos sobre o Rio de Janeiro oitocentista. Nos primeiros periódicos voltados ao público feminino, criados a partir de 1827, nos jornais publicados desde 1808 e nos enredos dos primeiros romances cariocas, as festividades religiosas e mundanas – bailes e saraus –, as apresentações teatrais, as colunas sobre moda, os anúncios de comerciantes dedicados a vender suas mercadorias importadas, as menções ao bom trato das vestimentas, o valor da moda e da beleza e a importância do bem vestir foram tópicos presentes. Partindo deste variado *corpus* documental, que contempla desde o limiar do Oitocentos, quando os profissionais europeus começaram a se estabelecer nas ruas centrais do Rio de Janeiro, até meados de 1850, quando os discursos sobre a moda e os aspectos da civilização já se encontravam enraizados na sociedade carioca, a presente dissertação busca apresentar e interrogar como os cuidados com a aparência e a moda ganharam centralidade na vida das mulheres oitocentistas. O propósito fundamental, em outros termos, é dar-se a conhecer o cenário de uma capital brasileira que se abria para os discursos de civilidade e europeização dos espaços sociais e dos hábitos cotidianos por meio dos padrões vestimentários recomendados. A partir do que acreditamos ser o despertar da moda na sociedade fluminense, procuramos trazer à luz as particularidades e recorrências desses discursos e como eles ajudaram a compor um tipo de mulher ideal oitocentista.

Palavras-chave: Rio de Janeiro. Oitocentos. Mulher. Moda. Beleza.

CINTRA, Mariana de Paula. **Good seams, beautiful figures**: a story of the awakening of fashion in the eighteenth century. 2018. 181f. Dissertation. (Master in History) - Faculty of Human and Social Sciences, São Paulo State University "Júlio de Mesquita Filho", Franca, 2018.

ABSTRACT

The descriptions and prescriptions of the various aspects of the daily life of the good people were recurrent in the writings on Rio de Janeiro during the nineteenth century. In the first periodicals aimed at the female audience, created in 1827, in the newspapers published since 1808 and in the entanglements of the first Carioca novels, religious and worldly festivities - dances and serenades -, theatrical presentations, fashion columns, merchants dedicated to selling their imported goods, mentions to the good treatment of clothing, the value of fashion and beauty, and the importance of well-being were present topics. Starting from this varied documentary corpus that contemplates from the threshold of the Eighteenth, when the European professionals began to settle in the central streets of Rio de Janeiro, until the middle of 1850, when the discourses on the fashion and the aspects of the civilization already were rooted in the society of Rio de Janeiro, the present dissertation seeks to present and question how care with appearance and fashion have gained centrality in the life of eighteenth-century women. The fundamental purpose, in other words, is to make known the scenario of a Brazilian capital that was open to the discourses of civility and Europeanization of social spaces and daily habits through standardized dress patterns. From what we believe to be the awakening of fashion in the society of Rio de Janeiro, we try to bring to light the particularities and recurrences of these discourses and how they helped to compose a type of ideal woman from the nineteenth century.

Keywords: Rio de Janeiro. Eight hundred. Woman. Fashion. Beauty.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 – Anúncio de um baile mascarado	32
Figura 2 – Anúncios de teatro	36
Figura 3 – Anúncio de um armazém de modas francesas	57
Figura 4 – Anúncio de uma loja de modas	58
Figura 5 – Anúncio de uma loja de chapéus	72
Figura 6 – Fábrica de chapéus de sol	72
Figura 7 – Anúncio sobre a lavagem dos chapéus	73
Figura 8 – Anúncio de uma loja de coletes	77
Figura 9 – Anúncio de espartilhos	77
Figura 10 – Anúncio de dois cabeleireiros de Paris	81
Figura 11 – Anúncio de um cosmético	82
Figura 12 – Anúncio de inauguração do Bazar Dillon	89
Figura 13 – Trajes para passeios diurnos	95
Figura 14 – Trajes para passeios diurnos	98
Figura 15 – Trajes para o verão carioca	100
Figura 16 – Trajes para um passeio no campo	104
Figura 17 – Trajes para festividades no campo	106
Figura 18 – Trajes para um passeio no campo	109
Figura 19 – Traje feminino para cavalgar	112
Figura 20 – Trajes de missa e festividades religiosas	114
Figura 21 – Xale para o tempo do luto	117
Figura 22 – Roupões <i>acapotados</i> para missas e dias frios	119
Figura 23 – Vestidos para um baile de gala	124
Figura 24 – Joias e acessórios nos bailes	128
Figura 25 – Trajes para bailes e saraus	132
Figura 26 – Vestimentas para bailes a fantasia	135
Figura 27 – Vestimentas para bailes a fantasia	135
Figura 28 – Vestidos de noiva	138
Figura 29 – Penteados para datas especiais	141
Figura 30 – Vestidos para festas oficiais	143
Figura 31 – Vestidos para festas oficiais	144

Figura 32 – Modas para espetáculos teatrais	147
Figura 33 – Toucas e chapéus para os teatros	150
Figura 34 – Trajes de teatros e concertos musicais	152

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Modistas no Rio de Janeiro por país de origem	64
Quadro 2 – Principais conteúdos dos anúncios de modistas	65
Quadro 3 – Anúncios de venda e aluguel de costureiras escravas	66

SUMÁRIO

Apresentação	15
Parte I	
A mulher entre o salão e a rua	20
Capítulo 1 – Das rezas às festas	20
1.1. Cantar era um dom, dançar uma arte	23
1.2. De olho no palco e nas damas	33
1.3. Reunidas nos salões de família	42
1.4. Diversão e devoção nas ruas	46
Capítulo 2 – “Em sua loja tem fartura do que é moda e se procura”	54
2.1. O comércio que pouco falava português	55
2.2. Cada modista em sua <i>boutique</i>	59
2.3. Da cabeça aos pés: o novo que se vendia	71
2.4. Quanto custava estar na moda?	83
Parte II	
A moda do corpo bem vestido	91
Capítulo 3 – Singela e elegante	91
3.1. Vestidos longos em passeios curtos	94
3.2. No campo tudo se trajava com flores	103
3.3. Roupas de ver Deus	113
Capítulo 4 – Luxuosa e exuberante	121
4.1. O rodar das saias nos bailes e saraus	123
4.2. Datas especiais, trajes exclusivos	136
4.3. A moda entre teatros e concertos	146
Considerações finais	154
Referências bibliográficas	157
Apêndice I – Lista das primeiras modistas no Rio de Janeiro	172
Apêndice II – Primeiros jornais de modas do Rio de Janeiro	179

APRESENTAÇÃO

Em janeiro de 1839, nas páginas do *Correio das Modas*, jornal dedicado às damas da alta sociedade fluminense, encontramos a seguinte indagação sobre a Moda¹: “quem não vive sob o domínio desta poderosa rainha do universo? Haja alguém que não queira dobrar ao seu julgo, e ela se vingará com o ridículo. Se não fosse a moda não haveria antiguidades, porque então nada seria velho [...]”.² O redator dessas páginas define, inclusive, a Moda como “uma divindade misteriosa que ora se ostenta grave e severa, ora galhofeira e desleixada: caprichosa em seus decretos, reprova o que adotou, adota o que reprovou”.³ Colocações análogas a estas, como veremos ao longo do estudo, foram recorrentes nas primeiras tentativas de legitimação da moda na sociedade carioca. Embora as instruções sobre os modos de vestir, nessas primeiras décadas do século, fosse um assunto novo no Rio de Janeiro, a ideia das composições vestimentárias como indispensáveis no cotidiano das mocinhas e senhoras já estava propagada em jornais especializados da corte. A capital do Império brasileiro viu nascer nesse momento, partindo dos modelos de civilização europeu, um culto às aparências e às vestimentas. Sabendo, pois, que cada época, a sua maneira e a partir de seus próprios jogos de verdade,⁴ conferiu à moda os significados e o papel que lhe era mais conveniente, pretendemos apresentar, nas páginas que se seguem, o cenário fluminense de introjeção da mulher nas ruas e nos salões e, conseqüentemente, as primeiras prescrições sobre a roupa e tudo quanto estivesse relacionado ao vestir nesses ambientes públicos.

Na Europa, a título de informação, desde meados do Setecentos passou a existir uma variedade de periódicos⁵ que se debruçaram a entender a aparente conexão entre mulher e moda no cotidiano privado e, sobretudo, público. Isso porque, em países como França e Inglaterra, o costume das filhas e esposas dos homens nobres se exibirem nas festividades

¹ A palavra moda escrita com M maiúsculo foi uma característica muito comum do *Correio das Modas*, tendo aparecido em diversos boletins. Com isso, os redatores procuravam deixar explícito que o termo merecia notoriedade.

² MODAS. *Correio das Modas*: jornal critico e litterario das modas bailes, theatros, etc. Rio de Janeiro: Tipografia dos Irmãos Laemmert. 5 jan. 1839, vol. I, ano I, n. 1, p. 5.

³ MODAS. *Correio das Modas*. 5 jan. 1839, vol. I, ano I, n. 1, p. 5.

⁴ Segundo Michel Foucault, cada sociedade possui seu próprio regime de verdade, ou seja, a partir de interesses múltiplos, uma sociedade acolhe um tipo de discurso como sendo verdadeiro. Levando em conta as constatações do filósofo e historiador, neste estudo procuramos compreender como os coetâneos fluminenses oitocentistas incluíram, legitimaram e deram a conhecer a moda em seus escritos.

⁵ A historiadora Maria do Carmo Teixeira Rainho, em estudo sobre as representações da roupa e da moda no Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX, elencou os primeiros títulos publicados na França setecentista, como o *Journal de dames et de modes* (1759-1778), o *Cabinet des modes* (1785-1790) – com alterações no nome ao longo do tempo. Já no século XIX, entre outros, surgiu *La mode illustrée*, o *Conseiller des dames*, o *Magasin des demoiselles* e, em 1878, o *Petit echo de la mode*. Cf. RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. **A cidade a moda**: novas pretensões, novas distinções. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002. p. 71-72.

junto a seus familiares já era recorrente.⁶ Os divertimentos sociais foram ambientes primordiais de recepção das donzelas no continente europeu e, mais tarde, também no Brasil. Apesar de terem existido, na Europa desde o século dezoito⁷ e nas principais cidades brasileiras a partir do século XIX, uma imprensa voltada aos interesses femininos, neste estudo pretendemos circunscrever nossa análise às primeiras publicações sobre a moda e os modos do chamado *belo sexo* no Rio de Janeiro oitocentista. Em outros termos, um dos pontos centrais do trabalho é apresentar o despertar de uma preocupação com a moda a partir dos primeiros escritos produzidos na capital – jornais e romances – que se dedicaram a contar, instruir, descrever, criticar, elogiar, desenhar e saudar este assunto aos seus leitores.

Desde os primeiros anos do Oitocentos, começaram a surgir no Rio de Janeiro alguns espaços que vieram preencher a, até então, insipiente vida pública daquela gente. O aprimoramento dos salões de bailes, dos teatros e dos ambientes para festas religiosas nas ruas e nas casas é apontado como marco para a entrada das mulheres no mundanismo, ou seja, foram a partir desses melhoramentos sociais que as questões do ver e do ser vista passaram a compor a vida das mocinhas e senhoras fluminenses. Dessa maneira, no capítulo de abertura deste estudo, procuramos trabalhar com as seguintes questões: quais foram as ocasiões e os lugares mais frequentados pelas esposas e filhas das famílias abastadas da época? Quais papéis essas donzelas cumpriram nos eventos da alta sociedade? Dentro do nosso propósito de fazer uma história da sistematização de parâmetros vestimentários para as mulheres se apresentarem em público, tornou-se fundamental escrever sobre os espaços compartilhados antes de introduzir as roupas. Além da análise sobre o ambiente social de celebrações, ajudam a compor esse cenário da mulher entre a rua e o salão o estabelecimento de um comércio europeu em terras cariocas e o papel cumprido pelos profissionais no vestir das damas – com destaque para as modistas. Ao apontarmos os recintos de partilhamento da vida pública, a feitura das roupas e adereços, os tipos de ateliês, as ruas da cidade onde estavam localizados,

⁶ François Boucher, autor de uma das obras mais relevantes sobre o vestuário no Ocidente, afirma, por exemplo, que na época de Luis XIV, as mulheres francesas já costumavam frequentar óperas e teatros. Cf. BOUCHER, François. **História do vestuário no Ocidente**: das origens aos nossos dias. São Paulo: Cosac Naify, 2012. p. 250. Embora seja tarefa difícil dimensionar e mapear um início da vida social feminina na Europa, Boucher, por meio de ricas descrições vestimentárias nos ambientes públicos franceses e ingleses, nos deu algumas pistas por meio dessas informações.

⁷ A pesquisadora Dulcília Schroeder Buitoni, em estudo sobre a representação feminina na imprensa brasileira, traz informações importantes sobre os primórdios dessas publicações também na Europa. Segundo Buitoni, uma importante obra francesa – publicada pelo órgão *La Documentation Française* em 1969 – localizou, nos fins do século XVII, o primeiro periódico feminino, editado na Grã-Bretanha em fevereiro de 1693. Já o primeiro jornal francês voltado aos interesses das mulheres surgiu em 1758, trata-se do *Courrier de la Nouveauté, Feuille Hebdomadaire à l' Usage des Dames*. Ou seja, foi a partir do século XVIII que tais folhas ganharam corpo e forma na sociedade europeia. Cf. BUITONI, Dulcília Schroeder. **Mulher de papel**: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo: Summus, 2009. p. 30.

o perfil dos comerciantes, entre outros pontos relevantes, uma preocupação fundamental dessa primeira parte do estudo vem à tona, a saber, quais relações podem ser estabelecidas entre a criação de um comércio de modas nas ruas da capital, o surgimento de escritos dedicados às mulheres e o início de uma vida social que incluía a figura feminina? Assim, ora como participantes dos eventos sociais, ora como freguesas das lojas recém instaladas, estas foram, como veremos, as formas que as mulheres cariocas encontraram para extrapolar o universo privado e ganhar o espaço público daquela época.

E como vestir-se nessa nova vida da aristocracia carioca? Mapear as informações e instruções veiculadas sobre as modas, as roupas, os adereços e o bom gosto na sociedade da capital imperial por meio dos conteúdos das colunas de modas, das referências macedianas sobre as vestimentas e dos tipos de artigos de vestir divulgados nos anúncios, portanto, são preocupações da segunda parte dessa pesquisa. A proposta dos dois últimos capítulos é, de modo detalhado, dimensionar o peso desses escritos sobre moda nas definições do que deveria ser vestido, analisando se o clima e os ambientes foram assuntos referenciados pelos letrados oitocentistas. Entre o campo e a cidade, o casamento e o enterro, o baile e o passeio, o teatro e a visita, as estações mais quentes e o inverno, o dia e a noite, os escritos instrutivos tiveram de se adequar a um cotidiano fluminense que era distinto da Europa, embora o padrão das modas francesas estivesse sempre presente nas folhas nacionais para senhoras. Nesse momento específico do estudo, as questões voltaram-se para tentar entender: o que os redatores e romancistas fluminenses da época relataram sobre os modos de trajar das belas moças e senhoras? Quais eram os parâmetros do bem vestir em cada ocasião social segundo suas prescrições e descrições? Os ambientes ditavam as roupas ou eram as roupas que diziam sobre os ambientes?

Antes, porém, de partimos para as respostas desses questionamentos, é importante esclarecer algumas escolhas que ajudaram a levar a cabo este estudo. As já anunciadas folhas para senhoras, os avisos de compra e venda relacionados à moda dos primeiros impressos e os romances escritos por Joaquim Manuel de Macedo até o ano de 1850 foram os principais meios de conhecimento dos primórdios da moda no Rio de Janeiro. Daí nosso *corpus* documental ser constituído pelos cinco primeiros jornais⁸ cariocas dedicados a explanar sobre o vestir das damas cariocas – *A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada*, *Correio das Modas*, *Espelho Diamantino*, *O Gosto e O Simplicio* –; pelos principais periódicos diários publicados até 1850, que, apesar de não estarem relacionados propriamente com as

⁸ Todos os jornais usados nesta pesquisa estão digitalizados e disponíveis na Hemeroteca Digital.

vestimentas, traziam seções de anúncios de modistas e outros comerciantes desta área; bem como pelos quatro primeiros romances escritos e publicados pelo coetâneo Joaquim Manuel de Macedo – *A moreninha*, *O moço loiro*, *Os dois amores* e *Rosa* –, nos quais as descrições dos locais sociais, das residências e dos trajes avultam na maioria das páginas. Sobre as obras de Macedo, cabe ressaltar que limitamos nossa análise a esse romancista, pois este foi o primeiro e único letrado a publicar, em forma de livros e/ou folhetins, romances na sociedade fluminense daquele tempo do despertar da moda. Embora sejam escritos com pretensões distintas dos jornais de modas, as histórias criadas por Macedo nos apresentam um Rio de Janeiro antigo repleto de aventuras juvenis, amores virginiais, espetáculos teatrais, saraus e passeios pela Rua do Ouvidor, ou seja, ao narrar os ambientes e personagens comuns à vida pública, os enredos macedianos ajudam a construir o cenário de valorização da aparência feminina, no qual a roupa ocupava um lugar substancial. Quanto ao *Correio das Modas*, vale destacar a pesquisa de campo realizada na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro para a coleta das imagens dos figurinos coloridos e de alguns números do periódico, ambos são inéditos e não encontram-se digitalizados na plataforma da Hemeroteca Digital.

É importante esclarecer também, tendo em mãos essa vasta documentação, as nossas opções de escrita. No texto, o leitor perceberá que encontra-se um grande número de citações diretas aos documentos da época, comparada ao número de citações da historiografia – situada, muitas vezes, nas notas de rodapé. Isso não significa, contudo, que os estudos posteriores sobre a vida social e a moda no Brasil cumpriram papel menos decisivo no trabalho, a leitura dessas obras, pelo contrário, ajudaram a formular muitas de nossas inquietações e a traçar o percurso da narrativa. Tal escolha, portanto, justifica-se pelo fato de que nosso propósito é, justamente, dar voz aos letrados daquele tempo para conhecermos um pouco sobre as roupas, as mulheres e a vida mundana da capital e maior cidade brasileira na primeira metade do Oitocentos, além de apresentar os primórdios de uma imprensa voltada aos interesses das damas e da moda como uma espécie de braço da civilização nos trópicos. Assim, pelo tipo de questionamento aqui lançado, tornou-se substancial recorrermos aos testemunhos diretos que esses coetâneos nos transmitiram a fim de levarmos a cabo este trabalho. Ademais, para dar ao leitor uma maior fluidez na leitura do texto, optamos pela atualização das palavras, padronização dos nomes próprios e o uso de regras gramaticais atuais nas citações de documentação diretas, sem perder, todavia, as ideias expressas nos registros originais.

Dar a conhecer os passos inaugurais das mulheres nas ruas e nas festas, os atrativos ali encontrados, os papéis a elas delegados, bem como o surgimento de parâmetros para bem

vestir esse *belo sexo* fluminense nos espaços de convívio social, a partir de discursos pedagógicos e descritivos, são, resumidamente, as pretensões das páginas que se seguem.

PARTE I

A MULHER ENTRE O SALÃO E A RUA

1. Das rezas às festas

Em 12 de dezembro de 1835, a suposta redatora¹ e comentarista de moda do jornal *A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada*² assinalava as seguintes recomendações de conduta e postura às suas leitoras:

Trajai a moda com gosto; desprezai o que não presta; Ide ao teatro, ide ao baile, ide ao passeio, ide à festa. No meio da convivência da boa sociedade, é que se pratica e se ganha o grão da civilidade. Dai valor às vossas prendas: não vos fieis em amores; vede que há um bom amante para cem enganadores [...] As regras da honestidade deveis seguir por preceito; Qualquer coisa em demasia nas senhoras é defeito. Vós tendes, por natureza, condições muito fagueiras; Sois doces, ternas, amáveis, afinal, sois brasileiras. Adeus, amadas patrícias, senhoras encantadoras: fazei sempre a diligência de serem minhas leitoras.³

Os discursos direcionados ao *belo sexo*, que propunham prescrever toda a sorte de regras determinadas pelo bom tom⁴ social foram recorrentes no Brasil e, mais notadamente, no Rio de Janeiro, sua capital. As instruções que circulavam por meio dos periódicos estipulavam as funções que uma dama tinha que exercer nos espaços públicos. Nas reuniões, por exemplo, certificar-se sobre as posturas adequadas para contatar com o sexo masculino e, ao mesmo tempo, saber demonstrar com graça suas prendas aos convivas, foram tarefas delegadas às mulheres bem educadas. Exibir-se aos membros da boa sociedade – reduzida aristocracia econômica, política e cultural, que partilhava dos valores e comportamentos

¹ O periódico *A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada* era todo redigido no feminino, pois quem o escreveu anunciava ser uma mulher – a começar pelo título do jornal; todavia por desconhecermos o nome e o verdadeiro sexo da redatora, optamos por mencioná-la, nesse trabalho, exatamente como ela se apresentava às suas leitoras. Esta folha foi editada na Tipografia de Francisco de Paula Brito, impressa por Pierre Plancher e subsistiu até o ano de 1846. Cf. HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005. p. 160.

² Para facilitar a leitura, a partir de agora reduziremos o nome do jornal para *A Mulher do Simplicio*.

³ O PENDÃO de pipocas. **A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada**. Rio de Janeiro: Tipografia de Francisco de Paula Brito, 12 dez. 1835, n. 45, p. 11. A opção de escrever suas colunas em rimas foi um ponto de destaque deste jornal, já que isso deixava a leitura mais leve e interessante.

⁴ Termo empregado pelos coetâneos para se referirem ao universo da civilidade no Rio de Janeiro, ou seja, tudo quanto tinha relação com o bom gosto – fossem nas roupas, nas decorações das casas, nos gestos ou nos comportamentos – dizia-se que era do âmbito do bom tom. O código do bom tom, nesse sentido, nada mais era que a reunião de todas as prescrições sobre o bem viver em sociedade.

européus – tornou-se, paulatinamente, conveniente e necessário às senhoras e moças elegantes⁵ que residiam na Corte. Era preciso ser, continuava aconselhando a redatora, “patricias minhas, no trajar muito decentes, acauteladas nos gestos e no falar muito prudentes”.⁶ A ideia norteadora desses veículos informativos era introduzir, tanto nas senhoras quanto nas mocinhas, novos padrões e costumes. E estas, ao presenciarem a vida social carioca em companhia de seus maridos e pais, deixavam-se conduzir pelos parâmetros ali definidos.

Malgrado as senhoras e senhoritas tenham sido protagonistas nos escritos dedicados a instruí-las sobre os bons modos sociais, o bem vestir para os eventos festivos e outros hábitos recorrentes do mundo civilizado, é importante relevar que nem todas as mulheres da cidade fluminense encarregavam-se do papel de mãe de família ou moça para casar. Dentro dos limites impostos pela época, havia aquelas exceções que seguiam outras carreiras remuneradas⁷ menos valorizadas pela sociedade, como a de professora. E entregando-se à vida de solteiras, a estas profissionais restavam ajudar, ora na criação e educação dos sobrinhos,⁸ ora servindo de companhia às senhoras casadas. Mas, via de regra, selar bons matrimônios, dar filhos aos seus maridos e zelar pelo nome de seus entes eram preocupações de grande parte das donzelas em idade de se casar e também dos pais que, para esse fim, investiam desde cedo na educação⁹ das meninas. A bem da verdade, as folhas que contavam acerca do cotidiano feminino no Oitocentos consagravam o casamento como um dos poucos

⁵ Trataremos de mapear, no âmbito dessa dissertação, dois grupos de mulheres cariocas de faixas etárias distintas. Primeiro, as mocinhas das famílias abastadas com idade entre 13 e 18 anos, que se preparavam para o casamento; bem como as senhoras elegantes, geralmente mães de família e recém casadas com homens privilegiados.

⁶ O PENDÃO de pipocas. **A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada**. 12 dez. 1835, n. 45, p. 11.

⁷ Como nos conta a filósofa Gilda de Mello e Souza, em seu estudo sobre a moda no século XIX, o único meio da mulher adquirir status econômico e social nesse contexto era casando-se com um bom marido, o que significava alguém que pudesse sustentá-la. Assim, segundo Souza, não se casando, a mulher via seu prestígio na sociedade diminuído, pois, dedicando-se ao trabalho remunerado descia imediatamente de classe. Cf. SOUZA, Gilda de Mello e. **O espírito das roupas: a moda no século XIX**. São Paulo: Companhia das letras, 1987. pp. 90-91.

⁸ SOUZA, Gilda de Mello e. **O espírito das roupas**. p. 90.

⁹ Maria Fernanda Bicalho, sobre a questão do contato da mulher brasileira com o universo da leitura, chama atenção para o fato de que, muito antes de ter tido acesso aos divertimentos mundanos que exigiam suas presenças no espaço público, ela já se apresentava como grande adepta da leitura de romances e folhetins. Apesar da escolaridade ainda incipiente e elitizada, ao longo do século XIX, o *belo sexo* começou a ter acesso a uma gama de ensinamentos, vindos, em sua maioria, do estrangeiro. Cf. RAINHO, Maria do Carmo Teixeira Rainho. **A cidade e a moda**. p. 83. A profusão de anúncios de professores e colégios que se dedicaram a ensinar música às meninas, a partir da introdução dos estrangeiros na capital brasileira, é um ponto importante a ser notado. Na *Gazeta do Rio de Janeiro*, a professora *Madame Clementiny* tratava de noticiar que “novamente chegada a esta cidade, tendo dirigido em França, por espaço de 10 anos, uma casa de educação de meninas, propõe-se a dar lições de música vocal, de harpa, de piano.” Cf. AVISOS. **Gazeta do Rio de Janeiro**. 6 ago. 1817, n. 63, p. 4. Mais a título de informação, outros tipos de colégios femininos também foram divulgados, como este “de frente à igreja de Santa Rita nº 3, onde se ensinam meninas a ler e escrever, e a toda qualidade de costura e bordado.” Cf. AVISOS. **Gazeta do Rio de Janeiro**. 18 mar. 1820, n. 23, p. 4.

recursos viáveis para a ascensão econômica e social dessas figuras, não lhes restando muitas alternativas, até porque o valor dado às solteiras ou viúvas era visivelmente menor naquela sociedade.

Nas dez páginas que compunham o respeitável *Correio das Modas*, um dos mais importantes jornais de senhoras editado na casa dos irmãos franceses Laemmert,¹⁰ o matrimônio era apresentado como “uma das épocas mais interessantes da vida de uma senhora”.¹¹ O romancista, publicista, escritor, jornalista e político Joaquim Manuel de Macedo trouxe a público múltiplas histórias de casais apaixonados que juraram seu amor no altar, como: Carolina e Augusto, Honorina e O Moço Loiro, Rosa e Juca e Celina e Cândido. A recorrência de apontamentos sobre essa tônica nas publicações lidas pelas damas da alta sociedade salientava a ideia de que o caminho para a felicidade e o valor social tinham que ver, sobretudo, com o casamento. No dia 23 de dezembro de 1843, uma folha carioca, sobre esse assunto, expunha: “Em favor da humanidade muito tem feito o cupido; tem havido casamentos de pôr o queixo caído”,¹² e prosseguia sugerindo que “quem, leitora, quiser se casar, não siga gosto dos outros, nem busque se aconselhar”.¹³ Uma outra recomendação análoga a esta, exposta por Macedo, de que era necessário “a mulher amar a seu marido para que possa ser esposa feliz e mãe extremosa”,¹⁴ já notabilizava que, gradualmente, a escolha do noivo foi deixando de ser uma questão resolvida pelos pais, para tornar-se uma decisão das mocinhas segundo seus desejos, “porque é justo que ela escolha entre todas as cadeias que lhe oferecem, aquelas que menos pesada julgue, e mais bem douradas pareçam a seus olhos”.¹⁵ Entre casar-se por interesse ou por paixão, o *belo sexo* foi tomando parte nos pareceres do seu futuro, pois, como finalizou o romancista, ninguém deveria exigir de uma moça o sacrifício de seu amor. Casar bem e prosperar em seus casamentos eram metas importantes a serem atingidas ao longo da vida de uma mulher. Todavia, como veremos neste capítulo, para chegar até o altar era necessário sair, mostrar-se em público.

¹⁰ Eduard Laemmert (1806-1880) e seu irmão Heinrich (1812-1884) eram filhos de F. W. Lammert, um clérigo protestante de Rosenberg, no grão ducado de Baden, que os educou em casa nas línguas antigas e os guiou para a carreira comercial. Começaram a trabalhar no comércio de livros muito cedo, aos 14 anos de idade. No ano de 1827, Eduardo Laemmert chegou ao Rio de Janeiro para ser o representante de Bossange na filial de sua livraria aberta na cidade em conjunto com Aillaud. A *Livraria Universal*, que Laemmert fundou em 1833, e a partir de 1835 administrou em conjunto com seu irmão Henrique, foi uma das mais importantes casas editoras do Rio de Janeiro no século XIX. Cf. HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. p. 232-233.

¹¹ MODAS. **Correio das Modas**. 2 mar. 1839, vol. I, ano I, n. 9, p. 69. É digno de nota que o *Correio das Modas* tornou-se um jornal bissemanal a partir de 1840.

¹² OCORRÊNCIAS da praça. **A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada**. 23 dez. 1843, n. 76, p. 4.

¹³ OCORRÊNCIAS da praça. **A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada**. 23 dez. 1843, n. 76, p. 4.

¹⁴ MACEDO, Joaquim Manuel de. **O moço loiro**. Rio de Janeiro: Edições de ouro, 1980. p. 306.

¹⁵ MACEDO, Joaquim Manuel de. **O moço loiro**. p. 305.

1.1. Cantar era um dom, dançar uma arte

Um concerto musical, realizado no Catete em janeiro de 1839, ganhou vulto entre os assuntos tratados pelo *Correio das Modas*. O colunista,¹⁶ intencionando descrever em minúcias aquela concorrida distração noturna da gente abastada, mencionava que o salão, às 7 horas da noite, embelezado com seus lustres e luzes, “se achava ocupado por espectadores de ambos os sexos, que subiam ao número de 400: tomando os assentos que mais lhes convinham, sem haver separações entre senhoras e homens [...]”¹⁷ Notadas como assistentes do divertimento ao lado de seus maridos, as mulheres leitoras¹⁸ e interessadas no que a vida mundana tinha a oferecer, passaram a ser, como os senhores, conhecedoras e participativas dos espetáculos que incluíam a música. A título de informação, foi comentado que a cantoria, naquela mesma noite, “acabou por volta da meia noite e apesar disso poucos dos que ali estavam tinham se retirado”,¹⁹ o que deixava transparecer o conforto do salão e o interesse do público por esses passatempos que duravam até cinco horas. Frente à recorrência dos bailes e concertos na cidade, os irmãos *Laemmert* trataram de fixar uma coluna – intitulada *Crônica de bailes e música* – em seu jornal. Tais escritos costumavam aparecer por dois motivos diferentes: para contar sobre os acontecidos nos divertimentos anteriores, ou para convidar as senhoras a tomarem parte nas festas que ainda aconteceriam. Na sexta-feira, dia 27 de setembro de 1839, outro magnífico concerto musical animou a noite no Catete. Assinado por Job, o boletim destacava a plateia como “um concurso imenso de pessoas gradas, de belas damas e de elegantes jovens que enchiam as salas”²⁰ e aguardavam o início das apresentações. Logo após o concerto houve dança. Assim, os que ali estavam puderam bailar por mais

¹⁶ O *Correio das Modas*, e os demais jornais femininos analisados nessa pesquisa, não costumavam divulgar os nomes dos redatores e colaboradores, ou seja, infelizmente não pudemos ter acesso a informações mais minuciosas acerca da rede de produção desses impressos. Por isso, optamos por sempre mencionar o nome do colunista quando o boletim contiver a assinatura, do contrário indicaremos o autor fazendo uso de expressões genéricas, como “o colunista”, “o redator” ou “o escritor”.

¹⁷ CONCERTO no Catete. *Correio das Modas*. 19 jan. 1839, vol. I, ano I, n. 3, p. 18.

¹⁸ Para traçarmos um perfil mais preciso das mulheres que integravam o universo da leitura, vejamos os dados do *Censo Geral de 1872* responsável por quantificar tanto a população geral, como o número de alfabetizados no Rio de Janeiro. Os dados apontaram que, naquele ano, das 92.153 mulheres livres existentes na capital oitocentista, apenas 33.992 eram letradas. Cf. RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. **A cidade e a moda**. p. 82. Embora somente um terço das senhoras tivessem condições de ler as colunas de modas, o crescimento e popularização da imprensa feminina, a partir da metade do século, comprova que mesmo as iletradas tinham acesso às gravuras, podendo copiar os modelos ali indicados.

¹⁹ CONCERTO no Catete. *Correio das Modas*. 19 jan. 1839, vol. I, ano I, n. 3, p. 18.

²⁰ CHRONICA dos bailes e de música. *Correio das Modas*. 5 out. 1839, vol. II, ano I, n. 14, p. 106.

algumas horas; enfim, tudo – a começar pelas mulheres presentes – “respirava completa alegria”,²¹ entusiasmo e beleza.

Estimada como uma das mais notáveis belas artes²² do início do século, o cultivo da música, como um componente estruturante da vida mundana, foi tema fixo da folha *Espelho Diamantino*, primeiro impresso brasileiro remetido ao público feminino. O segundo número, datado de 1º de outubro de 1827, explicava que

a Música, de todas as belas artes foi a primeira que se cultivou [...] O Brasil nos oferece um exemplo desta verdade. Saído a pouco das trevas, ele faz leve estimação das artes, e a não ser os cuidados do governo, de pôr a parte alguns retratos ou estampas que vem de fora, nenhuma produção digna que uma pessoa de gosto a encarasse, o ilustraria. Mas a música faz exceção, excelentes mestres, e numerosos curiosos, tanto no instrumental, quanto no vocal cultivam assiduamente essa arte deliciosa. A cidade retumba dos sons das músicas militares, e das festividades: não há casa onde não se ouça tocar piano.²³

Decidir-se por escrever justamente sobre a música e não pintura ou teatro, por exemplo, confirmava que essa atividade, além de ser a mais propagada nos ambientes sociais frequentados pelas pessoas bem colocadas da sociedade carioca, merecia notoriedade nas publicações daquele momento. Anos mais tarde, esse pensamento parecia ainda permear o meio dos impressos, pois para dimensionar uma noite de cantoria de ópera oferecida pela *Sociedade Philharmonica*, em 26 de fevereiro de 1840, Job relevava que “se houve algum dia brilhante concerto, certamente, que por mais pomposo que tivesse sido, não chegou à altura, à magnificiência do desta noite, que deixará eterna recordação em todos os amadores da melodia”.²⁴ Era manifesta a admiração daquela gente pelas apresentações que se utilizavam exclusivamente da música para acontecerem.

Os distintos festejos de cunho musical – que tinham lugar nas igrejas, nas ruas e nos salões públicos e privados –, marcaram o advento de novas referências e hábitos para os que, efetivamente, faziam parte do convívio social. O manuseio dos pianos, as contradanças, as músicas novas chegadas de Paris²⁵ e as referências musicais mundo a fora, por terem sido

²¹ CHRONICA dos bailes e de música. *Correio das Modas*. 5 out. 1839, vol. II, ano I, n. 14, p. 106.

²² Designação comum às artes plásticas, especialmente a pintura, a escultura e a arquitetura. Cf. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da Língua Portuguesa*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1899. p. 196. Curioso notar que, a citação destacada não dá ênfase às artes que, comumente, eram consideradas belas artes. Mas, pelo contrário, o redator vê a música como a mais importante de todas.

²³ MUSICA. *Espelho Diamantino*: periodico de politica, litteratura, bellas artes, theatro e modas, dedicado as senhoras brasileiras. Rio de Janeiro: Tipografia de Plancher-Seignot, 1º out. 1827, n. 2, p. 27.

²⁴ CHRONICA dos bailes e concertos. *Correio das Modas*. 5 mar. 1840, vol. I, ano II, n. 19, p. 146.

²⁵ Alguns números do *Correio das Modas* anunciavam a chegada de músicas e contradanças francesas próprias para serem tocadas nos pianos das moças. Vendidas na Tipografia dos Irmãos *Laemmert* as mais baratas

tópicas relacionadas pontualmente ao *belo sexo* na vida pública, estamparam as páginas dos poucos periódicos femininos publicados no Rio de Janeiro até 1850. A propósito dos concertos, o *Correio das Modas*, além de esclarecer que esses foram um dos primeiros divertimentos do gênero dado na Corte, ainda notificava “que na nossa Capital o amor às belas artes vai em progresso, e o que é verdadeiramente bom é apreciado em nosso país”.²⁶ Das transformações de gostos, comportamentos e hábitos na província após o desembarque da família real portuguesa, uma das primeiras foi nos modos como os mais abastados se utilizaram daquela arte para demonstrar requinte,²⁷ dando destaque sempre ao que se tornara apreciado pelos europeus. Além disso, a música passou a atuar como um elemento crucial para divertir e intensificar o esplendor das atividades públicas,²⁸ tendo como exemplo os próprios concertos. À época em que a corte vinda de Portugal fez moradia em terras brasileiras, as festas e eventos comemorativos eram sempre regados a muita música, e foi esse um dos fatores que mais deram popularidade àquela corte enquanto esteve na colônia. As celebrações musicais, sobretudo as privadas, auxiliaram a introdução²⁹ das senhoritas nos ambientes sociais fluminenses, à medida que essas começaram a exhibir o domínio do canto e do piano, conquistado por meio de estudos nas escolas especializadas ou em aulas particulares. Era necessário saber executar com precisão as canções, até porque, havia momentos dos festejos em que os presentes na sala paravam seus afazeres para ouvir os sons vindos do piano. O palco, a música, os olhares e os aplausos selavam o esplendor feminino e convidavam todos a escolherem seus pares para dançar a próxima valsa.

Em seu primeiro e mais conhecido romance, publicado no Rio de Janeiro em 1844, Joaquim Manuel de Macedo detalhou algumas festividades de salão, e, de maneira especial, sublinhou o sarau³⁰ – ou *soirée* – como o preferido das famílias abastadas. Para o escritor, o sarau era um momento delicioso e divertido da vida em sociedade, isso porque lá

custavam 2\$000 e as mais caras 5\$000. Por exemplo, pagava-se 4\$000 por dois cadernos contendo duas quadrilhas de contradanças para piano. Cf. MUSICA. *Correio das Modas*. 17 ago. 1839, vol. II, ano I, n. 7, p. 51.

²⁶ CONCERTO no Catete. *O Correio das Modas*. 19 jan, 1839, vol. I, ano I, n. 3. p. 18.

²⁷ JANCSÓ, István; KANTOR, Iris. *Festa: cultura & sociabilidade na América Portuguesa*, vol. 2. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001. p. 570.

²⁸ JANCSÓ, István; KANTOR, Iris. *Festa*. p. 571.

²⁹ Gilberto Freyre, ao mencionar a condição feminina e o limiar de uma vida mundana mais acentuada no Oitocentos brasileiro, afirmou que com a introdução de lugares específicos de sociabilidade para a gente elegante de sobrado, o aumento da paisagem social das mulheres abastadas, no sentido de maior variedade de contatos com a vida extra doméstica foi notável. Esse aumento, portanto, se deu por meio do teatro, do romance, da janela, do estudo de dança, música e do francês. Cf. FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano. São Paulo: Global Editora, 2003. p. 143.

³⁰ Festa noturna realizada em residência particular, de caráter artístico, literário e musical. Nesses encontros festivos, eram organizados jogos de salão como o pilha-três, adivinhações e declamação de poemas,

todo mundo tem o que fazer. O diplomata ajusta, com um copo de champanha na mão, os mais intrincados negócios; todos murmuram e não há quem deixe de ser murmurado. O velho lembra-se dos minuetes e das cantigas do seu tempo, e o moço goza todos os regalos da sua época; as moças são no sarau como as estrelas no céu; estão no seu elemento; aqui uma, cantando suave cavatina, eleva vaidosa nas asas dos aplausos [...]”³¹

Nesses tipos de celebrações, como referenciado acima, uma das funções reservadas às moças era cantar e tocar em seus pianos. Os saraus abriram espaço para que as jovens, consagradas por Macedo e aplaudidas pelos convidados como “estrelas no céu”, pudessem mostrar seus talentos artísticos. Em 1820, quem passasse pelas ruas da capital já ouvia, em vez de violão ou harpa, muito piano, tocado pelas moças nas salas de visitas para o gozo único e exclusivo dos brancos das casas-grandes.³² Dedicar-se às artes musicais era tão primordial para as mocinhas que Macedo narrou sucessivos momentos do cotidiano de sua personagem Celina, primeiro “sentada junto de seu piano e começando a deleitar-se no estudo de suas músicas,”³³ depois, novamente “sentada ao piano e tocando uma música terna e melancólica”³⁴, e, por último, uma velha amiga aconselhava a jovem macediana nos seguintes termos: “[...] gostava ele de ouvi-la cantar? Pois cante ainda, e cada vez mais aprimore sua voz. Dava-lhe prazer o piano? A harpa? Pois estude novas músicas”.³⁵ Os flertes, as paixões e o contato disfarçado entre os sexos tinham correspondência com as músicas tocadas nas festas. O cantar das moças cariocas contribuiu para as conquistas amorosas,³⁶ à medida que a melodia e a letra foram meios preciosos e menos explícito de comunicação entre elas e os mancebos.

Graças ao conhecimento da música e, similarmente, da dança, o sarau pode ser, à época, um dos recintos centrais da exibição feminina, já que, “no teatro elas pelejam, mas no teatro só são vistas pela metade; no passeio elas pelejam, mas no passeio só de relance se

acompanhados ao piano. Cf. BOTELHO, Ângela Vianna; REIS, Liana Maria. **Dicionário Histórico Brasil: colônia e império**. ed 6. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 334.

³¹ MACEDO, Joaquim Manuel de. **A moreninha**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009. p. 101.

³² FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**. p. 151.

³³ MACEDO, Joaquim Manuel de. **Os dois amores**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1949. p. 152-153.

³⁴ MACEDO, Joaquim Manuel de. **Os dois amores**. p. 287.

³⁵ MACEDO, Joaquim Manuel de. **Os dois amores**. p. 313.

³⁶ No que diz respeito a esse assunto, a historiadora Mary del Priore traçou algumas considerações ao dizer que as reuniões nas residências particulares, como o sarau, eram as principais oportunidades para que moços e moças se encontrassem e, assim, pudessem estabelecer algum tipo de contato entre danças e músicas. A autora sublinha ainda que nos salões brasileiros costumava-se revezar a devoção e a distração, por isso, ressoavam, em um mesmo momento, ladainha e jaculatórias, valsas e serenatas, preces e cochichos enamorados. Portanto, não era raro que os jovens aproveitassem tais ocasiões para também namorar enquanto rezavam. Cf. PRIORE, Mary del. **História do amor no Brasil**. ed. 2. São Paulo: Contexto, 2006. pp. 129-130.

mostram; seu grande palco era, pois, a noite de sarau”,³⁷ onde tudo era mostrado por inteiro. Joaquim Manuel de Macedo narrou uma discussão entre dois personagens: um velho conservador, que não concordava com a exposição do *belo sexo*, e uma mocinha da alta sociedade. A jovem argumentava nos seguintes termos: “O senhor não enxerga dois palmos diante de si!... não vê que os bailes facilitam os casamentos?”³⁸ Acompanhando o pensamento da personagem de Macedo, podemos afirmar que a presença constante da música e dos jogos nos locais urbanos de sociabilidade familiar³⁹ facilitava a proximidade e o contato entre os rapazes e as donzelas. Publicado pela primeira vez em 1845, o romance *O moço loiro* trouxe à cena algumas passagens que denotavam a importância do sarau na vida das damas. A protagonista da trama, Honorina, por exemplo, ao receber o convite para essa mesma cerimônia, exclamava animada: “O sarau, o sarau! Que se me penteie, que se me vista depressa!... Eu preciso sair, eu quero respirar o ar livre... e depois esquecer-me do mundo e de mim mesma na embriaguez de uma noite de prazeres ruidosos”.⁴⁰ A afirmativa realça um pensamento feminino muito corriqueiro acerca das ocasiões festivas, que tangenciava, por exemplo, preocupações com a arte do bem vestir, a maneira mais adequada de usar os adornos, os penteados mais em voga e, claro, saber se comportar nos salões como uma dama bem educada. Essas tópicas, comuns nas personagens da literatura, se encadeavam às boas impressões que elas pretendiam passar quando reunidas em sociedade. Isso ficava ainda mais evidente quando as comemorações tinham na música e na dança as atrações de destaque, uma vez que o ato de tocar,⁴¹ cantar ou recitar poesias para os convidados tornavam essas mulheres não somente participantes efetivas da festa, mas sobretudo figuras impescíveis nesse meio.

Por ter sido um dos autores brasileiros que mais páginas dedicou aos saraus das casas fluminenses oitocentistas, Macedo assinalou também acontecimentos de outras etapas dessas celebrações, como o sublime ar de desordem que era próprio do início de um sarau. Segundo ele, nesse primeiro momento de festa, “há as senhoras que chegam; os beijos que estalam lábio a lábio entre as camaradas que se encontram; o murmúrio das críticas, os planos que se

³⁷ MACEDO, Joaquim Manuel de. **O moço loiro**. p. 130.

³⁸ MACEDO, Joaquim Manuel de. **Rosa**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1910. p. 15.

³⁹ SILVA, Maria Beatriz Nizza da. **Donas e plebeias na sociedade colonial**. Lisboa: Editorial Estampa, 2002. p. 208.

⁴⁰ MACEDO, Joaquim Manuel de. **O moço loiro**. p. 129.

⁴¹ Jean Baptiste Debret, em uma de suas análises sobre o Rio de Janeiro no primeiro Império, ponderou que, em 1830, não era raro ver as filhas de um simples funcionário se destacarem pela dança, pela música e por alguma noção de francês. Tal educação as faziam brilhar nos saraus e dava-lhes a oportunidade de realizar casamentos mais vantajosos. Cf. DEBRET, Jean Baptiste. **Rio de Janeiro, cidade mestiça: nascimento da imagem de uma nação**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 60.

forjam nas rodas de moços, as quadrilhas que se engajam; as lisonjas que se dizem; as desculpas que se oferecem”,⁴² e tudo isso a um só tempo. Acentuado nos registros sobre as mulheres elegantes, o hábito de cumprimentar, característico das damas quando chegavam ao recinto, eram primordiais para a harmonia e familiarização dessas com o ambiente. Em última análise, este ato propiciava um primeiro contato e aproximação entre os convidados. Passado o momento da chegada, logo os que ali estavam dirigiam-se para a sala de jantar a fim de saborearem as deliciosas comidas⁴³ servidas nos saraus, acompanhados pelos chás⁴⁴ e licores. Em uma das múltiplas celebrações registradas nas histórias macedianas “o chá havia sido servido às dez horas e meia da noite”.⁴⁵ O momento de comer e beber nas festas – único em que as senhoras retiravam suas luvas⁴⁶ – foi sobremaneira importante para a estimulação do convívio social; em meio a xícaras, pratos e talheres, as conversas e os longos cumprimentos tinham seguimento. Compreender, ouvir e relatar tudo o que se dizia na hora do chá era o mesmo que “operar o milagre que não esteve no alcance dos arquitetos e operários da torre de Babel”.⁴⁷ Para ter uma abstração sobre a cena das senhoras tomando chá, bastava imaginar muitas mulheres juntas e falando todas ao mesmo tempo ao redor de uma grande mesa de jantar.

Os cômodos das casas e suas serventias para o êxito das festividades privadas foram dados a conhecer por meio da pena de Macedo. Primeiramente, via-se “uma espaçosa sala em que se devem dançar, outra curta onde se joga, um gabinete onde se há de tocar, uma escada gostosamente iluminada pela qual sobem as mulheres para o *toilette*”,⁴⁸ em seguida, continuava com os comes e bebes elucidando “uma sala que deverá ser a de jantar, e que ora nela se servem refrescos”,⁴⁹ e, por fim, destacava-se a presença dos terraços “cujos parapeitos estão cobertos de lindos vasos de flores, das quais se pode gozar o aroma sentado em bancos

⁴² MACEDO, Joaquim Manuel de. **O moço loiro**. p. 131.

⁴³ Acerca dos tipos de comidas nessas festas e as pessoas que as preparavam, é importante destacar que, com a vinda dos estrangeiros para o Rio de Janeiro, quando da abertura dos portos, gradativamente, alguns lugares que ofereciam comidas e bebidas mais refinadas foram sendo instalados nas ruas da capital, como as casas de pasto, as confeitarias e os cafés. Segundos os anúncios da *Gazeta do Rio de Janeiro*, além desses estabelecimentos, alguns cozinheiros se propunham a fazer comidas para as ocasiões festivas, como assim apontou, por exemplo, um anúncio que dizia: “O cozinheiro *José Luiz*, faz saber que [...] dá jantares para fora a 9\$600 réis por mês; faz jantares grandes de encomenda da maneira que o pedir.” Cf. AVISOS. **Gazeta do Rio de Janeiro**. 29 out. 1817, n. 87. p. 4.

⁴⁴ Gilberto Freyre menciona o chá e a cerveja como os produtos ingleses que tiveram rápida propagação entre a fidalguia dos sobrados. Cf. FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**. p. 366.

⁴⁵ MACEDO, Joaquim Manuel de. **A moreninha**. p. 147.

⁴⁶ PRIORE, Mary del. **Histórias da gente brasileira**. Volume 2: Império. São Paulo: LeYa, 2016. p. 253.

⁴⁷ MACEDO, Joaquim Manuel de. **O moço loiro**. p. 147.

⁴⁸ MACEDO, Joaquim Manuel de. **O moço loiro**. p. 131.

⁴⁹ MACEDO, Joaquim Manuel de. **O moço loiro**. p. 131.

crivados de conchinhas brancas”.⁵⁰ Os últimos funcionavam como um espaço da casa em substituição aos jardins, quando estes não haviam, como parece ter sido o caso da residência descrita pelo romancista. As áreas externas – jardins e terraços – eram utilizadas nas solenidades como lugares reservados para passeios e conversas mais íntimas, tanto entre moças e mancebos, quanto entre amigos ou familiares. Em uma noite de sarau, pelos idos de 1848, “além da casa, que estava toda brilhante de luzes, o jardim tão querido de Celina, achava-se também iluminado e patente àqueles que quisessem aí passear”,⁵¹ respirar um ar puro, tratar de assuntos confidenciais ou simplesmente admirar o belo jardim; só com o término dos passeios era que as valsas, as músicas e as belas mocinhas poderiam voltar a reinar no salão.

A praxe da dança no Oitocentos tinha lugar nos reportados saraus, mas também estava na essência dos bailes – reuniões de muita gente e mais tumultuosas que os saraus⁵² –, outrora chamadas folias.⁵³ Nas noites dessas funções, todo o salão era envolvido por danças e quadrilhas muito bem organizadas e propícias para o ver e o ser visto. Segundo Macedo, “a valsa era o delírio das moças; porque era aí que elas experimentavam os movimentos rápidos, acelerados, consecutivos”,⁵⁴ e, principalmente, porque eram as únicas chances de dançarem juntas a seus amados. Caracterizados como grandes reuniões, as informações sobre os bailes ocuparam espaços privilegiados nos boletins de algumas folhas para o *belo sexo*, se comparados com outros eventos sociais de portes menores. Seguindo esse modelo, as crônicas sobre o assunto no *Correio das Modas* esclareciam que, dentro de um salão de baile

a dança é considerada como o fundo essencial: é tida por parte integrante e necessária; porém, no Brasil, principalmente, e em outros países o acessório circunda, envolve ou põe em relevo o fundo. O que seria a dança sem as longas filas de Senhoras, sem a encantadora música, sem o brilhantismo da iluminação, o luxo dos ornatos, as mesas de jogos e a profusão de doces esquisitos e excelentes refrescos, entre nós tão excessiva!⁵⁵

Malgrado a composição das celebrações não dependesse somente dos bailados, podemos afirmar que sem eles tão pouco uma festa poderia ser chamada de baile. A dança propiciava a exibição lúbrica do corpo das damas e, além do mais, era a chance de seduzir e

⁵⁰ MACEDO, Joaquim Manuel de. **O moço loiro**. p. 131.

⁵¹ MACEDO, Joaquim Manuel de. **Os dois amores**. p. 210.

⁵² Essa ideia foi lançada pela historiadora Mary del Priore, quando afirmou que os saraus reunia poucas pessoas e eram menos tumultuosos que os bailes. Cf. PRIORE, Mary del. **Histórias da gente brasileira**. p. 252.

⁵³ PRIORE, Mary del. **Histórias da gente brasileira**. p. 251.

⁵⁴ MACEDO, Joaquim Manuel de. **O moço loiro**. p. 142.

⁵⁵ BAILES. **Correio das Modas**. 12 jan. 1839, vol. I, ano I, n. 2, p. 10.

ser seduzida.⁵⁶ Uma pluralidade de boas expressões estampava a face da donzela que, pelos lábios de seu amado, era convidada para uma valsa. Para os colunistas, a melhor maneira de se ornamentar um salão de baile era enchê-lo de senhoras elegantes, pois estas “sempre imprimem uma doce alegria a todos os assistentes”.⁵⁷ Quando o número de mulheres não era expressivo, isso ficava registrado por meio das seguintes colocações: “ainda que não comparecessem todas as divindades”,⁵⁸ ou “ainda que a ele faltassem algumas pessoas que chamarei deusas”.⁵⁹ A ausência das belas foi constantemente notória aos olhares dos redatores uma vez que, nas festas, eles observavam atentamente os trajes para posteriormente tomar nota no jornal sobre os que haviam se destacado em termos de moda. Por isso, quando os salões de bailes recepcionavam uma grande quantidade de donzelas, tudo transformava-se em “prazer, perfumes e flores”,⁶⁰ entre galanteios, passeios, músicas e danças. Ao se consagrarem como participantes, o *belo sexo* foi, praticamente, indispensável nos momentos das celebrações, à medida que os acontecimentos – as valsas, os flertes, as canções e até as análises das vestimentas – dependiam de suas figuras.

Por ocasião de um baile mascarado, que teve lugar na cidade em 1846, a redatora do jornal *A Mulher do Simplicio*, presente na ocasião, registrou algumas impressões dos elementos mais relevantes do espaço. A primeira delas era que “estava lindo o espetáculo, bem farta se achava a sala, de quanto arrebatava os olhos e o coração tudo fala”.⁶¹ Mais acerca das danças foi dito por outra convidada que:

Quando a música animada às quadrilhas convidavam, toda gente em confusão logo em alas se mostrava. Havia tão grande excesso das danças na execução, que disse uma das senhoras olhando para o salão: eis como são todos os homens! Hoje ali desesperados, dançam como se estivessem por nós outras animados. Amanhã nos dirão todos e todos por uma voz, que acham só prazer na vida quando estão juntos de nós.⁶²

A fala da senhora confirmava que os bailados eram oportunidades para acontecer, de fato, o contato entre os sexos. Deixar ser conduzida pelo parceiro na execução das danças asseverava o conhecimento de uma dama sobre as regras sociais reinantes. Intencionando narrar um momento partilhado por dois jovens personagens apaixonados em uma contradança, Macedo escreveu: “[...] era a primeira vez que Cândido dançava ao lado de

⁵⁶ PRIORE, Mary del. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2000. p. 62.

⁵⁷ CHRONICA dos bailes. **Correio das Modas**. 31 ago. 1839, vol. II, ano I, n. 9, p. 66.

⁵⁸ CHRONICA dos bailes. **Correio das Modas**. 31 ago, 1839, vol. II, ano I, n. 9, p. 66.

⁵⁹ O BAILE do Catete. **Correio das Modas**. 24 ago, 1839, vol. II, ano I, n. 8, p. 58.

⁶⁰ MACEDO, Joaquim Manuel de. **Os dois amores**. p. 484.

⁶¹ BAILE mascarado. **A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada**. 30 abr. 1846, n. 83, p. 16.

⁶² BAILE mascarado. **A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada**. 30 abr. 1846, n. 83, p. 16.

Celina. Uma mistura de prazer e acanhamento, de satisfação imensa e dúvida do gosto de tão grande aventura, dava ao rosto do mancebo uma expressão nova, bela e interessante”.⁶³ As chamadas quadrilhas, tipo de dança muito usada nos salões europeus e cariocas do Oitocentos, do mesmo modo, funcionavam como brechas de aproximação dos corpos femininos e masculinos. Na pausa dos bailados em determinado instante de um sarau, o autor de *Os dois amores* acentuou que “tinham por um momento cessado as quadrilhas e valsas; respiravam os pares; duas senhoras havia já, no intervalo daquelas, cantado”.⁶⁴ Assim, no interior dos salões festivos imperava tanto a exibição das modas europeias, quanto a declamação de poesias, intrigas, namoros, resoluções, discussões de assuntos políticos e, como já notabilizado, a música e a dança. Todavia, para que uma comemoração merecesse ser comentada em termos de requinte e luxuosidade na Corte, era inescusável que alguns preceitos sociais fossem conhecidos pelos convivas presentes na ocasião. O principal deles definia que “um cavalheiro, que pretende honras de leão de Paris, dândi de Londres, janota de Lisboa ou conquistador do Rio de Janeiro deve nos bailes proceder apenas dez minutos às senhoras do belo mundo”.⁶⁵ Dito de outro modo, não era elegante que um rapaz chegasse aos eventos muito antes das moças, e nem, por sua vez, que se atrasasse em demasia. Já as mulheres, segundo as regras estabelecidas no código de etiqueta, costumavam “aparecer nas festas depois das nove da noite, e desaparecer pouco depois das onze”.⁶⁶ Dentro dessas duas horas nas quais se viam presentes as moças, o hábito de apreciar, elogiar ou criticar suas indumentárias e posturas, foi apontado pela obra macediana no ano de 1845: “Velha ou moça, que passa, não vai sem sofrer uma análise crítica e miúda de todos os seus vestidos, e a enumeração de todas as imperfeições de seu físico”⁶⁷ pelos convivas.

A propósito de uma reunião festiva em uma residência em Botafogo o romancista delineou algumas características da casa que recepcionava os convidados e alguns aparatos do evento. Para Macedo, aquela elegante residência reunia o que havia de mais belo, primoroso e rico na cidade do Rio de Janeiro. Ali “dava-se esplêndida festa; [...] a casa brilhantemente iluminada, ostentando riqueza imensa e luxo desmedido, era, apesar de vasta, pequena para a multidão que a pejava. O jogo, a dança e a música exerciam seu império nas salas diversas”.⁶⁸ Os preparos de uma comemoração eram pensados sempre em termos de sofisticação, desde a lista de convidados até os mínimos detalhes decorativos, como bandejas de prata, lustres e

⁶³ MACEDO, Joaquim Manuel de. *Os dois amores*. p. 106.

⁶⁴ MACEDO, Joaquim Manuel de. *Os dois amores*. p. 213.

⁶⁵ MACEDO, Joaquim Manuel de. *Rosa*. p. 101.

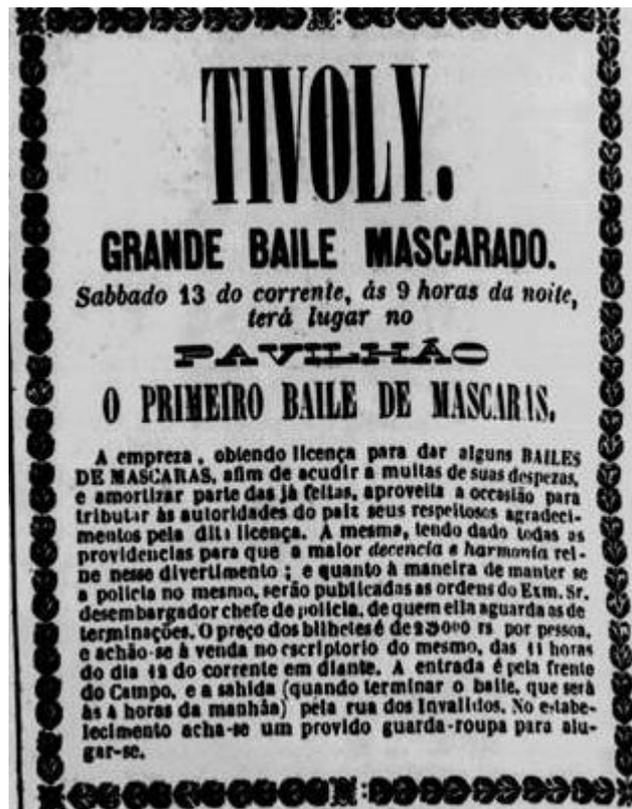
⁶⁶ MACEDO, Joaquim Manuel de. *Rosa*. p. 101.

⁶⁷ MACEDO, Joaquim Manuel de. *O moço loiro*. p. 101.

⁶⁸ MACEDO, Joaquim Manuel de. *Os dois amores*. p. 77.

outros ornamentos luxuosos. Todos os itens concorriam para que as ocasiões sociais deixassem transparecer a magnificência das casas e dos salões. Levando em conta que as pessoas assíduas dos bailes – públicos ou privados – eram, via de regra, as mesmas que liam os jornais, foi justamente nesses meios que se publicou a respeito das oportunidades de divertimentos na província, conforme se pode verificar abaixo.

Fig. 1. Anúncio de um baile mascarado



Fonte: ANNUNCIOS. *Jornal do Commercio*. 12 jun. 1846, n. 161, p. 4.

Veiculados pelo *Jornal do Commercio*, os anúncios sobre bailes mascarados na Corte foram recorrentes na primeira metade do século XIX. Com os avanços das técnicas de impressão e o gradual desenvolvimento da imprensa, tais avisos foram ganhando aprimoramentos. Na nota acima, datada de 1846, é possível observar o uso de bordas diferenciadas com o intuito de chamar a atenção do leitor para o comunicado. As diferentes temáticas de bailes – mascarados, privados, públicos, beneficentes, comemorativos e estrangeiros – foram determinantes para a multiplicação dos eventos, a partir dos novos padrões sociais que, sutilmente, começaram a vigorar no Rio de Janeiro. Muitas eram as razões encontradas para se promover um baile, uma reunião ou mesmo um jantar nas casas

mais distintas, desde os aniversários até as noites de São João e de Reis.⁶⁹ As queixas, quando da mesmice ou até da escassez dos festejos, vinham em forma de notificações nos jornais femininos, como o seguinte apelo de uma senhora que frequentava e tinha camarote no teatro, publicado no *Espelho Diamantino* em 1827: “Quando o Senhor Empresário acabará de nos dar sempre os mesmos bailes?”;⁷⁰ Nessa situação, os redatores prosseguiram o boletim reforçando o requerimento inicial: “Senhor Empresário, em nome do *belo sexo* lhe pedimos de nos dar bailes novos e bonitos. V. S.^a que é tão bem educado, poderá recusar por acaso o pedido da mais bela, formosa e amável parte da sociedade?”⁷¹ Malgrado estivessem envolvidas por prescrições de toda ordem, as mulheres continuavam prezando pelas noites de festas, pois eram estas as oportunidades mais convenientes de se mostrarem em público.

1.2. De olho no palco e nas damas

O Oitocentos, ao propiciar novas diversões para os habitantes cariocas, deu margem, sincronicamente, ao aprimoramento da atividade teatral. “A capital do Império tem um teatro!”,⁷² escrevia entusiasmado o redator do *Correio das Modas* aos 29 de junho de 1839 para iniciar uma coluna sobre o assunto. A criação dos primeiros teatros de grande porte na cidade, ainda no despertar do século, contribuiu para que a boa gente se ocupasse nas noites livres, e ainda deixou aparente o modelo de civilidade europeu que o Rio de Janeiro reproduziu. Mas o que significou, para os cariocas da época, ler sobre teatro ou acomodar-se numa plateia para assistir aos espetáculos?⁷³ As novidades trazidas pelas apresentações corroborou para movimentar a vida cultural dos cidadãos e aumentar o rol de espaços onde todos viam e eram, ao mesmo tempo, vistos. A título de informação, já no ano de 1819 realizavam-se nos teatros daquela província quatro ou cinco apresentações por semana, que

⁶⁹ PINHO, Wanderley. **Salões e damas do Segundo Reinado**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1942. p. 106.

⁷⁰ LA Barbieri. **Espelho Diamantino**. 21 jan. 1827, n. 8, p. 149.

⁷¹ LA Barbieri. **Espelho Diamantino**. 21 jan. 1827, n. 8, p. 149.

⁷² THEATRO. **Correio das Modas**. 29 jun. 1839, vol. I, ano I, n. 26, p. 212.

⁷³ A historiadora Andrea Marzano, nos auxiliou a traçar nesse trabalho uma forma de abordagem ampla do universo teatral brasileiro a partir da instalação do primeiro teatro. Nosso propósito, para além de expor que o teatro carioca deu contada reunião de centenas de espectadores desejosos de assistir as apresentações, é também evidenciar que a mulher, de modo particular, contribuiu para embelezar a plateia com seus vestidos e adornos luxuosos, bem como para dar suas opiniões sobre as apresentações. MARZANO, Andrea. **Vida divertida: histórias do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930)**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. p. 97.

variavam entre comédias, dramas, tragédias em português e óperas italianas acompanhadas de bailados;⁷⁴ com o transcorrer dos anos, esses números foram aumentando.

Além das impressões registradas, de modos particulares, pelos estrangeiros⁷⁵ que por aqui passaram, os periódicos femininos publicados na cidade, no tocante a esse assunto, também se debruçaram a descrever e informar suas leitoras acerca do espaço teatral e dos espetáculos que ali aconteciam, dando relevo para os aspectos de mais interesse das damas, como, por exemplo, as vestimentas e os adereços usados pela plateia. Em uma coluna semanal intitulada *Theatro ou Chronica dos theatros*, muitas descrições, congratulações ou mesmo críticas eram tecidas acerca das apresentações e do público ali presente – quando o Imperador e sua família compareciam isso também ficava registrado. O principal colaborador sobre esse assunto no *Correio das Modas*, que assinava pelo nome de Jacques, em referência a um espetáculo por ocasião do 7 de setembro, mencionou a chegada da família imperial ao recinto. Nos termos empregados pelo escritor: “Apenas S. M. o Imperador e suas Augustas Irmãs chegaram ao teatro, mil vivas ressoaram de todos os lados e o prazer reverberou em todos os semblantes [...]”⁷⁶ Este periódico fluminense lançava boletins disponibilizando notícias pertinentes aos teatros, ao mesmo tempo que discorria sobre a magnitude de ter uma construção tão europeia em terras brasileiras. Como o Rio de Janeiro já contava com teatros que não ficavam atrás dos primeiros da Europa, era preciso fazer um bom uso desses espaços. Em tempos anteriores, a ausência dos mesmos, segundo o redator, “dava aos estrangeiros uma bem triste ideia da nossa civilização,⁷⁷ porque bem se diz que o teatro é o termômetro da civilização, clara é a razão: a pintura, a arquitetura, a música, e a poesia, aí se acham reunidos”.⁷⁸ A existência do ambiente teatral e todos os aparatos luxuosos que integravam tais construções eram primordiais para as demonstrações de modernidade, tão caras à sociedade carioca.

⁷⁴ Apud LEITE, Miriam Moreira. **A condição feminina no Rio de Janeiro – século XIX**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1984. p. 120.

⁷⁵ Embora os diários de viagem sejam uma documentação assaz rica para compreendermos o Rio de Janeiro oitocentista, optamos por circunscrever nosso trabalho ao rol de escritos que foram efetivamente publicados e lidos pelos coetâneos; nosso intento, nesse sentido, é estudar o Rio de Janeiro do século XIX por meio das publicações que versaram sobre o cotidiano fluminense e que foram, de fato, veiculadas aos cariocas da época.

⁷⁶ CHRONICA dos Theatros. **Correio das Modas**. 14 set. 1839, vol. II, ano I, n. 11, p. 83.

⁷⁷ Buscamos, no âmbito da dissertação, compreender o termo “civilização” a partir do significado que os próprios coetâneos atribuíram a ele. No Rio de Janeiro do dezenove, notamos que as menções à “civilização” tinha relação com os parâmetros europeus. Ser civilizado queria dizer, sobretudo, estar em correspondência com a Europa.

⁷⁸ THEATRO. **Correio das Modas**. 29 jun. 1839, vol. I, ano I, n. 26, p. 212.

O primeiro grande teatro brasileiro, intitulado Real Teatro de São João,⁷⁹ foi inaugurado alguns anos após a chegada de Dom João à capital brasileira. Um estudo posterior sobre o prédio enfatizou que o mesmo era digno dos foros de civilização da cidade.⁸⁰ A partir de 1813, quando este teatro passou a funcionar, o costume de assistir aos espetáculos se manteve em alta durante todo o século, tendo o Brasil recepcionado inúmeros artistas estrangeiros – portugueses, italianos e franceses, em sua maioria. Em termos gerais, frequentar teatros contribuiu, ao lado das festas privadas e dos concertos musicais, para aquecer a vida noturna carioca.⁸¹ Entre as trocas de olhares⁸² e os bilhetes românticos entregues às donzelas pelos meninos a mando dos mancebos, os espetáculos cumpriram a nobre missão de facilitar, por meio dos códigos à distância, a comunicação entre damas e cavalheiros. Macedo contou que em uma noite de espetáculo um de seus personagens “resolveu empregar seu tempo em alguma coisa proveitosa e logo entendeu que, o melhor que lhe convinha, era admirar os triunfos da natureza em algum rosto bonito, que por aqueles camarotes deparasse”.⁸³ O momento das encenações, à semelhança dos bailes e saraus, também foi pretexto para os flertes entre os espectadores. Porém, muitas vezes, o próprio espaço físico, dividido entre camarotes e o restante do público, restringia as possibilidades de contato,⁸⁴ empecilhos menos evidentes nas noites festivas apresentadas anteriormente.

O carioca da época, pelo que nos noticia algumas crônicas jornalísticas sobre o tema, tinha predileção pelos atores franceses, pois, quando estes se apresentavam, as salas atingiam o público máximo. Assim como em outros aspectos do cotidiano, homens e mulheres da aristocracia tinham um apreço especial pelo elenco francês, sendo este o tipo que mais esteve em voga durante o Oitocentos, juntamente com as óperas italianas. Quando um grupo de amadores vindos da França resolveu realizar, em 27 de junho de 1840, no Teatro de São Januário, uma festa a favor da Sociedade Beneficente Francesa, os aplausos foram gerais.⁸⁵ O *Correio das Modas* igualmente pressupôs tal preferência ao comentar que o teatro francês

⁷⁹ A historiadora Maria Beatriz Nizza da Silva, em estudo sobre a sociabilidade carioca, nos apresenta algumas características do primeiro teatro público inaugurado no Rio de Janeiro. Ela escreveu que: “O Rio de Janeiro também teve o seu Teatro de São João, até porque a família real e a Corte não podiam assistir a sessões teatrais na velha casa da ópera. Foi inaugurado em 1813 e mantinha várias récitas por semana. Em 1817, obteve o monopólio dos espetáculos na cidade. Só na plateia dispunha de 1000 lugares e havia ainda 112 camarotes [...]” Cf. SILVA, Maria Beatriz Nizza da. **Donas e plebeias na sociedade colonial**. p. 225.

⁸⁰ MAURÍCIO, Augusto. **Meu velho Rio**. Brasília: Secretaria Geral de Educação e Cultura, 1966. p. 42.

⁸¹ FRANÇA, Jean Marcel Carvalho França. **Literatura e sociedade no Rio de Janeiro oitocentista**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1999. p. 49.

⁸² Para Andrea Marzano, “o acender do enorme lustre, iluminando a plateia, permitia aos espectadores o desfile e a escolha de possíveis parceiros para o flerte.” Cf. MARZANO, Andrea. **Vida divertida**. p. 110.

⁸³ MACEDO, Joaquim Manuel de. **O moço loiro**. p. 30.

⁸⁴ RODRIGUES, Mariana Christina de Faria Tavares. **Mancebos e mocinhas: moda na literatura brasileira do século XIX**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010. p. 187.

⁸⁵ RIOS, Adolfo Morales de los. **O Rio de Janeiro Imperial**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000. p. 362.

seguia conquistando os cidadãos. Afinal, era quase impossível encontrar pessoas com pretensões ao bom gosto e a ter influência nas boas sociedades que, até aquele momento, não tivesse ido “dar palmas à Mr. Ernest, louvar a voz doce de Madame Albertine, a simplicidade com que se apresenta Mr. Segond”,⁸⁶ e outros artistas franceses. Este mesmo boletim seguiu descrevendo, com certa dose de detalhes, uma peça intitulada *Elle est folle* e encenada por Mr. Ernest dias antes. De acordo com as palavras do mesmo redator – que afirmou estar presente na ocasião –, o ator representou muito bem a parte que lhe cabia encenar, confirmando a satisfação do público em presenciar diversões de qualidade nas noites de teatro. Publicações anunciando peças francesas ou vindas de outras regiões, como as que se vêem abaixo, igualmente fizeram parte da vida dos leitores.

Fig. 2. Anúncios de teatro

THEATROS

DE S. PEDRO DE ALCANTARA.
COMPANHIA DRAMATICA.

Domingo 9 de fevereiro de 1845.

Representar-se-ha o drama em 5 actos e 7 quadros

OS DOUS RENEGADOS.

Os bilhetes de camarotes vendem-se no escriptorio do theatro pelo preço da casa, até ás 11 horas do dia do espectáculo, e dessa hora em diante na casinha do bilheteiro, onde se vendem os bilhetes de cadeiras e de platêa geral, tambem pelo preço da casa.

DE S. FRANCISCO.

Hoje, 9 do corrente, terá lugar o beneficio de Luiza Pontiroli. Primeira representação do grande drama em quatro actos — Angelo ou Tyranno de Padua —; o mais divertimento se annunciara pelos cartazes. A beneficiada implora a protecção do illust e publico desta capital.

Os bilhetes vendidos para a recita do dia 30 do mez passado terão entrada nesta noite.

THEATRO DE SANTA THERESA

Domingo 9 do corrente sobe à scena o novo drama em 5 actos, todo ornado de peças de musica, e que tem por titulo

A GRAÇA DE DEOS.

Todo o scenario e vestuario são novos e a caracter, sendo a pintura executada pelo Sr. Agostinho dos Reis, e a musica da composição do Sr. Noronha. Do papel de marquez se encarregou o actor João Caetano dos Santos, do de Magdalena Estella Sezefreda, e do de Maria (o papel principal do drama) a joven Luiza, que representou no — Frel Luiz de Souza —. A empresa se abalançou a grandes despesas para a promptificação deste espectáculo, persuadida que elle será digno da approvação e concurrencia do respeitavel publico.

Os bilhetes vendem-se no escriptorio do theatro.

Fonte: ANNUNCIOS. *Jornal do Commercio*. 9 fev. 1845, n. 39, p. 4.

As informações disponibilizadas por meio das notas no *Jornal do Commercio* eram de ordem prática, isto é, davam a conhecer os locais de venda dos bilhetes, o dia e horário do início das apresentações, as salas onde teriam lugar os espetáculos, e, quando convinha ao anunciador, traziam uma breve sinopse da trama. Sede da Corte nos últimos anos do período colonial, o Rio de Janeiro protagonizou a construção de expressivos teatros públicos e privados, o que contribuiu para o lazer dos que tinham condições de pagar altos valores pelos

⁸⁶ THEATRO francez. *Correio das Modas*. 6 set. 1840, vol. II, ano II, n. 20, p. 154.

ingressos e demonstravam interesse em estar a par das novas referências culturais. Um aviso da *Gazeta do Rio de Janeiro* apresentava no ano de 1818 as seguintes informações aos leitores desejosos de assinar como plateia fixa:

No Real Teatro de São João abre-se uma nova assinatura de plateia, que dará principio na Páscoa desse ano e findará no Entrudo de 1819; pelo preço de 6\$400 cada mês, pagos sempre adiantados: a entrada dessa assinatura é pela porta, que está de frente à *Alampadoza*, por onde não entrarão senão os assinantes, cujos lugares serão vedados para as pessoas que não o for. E o assinante com o bilhete [...] terá a entrada nesse lugar todos os dias de espetáculo.⁸⁷

Sabendo, por meio do excerto acima, que os assinantes obtinham algumas prerrogativas nos espetáculos, convém deduzir terem sido essas pessoas⁸⁸ as que mais frequentavam os teatros da cidade. Embora o preço fosse fator determinante de demarcação do público, alguns componentes contribuíram para as diferenciações sociais dentro das salas, como as próprias divisões por categorias, nas quais os assentos confortáveis e com visão privilegiada ficavam reservados ao público assinante, que usufruíam daquele divertimento nos luxuosos camarotes.⁸⁹ Ali todos os aparatos exteriorizavam riqueza, desde os trajés requintados das senhoras e dos senhores até os gradis dourados e os grandes lustres. Em 12 de maio de 1840, uma folha feminina tratou de registrar a abertura de um novo teatro no Rio de Janeiro “cheio de vida, de esperança e futuro”, sendo que o mesmo prometia dar tudo quanto a capital brasileira carecia em matéria de diversão. Ir ao teatro, portanto, mais do que apreciar o ambiente e fazer elogios aos atores, era um motivo para encontrar, socializar e aparecer. No caso das senhoras e mocinhas, que ainda descobriam os encantos proporcionados pela vida extra doméstica, essa afirmação podia ser facilmente verificada nos escritos.

A primeira edição do periódico recreativo *O Gosto*,⁹⁰ que circulou por um curto período no ano de 1843, exprimiu aos leitores quais eram suas propostas e aproveitou para

⁸⁷ AVISOS. **Gazeta do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tipografia Régia. 4 mar. 1818, n. 18. p. 4.

⁸⁸ Segundo a pesquisadora Maria Christina Tavares Rodrigues, “o teatro oitocentista [no Rio de Janeiro] reunia a elite que podia arcar com as despesas de assinaturas anuais ou por ingressos avulsos mais caros. Era um local que, mesmo assim, dividia o público através de lugares nas plateias ou nos camarotes, que ainda se subdividiam em 1ª, 2ª, 3ª e 4ª ordem.” Cf. RODRIGUES, Mariana Christina de Faria Tavares. **Mancebos e mocinhas**. p. 184.

⁸⁹ Sobre alguns aspectos da estrutura do teatro de São Pedro, o viajante C. Shlichthorst afirmou que este “era um dos edifícios da cidade de arranjo interno e elegante e, ao mesmo tempo, adequado ao clima. O camarote imperial era tão ricamente adornado, que seria difícil encontrar um mais suntuoso na Europa.” Cf. SHLICHTHORST, C. **O Rio de Janeiro como é** (1824-1826). Rio de Janeiro: Editora Getúlio Costa. p. 201.

⁹⁰ Criado para ser um periódico semanal, acreditamos que *O Gosto* tenha circulado por um curto período, visto que só tivemos acesso a cinco números do jornal. Era editado na Tipografia Imparcial de Francisco de Paula Brito e quem o escreveu tinha o propósito de criar uma folha dedicada a falar sobre tudo quanto estivesse relacionado com o bom gosto naquela cidade. Contendo apenas quatro páginas cada número – foi o mais curto se

colocar o teatro em um dos temas centrais a serem discutidos. Sem assinar, o redator iniciava o prospecto dizendo que o jornal “se ocupará de tudo que estiver na ordem do dia, mas com particularidade dos teatros, dramas, atores, cantores, pontos, contra regras, compositores, diretores, tradutores, etc., assim como de modas, bailes, literatura, poesia, música e pintura⁹¹.” Os termos empregados demonstravam a preocupação da folha em evidenciar os parâmetros da civilização, do novo e do moderno, pois, escrever sobre teatro, poesias, literatura e modas na capital brasileira demandava certo conhecimento das novidades chegadas da Europa, isso valia tanto para os escritores quanto para o público que lia esse tipo de impresso. Em 19 de agosto de 1843, a lotação dos espetáculos nos teatros de São Pedro e São Francisco foi digna de uma nota que levava como título *Os onibus theatrais*. Apesar do pequeno porte daquelas salas, certos camarotes pareciam dar mais prejuízo que lucro aos empresários, pois havia alguns indivíduos – os *meias caras* – que entravam nas apresentações sem terem pago pelos bilhetes. Nesse sentido, mesmo com os camarotes “sempre cheios, seja ou não bonito o espetáculo, haja frio ou calor, estejam caros ou baratos os bilhetes”,⁹² esses sujeitos que burlavam as regras acabavam sendo causa de prejuízos constantes.

As folhas brasileiras que propagavam a voga do momento se respaldavam nas informações apontadas pelos jornais franceses⁹³ e o que esses definiam como novidades, sem deixar de reservar alguns espaços para as opiniões dos leitores. No periódico *O Gosto* isso não era diferente, até porque, para além das considerações acerca das encenações, os redatores recolhiam as impressões do público e as publicavam nas colunas, a saber: “Gosto muito de ir ao teatro de São Pedro porque gozo a beleza do salão, o brilhantismo do lustre, a pintura do cenário, a gentileza das damas e o vestuário das personagens”.⁹⁴ Essa assertiva de uma senhora frequentadora desses espaços e outras expostas em momentos distintos fizeram com que as alusões sobre o que os teatros trouxeram em matéria de civilidade e modernidade para a cidade e os habitantes do Rio de Janeiro estivessem, constantemente, presentes nas

comparado aos outros jornais de modas que circularam no Rio de Janeiro – *O Gosto* não trazia gravuras coloridas de modas europeias.

⁹¹ PROSPECTO. **O Gosto**: jornal de theatros, litteratura, modas, poesia, musica e pintura. Rio de Janeiro: Tipografia Paula Brito, 5 ago. 1843, n. 1, p. 1.

⁹² OS ONIBUS theatrais. **O Gosto**. 19 ago. 1843, n. 3, p. 4.

⁹³ Por ter sido a França modelo, por excelência, para os modos de vestir das senhoras e senhoritas da Corte, é importante mencionar que alguns jornais franceses também circulavam em terras brasileiras à época, contribuindo para aumentar o acesso das damas letradas ao mundo civilizado europeu, tanto do Brasil quanto de outros países, especialmente a própria França. Citemos alguns: *L'Indépendant* (1827), *L'écho de L'amérique du Sud* (1827-1828), *Le Messager* (1831-1852), *Le Nouvelliste* (1847-1848) entre outros. Embora estas folhas não se debruçassem especificamente sobre a vida feminina, deram conta de trazer algumas colunas que as interessavam diretamente, por exemplo: teatros, poesias e novelas.

⁹⁴ UMA LEMBRANÇA de senhora. **O Gosto**. 12 ago. 1843, n. 2, p. 4.

publicações. Em meados da década de 1840, o Teatro São Pedro de Alcântara⁹⁵ foi palco de uma cena macediana. Naquela noite,

não se via um só lugar desocupado; as cadeiras estavam todas tomadas, a geral cheia e abarrotada [...] as quatro ordens de camarotes se mostravam cingidas por quatro não interrompidas zonas de belas; desejosas todas de testemunhar desde o começo o combate dos dois lados teatrais, tinham vindo ornar ainda antes da hora suas felizes tribunas; nenhuma mesmo, dentre as que ostentavam mais rigor no belo tom, havia deixado para chegar depois de começado o espetáculo.⁹⁶

A ilustração do ambiente e a quantidade de espectadores demonstram certa familiaridade com o teatro por parte da boa gente no Rio de Janeiro. Nas outras grandes províncias brasileiras, que já contavam com salas teatrais⁹⁷ na primeira metade do século, isso também era uma realidade. A presença feminina era denotada nas referências aos camarotes, onde as belas abastadas se encontravam em maior número. Concernente à influência do teatro na vida das damas – ainda não muito difusa nas primeiras décadas do Oitocentos – o redator do *Espelho Diamantino*, ao defender a inclusão de uma coluna sobre teatro no jornal, justificava que aquele era o mais decente e agradável dos divertimentos públicos, entrando, pois, “na jurisdição do *belo sexo*, o qual, em todas as cidades forma um tribunal que decide as questões de bom gosto e bom tom”.⁹⁸ Embora esta citação seja datada do ano de 1827, as apresentações teatrais não foram os primeiros lugares públicos a receberem as mulheres na capital, uma vez que antes elas já costumavam aparecer em alguns festejos religiosos nas igrejas e nas ruas. Pode-se dizer que o teatro, em certo sentido, ajudou a moldar o tipo de figura feminina que melhor representava a vida mundana carioca ao longo de todo o século XIX. Alguns anos antes de 1850, no segundo Império, esses espaços começaram a adquirir uma difusão maior entre a sociedade, o que acarretou também um aumento⁹⁹ e uma heterogeneidade do público. As peças nacionais foram, aos poucos, ganhando mais admiradores, concorrendo com as apresentações estrangeiras. Assim, na primeira metade do Oitocentos, os teatros brasileiros com suas “riquíssimas salas iluminadas por lustres de vastas

⁹⁵ São Pedro de Alcântara, em homenagem ao imperador D. Pedro I, foi o segundo nome dado ao já mencionado Teatro de São João. Cf. MARZANO, Andrea. **Vida divertida**. p. 100.

⁹⁶ MACEDO, Joaquim Manuel de. **O moço loiro**. pp. 28-29.

⁹⁷ SILVA, Maria Beatriz Nizza da. **Donas e plebeias na sociedade colonial**. p. 226.

⁹⁸ PROSPECTO. **Espelho Diamantino**. 15 set. 1827, n 1, p. 3.

⁹⁹ O historiador Ubiratan Machado, a respeito dos avanços obtidos no teatro brasileiro nos meados do Oitocentos, informou que: “No ano de 1860, havia no Rio de Janeiro quatro salas de espetáculo, com capacidade total de cerca de 3.200 espectadores. O principal teatro, o de São Pedro, era também a maior sala, podendo receber mais de 1.100 assistentes.” Cf. MACHADO, Ubiratan. **A vida literária no Brasil durante o Romantismo**. p. 300.

dimensões e tetos recamados de ouro”¹⁰⁰ introduziram-se no cotidiano dos cidadãos, para, só a partir da segunda metade do século, consagrar-se como um passatempo obrigatório da gente privilegiada.

Com o início da circulação de folhas nacionais voltadas às senhoras na capital brasileira, a partir dos meados da década de 1820, as leitoras e mesmo aquelas que não liam, mas que procuravam se inteirar das novidades por meio de amigas ou conhecidas, puderam ter acesso, em língua portuguesa, a assuntos concernentes aos divertimentos. No pioneiro *Espelho Diamantino* é curioso notar que o redator optou por incluir, além dos assuntos relacionados ao universo tido na época como feminino, uma coluna sobre política. E dizia:

Tendo as mulheres uma parte tão principal nos nossos interesses, e negócios, necessário é que se lhes dê conta destes mesmos negócios, e dos princípios que originam os deveres e os acontecimentos, para que elas fiquem à altura da civilização e dos seus progressos, pois que pretender conservá-las em um estado de preocupação, e estupidez, pouco acima dos animais domésticos, é uma empresa tão injusta como prejudicial ao bem da humanidade, e as nações que a tem ensaiado, têm caído no maior embrutecimento e relaxação moral.¹⁰¹

O padrão de escrita que este jornal procurou imprimir não era idêntico aos outros periódicos de caráter político, considerando que o público leitor tinha preferências distintas. A ideia era trazer às senhoras noções sobre assuntos julgados sérios e importantes da época, sem deixar de reservar algumas páginas para entretê-las. Nesse sentido, apenas dois boletins foram criados com o propósito de apresentar os últimos acontecimentos do Brasil e do mundo em matéria de política. O primeiro – *novidades estrangeiras* – contribuiu com avisos dos produtos que desembarcavam no Rio de Janeiro; já o segundo – *novidades políticas* – comentava sobre as disputas entre os países, acordos políticos e tudo quanto estivesse no calor da hora. Apesar da iniciativa do *Espelho Diamantino*, este foi o único periódico dedicado às mulheres que trouxe informações sobre essas tópicas, isso porque nem todos os periodistas compartilhavam desse mesmo pensamento; ou seja, até a década de 1850, o grosso das outras folhas do gênero publicadas na cidade versaram sobre política com dois intuitos: primeiro para criticá-la, e segundo para fazer referências à família real nos eventos sociais.¹⁰² O

¹⁰⁰ THEATRO. *O Correio das Modas*. 29 jun. 1839, vol. I, ano I, n. 26, p. 212.

¹⁰¹ PROSPECTO. *Espelho Diamantino*. 15 set. 1827, n. 1, p. 2.

¹⁰² De acordo com os apontamentos da historiadora Maria do Carmo Teixeira Rainho, a maior parte dos jornais de modas publicados, especialmente no Rio de Janeiro, traziam menções à política em dois sentidos diversos principalmente: primeiro, para desvincular a seção de modas de assuntos mais sérios, e a segunda quando essas colunas apresentavam alguns aspectos dos trajes dos personagens políticos nas mais diversas ocasiões como, casamentos ou ainda quando da chegada ao poder de alguma dessas figuras. Cf. RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. *A cidade e a moda*. p. 89.

Correio das Modas foi um exemplo claro de periódico que restringiu sua escrita a assuntos correlacionados com as modas, bailes, teatros, novelas, romances, histórias no estilo folhetim,¹⁰³ prescrições sobre a arrumação dos trajés, enfim, temas aparentemente leves e desprovidos de seriedade. Um boletim de modas de 1º de junho de 1839 pontuava essa discussão. Para o escritor,

enquanto os mais periódicos se ocupam de ordens do dia, política interna, política externa; enquanto eles discutem quem tem a palavra e quem não tem, quem nessas barrafundas parlamentares tem ou não razão no que diz o no que faz: o *Correio*, pequenino e fraco passa por seus colegas de imprensa e vai evitar o rumor que fazem, no *toilette* de suas leitoras onde é sempre bem acolhido, porque o *Correio* e **suas leitoras não entendem de política**, a não ser aquela que faz o homem amável na sociedade, e de bom grado deixam essas dissenções para os nobres filhos da imprensa.¹⁰⁴

Conscientes de que suas destinatárias não estavam a par das questões de ordem política, os irmãos *Laemmert* tangenciaram esse assunto naquela ocasião apenas para dizer que “assim como é rigoroso dever obedecer ao governo, ainda mesmo de transição, também não é lícito negar obediência aos decretos da moda”.¹⁰⁵ O propósito que circundava o discurso do *Correio das Modas* e as críticas provenientes dessa escolha – de oferecer às suas destinatárias temáticas leves e interessantes – eram compreendidas na seguinte colocação do colunista que assinava J. N. S.: “Que me importa que o casmurro político desdenhe meus escritos? Que me importa que o exato negociante me despreze porque não lhe falo em câmbios, fretes, preços e correntes? [...]”¹⁰⁶ A missão e desejo do periódico era, como continuava o escritor, “ver o *Correio das Modas* tão somente sobre o trocador da tímida donzela”.¹⁰⁷ Esse compromisso de levar diversão ao público, por meio das crônicas do mundanismo fluminense, dos romances estrangeiros, das charadas, das modas, e de tantos outros temas que compuseram as primeiras experiências de uma imprensa brasileira para as damas, resumia o lugar que se intencionava dar àquelas figuras na vida pública.

Dadas as especificidades do *Espelho Diamantino*, em termos mais gerais, pretendeu-se, ao longo da primeira metade do século, delegar às folhas de senhoras o papel de informar

¹⁰³ Um estudo importante sobre as origens do folhetim, diz que aquele era um “espaço do jornal que comportava todas as formas e modalidades de diversão escrita: contavam-se piadas, falava-se de crimes e de monstros, propunha-se charadas, oferecia-se receitas de cozinha ou de beleza; [...] e numa época em que a ficção estava na crista da onda, era o espaço onde se podia treinar a narrativa, onde se aceitavam mestres e noviços do gênero, histórias curtas ou menos curtas.” MEYER, Marlyse. **Folhetim**: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 58.

¹⁰⁴ MODAS. *Correio das Modas*. 1º jun. 1839, vol. I, ano I, n. 22, p. 179. (grifo nosso).

¹⁰⁵ MODAS. *Correio das Modas*. 1º jun. 1839, vol. I, ano I, n. 22, p. 179.

¹⁰⁶ MODAS. *Correio das Modas*. 5 jan. 1839, vol. I, ano I, n. 1, p. 5.

¹⁰⁷ MODAS. *Correio das Modas*. 5 jan. 1839, vol. I, ano I, n. 1, p. 5.

acerca dos eventos sociais e das últimas novidades nas modas europeias que aqui eram apropriadas. A despeito da pouca variedade de títulos publicados até 1850, podemos afirmar que as mulheres abastadas do Rio de Janeiro já contavam com escritos especializados que atendiam as suas necessidades, uma vida social em expansão e uma educação mais aprimorada, que incluía o aperfeiçoamento nas línguas francesa¹⁰⁸ e inglesa. Embora a circulação dos manuais de etiqueta ainda não fosse uma prática corrente na cidade nesta primeira metade do Oitocentos, os jornais contribuíram ao lançar alguns ensinamentos e preceitos análogos aos manuais.¹⁰⁹ Em *A Mulher do Simplicio*, por exemplo, encontramos o seguinte conselho para uma donzela da época: “Estude, minha senhora, que venturosa há de ser; para tudo nesse mundo é necessário saber. Dai-vos às letras que elas corrigem os erros; não é das melhores coisas, senhoras pegando em ferros”.¹¹⁰ É certo que estudar, para uma moça oitocentista, significava saber algumas noções básicas de leitura e aritmética, dominar as regras da etiqueta social e aprender um ofício entre costura, bordado e pintura. A partir da delimitação das novas funções do *belo sexo*, os espaços das vias públicas e das festividades tornaram-se propícios para as exposições; assim, também as confeitarias, os cafés, as casas de pasto,¹¹¹ as lojas, os passeios pelas ruas centrais e ainda outros lugares responsáveis por movimentar a vida dos cidadãos ganharam, progressivamente, ares mais femininos.

1.3. Reunidas nos salões de família

No que tange a criação de ambientes e a importação das festas de salão europeias, a exemplo dos concertos, saraus, bailes e reuniões, a mudança da Corte portuguesa para a capital brasileira auxiliou para incrementar a incipiente vida extra doméstica. Isso não estava relacionado somente à presença de uma realeza habituada a saraus e bailes, mas também às

¹⁰⁸ Falar francês, além de tocar piano, era obrigatório para uma jovem, em vista dos requintes da vida elegante. Cf. BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. **Mulheres de ontem?** Rio de Janeiro – século XIX. São Paulo: T. A. Queiroz, 1988. p. 67.

¹⁰⁹ Por ter sido também um instrumento de disseminação da cultura europeia em terras brasileiras, cabe pontuar a existência de um único manual de civilidade e etiqueta, pelo que se tem notícia, no Rio de Janeiro antes da metade do Oitocentos, intitulado *Código do bom-tom ou regras da civilidade e de bem viver no século XIX*. Foi editado pela primeira vez em Portugal no ano de 1845 e escrito pelo cônego J. I. Roquette. A principal finalidade de tal escrito era normatizar desde os grandes até os ínfimos detalhes da vida social cotidiana e tinham como público alvo a boa sociedade que procurava conhecer e seguir essas regras sociais. Mas, como os manuais só adentraram os trópicos de maneira mais expressiva a partir dos meados do século, neste trabalho optamos por fazer uso dos jornais e romances por terem sido discursos circunscritos à primeira metade do Oitocentos.

¹¹⁰ SE SERA feliz nas armas ou nas letras. **A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada**. 21 jun. 1836, n. 48, p. 15.

¹¹¹ Local onde se vendiam refeições e bebidas alcoólicas. Cf. BOTELHO, Ângela Vianna; REIS, Liana Maria. **Dicionário Histórico Brasil: colônia e império**, 2008. p. 43.

residências de importantes diplomatas europeus que se transferiram de Lisboa para o Rio de Janeiro,¹¹² e passaram a requisitar novos ambientes culturais e sociais. A boa sociedade, à medida em que forjava novas experiências por meio dos costumes da Europa, simultaneamente usufruía de algumas particularidades importadas; consumindo os artigos sofisticados vendidos nas lojas do centro, presenciando o gradual melhoramento das ruas e vivendo em meio a um comércio levado a frente por mercadores europeus. A partir do desembarque sistematizado de toda a sorte de artigos importados, por aqui surgiu o desejo de reproduzir ou recriar novas maneiras de se divertir¹¹³ das classes abastadas no Rio de Janeiro, inspiradas nas grandes referências estrangeiras em modernidade, civilidade e urbanidade: a França e a Inglaterra.

No Brasil, uma data oportuna para a promoção de eventos comemorativos, além dos dias santos, foi a dos chamados “dias de ano”.¹¹⁴ As famílias endinheiradas não poupavam esforços nem gastos com as festas de aniversários de suas filhas, filhos, esposas ou parentes próximos. Joaquim Manuel de Macedo, a esse respeito, apresenta uma dessas comemorações ao descrever os quinze anos de vida da personagem Celina. A noite da festa, junto a amigos e entes queridos, “deveria ser de inocentes gozos para os numerosos convidados, que enchiam aquela habitação[...]”¹¹⁵ repleta de bom gosto e harmonia. O dia de ano da mocinha macediana, pelo que consta nas descrições, mais parecia se tratar de um baile que uma simples reunião. Dentro da sala principal “a música soou, convidando a dançar,”¹¹⁶ e as quadrilhas tiveram início. Em certa altura do evento todos pararam para ouvir uma canção italiana e, mais tarde, os moços convidaram as damas para passear no jardim da casa, como pedia o bom tom. O costume de tomar chá, já referido anteriormente, tinha lugar nas ocasiões dos aniversários que agitavam e povoavam as mansões fluminenses, uma conversa de dois outros personagens da trama prenunciava isso: “Minha filha fazes anos daqui a quatro dias; tomaremos sem dúvida chá com nossos amigos na noite desse belo dia”.¹¹⁷ Entre os variados objetos que costumavam ser dados como presentes às jovens aniversariantes destacavam-se: livros de missa em português, riquíssimas encadernações, caixinhas de tartaruga,

¹¹² SILVA, Maria Beatriz Nizza da. **Donas e plebeias na sociedade colonial**. p. 211.

¹¹³ MARZANO, Andrea; MELO, Victor Andrade de. **Vida divertida**. p. 12-13.

¹¹⁴ Termo comumente empregado na obra macediana, sobretudo no romance *Os dois amores*, como sinônimo de aniversário.

¹¹⁵ MACEDO, Joaquim Manuel de. **Os dois amores**. p. 209-210.

¹¹⁶ MACEDO, Joaquim Manuel de. **Os dois amores**. p. 212.

¹¹⁷ MACEDO, Joaquim Manuel de. **Os dois amores**. p. 105.

madrepérola, esmalte, cetim, porta *bouquets*, lindas flores,¹¹⁸ e outros enfeites que estivessem no rigor moda. Macedo, sobre esses agrados, reiterou que alguns dias antes da personagem Rosa ter feito anos “cada um de seus amigos lhe oferecera uma prenda ou um presente”.¹¹⁹

As amplas salas de visitas¹²⁰ das casas abastadas, responsáveis por receber os convivas para os dias de ano, foram também palco de encontros mais casuais durante o dia ou mesmo pela noite. Nelas, os tipos de divertimentos e passatempos dava-se de acordo com o grau de intimidade do hóspede com o anfitrião, mas eram comuns os jogos de gamão e de cartas e horas seguidas nas janelas que deitavam para as vias públicas.¹²¹ Como é possível observar nos escritos da época, visitar e receber pessoas em casa foi um hábito corriqueiro entre os residentes da capital, e claro, ainda mais para as mulheres que não tinham muitos afazeres durante o dia. A coluna intitulada *Uma visita de senhoras da Mulher do Simplicio* contava: “Logo que chega a visita, corre-se ao topo da escada, e desde a porta da rua principia a matinada”.¹²² As perguntas apressadas na entrada da casa, continuava a escritora, seguiam nesses tons: “Como está minha firmeza? Como passa o seu menino? Se está gordo, se está magro, se está grande ou pequenino?”¹²³ Após os questionamentos iniciais, elas partiam todas juntas para a sala de visitas da residência. Os espaços das visitas femininas, por não contar com a figura dos maridos, davam às mulheres certa liberdade para conversarem sobre “modas bonitas, de rendas, dos modelos de vestidos, dos espartilhos, cintos [...]”¹²⁴ e comentarem sobre a vida alheia. O bom tom prescrevia os modos mais adequados para se portar na presença de uma visita, como, por exemplo, era importante saber ser comedida e não exagerar na roupa, nas palavras e nos gestos. É possível que os encontros mais rápidos durante o dia tenham sido definidos como “visitas de etiqueta”, justamente por se tratarem menos de um vínculo afetivo que um preceito social. Sobre esses momentos, Macedo, em *Os dois amores*, afirmou que um pai e uma filha haviam ido “fazer uma visita de etiqueta”¹²⁵ e voltariam antes de duas horas.

¹¹⁸ Quem nos chamou atenção para isso foi um anúncio publicado no *Jornal do Commercio* de uma loja que vendia, entre outras mercadorias, presentes para as festas de aniversários. Cf. ANNUNCIOS. **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro: Tipografia Pierre Plancher 17 abr. 1848, n. 108, p. 4.

¹¹⁹ MACEDO, Joaquim Manuel de. **Rosa**. p. 90.

¹²⁰ A pesquisadora Marize Malta, a respeito do asseio e decoração das salas, reiterou que nesses espaços das casas “grande atenção era exigida para que a decoração expressasse a posição social da família e seu gosto apurado.” Nas salas onde se recebiam as visitas para festas e diversões, deveriam estar dispostos os objetos mais artísticos e elegantes, de modo a entreter o olhar dos convidados. Cf. MALTA, Marize. **O olhar decorativo: ambientes domésticos em fins do século XIX no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011. p. 73.

¹²¹ RIOS, Adolfo Morales de los **O Rio de Janeiro Imperial**. p. 333.

¹²² UMA VISITA de senhoras. **A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada**. 22 dez. 1838, n. 60, p. 9.

¹²³ UMA VISITA de senhoras. **A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada**. 22 dez. 1838, n. 60, p. 9.

¹²⁴ UMA VISITA de senhoras. **A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada**. 22 dez. 1838, n. 60, p. 10.

¹²⁵ MACEDO, Joaquim Manuel de. **Os dois amores**. p. 306.

Visitar e receber amigos e parentes nas casas mais privilegiadas da cidade carioca consagrou-se como uma praxe no decorrer do século. Nesses acontecimentos, às vezes oferecia-se apenas um copo d'água¹²⁶ ou mesmo chá para os convidados. Em outros casos mais raros, alguns confeitos acompanhavam as bebidas, como comentava a redatora do jornal *A Mulher do Simplicio* na descrição de uma visita de senhoras: “A xícara deve vir meia do ruivo chá e muito quente, que assim de deve tomar embora escale a gente. Andam de roda os serventes percorrendo a *la coxia*, ofertando nas bandejas bolos, torradas, fatia”.¹²⁷ Os assuntos mais falados nas visitas femininas eram as conversas sobre outras mulheres, os últimos eventos sociais, as novidades em modas estampadas nas lojas e nos jornais, os filhos e maridos, os trabalhos da casa, bordados, costuras e romances. Ao descrever uma visita no Rio de Janeiro, o escritor de *O moço loiro* reparou que “a sala estava cuidadosamente ornada; havia flores frescas nos vasos, e velas ainda virgens nos castiçais”.¹²⁸ Quanto aos cômodos mais sociais desses grandes aposentos, ou seja, os salões de baile e as salas de música, estes eram decorados com molduras douradas e enfeites que vinham da China e da França.¹²⁹ O bom gosto e as boas maneiras imperantes nas residências cariocas evoluíram conjuntamente à penetração das referências europeias no cotidiano da boa sociedade, o que influenciou a vida mundana.

Sobre as visitas noturnas, é importante destacar que os homens eram mais adeptos dessa atividade e acompanhavam suas esposas, tendo em vista que muitas mulheres não circulavam sozinhas à noite e a maioria dos homens se ocupava durante o dia com os assuntos de seus negócios. Macedo narra, por exemplo, uma noite de visita a uma casa, em que se achavam presentes dois casais com seus filhos, que “às oito horas e meia chegaram as visitas com diferença de minutos uma da outra”.¹³⁰ As damas, por sua vez, “gastaram muito tempo em dar-se mútuos beijos e em dizer-se mil coisinhas muito lisonjeiras”,¹³¹ e acomodaram-se, em seguida, na sala destinada às visitas. Toda a família, incluindo as crianças, participava daquele momento, tendo sido estas últimas um dos assuntos indispensáveis das conversas. Esta visita descrita por Macedo, relatava a “apresentação da recém-nascida, que foi trazida e mostrada a todos, passando pelo colo de todas as senhoras, recebendo um beijinho de cada

¹²⁶ A viajante oitocentista Ina von Binzer, sobre uma visita a uma fazenda perto do Rio de Janeiro, relatou em seu diário as seguintes palavras: “Querida Grete. Desejaria que você pudesse assistir a um almoço brasileiro. Não seria convidada à mesa nem mesmo para a famosa “colher de sopa”, mas somente para tomar um copo d'água.” Cf. Apud LEITE, Miriam Moreira. **A condição feminina no Rio de Janeiro**. p. 164.

¹²⁷ UMA VISITA de senhoras. **A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada**. 22 dez. 1838, n. 60, p. 10.

¹²⁸ MACEDO, Joaquim Manuel de. **O moço loiro**. p. 109.

¹²⁹ PINHO, Wanderley. **Salões e damas do Segundo Reinado**. p. 21.

¹³⁰ MACEDO, Joaquim Manuel de. **O moço loiro**. p. 109.

¹³¹ MACEDO, Joaquim Manuel de. **O moço loiro**. p. 112.

uma delas”,¹³² o que rendeu comentários e risadas dos convidados. As ocasiões noturnas foram mais comentadas tanto em termos de sofisticação e asseio das salas, quanto em termos de luxuosidade empregada nas vestimentas das pessoas envolvidas no divertimento – assunto que será explorado na segunda parte do trabalho.

Em algumas residências mais distintas da cidade estabelecia-se dias fixos para receber amigos e parentes.¹³³ Tudo indica que essa regra valia para os aposentos de alguns personagens de Macedo, pois os festejos comentados em *Os dois amores*, normalmente, tinham como cenário a bela casa da mocinha Celina. Nos primeiros dias de dezembro de 1848, naquela sala “reinava a felicidade e borbulhava o prazer. Cerca de trinta pessoas entre senhoras e homens, gozavam o sarau daquela noite”.¹³⁴ O número de convidados determinava a grandiosidade do evento, isto é, a quantidade citada acima foi suficiente para definir a ocasião como um sarau, pois não era tão grande para ser um baile. E quanto às visitas? Geralmente, era a reunião de poucas pessoas sem motivos específicos, ou melhor, não eram momentos de comemoração. De uma maneira geral, essas aconteciam quando se queria agradecer a família anfitriã por alguma benfeitoria, tratar de assuntos pessoais, políticos e de frivolidades, no caso das mulheres, ou levar conforto a um familiar que se encontrava doente. Uma historieta, publicada no *Correio das Modas*, alertava as senhoras para os perigos de saírem sozinhas nas ruas, pois, “uma senhora, indo visitar uma amiga, achou no pátio um *taful* que civilmente lhe ofereceu a mão para descer e depois lhe apresentou o braço e a conduziu pela escada”.¹³⁵ Quando a porta da sala se abriu e a dona da casa apareceu, o rapaz entrou juntamente com a senhora, e acabou enganando as duas. Pelo título da passagem – *O furto industrioso* – podemos ter algumas pistas sobre o final da trama. Embora não fosse indicado o desacompanhamento, esses encontros casuais entre senhoras em suas casas foram frequentes.

1.4. Diversão e devoção nas ruas

Festas de âmbito público e privado, realizadas em igrejas e pela Igreja,¹³⁶ permeavam o cotidiano da boa gente carioca. Sem dúvida, os eventos religiosos nas ruas ou lugares mais

¹³² MACEDO, Joaquim Manuel de. **O moço loiro**. p. 112.

¹³³ PINHO, Wanderley. **Salões e damas do Segundo Reinado**. p. 106.

¹³⁴ MACEDO, Joaquim Manuel de. **Os dois amores**. p. 99.

¹³⁵ O FURTO industrioso. **Correio das Modas**. 14 set. 1839, vol. II, ano I, n. 11, p. 88.

¹³⁶ No tocante a essa questão, Gilberto Freyre comenta que a religião era o que dava brilho ou ruído de festa às ruas das antigas cidades do Brasil. A boa gente saía em procissões e promovia festejos na semana santa e em outras datas importantes do calendário religioso. Cf. FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**. p. 73.

amplos foram os primeiros tipos de comemorações que possibilitaram a presença das mulheres: primeiro, por terem sido habituais desde outrora, e, segundo, porque as cariocas eram verdadeiras adeptas da religião católica. As cerimônias de casamentos e batizados, os rituais nas igrejas, as festas de importantes santos e até os funerais eram motivos louváveis para sair na rua. O cotidiano das fluminenses estava intimamente atrelado à religião, pois, participar das missas dominicais e diárias era uma tarefa de toda a sociedade, mas especialmente do *belo sexo*. No tocante a isso, Joaquim Manuel de Macedo destacou a fala de uma personagem que, orgulhosa de seu filho, comentava: “[...] ele me leva pelo braço à igreja e aos passeios”.¹³⁷

Acerca dos preceitos da igreja, desde os séculos anteriores,¹³⁸ os passeios para se confessarem já era um costume muito difundido entre as damas. Os homens, menos adeptos da prática de confessar seus pecados ao sacerdote, encarregavam-se apenas de conduzi-las até a igreja, como narrou Macedo por meio da personagem anterior, sobretudo, quando as mulheres passavam grande parte de seu tempo no âmbito privado e os espaços sociais eram incipientes. Assistir à missa acompanhadas de suas escravas¹³⁹ ou parentes, pois, era uma das únicas oportunidades de entrar em contato com a vida pública. Mesmo no século XIX, quando os ambientes sociais ganharam novas dimensões, ser vista nos lugares sozinhas era desaconselhável para uma mulher casada e mesmo para moças da literatura como Celina, que, por sempre se atentar a isso, “se retirara da igreja de S. Francisco de Paula em companhia de seu avô e sua tia”.¹⁴⁰ Nota-se que, na primeira metade do Oitocentos, o fato de uma mulher estar apta a frequentar mais tipos de lugares não significava a ausência de restrições e proibições. Pelo contrário, era de bom tom que as damas obedecessem o que diziam os discursos prescritivos sobre a vida em sociedade.

¹³⁷ MACEDO, Joaquim Manuel de. **Os dois amores**. p. 490.

¹³⁸ Gilberto Freyre destacou que as mulheres brasileiras dos séculos anteriores e até dos primeiros momentos do XIX, estiveram limitadas às atividades relacionadas com a esfera privada ou com o plano da prática religiosa. Assim, o discurso de sexo frágil, enaltecendo a posição do homem na sociedade ganhou bastante evidência, e isso não apenas em momentos anteriores, visto que, até os primeiros escritos oitocentistas voltados às mulheres ainda propagavam a ideia de fragilidade, delicadeza e religiosidade como próprias do feminino. Cf. FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**. p. 147.

¹³⁹ Segundo a historiadora Leila Mezan Algranti, “além das tarefas comuns de limpezas e arrumação da casa, o escravo doméstico desempenhava outras funções e fazia uma série de serviços.” Um deles era servir-se de acompanhantes para suas senhoras às ruas, pois estas jamais eram vistas a pé fora de casa sem estarem acompanhadas de escravos e, especialmente, escravas. Quando não se dispunha de escravos próprios para este serviço, era comum alugá-los, principalmente nos dias santos. Cf. ALGRANTI, Leila Mezan. **O feitor ausente: estudo sobre a escravidão urbana no Rio de Janeiro**. Petrópolis: Editora Vozes, 1988.

¹⁴⁰ MACEDO, Joaquim Manuel de. **Os dois amores**. p. 62.

Os cortejos e as procissões¹⁴¹ nos dias santos foram, além de pretextos para as mulheres adquirirem contato com a rua, momentos em que se viam reunidas pessoas de grupos e camadas sociais diferentes, tendo em vista que tais solenidades aconteciam nas vias públicas. Destoando das outras mencionadas – realizadas em locais fechados e reservados, como os salões, palácios e teatros – as festividades religiosas, antecedidas pelas procissões, propiciavam o encontro de toda gente do Rio de Janeiro, porém, os parâmetros vestimentários e as posturas distintas permaneciam como elementos cruciais de diferenciação da população. As práticas de lazer, mesmo ligadas à religião, eram propícias para a ostentação do luxo, da riqueza e para reforçar a posição social de cada indivíduo.¹⁴² Sobre o Dia de Finados em 1848, as seguintes palavras foram escritas por Joaquim Manuel de Macedo em um de seus romances:

As mulheres em que a religião, além de um dever, é ainda, mais que em todos, uma necessidade e um encanto, têm entre si muitas que olham a noite sagrada com o ensejo feliz de ostentar suas graças e suas galas; e lá mesmo, no seio dos templos, suas orações não chegam nunca ao céu, porque as desconceituam as murmurações que de envolta com elas caem na terra. E o dia de finados, o dia de luto, os homens têm tornado de festa.¹⁴³

A constatação do romancista era, na verdade, um alerta àquela sociedade onde as pompas imperavam; e, que, por vezes, exagerava no gozo dos prazeres mundanos, colocando a aparência acima de tudo. O dia 2 de novembro, que deveria ser de homenagem aos mortos, estava se tornando mais um motivo para colocar o pé na rua e se exhibir. As procissões e Semanas Santas também serviam como boas justificativas para senhores e senhoras abastadas contatar-se com o exterior. Era de praxe que uma procissão se estendesse por meio dos convites para tomar uma xícara de chá, um copo d'água e mesmo para participar de um sarau dançante nas casas.¹⁴⁴ Assim, o ato de sair às ruas para acompanhar os cortejos tornara-se propício para o convívio social, traduzido nessas convocações. Todos os eventos dispunham de grandes iluminações e fogos de artifício,¹⁴⁵ dignos das celebrações europeias. Um boletim do jornal *A Mulher do Simplicio*, sobre uma visita da redatora a Niterói, informava que: “[...] nos dias santos guardados é que todos se recreiam, que os homens *ajaquetados* com as senhoras passeiam”.¹⁴⁶ A religião, vista também como um instrumento de sociabilidade nos

¹⁴¹ Para maiores informações sobre as procissões ver: SHWARCZ, Lilia Moritz. **As barbas do Imperador: Dom Pedro II, um monarca nos trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. pp. 267-270.

¹⁴² MARZANO, Andrea; MELO, Victor Andrade de. **Vida divertida**. p. 13.

¹⁴³ MACEDO, Joaquim Manuel de. **Os dois amores**. p. 51.

¹⁴⁴ Apud LEITE, Miriam Moreira. **A condição feminina no Rio de Janeiro**. p. 155.

¹⁴⁵ SARTHOU, Carlos. **Relíquias da cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Livraria Atheneu, 1965. p. 126.

¹⁴⁶ UM PASSEIO à Niteroi. **A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada**. 23 dez. 1839, n. 63, p. 13.

primórdios do século XIX, foi responsável por promover o encontro dos membros das camadas endinheiradas, e, ao mesmo tempo, de mocinhas e mancebos que aproveitavam as ocasiões festivas para namorar¹⁴⁷ nos pátios das igrejas ou nas procissões.

Outras três solenidades fundamentais do calendário religioso convidavam os cariocas a saírem de seus aposentos, eram elas: Páscoa, quaresma e Semana Santa. Sobre esse último evento, para a quinta-feira santa que antecedia a ressurreição de Cristo, por exemplo, a Igreja pedia aos seus fiéis, no ano de 1844 “que tudo nesse dia em gala esteja: as senhoras de gosto passeando à clara lua e visitando igrejas”.¹⁴⁸ Chegada a sexta-feira da Paixão as palavras vinham em tons diferentes, pois, nesse dia: “Carregado o luto deve ser, martirizado está Nosso Senhor! Ao meio dia à cruz sobe, por mãos da tirania, e às três horas da tarde sem conforto, entrega a alma a seu pai e fica morto”.¹⁴⁹ Para as mulheres que participavam de todas essas cerimônias era recomendado apenas ouvir e desprezar qualquer dito daqueles que não respeitavam os momentos de oração, pois para a redatora “a moça que responde ao que se diz, ou que, sem responder torce o nariz em sinal de desprezo, ou faz trejeito mostrando ser ou não o dito aceito, dá lugar a que seja repetida a mesma graça [...]”¹⁵⁰ Moças bem educadas eram ensinadas a se expressarem em público apenas quando indagadas, e, ainda assim, fazendo uso de poucas palavras. Quando das solenidades religiosas, principalmente, os discursos aconselhavam suas leitoras a ignorarem tais indiscrições, porque desse modo não expunham seus nomes e os de suas famílias.

O mês de dezembro, por sua vez, trazia para as casas brasileiras o espírito das festas natalinas e das comemorações com a chegada de um novo ano. A folha que mais versou sobre esses dias em específico foi *A Mulher do Simplicio*, onde foi criada uma coluna anual para informar sobre a importância da festa do Natal, apresentar aos leitores os tipos de comidas e bebidas mais consumidas naquela época, os artigos requintados vendidos nas lojas especialmente na data, os lugares onde aconteciam as melhores ceias e almoços e outros temas pertinentes ao assunto. Acerca da relevância e espera pelas festanças de Natal, o jornal denotava:

Quanta gente, meus leitores, espera a missa do galo para então pôr-se a caminho montado a cavalo. Quantos estão apertando a barriga nesses dias por pouparem magros cobres com que entrem nas folias. Todos querem ter dinheiro seja bem ou mal havido, para o cesto entupetar só de comidas

¹⁴⁷ FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**. p. 74.

¹⁴⁸ MODAS. **A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada**. 3 abr. 1844, n. 77, p. 19.

¹⁴⁹ MODAS. **A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada**. 3 abr. 1844, n. 77, p. 19.

¹⁵⁰ MODAS. **A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada**. 3 abr. 1844, n. 77, p. 19.

provido. Jura-se até não dever ao mestre do filhinho, para os cobres empregar-se em paios, presuntos e vinho [...] Essas coisas de mão demos, tratemos do essencial: Meu leitor, onde vos leva esta festa do Natal?¹⁵¹

A sugestão dada pela folha era que as pessoas se dirigissem para o campo, longe do *burburinho* da cidade, justificando que lá “um gaba a linda vista, que se estende além do mar, aquele outro já se lembra de ir ao rio se banhar. A moça no seu passeio colhe o maduro araçá; enquanto um rancho cá fica chupando o azedo cajá”.¹⁵² Embora as comemorações começassem com o almoço, a refeição mais refinada da noite era o jantar que, via de regra, servia-se às onze horas. Conhecida como o “dia que se come o ganhado” ou “uma amável folia”, a data convidava as pessoas a saírem de suas casas. Gastar e festejar, nesses dias específicos, eram duas palavras demasiadamente usadas nos boletins dos jornais femininos, e para as quais os que recebiam convidados em suas residências se atentavam. A autora, ciente disso, aconselhava que quem tivesse dinheiro para poder gastar “vá já se coçando e as festas vá dar.”¹⁵³ Este era, em suma, um tempo de alegrias, agrados, risos, folias, descansos e também de oração. As mulheres companheiras de seus maridos e espelho de suas famílias participavam das festanças natalinas, entre missas, jantares e passeios. No apagar das luzes do ano de 1840, a coluna *Natal* assinalava ao *belo sexo*: “Nem pode ter graça sem senhoras a função; as senhoras são as flores que dão realce ao pendão. Como vos ia contando, é balda de todo o povo mostrar nos dias de festa alguma coisa de novo”.¹⁵⁴ Além de cumprirem o papel de embelezar e alegrar as comemorações, era imprescindível que as damas, mais do que os mancebos e senhores, se apresentassem trajando vestidos, sapatos ou adornos novos e segundo os ditames da moda na noite do Natal. Quanto ao comércio dedicado a vender mercadorias luxuosas – decorações e presentes – para as datas especiais do ano, este será analisado em detalhes no segundo capítulo.

O aprimoramento e variedade das festas citadas ao longo desta explanação possibilitou o nascer de uma preocupação mais atenta com a moda, o corpo e a beleza, já que aparecer em sociedade passou a ser uma marca das pessoas endinheiradas. Na condição de esposas e filhas dos homens mais importantes da cidade, as donzelas, aos poucos, perceberam quão indispensáveis era o vestir-se bem para as festividades onde suas presenças eram requisitadas. Os maiores cultos de uma mulher eram, pelo que nos informa o romancista, o de sua família e

¹⁵¹ A FESTA do Natal. *A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada*. 22 dez. 1838, n. 60, p. 14.

¹⁵² A FESTA do Natal. *A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada*. 22 dez. 1838, n. 60, p. 15.

¹⁵³ A FESTA do Natal. *A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada*. 23 dez. 1841, n. 71, p. 15.

¹⁵⁴ NATAL. *A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada*. 23 dez. 1840, n. 67, p. 13.

o de si.¹⁵⁵ Entre as situações vividas pelo *belo sexo* citadino, algumas foram mencionadas com mais frequência, como a variedade de sensações quando olhavam a rua pela janela, a mudança de galanteador em cada contradança nos bailes, os olhares intencionados nos teatros e a necessária volubilidade para saber se comportar adequadamente em cada lugar.¹⁵⁶ As regras sociais indicavam que era elegante uma dama demonstrar boa conduta sem, porém, se exceder nas palavras. A escritora do jornal *A Mulher do Simplicio*, ao trazer para o leitor aspectos de sua personalidade, salientava: “Sou silenciosa e meiga; padeço de hipocondria; e poucas palavras solto no longo espaço de um dia.”¹⁵⁷ Os enredos romanescos, além de apresentarem exemplos femininos de diferentes faixas etárias, também fizeram retrato de jovens e senhoras que estavam fora dos padrões esperados pela sociedade, isto é: que falavam muito e em altos tons; se comportavam indisciplinadamente; e não faziam gosto de seguir as recomendações da moda. Todavia, aquelas que acompanhavam devidamente as prescrições do vestir e dos modos de se comportar, obtinham as melhores oportunidades de casamentos, visto que o polimento das ações estava diretamente relacionado a um futuro próspero.

Esta multiplicidade dos eventos e lazeres na capital oitocentista só foram possíveis de serem pensados à medida em que alguns aprimoramentos nas vias públicas foram realizados ao longo do século XIX. A iluminação da cidade, por exemplo, passou por melhorias beneficiando, primeiramente, a população que saía à noite para as sorveterias, jantares, festas, reuniões, teatros, enfim, para os ambientes sociais daquela primeira metade do Oitocentos. Estudos posteriores afirmam que a inauguração da iluminação a gás chegou aos teatros públicos ainda antes de 1850, para mais tarde se estender aos sobrados e às casas assobradadas.¹⁵⁸ Já a criação do telégrafo e do trem de ferro – este último que, além de atuar no transporte das mercadorias, também fazia a locomoção de pessoas com muito mais eficiência – foram elementos importantes da crescente urbanização carioca efetuada, mais visivelmente, no reinado de Dom Pedro II. As primeiras ruas a contar com melhoramentos urbanos foram as ruas da Direita, Ouvidor, Rosário, Sabão e São Pedro – justamente por serem as mais frequentadas –, e em pouco tempo se espalhou por todo o centro.¹⁵⁹ Estudar a vida social carioca sem delinear ou citar a Rua do Ouvidor¹⁶⁰ seria deixar de levar em conta as conversas às portas dos jornais, as idas às casas de modas e todo um rol de atividades que

¹⁵⁵ MACEDO, Joaquim Manuel de. **O moço loiro**. p. 305.

¹⁵⁶ MACEDO, Joaquim Manuel de. **A moreninha**. p. 122.

¹⁵⁷ LUXOS e modas. **A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada**. 12 dez. 1835, n. 45, p. 4.

¹⁵⁸ FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos**. p. 253.

¹⁵⁹ CRULS, Gastão. **Aparência do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 1º volume, José Olympio, 1965. p. 456.

¹⁶⁰ Como a intenção é retomar, no próximo capítulo, alguns aspectos mais detalhados sobre a Rua do Ouvidor, por ora, atentemo-nos para seu papel na construção desse novo cenário social exposto.

tiveram essa rua como palco. Ali também se instalou, desde as primeiras décadas do século, a maioria das modistas¹⁶¹ francesas, contudo, a rua não se reduzia tão somente a elas. Temos notícia de livrarias renomadas, tipografias, as primeiras cafeterias e confeitarias a partir dos meados do Oitocentos, casas de pasto, boticas,¹⁶² floristas, sapatarias, joalherias e outras tantas casas europeias que acabaram por elevá-la, não por acaso, ao patamar de mais luxuosa e elegante da província fluminense.

O Passeio Público,¹⁶³ primeiro jardim público construído no Rio de Janeiro, era um dos lugares preferidos dos cariocas para passear durante o dia, ou mesmo à noite, principalmente quando da sua reforma em meados do dezenove. Quanto aos atrativos diurnos dos cariocas, desdobrados brevemente neste capítulo, esses começaram a se multiplicar no reinado do Segundo Pedro, mais sistematicamente, na segunda metade do século. Contudo, a prática dos passeios nos fins de tarde já eram uma realidade na capital no florescer do Oitocentos. Macedo escreveu, em um momento de lazer de seus personagens, que “uma multidão imensa pejava as alamedas, os dois pequenos largos, e o terraço do Passeio Público da boa sociedade do Rio de Janeiro. Era como uma tarde de festa”.¹⁶⁴ Em outra ocasião, uma de suas protagonistas contava: “Fomos ao Passeio Público. Passeávamos juntos e sós, eu e ele”.¹⁶⁵ Propício para os encontros amorosos, os jardins públicos da cidade foram palco para os jovens namorados ou para passeios em família. Ao iniciarem uma coluna de modas, em 6 de março de 1839, os irmãos *Laemmert* resolveram relatar uma passagem ocorrida nesse jardim público carioca: “Em uma dessas noites de luar que encheram os habitantes desta capital de um prazer inefável, dirigi meus passos ao Passeio Público: aí, sobre a elegante varanda que domina o mar, estático contemplava os regos de luz que brilhavam”.¹⁶⁶ Feita a descrição do lugar, o redator avançou contando uma história cômica relacionada às modas, porém, pelo que podemos perceber nessa primeira explanação, ambos – homens e mulheres – foram frequentadores desse espaço social, tão propício para refletir, ler, flertar, passear e conversar no Rio de Janeiro. Passear, como bem descreve Macedo em uma conversa entre uma viúva e um respeitável senhor, tornou-se um costume próprio daquela gente, ou melhor,

¹⁶¹ No segundo capítulo dessa primeira parte nos debruçaremos sobre a trajetória dessas mulheres.

¹⁶² Estabelecimento, atualmente denominado farmácia, onde se preparavam e vendiam medicamentos, alguns deles importados e originários, principalmente no século XIX, da França e da Inglaterra, e remédios extraídos de plantas e raízes de comprovada eficácia. Os boticários muitas vezes preparavam fórmulas secretas, elixires e tinturas. Cf. BOTELHO, Ângela Vianna; REIS, Liana Maria. **Dicionário Histórico Brasil: colônia e império**, 2008. p. 28.

¹⁶³ Para maiores informações sobre o Passeio Público e a vida diurna dos cariocas ao longo do século XIX, ver: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Literatura e sociedade no Rio de Janeiro oitocentista**. p. 47.

¹⁶⁴ MACEDO, Joaquim Manuel de. **Os dois amores**. p. 167.

¹⁶⁵ MACEDO, Joaquim Manuel de. **Os dois amores**. p. 358.

¹⁶⁶ MODAS. **Correio das Modas**. 16 mar. 1839, vol. I, ano I, n. 11, p. 89.

“já se viu como é moda hoje em dia pedir-se um passeio a uma senhora!”,¹⁶⁷ comentava a personagem.

As posturas e condutas consideradas ideais na vida pública foram direcionadas, de modo especial, ao *belo sexo* logo que os modelos europeus de convivência conquistaram adeptos nos trópicos. A partir das graduais mudanças na sociedade e nas estruturas da cidade, como buscamos explorar ao longo desse capítulo, foi possível verificar que novas atribuições foram dadas às damas da Corte. Tais mudanças não significam que elas abandonaram as funções que já lhes eram próprias, como os cuidados com o lar e os filhos, antes deixam transparecer uma ampliação – ou mesmo implementação – do mundanismo no cotidiano dessas senhoras e senhoritas, possibilitando novas experiências sociais. *A Mulher do Simplicio*, no ano de 1841, ao aconselhar as mulheres a procurarem as lojas das modistas renomadas que habitavam o Rio de Janeiro para não caírem no temido risco de serem vistas como antiquadas ou inapropriadas nas festividades, reforçou a máxima daquele tempo de que “a falta de gosto tira as graças do mais belo rosto”.¹⁶⁸ Assim, aliadas e não inimigas da moda eram o que as damas cariocas deveriam ser. Segundo a mesma redatora,

nunca pode uma moça agradar, que mal se penteia, que pouco se asseia, e que nada capricha em falar: a moça extremosa deve ser em tudo bem caprichosa. Muitos gostam só da natureza no porte e no rosto; Mas quem tem bom gosto, gosta da arte reunida à beleza: nem muita vaidade, nem o frio da simplicidade. Eis das modas, leitoras, o breve e simples esboço; Qual é gosto vosso, minha pena faz sempre o que deve. Agora só resta que tenhais mil prazeres na festa.¹⁶⁹

Com o propósito de traçar ensinamentos sobre a beleza e os bons modos femininos, ou seja, as roupas, os gestos, a fala, o canto, a dança, o contato com os rapazes, bem como outros elementos essenciais para apresentar-se em público, os discursos direcionados ao *belo sexo* marcaram e, de certa forma, modificaram o dia-a-dia na capital brasileira. Ser um carioca da alta sociedade – isso valia tanto para os senhores quanto para as senhoras – implicava corresponder-se com as novidades e notícias vindas do além-mar. Todavia, as mulheres, por meio das posturas e modas a elas recomendadas, puderam, lenta e sutilmente, tomar parte nos salões, bailes, saraus, concertos, teatros e passeios, compartilhando e ajudando a forjar novos hábitos para aquela gente. Cuidar da beleza, vestir-se com esmero e manter uma postura elegante nasceram, juntamente com o novo século, como ingredientes de uma vida extra

¹⁶⁷ MACEDO, Joaquim Manuel de. **Os dois amores**. p. 102.

¹⁶⁸ MODAS. **A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada**. 23 dez. 1841, n. 71, p. 15.

¹⁶⁹ MODAS. **A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada**. 23 dez. 1841, n. 71, p. 15.

doméstica que, embora tropical, queria-se europeia. Isso porque, no Rio de Janeiro, as tarefas de criar, ditar e, inclusive, vender a moda quem cumpria era o estrangeiro.

2. “Em sua loja tem fartura do que é moda e se procura”

No dia 5 de março de 1837, a redatora de um cômico jornal carioca não poupou tinta para descrever os serviços oferecidos pelas modistas recém instaladas nas ruas do Ouvidor e do Ourives e enfatizar a origem europeia dos artigos pessoais ali vendidos. Anunciava, com entusiasmo, a existência de *boutiques* que se destacavam pela suntuosidade dos trajes expostos. Quem por ali passasse, não poderia deixar de ver

em cabides xales pendurados, mantas, lenços, chapéus, filós bordados; estando às vistas do público, patentes as belas costureiras. Bravas gentes, vós que tudo isto tendes desfrutado, dizei-me se o painel vai bem traçado. A Rua dos Ourives mal se passa, logo há coisas de gosto e que tem graça [...] Depois de muitas casas aseadas, que reluzindo estão bem preparadas com diversas modistas diferentes; com fazendas de gostos excelentes. Diversas outras há de miudezas, da França, da Inglaterra e Portuguesas.¹⁷⁰

As primeiras manifestações do comércio de roupas e adornos na cidade, como esboçado no excerto, tiveram lugar nas publicações dos periódicos dedicados às damas da Corte, bem como em outros jornais oitocentistas na forma de pequenos anúncios diários ou semanais.¹⁷¹ Todos esses escritos, a despeito de terem sido fruto de preocupações diferentes, contribuíram significativamente para a propagação das lojas, dos vendedores e das mercadorias estrangeiras mais solicitadas nos momentos que os avisos vinham a público, como: chapéus, vestidos finos e importados, tecidos variados, xales, luvas, leques, coletes, flores, acessórios para os cabelos, joias, sapatos de seda e cetim, perfumes, pós faciais e outros itens associados à arrumação das damas. O espaço crescente que a moda passou a ocupar no cotidiano das mulheres cariocas em inícios do dezenove estava relacionado à criação de uma atividade comercial interessada em vestir e embelezar sua clientela. A necessidade de transferir para a capital brasileira – que teve sua população praticamente

¹⁷⁰ A RUA do Ouvidor. **A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada**. 5 mar. 1837, n. 55, p. 10.

¹⁷¹ Para a historiadora Maria Beatriz Nizza da Silva, a publicidade dos mercadores constitui um material assaz rico para a investigação dos tipos de roupas usados pelos fluminenses oitocentistas. Segundo ela, os comerciantes, por meio dos anúncios, revelam-nos a moda vigente pela própria escolha da mercadoria a ser noticiada no jornal. Cf. SILVA, Maria Beatriz Nizza da Silva. **Cultura e sociedade no Rio de Janeiro**. (1808-1821). São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1978. p. 31.

quadruplicada entre 1816 e 1850¹⁷² – os modos de viver dos europeus viabilizou o acesso contínuo aos objetos importados de uso pessoal e também de artigos decorativos, remédios, alimentos, livros e tudo quanto pudesse servir para melhorar o dia-a-dia da gente fluminense.

2.1. O comércio que pouco falava português

Já no início do século, uma variedade de artigos e serviços importados foram sendo introduzidos pelos europeus que, aos poucos, se instalaram em terras tropicais. Os primeiros a tentarem a sorte no Rio de Janeiro foram os ingleses,¹⁷³ com suas lojas de móveis e alfaiataria. Por já manter relações comerciais com Portugal desde outrora, a Inglaterra beneficiou-se com a vinda de Dom João para o Brasil, tanto pela abertura dos portos em 1808, quanto pela firmação do Tratado de Navegação e Comércio¹⁷⁴ em 1810, garantindo a expansão do mercado britânico no além mar. Esse estreitamento era favorável para ambas as partes, pois dos navios ingleses chegava o progresso, isto é, as máquinas, os instrumentos agrícolas e alguns outros produtos advindos da Revolução Industrial; em contrapartida, eram-lhes concedidos favores alfandegários¹⁷⁵ nos produtos, fábricas e comércios que vinham de lá para a colônia. A França também foi outra nação que ganhou cada vez mais espaço nesse palco. Com o estabelecimento da paz entre Portugal e França¹⁷⁶ em 1815, os primeiros artífices franceses, buscando fazer a vida nos trópicos, começaram a também estabelecer-se em terras cariocas. Na área específica das modas e vestimentas femininas, os franceses abriram as melhores lojas de importados da Rua do Ouvidor e foram os primeiros a se preocuparem com o vestir das damas na cidade fluminense, ultrapassando rapidamente os britânicos.¹⁷⁷ Em 1828, para se ter uma noção, eram 1400 mercadores franceses no Rio de Janeiro, enquanto os

¹⁷² Segundo o autor, no ano de 1850 a cidade contava com 270 mil habitantes, dos quais 111 mil eram escravos. Cf. RIOS, Adolfo Morales de los. **O Rio de Janeiro Imperial**. p. 62.

¹⁷³ Para mais informações sobre o comércio dos ingleses na capital nos primeiros anos do século XIX, ver: MACEDO, Joaquim Manuel de. **Memórias da Rua do Ouvidor**. Brasília: Senado Federal, 2005. p. 64. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/1105>. Acesso em: 24/07/2018.

¹⁷⁴ Assinado em 1810, o Tratado de Navegação e Comércio, “garantiu à Inglaterra o controle do mercado colonial brasileiro. Tal acordo deixou os produtos ingleses em maior vantagem de mercado do que os produtos portugueses no mercado brasileiro.” Cf. ITALIANO, Isabel; VIANA, Fausto. **Para vestir a cena contemporânea: moldes e moda no Brasil do século XIX**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2015. p. 39.

¹⁷⁵ PRIORE, Mary del. **Histórias da gente brasileira**. p. 111.

¹⁷⁶ Com a declaração de paz entre os dois países, alguns negociantes franceses começaram a desembarcar na capital oitocentista, montando lojas de fazendas e de modas, cabeleireiros, casas de floristas e charutarias. Cf. RIOS, Adolfo Morales de los. **O Rio de Janeiro Imperial**. p. 275.

¹⁷⁷ SILVA, Maria Beatriz Nizza da. **Vida privada e cotidiano no Brasil**. Rio de Janeiro: 1ª edição, Editorial Estampa, 1993. p. 240.

ingleses eram apenas metade desse número.¹⁷⁸ Quer dizer, embora o comércio de artigos luxuosos nas ruas estivessem ligados aos profissionais vindos tanto da França quanto da Inglaterra, foram os primeiros que, desde o início, se preocuparam em atender a clientela feminina na capital brasileira, espalhando suas lojas e ateliês pelas vias públicas centrais.

Os nomes mais requisitados para informações sobre os usos do momento eram de franceses para a indumentária das donzelas, de ingleses para a indumentária dos senhores e para os dois, em números menores, de portugueses.¹⁷⁹ A esse respeito, o boletim *Modas e luxo* do jornal *A Mulher do Simplicio* pontuava de maneira crítica que o francês “viverá sempre sossegado, com negócio e com dinheiro, e o nacional obrigado a guardá-lo como um cão”;¹⁸⁰ ou ainda que as mulheres cariocas “ao Brasil não tem amor, porque só coisas da Europa para elas tem valor”.¹⁸¹ Alguns anos antes, outro jornalista, crítico das modas estrangeiras e indignado com a influência europeia na vida do fluminense, constatava no recém impresso *O Simplicio*¹⁸²: “É necessário que a mobília venha de Londres; e da terra dos *Monsieurs*, a casaca, as calças, os chapéus e os sapatos, para se dar uma prova convincente de mérito e consideração”;¹⁸³ e para finalizar sua contundência em reprovar o luxo desmedido ele bravava: “Que diabo de peste veio a Côrte semear em nossa terra! E assim se empobrece o Estado e arruinam as famílias!”¹⁸⁴ Embora, eventualmente, saíssem publicações que condenavam os modismos, o sucesso incontornável dos produtos franceses e seu protagonismo no guarda-roupa das donzelas percorreu todo o Oitocentos, visto que a França foi considerada, neste século, um modelo do vestir civilizado.¹⁸⁵ Nesse palco, pois, nasceram dois nomes vitais para pensar a comercialização de roupas requintadas no Rio de Janeiro: o *Mister* e a *Madame*,¹⁸⁶ e no cotidiano dos que ali viviam, era praticamente inevitável relacionar o bem trajar a esses profissionais, em razão de os donos dos estabelecimentos, em sua maioria, terem relações estritas com a França. No entanto, como será desdobrado ao longo do capítulo, o comércio de artefatos franceses não era constituído apenas por mercadores

¹⁷⁸ RIOS, Adolfo Morales de los. **O Rio de Janeiro Imperial**. p. 274.

¹⁷⁹ Com relação a itens que se podia vestir, dos portos portugueses recebíamos calçados, panos grosseiros de lã e chapéus de homem. Cf. RIOS, Adolfo Morales de los. **O Rio de Janeiro Imperial**. p. 289.

¹⁸⁰ ORA o homem tem razão. **A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada**. 23 dez. 1840, n. 66, p. 5.

¹⁸¹ LUXOS e modas. **A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada**. 4 set. 1832, n. 8, p. 65.

¹⁸² Dos onze números disponíveis para consulta na Hemeroteca Digital, todos trazem boletins críticos e satíricos sobre as modas europeias no Rio de Janeiro. Este, porém, foi o único impresso encontrado – cujo redator desconhecemos – que manteve a postura de desdenhar os modismos estrangeiros até o fim da circulação.

¹⁸³ **O Simplicio**: nem um camarãozinho escapará pelas malhas da minha rede. Rio de Janeiro: Typografia da Austrea, Rua do Sacramento nº 23. 27 jul. 1831, n. 7, p. 43.

¹⁸⁴ **O Simplicio**. 27 jul. 1831, n. 7, p. 43.

¹⁸⁵ RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. **A cidade e a moda**. p. 52.

¹⁸⁶ PRIORE, Mary del. **Histórias da gente brasileira**. p. 110.

oriundos desse país, mas também por comerciantes portugueses, ingleses e até por uma minoria de brasileiros.

No ano de 1817, a *Gazeta do Rio de Janeiro* comunicou os nomes dos primeiros negociantes do ramo a se arriscarem em terras brasileiras. Os franceses *Desbordes e Garay* anunciaram, na ocasião, a chegada de um grande sortimento de fazendas importadas e de duas modistas das primeiras lojas de modas de Paris, que vieram para trabalhar junto a eles. Por esse motivo,

as senhoras podem achar em casa dos ditos, tudo o que é relativo aos seus ornamentos e vestuário; assim como fazerem-lhes todos os enfeites, que possam desejar, no melhor gosto possível e moda de Londres e de Paris. Eles lisonjeiam-se, que as pessoas que os quiserem honrar com sua confiança, ficarão satisfeitas.¹⁸⁷

A vinda dos europeus empenhados em divulgar ao *belo sexo* os serviços, os artigos e os endereços localizados nas vias centrais, e, por consequência, o surgimento de um comércio¹⁸⁸ mais consistente na cidade, foram acontecimentos que abriram as portas das lojas para quem desejasse – e pudesse – adquirir as composições condizentes com o bom tom. Isso significou, mais especificamente, a entrada das mulheres aos locais de venda desses produtos. Os avisos, publicados em forma de pequenos anúncios nas folhas, cumpriram o papel de apresentar aos leitores quando, quais e de onde haviam chegado as últimas modas das *boutiques*.

Fig. 3. Anúncio de um armazém de modas francesas

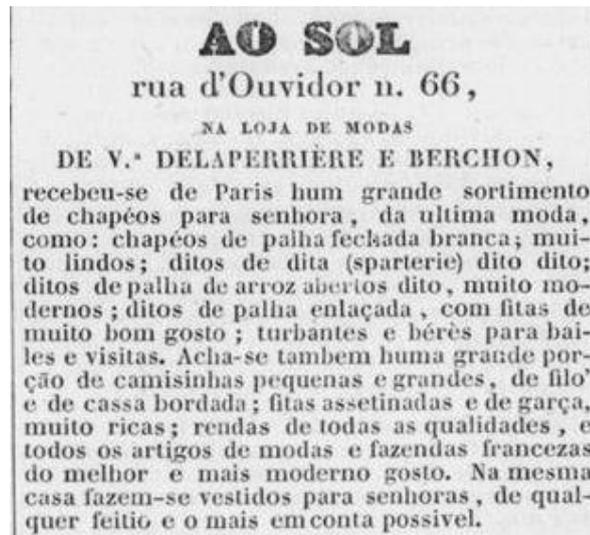


. Fonte: ANNUNCIOS. *Jornal do Commercio*. 21 fev. 1849, n. 52, p. 4.

¹⁸⁷ AVISOS. *Gazeta do Rio de Janeiro*. 31 dez. 1817, n. 105, p. 4.

¹⁸⁸ Segundo o historiador e memorialista Ernesto Senna, “se tudo se transformou e progrediu na vertiginosa carreira do século XIX, foi o comércio que mais radicais mudanças teve.” Cf. SENNA, Ernesto. *O Velho Comércio do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: G. Ermakoff, 2006. p. 28.

Fig. 4. Anúncio de uma loja de modas



Fonte: ANNUNCIOS. *Jornal do Commercio*. 24 jul. 1837, n. 161, p. 4.

O propósito fundamental desses curtos textos era manter os leitores cariocas sempre atualizados das novidades parisienses, convidá-los a conhecer os espaços e, em última instância, atraí-los para aquelas mercadorias. A certa altura do ano de 1821, o proprietário da Rua do Ouvidor n° 15 anunciava um “sortimento de modas e fazendas francesas do último gosto,”¹⁸⁹ como as mais modernas daquele estabelecimento. Outro armazém, fixado na Rua Direita n° 11, transmitia “aos curiosos que acaba de receber um sortimento completo de meias de seda para homem e senhora”.¹⁹⁰ A quantidade e a constância dos anúncios sobre a indumentária feminina – ora anunciada sozinha, ora mesclada com itens para os rapazes –, ao longo de toda a primeira metade do século, indicam que a disseminação dessa atividade por meio dos periódicos era deveras eficaz, mesmo em uma sociedade onde poucos tinham condições de ler.

No boletim semanal sobre modas, o colaborador de um jornal comunicava que à casa dos *Srs. Marcassus*, na Rua do Ouvidor n° 47, havia chegado lindíssimas fazendas pelos navios franceses *L'Actif* e *Le Héros*. Ali também residia “uma senhora ainda pouco conhecida e recentemente saída de uma das primeiras casas de modas de Paris, que merece toda a atenção das Senhoras que capricham em ter um chapéu no rigor da moda, da divina moda!”¹⁹¹ Os serviços prestados pela modista francesa – que não teve seu nome revelado no excerto –, cuja experiência consistia em compor os chapéus das damas abastadas para os mais sortidos

¹⁸⁹ AVISOS. *Gazeta do Rio de Janeiro*. 31 jan. 1821, n. 9, p. 4.

¹⁹⁰ AVISOS. *Gazeta do Rio de Janeiro*. 28 fev. 1818, n. 17, p. 4.

¹⁹¹ MODAS. *Correio das modas*. 16 fev. 1839, vol. I, ano I, n. 7, p. 4.

eventos sociais, ganhou centralidade neste anúncio dos *Srs. Marcassus*. Valorizar as novidades, as informações que apareciam semanalmente e ir “nos salões, nos concertos, nos teatros e nas modistas, só com o único intuito de acharem coisas que deleitem”,¹⁹² foram, portanto, propósitos dos redatores das colunas. Alguns escritores mais próximos das modistas, por exemplo, em troca de publicar seus endereços, costumavam perguntá-las se havia ou não mudanças expressivas que merecessem a atenção das donzelas. Em 1842, uma folha ponderava exatamente a falta de notícias: “Nem mesmo as modistas, amigas do bom, ao certo nos dizem o que é grande tom. Se vou consultá-las, respondem-me todas, que agora não temos preceito das modas”.¹⁹³ No entanto, na maior parte das vezes, as conversas com as modistas e uma olhada nas vitrines das lojas rendiam aos colunistas textos floreados sobre o que era moda no momento. Além de indicarem os profissionais aptos a criar belos trajés, os redatores destinavam seus escritos para uma parcela social e etária específica da sociedade: as senhoras e jovens *fashionables*. Traçar um perfil comum às destinatárias, de certa forma, presumia quem eram as apreciadoras das modas expostas e ainda justificava a necessidade de se publicar páginas de ensinamentos sobre a arte do bem vestir no Rio de Janeiro. Assim, esses boletins funcionaram como uma espécie de mediadores entre as modistas e as leitoras.

2.2. Cada modista em sua *boutique*

Antes do estabelecimento das modistas – chamadas *madames* ou *mademoiselles* – e da criação de um comércio europeu, o vestir das cariocas era regido por um certo orientalismo¹⁹⁴, tendo em conta o uso quase obrigatório da mantilha¹⁹⁵ nas raras vezes em que colocavam os pés na rua. Outro costume dos séculos passados era o de se cobrir com roupas mais leves e, dado que muito pouco saíam de casa, também pouco lhes era exigida a composição com

¹⁹² MODAS. *Correio das Modas*. 26 jan. 1839, vol. I, ano I, n. 4, p. 4.

¹⁹³ UM prefacio. *A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada*. 1º out. 1842, n. 72, p. 8.

¹⁹⁴ Gilberto Freyre destacou essa questão ao pontuar uma grande absorção dos orientalismos ao longo da história colonial do Brasil, sobretudo quanto ao uso de cores vivas nos trajés, tanto de homens como de mulheres e nos modos de pentear e adornar as senhoras. Cf. FREYRE, Gilberto. *Modos de homem e modas de mulher*. Rio de Janeiro: Record, 1997. p. 130. Para mais informações sobre o contributo dos comerciantes estrangeiros na “desorientalização” dos costumes no Rio de Janeiro de um modo geral e essa ideia de uma europeização a partir da chegada desses, ver: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *Literatura e sociedade no Rio de Janeiro oitocentista*. p. 33.

¹⁹⁵ Espécie de manto que usam no Porto, Coimbra e outras terras, cobrindo as mulheres da cabeça até pouco abaixo da cintura. Cf. SILVA, Antônio de Moraes. *Dicionário da Língua Portuguesa recompilado dos vocabularios impressos até agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, por Antonio de Moraes Silva*. Lisboa: Typografia Lacerdina, 1789. p. 263. Disponível em: http://200.144.255.59/catalogo_eletronico/imagemVerbete.asp?Verbete_Codigo=72321&Setor_Codigo=11. Acesso em: 28/06/2018.

accessórios. Isso demonstra a carência de relações com países como a França, por exemplo, já que lá a moda de incluir adereços nos trajes fazia parte da vida das francesas desde outrora. No Brasil, até a vinda da família real portuguesa e a abertura dos portos, a dinâmica era outra: poucas pessoas podiam ter acesso a artigos estrangeiros, inclusive roupas e tecidos, e a sofisticação na costura do vestuário das famílias era praticamente inexistente, em razão de as peças serem confeccionadas, em sua maioria, por escravas¹⁹⁶ no âmbito doméstico.

No Rio de Janeiro setecentista e até nos primeiros anos do Oitocentos, o comércio de vestimentas era incipiente e o grosso das negociações eram feitas da porta de casa para dentro. Artigos distintos e em quantidades generosas eram transportados pelo mascate – vendedor vindo do Oriente e da Europa¹⁹⁷ – até as residências abastadas. Esses mercadores aproveitavam-se do pouco contato das mulheres com a rua para mostrar-lhes tudo quanto fosse interessante, desde roupas até perfumes.¹⁹⁸ Elas, por sua vez, viam nessas visitas oportunidades para se distrair e estabelecer contato com pessoas diferentes. Ainda que tenham persistido os mascates a domicílio por anos após o estabelecimento das casas comerciais europeias nas vias centrais da cidade, essa prática foi, lentamente, perdendo seus atrativos, até porque era mais interessante e divertido sair para comprar. As senhoras e suas modas, inseridas nos eventos da alta sociedade da colônia portuguesa das Américas, puderam ser mostradas a um número maior de pessoas a partir do Oitocentos e daí, vieram as preocupações com o que vestir, o que conversar, como se comportar, etc. Logo, não era de se estranhar que as donzelas, na companhia de suas escravas ou familiares, visitassem lojas e de lá saíssem com os trajes a serem estreados na próxima ocasião especial.

A Rua do Ouvidor, brevemente enunciada no primeiro capítulo, transformou-se em endereço certo dos entendidos da moda. Era ali, com efeito, que o novo se mostrava: vitrines coloridas que estampavam utilidades importadas, transeuntes que circulavam procurando por novidades que lhes agradasse, senhoras que iam à *francesa* e homens que iam à *inglesa*.¹⁹⁹ Corpos em movimento pressupunha toda uma cidade que caminhava para a urbanização. Realizar os passeios às ruas de maneira civilizada era uma incumbência da gente que tinha acesso, dentre outras coisas, aos meios de instrução disponíveis. No ano de 1837, o jornal

¹⁹⁶ TOUSSAINT, Adele. *Apud* LEITE, Miriam Moreira. **A condição feminina no Rio de Janeiro**. p. 44.

¹⁹⁷ FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**. p. 140.

¹⁹⁸ Gilberto Freyre, sobre o comércio nas casas, relevou que de dentro dos baús dos mascates derramava-se muitos cetins, fitas, panos bonitos, frascos de cheiro, às vezes até vestidos já feitos. Eram verdadeiros momentos de distração nas casas tristonhas. Cf. FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**. p. 140.

¹⁹⁹ Nas palavras da historiadora Márcia Pinna Raspanti, em análise sobre a indumentária no Brasil do século XIX, “enquanto a moda feminina era dominada pelos franceses, a masculina tornou-se “inglesada”. Cf. RASPANTI, Márcia Pinna. **História do corpo no Brasil**. São Paulo: 1ª edição, Editora UNESP, 2011.p. 214.

cômico *A Mulher do Simplicio* dedicava algumas linhas para descrever os esplendores daquela via:

Como brilhante se acha estes dias a Rua do Ouvidor! Confeitarias armadas todas elas e festões mimosos, que agradam tanto os olhos curiosos, oferecendo estão cenas muito belas. Aos velhos, velhas, moços e donzelas, que aproveitando a noite e a clara lua, tem enchido em farranchos toda a rua [...] Vai-se, em seguida, vendo as bifarias das diferentes mil bijuterias, e coisas de valor que, limpamente, com as luzes tudo está resplandecente! Tudo é asseio, tudo nos provoca desejos de comprar. Aqui se toca um ou outro instrumento; ali se avista, aprontando chapéus, uma modista; esta no busto a touca está provando, aquela cose, e a outra já cortando o moderno vestido.²⁰⁰

Delineada e caracterizada pelos homens da época como um pedaço da Europa no Rio de Janeiro, a Ouvidor foi cenário essencial do mundanismo. No ano de 1840, a mesma redatora estabelecia com as seguintes palavras o comércio desta rua: “Enfim, minhas leitoras, havendo dinheiro, há tudo no belo Rio de Janeiro; que o francês mil vezes nos diz que pode chamar-se de *Pequena Paris*”.²⁰¹ Joaquim Manuel de Macedo, de forma criativa, atualizando a versão da invasão francesa em 1555,²⁰² anunciava que, “em 1822, uma dúzia de francesas sem espingardas, nem espadas, e apenas com tesoura e agulha fundaram suave e naturalmente, e sem oposição nem protestos, a *França Antártica* nesta província”.²⁰³ As similitudes entre a Paris europeia e o que viria a ser a Paris dos trópicos foram exaltadas em *Rosa* nos seguintes termos: “O Rio de Janeiro é a Paris das Américas”,²⁰⁴ afirmava o romancista em referência aos modelos franceses que eram apreciados e apropriados pelos cariocas.

Além de ter sido considerada um local interessante para a venda de modas, esta via era o ponto de encontro de homens letrados – principalmente na segunda metade do século – e palco prevaiente dos passeios das moças e senhoras. Em razão da chegada de renomados cabeleireiros, sapateiros, jornais, livrarias, confeitarias, cafés, casas de pasto e toda uma gama

²⁰⁰ A RUA do Ouvidor. *A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada*. 5 mar. 1837, n. 55, p. 9.

²⁰¹ OS HOMENS. *A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada*. 1º out. 1842, n. 72, p. 14.

²⁰² A historiadora Maria Fernanda Bicalho, em artigo sobre esta invasão francesa ao Rio de Janeiro, escreve: “Em novembro de 1555 três navios franceses sob o comando por Nicolas Durand de Villegagnon, nobre cavaleiro da Ordem de Malta, chegaram à Baía da Guanabara com o intuito de fundar uma colônia. Havia muito que embarcações francesas navegavam por aquelas bandas, realizando o escambo com as populações indígenas, embarcando para a Europa grandes quantidades de pau-brasil.” BICALHO, Maria Fernanda B. *A França Antártica, o curso, a conquista e a “peçonha luterana”*. Revista História, São Paulo, vol. 27, 2008, p. 32. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/his/v27n1/a04v27n1>. Transportando isso para o século XIX, Joaquim Manuel de Macedo relatava em suas memórias que as modistas, dessa vez sem espadas nem espingardas, fundariam, de novo, a França Antártica de 1555.

²⁰³ MACEDO, Joaquim Manuel de. *Memórias da Rua do Ouvidor*. p. 77.

²⁰⁴ MACEDO, Joaquim Manuel de. *Rosa*. p. 61.

de espaços propícios para o convívio social, as ruas centrais foram sendo recheadas de transeuntes, fregueses e curiosos. Um periódico feminino, em 1837, estampava essa condição: “Há tanta confusão, há tanta gente, que passear não se pode francamente; para ver tantas coisas, há senhora que leva em cada porta meia hora”.²⁰⁵ A fama da Rua do Ouvidor logo atingiu toda a população e, talvez por esses motivos apontados, ela tenha ganhado uma atenção diferenciada nos discursos sobre o comércio e a vida social.

Outros dois locais preponderantes para se pensar a atividade de modistas e casas de modas foram as ruas dos Ourives e da Ajuda. A primeira, travessa da Ouvidor, conquistou grande prestígio logo da chegada de Dom João VI ao Brasil. Nos primeiros anos do século XIX, o lugar foi sendo ocupado por ourives e joalheiros vindos de diversas partes do mundo: das 78 casas de ourives existentes em 1846, apenas 12 não estavam localizadas naquela via, que se tornou uma das mais movimentadas da época.²⁰⁶ Acredita-se que, pela proximidade com a Rua do Ouvidor, algumas modistas também tenham se estabelecido de modo expressivo pela Rua dos Ourives. Em 1819, por exemplo, a *Gazeta do Rio de Janeiro* noticiou um dos primeiros armazéns de roupas da cidade carioca, pertencente a uma francesa que residia e atendia no número 65 daquela via;²⁰⁷ quase duas décadas mais tarde, em 1837, quem anunciou estar de mudança para a mesma foi *Madame Lumeau*, mais especificamente no 1º andar da casa número 20;²⁰⁸ em 1844, a francesa *Madame Eugene Cassemajou* também se instalou na Rua dos Ourives, até se mudar um ano depois para a cobiçada Rua do Ouvidor²⁰⁹. Mudanças constantes de moradia por parte dessas estrangeiras foi um tendência que se verificou durante toda a primeira metade do Oitocentos. O trajeto habitual era deslocar-se de alguma rua para a Ouvidor, como fez *Madame Cassemajou*. Ademais, fosse para lá ou para qualquer outro ponto do comércio fluminense, quase todas as modistas aqui consultadas, em algum momento de suas estadias na capital, anunciaram que haviam mudado para melhor atender sua clientela. A Rua da Ajuda, mesmo ficando atrás em popularidade em relação as duas primeiras, era citada em alguns anúncios de casas de modas. Para se ter uma ideia, uma dezena de modistas, entre elas *Madame Aurora*, *Madame Breton*, *Madame Coulon*, *Madame Frederic*, *Madame Lavessière*, *Madame Lenoir* e *Madame Morel*, informaram que estavam trabalhando naquela via.

²⁰⁵ A RUA do Ouvidor. *A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada*. 5 mar. 1837, n. 55, p. 11.

²⁰⁶ GERSON, Brasil. *História das Ruas do Rio de Janeiro*. p. 88.

²⁰⁷ AVISOS. *Gazeta do Rio de Janeiro*. 10 mar. 1819, n 20, p. 4.

²⁰⁸ ANNUNCIOS. *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro: Tipografia Pierre Plancher, 1º fev. 1837, n. 25, p. 4.

²⁰⁹ ANNUNCIOS. *Jornal do Commercio*. 6 dez. 1844, n. 324, p. 4.

Na tentativa de resumir o prestígio das madames francesas no Rio de Janeiro, o escritor do jornal *O Simplicio* publicou uma pequena historieta envolvendo um rapaz e uma menina que estavam para se casar. Segundo o impresso, às vésperas do esperado dia “veio o rico vestido, que a todos agradou, menos à menina; porque ouvindo dizer que fora feito por uma patricia, derramou copiosas lágrimas gritando em altas vozes – *Não quero vestidos sem serem feitos por modistas francesas!*”²¹⁰ Encomendar trajes nos ateliês franceses era tão corriqueiro que nenhuma senhora elegante, a partir de 1822, foi vista nos bailes, saraus, casamentos e batizados, sem vestido cortado e feito pelas mãos das modistas.²¹¹ Desse modo, a indumentária das cariocas, gradativamente, adquiriu feições afrancesadas. Era a ascensão do reinado da Moda de Paris,²¹² ou melhor, de cores, tecidos, chapéus, leques, luvas e joias da França. Macedo, ao descrever alguns aspectos das modas de uma personagem sua em um sarau, acentuava a simplicidade com que esta vinha trajada, pois “enquanto as outras moças haviam esgotado a paciência de seus cabeleireiros, posto em tributo toda a habilidade das modistas da Rua do Ouvidor e coberto seus colos com as mais ricas e preciosas joias”,²¹³ Carolina optou por não ostentar vestes e penteados luxuosos. No entanto, a maioria das donzelas ao receberem convites semelhantes, logo recorriam aos profissionais indicados para que cuidassem de suas arrumações e vestimentas. Assim, as modistas e suas novas propostas de bem trajar proporcionaram experiências inéditas de beleza e bom gosto às damas do Rio de Janeiro. O vestir, aos poucos, deixava de ser um hábito comezinho para tornar-se uma arte fundamental do ver e do ser vista.

Introduzidos os novos serviços e mercadorias europeias na capital brasileira, Joaquim Manuel de Macedo, em sua minuciosa memória sobre esta concorrida rua central que era a Ouvidor, explicava que “as francesas eram modistas; falava-se com louvor de uma ou de outra, elas, porém, viviam separadas, não tinham autonomia, eram elementos dispersos, emigrantes de Paris, sem colônia organizada”,²¹⁴ eram parisienses longe dos esplendores de Paris. Nos primeiros momentos do século, os trabalhos dessas figuras estiveram espalhados pela cidade e cada uma das modistas atendiam em suas casas por conta própria, ou, em algumas situações específicas, atuavam junto aos demais comerciantes franceses. *Madame Valais*, por exemplo, anunciou nos meados de 1835 que havia iniciado seus serviços na mesma casa onde funcionava uma alfaiataria. Todavia, para melhor atender sua freguesia, ela

²¹⁰ LUXOS e modas. *O Simplicio*. 31 out. 1831, n. 8, p. 54.

²¹¹ MACEDO, Joaquim Manuel de. *Memórias da Rua do Ouvidor*. p. 76.

²¹² MACEDO, Joaquim Manuel de. *Memórias da Rua do Ouvidor*. p. 76.

²¹³ MACEDO, Joaquim Manuel de. *A moreninha*. p. 102.

²¹⁴ MACEDO, Joaquim Manuel de. *Memórias da Rua do Ouvidor*. p. 70.

aproveitava para avisar a todos os interessados “que tem estabelecido e aumentado o seu armazém de modista no 1º andar por cima da mesma loja, onde todas as senhoras poderão encontrar o melhor cômodo possível, por haver proporções para isso”.²¹⁵ Outra parceira divulgada nos jornais da época foi da modista *Eugene Cassemajou* com seu suposto marido,²¹⁶ um oficial de cabeleireiro. O casal concentrava em uma casa duas especialidades diferentes: a feitura de adereços para os cabelos – chapéus e toucas – e também cortes e penteados de senhoras e homens. A ideia de unir dois tipos de serviços de modas era, em alguns casos, até mais lucrativo; ou seja, por oferecer uma maior variedade de trabalhos, esses ambientes acabavam atraindo, além das mulheres, os mancebos e senhores que necessitavam cortar os cabelos, fazer a barba ou mandar cortar uma camisa. Agregar dois ramos da moda em um único estabelecimento parecia ser uma saída interessante para conquistar um rol maior de clientes. Quanto ao grosso das modistas, no entanto, o mais comum era cada uma em sua *boutique*, e, às vezes, o emprego de algumas ajudantes e aprendizes costureiras. Nesse cenário, como é possível constatar no quadro abaixo, as madames que se anunciavam como francesas²¹⁷ foram proeminentes na capital brasileira oitocentista:

Quadro 1. Modistas no Rio de Janeiro por país de origem

Nacionalidade	Quantidade
francesa	58
portuguesa	1
belga	1
inglesa	3
brasileira	1
não mencionado	31

Fonte: Anúncios de modistas publicados no *Jornal do Commercio*, *Gazeta do Rio de Janeiro* e *Diario do Rio de Janeiro* entre 1815 e 1850

²¹⁵ ANNUNCIOS. *Jornal do Commercio*. 20 mai. 1835, n. 111, p. 4.

²¹⁶ *Madame Eugene Cassemajou* anunciou sua chegada ao Rio de Janeiro em 1844, bem como seu estabelecimento de modas na Rua dos Ourives, nº 73. Em finais de 1845, a modista mudou-se para a Rua do Ouvidor nº 54 e a partir de então, seus anúncios começaram a informar da presença de um cabeleireiro que assinava o mesmo sobrenome da francesa e trabalhava na mesma casa.

²¹⁷ Embora as modistas se apresentassem como francesas e se utilizassem de nomes e sobrenomes próprios desse país, é difícil dimensionar até que ponto elas vinham, de fato, da França; ou, por outro lado, apenas se apropriavam dessa condição para atrair as damas da alta sociedade. Por isso, nos limites da dissertação, pontuamos que as nacionalidades anunciadas nos jornais nem sempre poderiam ser verdadeiras.

Quadro 2. Principais conteúdos dos anúncios de modistas

	Chegada da modista/ abertura da casa	Novas mercadorias e serviços	Mudança de endereço	À procura de costureiras
1815-1820	4	5	2	–
1821-1830	7	8	7	1
1831-1840	80	94	22	11
1841-1850	36	179	46	25

Fonte: Anúncios de modistas publicados no *Jornal do Commercio*, *Gazeta do Rio de Janeiro* e *Diario do Rio de Janeiro* entre 1815 e 1850

Adentrando um pouco mais nos trabalhos de feitura dos trajés, a propósito, verifica-se o emprego das costureiras escravas²¹⁸ nas oficinas especializadas. É notória a quantidade de anúncios oferecendo negras para serem alugadas nas casas de modistas e/ou das próprias profissionais procurando por aprendizes ou mulheres, mucamas em sua maioria, para ajudá-las nas costuras. Se antes os serviços de tesoura e agulha eram todos feitos em casa, a partir da criação de locais voltados para a criação de modas, as escravas que dominavam esse ofício começaram a ser empregadas nas *boutiques* como aprendizes ou hábeis costureiras. Enviados aos jornais diariamente, os avisos ofereciam os préstimos de costura das escravas habilidosas a quem necessitasse adquirí-los. O *Jornal do Commercio*, a esse respeito, anunciava a tentativa de alugar, na rua da Ajuda nº 43, “uma escrava para qualquer casa de modista francesa; ela faz toda a qualidade de guarnições e costuras, porque há mais de oito anos que trabalha em casa de modistas e não se duvida dá-la a contento”;²¹⁹ ou mesmo, o aluguel de “uma preta perfeita costureira, preferindo-se casa de senhora modista de vestidos [...] sendo seu aluguel 14\$000 mensais; não tem vício algum e é muito fiel”.²²⁰ Assim, possuir uma escrava de aluguel com conhecimento na confecção de roupas luxuosas era um diferencial que não podia deixar de ser mencionado nos avisos. No ano de 1842, a seguinte nota colocava a disposição uma rapariga que dominava a arte de “cortar e fazer costuras tanto para senhoras, como para homem”,²²¹ e, além disso, tinha bastante prática com as modas francesas. Em

²¹⁸ Pelo que foi possível observar nos anúncios, o preço de uma boa costureira escrava – fosse para as modistas ou para as casas brasileiras – poderia chegar aos 800\$000 réis. Suas idades variavam muito, pois encontramos avisos que alugavam meninas de apenas 7 anos com habilidades de costura, e outros oferecendo mucamas costureiras de 30 anos. Além da costura, elas, geralmente, sabiam lavar, passar, engomar, limpar, cozinhar, pentear e vestir crianças e senhoras.

²¹⁹ ANNUNCIOS. *Jornal do Commercio*. 18 nov. 1834, n. 259, p. 4.

²²⁰ ANNUNCIOS. *Jornal do Commercio*. 25 out. 1839, n. 255, p. 4.

²²¹ ANNUNCIOS. *Jornal do Commercio*. 16 jun. 1842, n. 159, p. 4.

poucas palavras, um outro informe comunicava que “se alguma senhora modista precisar de uma costureira que entenda de vestidos, queira anunciar por esta folha para ser procurada”.²²² Algumas até diziam “falar muito bem o francês”²²³ para serem admitidas rapidamente. Alugar ou mesmo vender as escravas que sabiam costurar para as madames ou casas de família parecia ser um negócio habitual e lucrativo, tendo em vista a quantidade de anúncios dessa natureza nos periódicos cariocas do Oitocentos.

Quadro 3. Anúncios de venda e aluguel de costureiras escravas²²⁴

Ano	Quantidade
1815-1820	17
1821-1830	344
1831-1840	1629
1841-1850	2911

Fonte: Anúncios de venda e aluguel dos jornais *Gazeta do Rio de Janeiro*, *Diário do Rio de Janeiro* e *Jornal do Commercio* que continham a expressão “costureira escrava”

Do mesmo modo, as francesas donas dos ateliês, apesar da aparente suntuosidade de seus espaços, não dispensavam os préstimos de origem africana.²²⁵ Para além das modistas, outros artífices europeus utilizavam-se da mão-de-obra escrava envolvendo os negros e mulatos nesse artesanato mais requintado.²²⁶ Em relação aos serviços de cuidados com a beleza, haviam os escravos oficiais de sapateiros, barbeiros, cabeleireiros e alfaiates. A maior parte desses profissionais, inclusive as pretas de aluguel dedicadas ao ofício do vestir, procuravam adquirir experiência suficiente com as modistas para, mais tarde, serem admitidas em casas brasileiras, ou mesmo para continuarem vivendo e trabalhando longe das vistas de seus donos. Ali, aprendiam o francês, um pouco de etiqueta e, claro, se aprimoravam no ofício da costura. De todas as modistas elencadas nessa pesquisa, a grande maioria, em algum momento de sua passagem pelo Rio de Janeiro, anunciaram que necessitavam dos serviços de ajudantes. A *Sra. Hortencia Blondelu*, a esse respeito, notificou que precisava “de boas

²²² ANNUNCIOS. *Jornal do Commercio*. 21 jun. 1837, n. 135, p. 4.

²²³ ANNUNCIOS. *Jornal do Commercio*. 22 mar. 1837, n. 66, p. 4.

²²⁴ Importante apontar que o quadro traz um número geral dos avisos desse gênero: das escravas que tinham preferência pelas modistas, das que diziam querer trabalhar em casas de família, e de outras que não apontavam predileções.

²²⁵ MOTT, Maria Lúcia de Barros. **Mme. Durocher, modista e parteira**. In: *Revista Estudos Feministas*, vol. 2, n. 3, 1994. p. 101.

²²⁶ ALGRANTI, Leila Mezan. **O feitor ausente**. p. 91.

costureiras e também de uma menina para se ensinar o ofício de modista”.²²⁷ A preferência por mulheres “de cor ou pretas” era uma constante nesses textos: “Na Rua do Ouvidor nº 100 precisa-se de uma menina de cor ou preta para aprender a costurar em casa de modista”,²²⁸ e haviam as senhoras modistas que se propunham a “ensinar alguma negrinha a costurar”.²²⁹ Neste século, os trabalhos de agulha disponíveis às escravas que tinham habilidades foram se tornando cada vez mais sofisticados.

Se os serviços concernentes ao feitiço das roupas ganharam emergência no cotidiano da gente oitocentista, os modos de cuidar das peças também entraram em cena com as ofertas, por exemplo, de lavagem²³⁰ de vestidos e meias finas. Acerca da conservação das vestimentas no momento da lavagem, um aviso de 1818 dizia que “na Rua das Violas nº 11, segundo andar, se lavam meias de seda, que ficam como novas, e se faz tudo o que conserva a roupa fina”.²³¹ Anos depois, seguindo essa mesma linha, uma notificação previnha que “na rua do Sabão da Quitanda nº 25, há quem lave filós, meias de seda e rendas de filó, tornando tudo à maior perfeição; quem tiver fazendas dessa qualidade, dirija-se à dita casa”,²³² garantindo que, se não saíssem como novas após o serviço o cliente não teria custo algum. As lavagens de vestidos e adornos surgiu para aqueles que precisavam conservar por mais tempo suas peças. O tratamento dado à roupa após o uso, assim como o fabrico, passou por um processo de profissionalização importado da Europa. Protagonistas no mundo da moda oitocentista, algumas modistas se aprofundaram nos cuidados com as vestimentas depois de serem usadas nos eventos da cidade fluminense. *Madame R. Pelvilain* – cuja nacionalidade desconhecemos – prevenia lavar, na Rua de Santo Antonio nº 19, “toda a qualidade de roupa fina de senhoras, como rendas, camisinhas, lenços bordados, etc; assim como arma e põe como novas as toucas usadas”.²³³ Outra modista, *Madame Richelandet*, com loja fixa em um bazar da cidade, admitia fazer, lavar e enfeitar à moda “chapéus de palha [...] por preços módicos”.²³⁴ Assim, a partir da criação de serviços relacionados a um melhor aproveitamento dos trajes, a boa gente

²²⁷ ANNUNCIOS. *Jornal do Commercio*. 5 fev. 1830, n. 29a, p. 4.

²²⁸ ANNUNCIOS. *Jornal do Commercio*. 21 abr. 1849, n. 110, p. 4.

²²⁹ VENDAS. *Diário do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tipografia do Diário, 27 jul. 1843, n. 164, p. 4.

²³⁰ Segundo a historiadora Maria Beatriz Nizza da Silva, “o aumento da população e a presença de muitos estrangeiros nesta cidade deram origem a uma nova profissão lucrativa: a lavagem de roupas. Brancas dedicavam-se a este negócio com as suas escravas, ou então alugando a mão-de-obra necessária.” Cf. SILVA, Maria Beatriz Nizza da Silva. **Donas e plebeias na sociedade colonial**. p. 182. Sobre essa tópica, também Mariana Tavares Rodrigues assinalou que “um vestido usado em um baile, cujas saias atravessavam aleias, subiam carruagens, lambiam o chão das escadas, varriam os salões em quadrilhas e valsas, era certamente um um vestido sujo. E sua limpeza exigia um cuidado adicional por se tratarem de tecidos finos, rendas, bordados.” Cf. RODRIGUES, Mariana Christina de Faria Tavares Rodrigues. **Mancebos e Mocinhas**. pp. 86-87.

²³¹ AVISOS. *Gazeta do Rio de Janeiro*. 24 out. 1818, n. 85, p. 4.

²³² AVISOS. *Gazeta do Rio de Janeiro*. 15 jul. 1820, n. 57, p. 4.

²³³ ANNUNCIOS. *Jornal do Commercio*. 30 set. 1845, n. 266, p. 4.

²³⁴ ANNUNCIOS. *Jornal do Commercio*. 18 set. 1846, n. 259, p. 4.

usufrua do trabalho estrangeiro no momento da compra, e, posteriormente, para prolongar a vida útil do vestuário.

Entendidas tanto da lavagem, quanto da costura e comercialização das modas, as madames não restringiam seus trabalhos a uma parte delimitada da indumentária, pois prometiam executar “tudo o que pertence ao ornamento de uma senhora”.²³⁵ Claro que haviam modistas que eram mais consagradas por fazer lindos chapéus aos moldes de Paris, outras por vender ricos enfeites e acessórios para os vestidos já prontos e, ainda, aquelas que se dedicavam ao feitiço dos trajes propriamente. O primeiro jornal oficial do Brasil a contar com uma seção de *Avisos* confirmava a chegada de algumas mercadorias estrangeiras ao armazém de *M. Imbert*, como “sedas para vestidos de senhora, leques ricos, e perfumes, fitas de todas as qualidades, vestidos bordados de prata muito ricos, sapatos envernizados para homem e senhora”²³⁶, sem contar os ricos chapéus e toucas vindos diretamente do armazém de *Madame Mure* que, segundo os anunciantes, era a primeira modista de Paris. Esmiuçando o anúncio, identificamos certa predominância dos artigos relacionados ao vestuário feminino, bem como a referência de uma profissional em Paris que fazia e adornava chapéus femininos. No Rio de Janeiro deste tempo, uma das primeiras a ser reconhecida pelo público foi *Madame Josefina* – modista francesa que atendia na Rua do Ouvidor, mas principalmente costureira, por excelência, da primeira Imperatriz²³⁷ D. Leopoldina. Tal fato, é consenso, dava-lhe um prestígio extra no quesito das modas, pois era natural naquela época que todas as mulheres quisessem ter como modista aquela que vestia a Imperatriz do Brasil. No ano de 1820, em meio a um rol de comerciantes e casas de modas apresentadas, *Josefina Meunier* dizia ter recebido outro

grande sortimento de fazendas francesas, do melhor gosto e da última moda, como sedas, vestidos de senhora ricos bordados de ouro, de prata, de pérolas, de seda, e outros de várias sortes, corpinhos de caça bordados, tiras bordadas, cambraia muito fina, lenços de cambraia bordados e lisos, lenços e xales de lã fingindo os de camelo, lenços e xales de seda, meias de seda de todas as sortes, luvas, sapatos, leques, perfumes, assim como chapéus e toucas feitas em Paris.²³⁸

Merece atenção a enorme lista de adornos e os diferentes tecidos usados em suas confecções. Analisemos os lenços destacados por *Josefina*: havia os de cambraia com bordados; de cambraia lisos; fingindo lã de camelo; e os de seda. Essa variedade pode ser

²³⁵ ANNUNCIOS. *Jornal do Commercio*. 22 ago. 1839, n. 192, p. 4.

²³⁶ AVISOS. *Gazeta do Rio de Janeiro*. 1º mar. 1820, n. 18, p. 4.

²³⁷ MACEDO, Joaquim Manuel de. *Memórias da Rua do Ouvidor*. p. 104.

²³⁸ AVISOS. *Gazeta do Rio de Janeiro*. 29 abr. 1820, n. 35, p. 4.

notada novamente nos vestidos: tinham os bordados de ouro; de prata; de pérolas; e de seda. As senhoras e senhoritas, ao entrarem no ateliê de *Josefina*, viam-se desejosas de possuir tudo aquilo, diante das infinitas possibilidades de compor um traje para todos os gostos, ocasiões e preços. A modista em questão, muito provavelmente, por ter sido a primeira a desembarcar em terras cariocas, tornou-se matriarca²³⁹ de uma atividade que conquistou o coração e atingiu o bolso das famílias mais elegantes. Com casa localizada na Rua do Ouvidor, *Josefina* não poupou esforços para atender as damas da boa sociedade, proporcionando-lhes novas experimentações de beleza. Todavia, após incessantes anos de trabalho com o vestir do *belo sexo* e de posse das economias que havia feito, a modista deixou a cidade para passar o resto de seus dias em seu país de origem.²⁴⁰ Não há informações precisas sobre o ano em que *Josefina* retornou à Europa e nem os porquês de tal decisão.

Algumas madames e *mademoiselles*, intencionando dar conta de todos os encargos desse ofício, se prontificavam a fazer enxovais de nascimento e casamento, roupas infantis, e até fantasias para bailes. Essa nota não assinada informava aos leitores que

a casa de *Madame Barrat*, modista de S. M. a Imperatriz, tem sido visitada nos últimos dias por grande concurso de pessoas, atraídas pela curiosidade de ver o enxoval que lhe foi encomendado para S. A. o príncipe ou princesa Imperial. Longo fora enumerar as peças de que se compõe o enxoval: limitamo-nos a dizer que tudo quanto a elegância e a suntuosidade podem imaginar se encontrar nessa profusão de finíssimos bordados, cambraias e rendas conhecidas pelo nome de Malines, Valenciennes, Point d'Angleterre, etc. De cada objeto contão-se doze duzias, e todos estes variados em forma e dimensão: em todos brilha o reconhecido bom gosto que preside a tudo quanto sai das oficinas de *Mme. Barrat*.²⁴¹

Acontecimentos mais específicos – como a produção do enxoval do filho do Imperador Pedro II – faziam com que as pessoas, movidas pela curiosidade, lotassem as lojas em busca de informações sobre as peças. Quanto aos enxovais de casamento, no ano de 1827, a página de avisos do *Diario do Rio de Janeiro* estampava que “uma francesa costureira modista, moradora na Rua da Alfândega nº 329, faz muito em conta vestidos, chapéus, toucados, turbantes, enxovais de casamento, de meninos, e tudo o que pertence à costura de senhoras”.²⁴² Famosa comerciante da Rua da Ajuda, a já referida *Madame Frederic* prometia criar sob medida vestidos de casamento, tanto para as convidadas quanto para a noiva. A respeito dos batizados, algumas modistas se empenhavam em fazer os trajes para a criança,

²³⁹ MACEDO, Joaquim Manuel de. **Memórias da Rua do Ouvidor**. p. 105.

²⁴⁰ MACEDO, Joaquim Manuel de. **Memórias da Rua do Ouvidor**. p. 105.

²⁴¹ ANNUNCIOS. **Jornal do Commercio**. 9 fev. 1845, n. 39, p. 4.

²⁴² VENDAS. **Diario do Rio de Janeiro**. 23 jan. 1827, n. 17, p. 4.

para a mãe e também para os familiares. Citada anteriormente em outras especialidades, *Madame Eugene Cassemajou* dava notícias dos “vestidos de batizados com toucas, por 6\$000 a 20\$000, tudo do último gosto”,²⁴³ e no ateliê da francesa *Richelandet* havia para comprar prontos “turbantes e vestidos para batizados”²⁴⁴ de um sortimento chegado da França no ano de 1846. Quem pretendesse e precisasse adquirir tais serviços bastava se dirigir à Rua dos Ourives nº 73 e do Ouvidor nº 60, respectivamente. Respaladas nas exigências de suas clientes e em algumas datas especiais, as madames criavam peças exclusivas, com variações nos detalhes e adornos propagandeados pelos impressos. O intuito era que conseguissem reproduzir com perfeição as estampas coloridas²⁴⁵ que vinham direto de Paris para os jornais femininos. No ano de 1841, o jornal *A Mulher do Simplicio* recomendava às suas leitoras que “quem dos moldes quiser ter certeza, procure a modista que dê mais na vista, quer patricia, quer mesmo francesa”.²⁴⁶ Alguns redatores dos periódicos voltados para a moda trabalhavam a favor desses serviços: elogiando armazéns, anunciando modistas, listando os melhores estabelecimentos de fazendas, comunicando sobre a chegada de cabeleireiros e, principalmente, convencendo suas leitoras de que tudo aquilo era necessário.

Madame Gudin – dona de uma fábrica de coletes na Ouvidor – atendia todas as senhoras que fizessem gosto em encomendar tais peças dos mais variados estilos, tecidos e cores. Em março de 1849, *Gudin* havia recebido “da França um novo sortimento de coletes para senhora, de todas as qualidades e feitios: à preguiçosa, à polka, à barbatana de puxar, sem costura nenhuma, de outros feitios”,²⁴⁷ e a preços muito cômodos. Além dos coletes, a francesa também sabia elaborar belos vestidos de sair para senhoras e moças, concorrendo diretamente com a pioneira *Madame Josefina*. Nos finais de 1850, foi publicada uma nota sobre uma grande encomenda feita à *Madame Gudin* pelo teatro de São Pedro que não havia sido paga até aquele momento. Nessa circunstância, o *Jornal do Commercio* publicou a seguinte nota:

houve quem lhe aconselhasse que para vencer a má vontade dessa administração, usando da estratégia de alguns artistas, retivesse algum trabalho que lhe fosse por ela encomendado e declarasse que não o entregaria se não fosse paga. Essa senhora assim fez... Podia fazê-lo?

²⁴³ ANNUNCIOS. *Jornal do Commercio*. 22 dez. 1844, n. 340, p. 4.

²⁴⁴ ANNUNCIOS. *Jornal do Commercio*. 18 set. 1846, n. 259, p. 4.

²⁴⁵ RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. *A cidade e a moda*. p. 53. Nesse recorte temporal, o único jornal de modas encontrado que continha gravuras dos figurinos era o *Correio das Modas*. Convém dizer que essas imagens serão melhor apresentadas e exploradas na segunda parte do trabalho.

²⁴⁶ MODAS. *A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada*. 23 dez. 1841, n. 71, p. 15.

²⁴⁷ ANNUNCIOS. *Jornal do Commercio*. 21 mar. 1849, n. 80, p. 4.

Ninguém a contestará. Não era porém esse proceder muito delicado com o devedor; mas ninguém dirá que esse devedor não o merecesse.²⁴⁸

Infelizmente, as dívidas contraídas com modistas e outros serviços de modas não foram exceções no Rio de Janeiro. Cotidianamente, o *Jornal do Commercio* notificava os devedores a comparecerem nos ateliês para quitarem seus gastos. *Madame Petit* utilizou-se do impresso em 1847 para rogar a todas as pessoas “que lhes são devedoras a satisfazê-la até o fim deste mês”.²⁴⁹ Em geral, as cobranças expostas nos periódicos vinham à público quando as modistas pretendiam fechar suas casas ou partir da cidade definitivamente. Embora os nomes dos devedores, até 1850, não tenham sido listados nos comunicados, algumas profissionais, cansadas de esperar pelo pagamento, prometiam denominar em número oportuno todos aqueles que insistissem na dívida. À medida em que ter uma vestimenta importada e do último gosto passou a fazer parte das necessidades da boa gente carioca, os gastos e, até mesmo o endividamento, tornaram-se maiores e mais frequentes, como será explorado ainda neste capítulo.

2.3. Da cabeça aos pés: o novo que se vendia

Pelas mãos das modistas e dos demais assistentes da beleza, uma infinidade de enfeites e serviços foram sendo introjetados no cotidiano das senhoras, vestindo-as da cabeça até os pés. Nos passeios diurnos femininos e masculinos, por exemplo, um primeiro adorno que ganhou em variedade, e que, progressivamente, tornou-se obrigatório nas ruas foram os chapéus.²⁵⁰ Em 1820, a *Gazeta do Rio de Janeiro* esclarecia aos seus leitores que “em casa de *Madame Ablon*, Rua do Ouvidor nº 19, acha-se um grande sortimento de chapéus de palha d’Itália, brancos e pretos da primeira qualidade, e também os chapéus de uma nova fazenda chamada garça metálica”.²⁵¹ Feitos de palha e encapados com seda ou cetim, tais adereços serviam para dar delicadeza às vestimentas das senhoritas, protegendo-as do calor típico das tardes fluminense. *Madame Eliza*²⁵² consagrou-se como uma das modistas mais citadas pelos escritos oitocentistas na área dos enfeites ou mesmo do fabrico dos chapéus. O periódico *A*

²⁴⁸ ANNUNCIOS. *Jornal do Commercio*. 15 dez. 1850, n. 343, p. 4.

²⁴⁹ ANNUNCIOS. *Jornal do Commercio*. 22 jul. 1847, n. 201, p. 4.

²⁵⁰ PRIORE, Mary del; AMANTINO, Márcia (orgs). *História do corpo no Brasil*. p. 215.

²⁵¹ AVISOS. *Gazeta do Rio de Janeiro*. 29 nov. 1820, n. 96, p. 4.

²⁵² *Madame Eliza e Madame Seurat*, em momentos distintos, atuaram na mesma casa, na Rua do Ouvidor nº 114. Quando a segunda se mudou para o nº 55, a primeira começou a atender ali. Aqui temos mais um exemplo da constante mudança de endereço dessas madames, já reportada em momentos anteriores.

Fig. 7. Anúncio sobre a lavagem dos chapéus



Fonte: VENDAS. *Diário do Rio de Janeiro*, 1850, n. 8559, p. 4.

As publicações destacadas indicam os três tipos primordiais de serviços existentes no Rio de Janeiro que tinham os chapéus como protagonistas: o primeiro comunicava a venda de um rico sortimento de chapéus prontos e da feitura de outros tipos à medida das clientes; o segundo aviso, por sua vez, apresentava uma fábrica de chapéus de sol que produzia as peças em tamanhos e qualidades diversas; e por fim, o anúncio mais abaixo fazia referência à lavagem e aos cuidados e conservação dos mesmos. De todas os tipos de serviços consultados nesse estudo, o mais recorrente nas oficinas das modistas era a confecção e a venda dos chapéus.²⁵⁶ Praticamente todas as casas de modas daquele tempo tinham para oferecer ao público grandes sortimentos de modas para a cabeça, fossem chapéus, toucas, turbantes ou sombrinhas chegados diretamente da Itália e da França. E das profissionais que cuidavam dos adereços de cabeça, as mais noticiadas na primeira metade do Oitocentos foram: *Madame Marechal*, *Madame Breton*, *Madame Tholozan*, *Madame Morel*, *Madame Seurat*, *Mademoiselle Pian*, *Madame A. Dantigny*, *Madame Tracol*, *Eugene Cassemajou* e *Madame Lavessiere*. A primeira contagem de casas comerciais veiculada pelo almanaque dos irmãos Henrique e Eduardo *Laemmert*, e vinda a público no ano de 1859, informava, a esse respeito, que haviam, até aquele momento, 6 lojas de chapéus de sol e 14 de chapéus femininos e

²⁵⁶ Das noventa e oito modistas consultadas nessa pesquisa, cinquenta e quatro diziam fazer, vender, lavar ou consertar os chapéus de senhoras.

masculinos no Rio de Janeiro.²⁵⁷ Sem contar as 150 lojas de fazendas e as 20 de modas que, em menores quantidades, comercializavam chapéus para senhoras. Devido a criação de lugares para conserto, venda e confecção desses componentes vestimentários, as mulheres que passeavam pelas ruas começaram a exibir em suas cabeças novas cores, texturas e estampas.

Malgrado tenham sido figuras imprescindíveis, a composição completa do vestir-se nessa primeira metade do Oitocentos ia além das modistas e suas costureiras. Outros profissionais da beleza, como cabeleireiros, sapateiros e donos de boticas, cumpriram papéis similares, inclusive no trajar das senhoras. A arrumação dos cabelos, por exemplo, era imprescindível nos eventos sociais ou festividades. As funções desempenhadas pelos chamados “mestres cabeleireiros” eram tão cruciais quanto das próprias modistas, uma vez que, para o código da época, de pouco valia um vestido composto no rigor da moda se o *belo sexo* não se preocupasse com o cuidado, atavio e penteado de seus cabelos. Uma personagem de Macedo destacava o itinerário de outra personagem, a jovem Honorina, para uma noite de sarau na cidade nos seguintes termos: “Temos ainda tempo de sobra para tudo, pois, às cinco horas chega o cabeleireiro, às seis estará penteada, às sete vestida, e em uma hora poderá chegar à corte”.²⁵⁸ O cronograma das moças nos momentos celebrativos incluía algumas horas para a execução de lindos e singelos penteados. Já em 1816, *Girard*, cabeleireiro francês que trabalhava para D. Carlota Joaquina, notificava que

penteia as senhoras na última moda de Paris e de Londres; corta o cabelo aos homens e as senhoras; faz cabeleiras de homens e senhoras, e tudo o que consiste na sua Arte; tingem com os pós de *George* na última perfeição os cabelos, as sobranceiras, e as suíças, sem causar dano algum à pele nem à roupa; e tem uma pomada, que faz crescer e aumentar o cabelo; água maravilhosa da *Madame Martin de Paris*, para fazer a pele da cara branca. Assiste na Rua do Rosário nº 11, do lado esquerdo na casa de pasto.²⁵⁹

A assistência oferecida pelos primeiros cabeleireiros estrangeiros que desembarcaram na capital fluminense não se circunscreveu tão somente em cortar e pentear as belas madeixas das donzelas. Eles encarregavam-se de comercializar diversos cosméticos e pomadas milagrosas, além de diferentes tipos de pós e águas para preparar a pele. Um ano depois de *Girard*, apareceu outro parisiense anunciando seus préstimos às leitoras:

²⁵⁷ ALMANAK ADMINISTRATIVO, MERCANTIL E INDUSTRIAL DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro: Tipografia dos Irmãos Laemmert, 1859, n. 16, p. 182.

²⁵⁸ MACEDO, Joaquim Manuel de. *O moço loiro*. p. 120.

²⁵⁹ AVISOS. *Gazeta do Rio de Janeiro*. 2 mar. 1816, n. 18, p. 4.

Catelineau, cabeleireiro de homens e senhoras e a sua consorte modista, ambos chegados de Paris, anunciam ao público que abriram loja na Rua do Rosário nº 34, onde se acham chapéus e todos os mais objetos necessários para enfeite das senhoras, composto tudo segundo o gosto mais moderno, toda a sorte de perfumes em essências, águas e pomadas das melhores fábricas da França, oferece na sua loja todos os cômodos necessários e decentes para as pessoas que nela quiserem pentear ou cortar os cabelos, assim como um sortimento de flores de todas as qualidades.²⁶⁰

Atuando nas casas das clientes ou em endereços fixos nas ruas da cidade, alguns mestres do cabelo, ao se aliarem às modistas – como era o caso de *Catelineau* – souberam fazer a vida e ganhar dinheiro em nome da moda. Contudo, depois do encerramento da *Gazeta do Rio de Janeiro*, em 1821, não tivemos mais notícia deste cabeleireiro e sua modista.

Esses profissionais europeus que prometiam dar trato aos cabelos das mulheres, dotando-as de beleza e elegância nos ambientes sociais, também ofereciam, esporadicamente, aulas para ensinar o ofício de cabeleireiro aos que quisessem se aprimorar. No ano de 1840, uma pequena nota convidava os interessados para se inscreverem no *Curso em que se ensina a pentear*, ministrado pelo mestre *Pettant*, que tinha a “honra de participar que continuará a dar lições de sua arte, deixando os discípulos para tudo prontos”.²⁶¹ A existência de aulas particulares exclusivas para o aprendizado desse ofício na cidade indica que havia uma demanda a ser atendida.

O asseio dos longos cabelos e o investimento em ricos chapéus de palha era sumário na vida das jovens e senhoras fluminenses, na mesma medida que era importante as combinações acertadas do vestido com o restante dos adornos.²⁶² Os tecidos refinados e importados, dos quais eram feitas as peças mais luxuosas, também ganharam destaque e tiveram crescimento em oferta e variedade; os escritos sobre o comércio ajudaram a criar uma linguagem exclusiva para os amantes do assunto, composta por nomes, quantidades, preços, origem e cores dos tecidos que aqui desembarcavam. O *Correio das Modas*, por exemplo, a fim de aproximar suas leitoras do mundo da moda, citava, constantemente, nomes de tecidos, de onde vinham, as cores ideais, os acessórios que mais combinavam com cada uma delas, descrevendo cada parte da gravura e prescrevendo um padrão de beleza específico. A constante chegada de sedas, rendas, escumilhas, filós, cetins e cambraias, às casas e armazéns,

²⁶⁰ AVISOS. *Gazeta do Rio de Janeiro*. 5 fev. 1817, n. 11, p. 4.

²⁶¹ ANNUNCIOS. *Jornal do Commercio*. 19 fev. 1840, n. 47. p. 4.

²⁶² Os tipos de penteados e mais detalhes dos adereços usados na cabeça das senhoras e moças serão delineados, em detalhes, na segunda parte deste estudo.

confirma o favoritismo dos tecidos importados²⁶³ quando o assunto era o bem trajar das damas. Vindas, geralmente, da França ou Inglaterra, essas fazendas eram apresentadas por mercadores como os Irmãos Miguel e Martins, que fizeram saber da existência de “xales de seda e de filó, vestidos de filó [...] cortes de seda, garça, renda”²⁶⁴ e outras minúcias em seu armazém. No ano de 1817, Antônio José de Magalhães e Freitas também dizia que havia recebido um “grande sortimento de bons panos, e sedas de todas as cores, tudo do melhor gosto, tanto franceses como ingleses”²⁶⁵ em seu estabelecimento. Localizada na Rua Direita nº 20, uma loja de fazendas, cujo nome do proprietário não foi noticiado, reiterou aos leitores que naquela casa vendia-se “vestidos de seda e de filó bordados em ouro e prata [...]”²⁶⁶ e demais frivolidades. Mais uma vez, os cortes de seda e de filó foram destacados como as melhores escolhas do momento.

Os xales, ao lado dos vestidos, também foram adornos noticiados nos armazéns e ateliês da primeira metade do século. As peças que ajudavam a cobrir costas e ombros ganharam fama entre o público feminino por terem sido acessórios elementares no trajar das mulheres de família e recatadas. As prescrições indicavam que os feitos de cachemira, de lã imitando de camelo, de merinó, e os de cambraia de linho forrado de seda de cor eram os mais usados pelas senhoras seguidoras do bom tom. Em geral, as modistas que ofertavam chapéus e acessórios, igualmente tinham à disposição das frequentes um sortimento variado de xales importados. *Madame Josefina*, por exemplo, recebia em sua casa, de tempos em tempos, sedas para vestidos, xales, mantas e lenços na última moda. Todavia, ela não era única a investir nesses adereços, visto que *Madame Tracol*, *Berthier*²⁶⁷ e a modista do mestre cabeleireiro *Catelineau* também os tinham para vender nas Rua do Ouvidor e do Rosário. *Tracol* avisava aos interessados, no ano de 1847, que havia recebido, não apenas xales, como lenços e mantas muito bem feitas e da última moda.

Desconfortáveis, mas nem por isso dispensados, outra peça da composição da vestimenta da mulher foram os coletes e espartilhos. Esses adereços íntimos, feitos de um material estruturado, contendo um cordão entrelaçado nas costas que fazia o trabalho de

²⁶³ O historiador Adolfo Morales de los Rios sobre essa questão incluiu estes e ainda outros tipos de fazendas à lista das mais usadas pelo *belo sexo* no Rio de Janeiro oitocentista, como: a cambraia, o tafetá, a pelúcia, o damasco, o chamalote e a chita. RIOS, Adolfo Morales de los. **O Rio de Janeiro Imperial**. pp. 381-382.

²⁶⁴ AVISOS. **Gazeta do Rio de Janeiro**. 2 jan. 1819, n. 2, p. 4.

²⁶⁵ AVISOS. **Gazeta do Rio de Janeiro**. 1º jan. 1817, n. 1, p. 4.

²⁶⁶ AVISOS. **Gazeta do Rio de Janeiro**. 6 abr. 1814, n. 28, p. 4.

²⁶⁷ As poucas informações sobre a modista Berthier foram coletadas por meio de um único anúncio datado de 1826. Na ocasião ela comunicava aos leitores que atendia na Rua do Ouvidor nº 159 onde “tem muita fazenda chegada de Paris: chapéus de palha de Itália, meias de seda, xales de lã, fitas, cetins, cordões de cores para enfeites, flores, guarnições prontas, vestidos bordados finos; também se faz modas por ter ali as costureiras que trabalhavam em casa de Madame Gudin”. Cf. VENDAS. **Diário do Rio de Janeiro**. 23 jan. 1826, n. 17, p. 4.

apertar e desapertar o objeto quando vestido no corpo, contribuíram para modelar a cintura das damas, dando elegância e equilíbrio à silhueta. Os anúncios abaixo indicam os tipos de profissionais e estabelecimentos que ofertavam estes vestuários.

Fig. 8. Anúncio de uma loja de coletes



FAMA DOS COLLETES
DE PARIS,
RUA DO OUVIDOR N. 137.

Mme. Demay, costureira, tem a honra de participar às illmas. senhoras de bom gosto, e particularmente às suas freguezas, que acaba de receber, em direitura, das mais afamadas fabricas de Paris, um grandissimo sortimento de MIL E DUZENTOS COLLETES, tanto para senhoras, como para mocinhas e meninas, a saber:

COLLETES A MEDICIS (ultimo gosto), à minuto, muito commodos, porque elles podem desapertar-se à vontade sem ficar despartilhada.

Colletes sem costuras, muito aperfeicoados, com cintas compridas que assentão perfeitamente, que flicão elasticos no corpo, dando a maior graça e elegancia: tambem tem grande escolha dos colletes que chamão preguiçosos; ditos ponto de seda (qualidade superior); ditos sem hombreiras e com elasticos no meio, e à minuto para meninas, etc., etc.

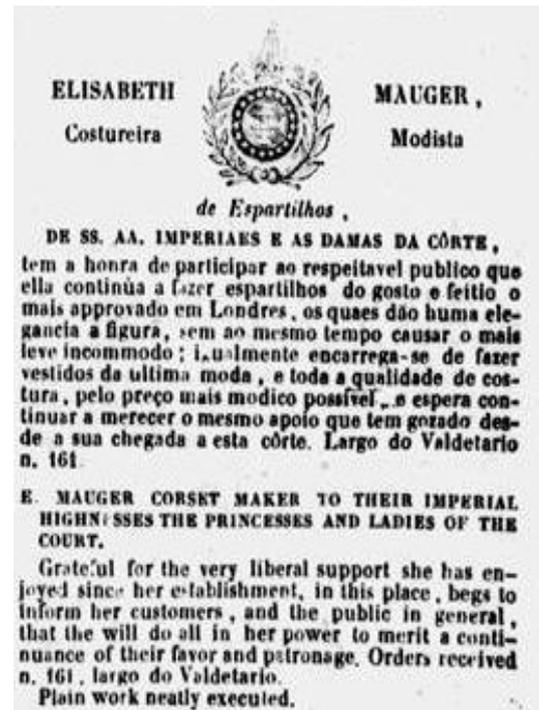
E como Mme. Demay tivesse essa grande porção de colletes de primeira mão, os venderá muito em conta: os preços regulão assim: — Rs. 4\$, 6\$, 8\$, 10\$, 12\$, 14\$, 16\$ e 18\$.

Tem tambem grande sortimento de gregas pretas e de cores, com vidrilhos e sem elles, muito proprias para enfeitar vestidos.

Luvas pretas de retroz com dedos, ditas compridas sem de tos, com desenhos bonitos e modernos; luvas de pellica Jouvin, etc.

Fonte: *Jornal do Commercio*, 1849, n. 93, p. 4.

Fig. 9. Anúncio de espartilhos



ELISABETH MAUGER,
Costureira Modista

de Espartilhos,

DE SS. AA. IMPERIAES E AS DAMAS DA CÔRTE, tem a honra de participar ao respeitavel publico que ella continúa a fazer espartilhos do gosto e feitio o mais approved em Londres, os quaes dão huma elegancia a figura, sem ao mesmo tempo causar o mais leve incommodo; igualmente encarrega-se de fazer vestidos da ultima moda, e toda a qualidade de costura, pelo preço mais modico possível, e espera continuar a merecer o mesmo apoio que tem gozado desde a sua chegada a esta côrte. Largo do Valdetario n. 161.

E. MAUGER CORSET MAKER TO THEIR IMPERIAL HIGHNESSES THE PRINCESSES AND LADIES OF THE COURT.

Grateful for the very liberal support she has enjoyed since her establishment, in this place, begs to inform her customers, and the public in general, that she will do all in her power to merit a continuance of their favor and patronage. Orders received n. 161, largo do Valdetario.

Plain work neatly executed.

Fonte: *Jornal do Commercio*, 1841, n. 302, p. 4.

Madame Demay, dona de uma famosa fábrica de coletes no Rio de Janeiro, publicava constantemente no *Jornal do Commercio* as novidades chegadas de Paris. O anúncio acima, de 1849, comunicava às senhoras *fashionables* o recebimento de um grandíssimo sortimento de mil e duzentos coletes, aproveitando essa oportunidade para destacar quais eram do último gosto. Oito anos antes, *Madame Elisabeth Mauger*, costureira de espartilhos da casa Imperial participou ao público sobre seus serviços de feitura das peças segundo os modelos usados pelas damas de Londres. Convém observar que o aviso de *Mauger* foi publicado em português e, logo abaixo, em inglês,²⁶⁸ em razão do grande número de estrangeiros que viviam no Rio de Janeiro. Os preços dos coletes variavam muito, pois dependiam da modista que os confeccionava e de qual localidade europeia vinham, mas, via de regra, não destoavam dos valores pelos quais se comercializava os acessórios das vestimentas.

²⁶⁸ Esse costume de publicar os anúncios em duas línguas – português e francês, ou português e inglês – foi muito recorrente no *Jornal do Commercio*, e, sobretudo, nas publicações sobre modas.

Completavam a composição de madames e mocinhas bem vestidas e refinadas um conjunto expressivo de adornos que estiveram em alta durante todo o século, como leques, luvas, sombrinhas, chapéus, joias, flores e plumas, os acessórios femininos. As primeiras casas de modas dedicadas a ofertar os leques, as luvas e as sombrinhas começaram a publicar nos jornais de anúncios mais antigos²⁶⁹ da cidade e não pararam mais. A *Gazeta do Rio de Janeiro*, do dia 2 de novembro de 1816, a exemplo disso, avisava ao público da venda de certa carga do *Brigue* francês *Ifigenia* na Rua do Ouvidor nº 174. As mercadorias trazidas consistiam em “panos de linho de todas as qualidades, leques, lenços de seda e de algodão, sapatos para homem e senhora, meias de algodão, chapéus de sol, rendas, tafetás de todas as cores e luvas”.²⁷⁰ Outra folha fluminense, no ano de 1837, previnha aos leitores da chegada de “um grande sortimento de leques de pinturas finas, dourados e prateados, cada um com sua caixa”.²⁷¹ O mercado das luvas, concomitantemente aos outros adereços pessoais, explodiu no mundo todo no século XIX. As duas profissionais mais indicadas, para atestar essa informação, na capital brasileira foi a fabricante de coletes *Madame Gudin*²⁷² e a modista *Adelle Dantigny*²⁷³ que, além de outras modas, vendiam luvas de pelica muito bem feitas. Mesmo em países tropicais como o Brasil, cobrir as mãos com luvas de seda, cetim, pelica, couro, renda e demais feitios, transformou-se em uma prática não apenas adequada, como essencial²⁷⁴ da vida mundana.

As flores artificiais foram igualmente exemplos dessa variedade de acessórios. O número de armazéns que ofertavam flores feitas de tecidos finos, couro e outros materiais, para serem usadas nos cabelos ou nos vestidos, cresceu exponencialmente. Além desses armazéns, como o localizado na travessa da Alfândega, que anunciava ter “flores finíssimas para adorno de senhoras”,²⁷⁵ modistas, como as senhoras *Dumont*, diziam-se especialistas em “fazer flores, plumas e chapéus, e tingir plumas velhas de todas as cores”.²⁷⁶ *Madame de Lussan*, outra modista francesa atuante no Rio de Janeiro da época, declarava às “senhoras portuguesas que tem na sua casa, rua Beco do Propósito nº 2, um sortimento de chapéus,

²⁶⁹ Analisamos os três primeiros jornais de anúncios publicados no Rio de Janeiro. No mais antigo deles, a *Gazeta do Rio de Janeiro*, por exemplo, encontramos avisos sobre leques, sombrinhas, meias, vestidos e xales desde 1808.

²⁷⁰ AVISOS. *Gazeta do Rio de Janeiro*. 2 nov. 1816, n. 88, p. 4.

²⁷¹ ANNUNCIOS. *Jornal do Commercio*. 29 ago. 1837, n. 190, p. 4.

²⁷² ANNUNCIOS. *Jornal do Commercio*. 22 mar. 1847, n. 81, p. 3.

²⁷³ ANNUNCIOS. *Jornal do Commercio*. 27 mar. 1847, n. 86, p. 3.

²⁷⁴ MONTELEONE, Joana. *O circuito das roupas: a Corte, o consumo e a moda* (Rio de Janeiro, 1840-1889) Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Econômica da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013. p. 291.

²⁷⁵ AVISOS. *Gazeta do Rio de Janeiro*. 27 set. 1817, n. 78, p. 4.

²⁷⁶ AVISOS. *Gazeta do Rio de Janeiro*. 29 mar. 1817, n. 26, p. 4.

flores, penas e todas outras qualidades de modas para mulher”.²⁷⁷ *D. Amerval* comercializava em seu armazém “flores muito finas e flores com as folhas de prata e ouro,”²⁷⁸ usadas para guarnecer os vestidos das damas cariocas ou como grinalda na cabeça. Seguindo os passos de seus contemporâneos, *Hannah Hairris*, modista inglesa, não perdeu a oportunidade de notificar que em sua casa havia outro “lindo sortimento de flores de ouro e prata e de pérolas, e grinaldas, guarnições de ouro e prata e de pérolas, folhas de parra e de rosas de ouro para fazer guarnições”.²⁷⁹ Por serem peças menores, os acessórios dos trajes eram mais fáceis de ser executados e demandavam menos tempo de trabalho.

No Brasil, as penas coloridas foram usuais entre as donzelas para adornar os chapéus.²⁸⁰ Esses adereços podiam ser encontradas com facilidade nas casas das ruas centrais, como de uma certa modista francesa e proprietária da primeira fábrica de flores do Rio de Janeiro.²⁸¹ Em 1843, essa mestra dos ornamentos trazia para suas freguêças

um grande sortimento de penas de *marabout*, de plumas de avestruz redondas, torcidas, encrespadas de fantasia, com ornamentos de pérolas, de prata, ouro e canutilho, laços e bordados de pérolas, chorão de froco, guarnições de vestidos de baile de corte, rendas e ricas cordilheiras de canutilho de ouro e de prata, enfeites para luvas, e muitos outros ornamentos de flores para senhoras. *Madame Finot* encarrega-se de lavar as plumas de avestruz e de outras qualidades, de tingi-las de todas as cores e de pô-las como novas.²⁸²

Nenhum dos avisos de *Madame Finot*²⁸³ dizia algo a respeito da feitura de vestidos e chapéus, os dois componentes mais comuns nos ateliês, mas traziam muitas informações acerca da venda de outros adereços. Segundo os conselhos dos periódicos, o vestido era, sem dúvida, o elemento central da composição, porém, como nos revela *Madame Finot* e outras casas comerciais da época, o ato de vestir não se limitava a ele. Os preceitos da moda perpassavam, necessariamente, pelo uso prudente e elegante dos acessórios.

As lojas centrais da capital fluminense, tentando oferecer um rol maior de mercadorias, expunham, em suas vitrines, flores e fitas usadas nas madeixas, leques e luvas

²⁷⁷ AVISOS. *Gazeta do Rio de Janeiro*. 8 jul. 1818, n. 54, p. 4.

²⁷⁸ AVISOS. *Gazeta do Rio de Janeiro*. 27 fev. 1819, n. 17, p. 4.

²⁷⁹ AVISOS. *Gazeta do Rio de Janeiro*. 13 mai. 1820, n. 39, p. 4.

²⁸⁰ PRIORE, Mary del; AMANTINO, Márcia (orgs.). *História do corpo no Brasil*. p. 215.

²⁸¹ FLORISTAS. *Pequeno Almanak para o ano de 1842*. 1842, n 1, p. 82.

²⁸² ANNUNCIOS. *Jornal do Commercio*. 11 ago. 1843, n. 211, p. 4.

²⁸³ Um único anúncio revelou o primeiro nome da modista, que na ocasião se apresentou como Alexandrina Finot. Neste mesmo ano ela estava atendendo na Rua do Ouvidor, 115. Cf. ANNUNCIOS. *Jornal do Commercio*. 22 mar. 1838, n. 65, p. 4.

importados e bijuterias²⁸⁴ ou mesmo joias do último gosto parisiense. A exemplo dessa tendência para os enfeites, o comerciante *Carlos Durand*, dono de um antigo armazém no Rio de Janeiro, anunciava que, dentre outras, as seguintes mercadorias estavam à venda, no ano de 1818: “luvas de pelica e de seda para homens e senhoras, [...] sapatos de seda e de lã para senhoras, coletes simples e elásticos para senhoras, filós lisos, rendas de linha e de filó, plumas de todas as cores [...]”²⁸⁵ Em meio a tantas possibilidades de acessórios, a escolha das damas tinha de obedecer os parâmetros exigidos para a festividade em questão. Para as moças que aproveitavam as flores de seus anos, *A Mulher do Simplicio* recomendava o uso de brincos, colares e joias diversas. A rápida difusão de estabelecimentos, com o propósito de mais enfeitar do que vestir, contribuiu para uma espécie de febre dos complementos da indumentária feminina nas primeiras décadas do Oitocentos.

No que concerne às modas para os pés, o uso de sapatos refinados foi uma constante no Rio de Janeiro, isto porque a oferta de calçados femininos e os serviços dedicados a consertá-los e conservá-los por mais tempo estiveram em alta na cidade. *A Gazeta do Rio de Janeiro* anunciava, a certa altura de 1817, que “na Rua da Alfândega, nº 1 segundo andar, se preparam as botas e os sapatos de um modo impenetrável à água, conforme o procedimento de Paris, cuja invenção tem utilizado o público [...]”²⁸⁶ O número de sapatarias que comercializavam, exclusivamente, calçados para senhoras e moças não foi tão expressivo, se comparado aos outros tipos de serviços apresentados – mesmo porque o sapato não era um item naquela época que necessitava ser trocado a todo momento. No vestuário feminino, principalmente, debaixo das longas saias, pouco se via os calçados, ou seja, era tarefa difícil indicar se eram os mesmos ou se a dama havia comprado novos. O mais importante, segundo os jornais, era ter uns sapatos mais resistentes para passeios no campo e outros mais finos para os bailes.

Nos primeiros momentos do século, os armazéns ainda eram os principais estabelecimentos a disponibilizar sapatos de tecidos refinados, como a casa do comerciante D. Amerval que oferecia “sapatos de seda para senhoras, a 3 patacas o par,”²⁸⁷ ou o famoso

²⁸⁴ Segundo análise da historiadora Camila Borges da Silva, as bijuterias surgiram no âmbito da guerra napoleônica. Na verdade, elas foram inventadas na Prússia como uma maneira de substituir as joias caríssimas entregues pelas mulheres mais abastadas com o intuito de financiar a guerra. Tais peças eram fabricadas com metal fundido e outros materiais não nobres, motivo pelo qual ficaram conhecidas como “metal de Berlim”. Cf. SILVA, Camila Borges da. **O símbolo indumentário: distinção e prestígio no Rio de Janeiro (1808-1821)**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 2010. p. 44.

²⁸⁵ AVISOS. *Gazeta do Rio de Janeiro*. 14 jan. 1818, n. 4, p. 4.

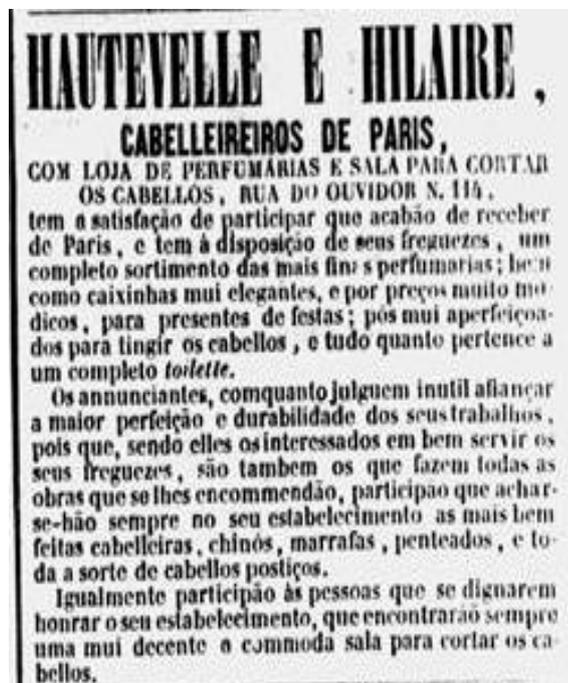
²⁸⁶ AVISOS. *Gazeta do Rio de Janeiro*. 21 mai. 1817, n. 41, p. 4.

²⁸⁷ AVISOS. *Gazeta do Rio de Janeiro*. 9 jan. 1819, n. 3, p. 4. Na época, uma pataca era equivalente a 320 réis.

armazém de Carlos Durand que tinha “sapatos para homens e senhoras, lisos e bordados”.²⁸⁸ Provavelmente, a mais antiga casa de calçados importados do Rio de Janeiro chamava-se Casa Clark. Inaugurada no ano de 1822, pelo escocês *George Clark* e ocupando, num primeiro momento, a Rua do Ouvidor nº 35, a loja oferecia sapatos para homens e senhoras.²⁸⁹ Outras lojas, como a do comerciante Antonio Martins da Fonseca Castelões, vendiam calçados ingleses, franceses e portugueses de superior qualidade.²⁹⁰ Era uma tarefa complicada e um privilégio para poucas andar sempre bem calçada na capital brasileira, visto que as mulheres usavam no dia-a-dia sapatinhos de cetim em cores claras que se esgarçavam e sujavam facilmente.²⁹¹

Concomitante à inauguração das casas comerciais e da chegada dos cabeleireiros, sapateiros, modistas e alfaiates à capital do Império brasileiro, surgiram as primeiras perfumarias – como a de Bernardo da Silva, na Rua dos Pescadores nº 45 –, onde se achava para vender “perfumes e vidros de água de cheiro, banhas e sabonetes de todas as qualidades e outros sortimentos”.²⁹² Em regra, os locais que ofertavam cosméticos, produtos de higiene e loções para perfumar o corpo pertenciam aos cabeleireiros e boticários.

Fig. 10. Anúncio de dois cabeleireiros de Paris



Fonte: VENDAS. *Diario do Rio de Janeiro*, 1846, n. 7277, p. 3.

²⁸⁸ AVISOS. *Gazeta do Rio de Janeiro*. 27 jan. 1819, n. 8, p. 4.

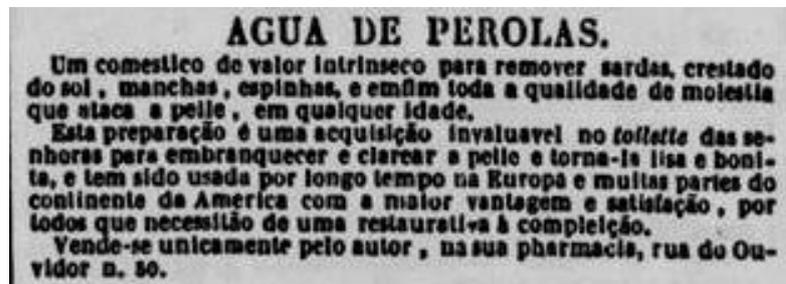
²⁸⁹ SENNA, Ernesto. *O Velho Comércio do Rio de Janeiro*. p. 231.

²⁹⁰ ANNUNCIOS. *Jornal do Commercio*. 17 jun. 1832, n. 227, p. 4.

²⁹¹ ALGRANTI, Leila Mezan. *O feitor ausente*. p. 91.

²⁹² AVISOS. *Gazeta do Rio de Janeiro*. 7 mar. 1821, n. 19, p. 4.

Fig. 11. Anúncio de um cosmético



Fonte: ANNUNCIOS. *Jornal do Commercio*, 1837, n. 3, p. 2.

As farmácias, além de venderem medicamentos para a cura de moléstias, proporcionavam ao público algumas mercadorias relacionadas à beleza. Os curtos anúncios dedicados a isso prometiam verdadeiros milagres na aparência de quem usasse os cosméticos chegados diretamente da Europa para aquelas boticas. Em meio a tinturas para os cabelos, óleos e águas de pérola, os produtos auxiliares do embelezamento – muitas vezes duvidosos quanto à sua eficácia – foram, cotidianamente, publicados nos informes da época. Esses produtos, é importante mencionar, muitas vezes vinham acompanhados de pequenas historietas que advertiam e auxiliavam no seu uso com cautela. Em *A vaidade punida*, o *Jornal do Commercio* tragicamente relatava que

uma moça chamada Suzana Johson, modista da pequena cidade de Wisbeach, assustada pela presença de alguns cabelos brancos que sobre sua cabeça ia crescendo prematuros, pois me mal tinha 19 anos, quis surpreender os progressos dessa maldita transformação do preto em branco, e para isso fez uso de um licore de tingir os cabelos; mas este líquido, em que entra uma solução de nitrato de prata, tornou-lhe o cabelo inteiramente vermelho. A coitada, desesperada deste sucesso, foi à botica comprar arsênico e envenenou-se.²⁹³

Mesmo com as poucas tentativas que falharam, a boa relação entre a gente da alta sociedade e os produtos milagrosos despertou também nas modistas o interesse por vendê-los em seus ateliês. As madames *Morel*, *Josefina Meunier* e *Eugene Cassemajou* foram as que mais colaboraram para a disseminação dos cosméticos importados em terras tropicais. Os anúncios de *Morel* sublinhavam que a modista vendia somente perfumes femininos; já *Eugene Cassemajou* atendia tão bem as procuras por esses artigos de ambos os sexos que, em

²⁹³ ANNUNCIOS. *Jornal do Commercio*. 17 dez. 1839, n. 306, p. 4.

1850, seu estabelecimento já aparecia na seção de perfumaria do *Almanak Laemmert*.²⁹⁴ Por terem sido mencionados nos avisos apenas como *perfumarias de primeira qualidade*, não tivemos informações mais pomenorizadas dos preços,²⁹⁵ dos detalhes das embalagens e dos relatos das pessoas que os consumiam na cidade fluminense. No entanto, a presença desses cosméticos, colônias, tinturas para os cabelos, perfumes importados e todos os serviços e produtos vindos do estrangeiro nos levam a duas constatações: primeiro, que trajar-se adequadamente já não se resumia nos vestidos e acessórios; e, segundo, que estar na moda, cada vez mais, era um investimento para a aristocracia.

2.4. Quanto custava estar na moda?

À medida que emergiu um comércio diversificado, novos preços, como era de se supor, foram taxados. As casas da Rua do Ouvidor que ofereciam serviços para melhor vestir e adornar o *belo sexo* carioca foram as responsáveis pelo endividamento de inúmeros pais de mocinhas daquele tempo. Um personagem de Macedo, por exemplo, cansado de gastar fortunas com as frivolidades de suas dependentes, questionava: “Ignoras que para comprar teteias francesas e vestidos para ti e para tua filha, fiquei no fim deste ano empenhado em um conto de reis?”²⁹⁶ O romance *Rosa*, do mesmo modo, trouxe à cena uma discussão de preços entre um personagem e sua filha, que havia lhe apresentado o seguinte orçamento para um baile:

Escumilha branca para vestido	24\$000
Cetim branco para forro do dito	56\$000
Feitio do vestido com enfeites, fitas, etc. à Madame Gudin	70\$000
Luvas de pelica branca de Mr. Wallerstein	3\$000
Sapatos de cetim branco do mesmo Mr.	4\$000
Cabeleireiro da casa de Mr. Silvain	2\$000
Violetas e cravos gloria de Londres para o buquê	2\$000
Um porta buquê novo	20\$000
Soma tudo	184\$000 ²⁹⁷

²⁹⁴ PERFUMARIAS. *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro. 1850, n. 7, p. 350.

²⁹⁵ Uma única informação sobre os preços foi dada por um estabelecimento na Rua do Ourives que vendia uma mucilagem para os cabelos por 1000 réis o vidro. Cf. VENDAS. *Diário do Rio de Janeiro*. 13 mar. 1847, n. 7452, p. 4.

²⁹⁶ MACEDO, Joaquim Manuel de. *O moço loiro*. p. 43.

²⁹⁷ MACEDO, Joaquim Manuel de. *Rosa*. p 10.

Enquanto indicava quais eram os tipos de tecidos e adornos finos usados na feitura de um traje festivo, a lista também apresentava ao leitor alguns estabelecimentos cariocas que se dedicavam à venda dos artigos e as pessoas que cuidavam da arrumação feminina em dias de evento, como os cabeleireiros. Outra informação que merece destaque no orçamento feito pela protagonista Rosa eram os valores de cada item relacionado. A propósito disso, observa-se que o serviço a ser realizado pela modista para a confecção do vestido era, de longe, o mais caro do orçamento, ou seja, uma jovem ou senhora oitocentista, para se exibir em público arranjada pelas mãos de profissionais, tinha que, necessariamente, fazer parte de uma família endinheirada. Os cortes²⁹⁸ que seriam usados para a confecção do vestido – a escomilha²⁹⁹ e o cetim – vieram como o segundo item que determinou o preço exacerbado do traje requerido pela personagem.

Assim, eram as filhas e esposas dos mais abastados da cidade quem tinham condições de se apresentarem no último gosto parisiense. Quanto aos desafortunados, estes estavam “atrás, muitas vezes, do que é mais barato, e, por não ter cachorro, caçam com gato”.³⁰⁰ Poucas famílias cariocas podiam seguir o rigor das modas, podiam em casa “ter trinta chapéus, duzentos vestidos, seis, oito e dez véus; seiscentos sapatos e muitos milhares de coisas”.³⁰¹ Além disso, uma constatação interessante era que as modas nas *boutiques* das modistas francesas eram mais caras se comparadas com as profissionais de outras nacionalidades. Em 1831, uma única costureira e modista brasileira comunicou no *Diário do Rio de Janeiro* que continuava a “fazer toda a qualidade de costura para senhoras, vestidos da última moda, toucas, guarnições de vestidos, roupões e tudo o mais que se lhe incumbir, tudo por menos que as francesas”.³⁰² Embora as lojas das últimas fossem mais cobiçadas, as patrícias não deixaram de lançar estratégias para atrair um público que queria contratar esses serviços, mas dispunha de pouco dinheiro.

Os anúncios da loja de *Bellard*, situada na Rua do Ouvidor nº 8, davam uma noção de quanto era caro vestir a moda. Este estabelecimento, por exemplo, “vendia vestidos de Corte bordados em ouro, ou seda, vestidos de senhoras desde 16\$000 réis até 100\$000 réis, rendas,

²⁹⁸ Vendidos por côvado – uma antiga medida que correspondia a 66 cm – os preços dos cortes importados foram mencionados em um único anúncio que dizia vender o côvado de garça lavrada branca e colorida para vestidos de senhoras por 480, 640 e 800 réis. Cf. AVISOS. *Gazeta do Rio de Janeiro*. 1820, n. 69, p. 4.

²⁹⁹ Lençaria muito fina, rara e transparente. Cf. SILVA, Antonio de Moraes. **Dicionário da Língua Portuguesa recompilado dos vocabulários impressos até agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, por Antonio de Moraes Silva.** p. 745. Disponível em: http://200.144.255.59/catalogo_eletronico/imagemVerbete.asp?Verbete_Codigo=63783&Setor_Codigo=11. Acesso em 04/07/2018.

³⁰⁰ UM prefacio. *A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada*. 1º out. 1842, n. 72, p. 8.

³⁰¹ UM prefacio. *A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada*. 1º out. 1842, n. 72, p. 8.

³⁰² VENDAS. *Diário do Rio de Janeiro*. 19 dez. 1831, n. 1200014, p. 73.

plumas brancas, bijuterias, toda a espécie de enfeites com rendas”.³⁰³ No ano de 1841, *Madame Morel* divulgava à sua clientela de que havia acabado de “receber da França um grande sortimento de vestidos para senhoras, de todas as qualidades de seda, de escomilha, de escócia, etc”³⁰⁴ por preços que variavam entre 10\$000 e 60\$000. A importância desembolsada pelos pais ou maridos para a compra das vestimentas, muitas vezes, ia de encontro aos tipos de tecidos e adornos escolhidos, mas principalmente ao grau de pompa do evento que se pretendia ir. No que dizia respeito aos adereços, esses eram ofertados por preços mais moderados, como os “chapéus de senhoras modernos”³⁰⁵ na mesma casa de *Bellard* que se vendiam por justos 6\$400, ou alguns leques por 2\$600 réis. *A Mulher do Simplicio* informava que a modista da Casa Imperial *Madame Josefina*³⁰⁶ tinha algumas “galantes flores de fróco, lindas e elegantes, que se põem nas ombreiras dos vestidos com outros mil enfeites guarnecidos”.³⁰⁷ Os espaços das colunas de modas pouco diziam sobre os preços das peças – não era usual –, a grande preocupação era anunciar os nomes das modistas, os tipos de mercadorias em voga no momento e, esporadicamente, os endereços onde poderiam ser encontradas. A título de informação, e para que o leitor possa ter um parâmetro dos valores, listamos outras mercadorias ou serviços básicos do dia-a-dia carioca nos primeiros anos do Oitocentos: um jantar no Catete por 800 réis³⁰⁸; um frasco de licor por 1000 réis³⁰⁹; e, ainda, o aluguel anual de uma chácara por 800\$000 réis.³¹⁰

Já que o sucesso do comércio estava ligado a uma maior movimentação nas ruas da cidade, as datas festivas contribuíram para aumentar os gastos, pois nas vésperas das solenidades as arrumações das residências e mesmo dos convivas entravam em cena. As festas natalinas traziam à tona esse costume e as despesas mais comuns nessa época do ano eram com comidas, bebidas, enfeites de casa, vestimentas e presentes.³¹¹ No mês de dezembro, as lojas ficavam repletas de novas e luxuosas mercadorias para todos os gostos e preços; por receberem agrados de seus maridos ou pais, as mulheres foram, sem dúvida, as mais beneficiadas nestas datas. O impresso *A Mulher do Simplicio*, em seu boletim sobre o

³⁰³ AVISOS. *Gazeta do Rio de Janeiro*. 22 fev. 1817, n. 16, p. 4.

³⁰⁴ ANNUNCIOS. *Jornal do Commercio*. 2 abr. 1841, n. 85, p. 4.

³⁰⁵ AVISOS. *Gazeta do Rio de Janeiro*. 2 abr. 1817, n. 27, p. 4.

³⁰⁶ Ainda que não saibamos se *Josefina* anunciada nesse momento era a mesma mencionada modista da Imperatriz Leopoldina nos primeiros anos do Oitocentos, ou se, por ventura, outra mulher apropriou-se de seu nome para fazer fama, é certo que ela continuava a atribuir a si mesma o título de modista da casa Imperial.

³⁰⁷ MODAS. *A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada*. 3 abr. 1844, n. 77, p. 18.

³⁰⁸ AVISOS. *Gazeta do Rio de Janeiro*. 22 ago. 1809, n. 99, p. 4.

³⁰⁹ AVISOS. *Gazeta do Rio de Janeiro*. 18 dez. 1813, n. 101, p. 4.

³¹⁰ AVISOS. *Gazeta do Rio de Janeiro*. 15 fev. 1812, n. 14, p. 4.

³¹¹ Para mais informações sobre os tipos de presentes nessa época, ver: RIOS, Adolfo Morales de los. *O Rio de Janeiro Imperial*. p. 332.

Natal, indicava as mercadorias disponíveis para as donzelas que, naquele dia, esperavam pelos mimos

na Rua do Ouvidor talvez comprados, ou nas confeitarias asseadas, de flores, de festões hoje enramadas; ou nas lojas de modas ou gavetas dos Ourives, e sua tabuletas; na Rua da Quitanda ou na Direita, onde nenhum dinheiro se rejeita; [...] *Mr. Silvain Jagan* tem coisas novas do gosto bom, de que tem dado provas; tem relógios, mesquitas, ramos, flores, que movem a atenção dos amadores; tem laranjas douradas, que se abrindo mostram coisas de gosto novo e lindo.³¹²

Entre objetos decorativos e pessoais, como modas, relógios, joias e enfeites, os mercadores serviam-se das celebrações natalinas para expandir suas vendas. Dias antes do Natal de 1818, a folha bissemanal *Gazeta do Rio de Janeiro* estampou um armazém que, por ocasião da data, apresentava “chapéus de palha para o dia de Natal por 3\$500, um sortimento completo de franjas, caixas e ornamentos para salas e móveis”.³¹³ Do mesmo modo que era recomendável enfeitar os ambientes para receber os convivas, também era aprazível usar trajes novos e modernos na noite da ceia ou mesmo no dia 25 de dezembro. Uma jovem macediana, que não ia a um só evento com roupas repetidas, afirmava em sua defesa: “O vestido, os enfeites, os brincos, o adereço, as flores com que eu fui a um baile há seis meses passados estão ainda na memória de todas as minhas competidoras”.³¹⁴ O controle social sobre as modas era tamanho que a personagem declarava: “Apareça eu amanhã como me mostrei há seis meses passados, e cada uma delas irá dizer baixinho à outra: – É o mesmo vestido! São as mesmas flores! É tudo o mesmo!”³¹⁵ As festas em comemoração aos aniversários também seguiam à risca as normas sublinhadas pela protagonista. O baile dos dias de ano era mais um momento conveniente para que a gente abastada visitasse as lojas em busca de trajes e adornos para vestirem ou de algum agrado para o dono da festa. Ambos os costumes – tanto o de comprar roupas novas para se mostrar em público, como o de presentear – ganharam fôlego no Rio de Janeiro após o aumento do número de estabelecimentos, o melhoramento das ruas e a presença dos mercadores europeus.

Para além das datas comemorativas, uma outra estratégia na tentativa de acelerar as vendas foram as promoções de última hora publicadas nos jornais, sobretudo, pelos comerciantes que pretendiam fechar o estabelecimento e, para isso, colocavam todos os itens restantes a preços acessíveis. Uma loja localizada na Rua do Ouvidor determinava “que por

³¹² A FESTA do Natal. *A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada*. 22 dez. 1842, n. 73, p. 15.

³¹³ AVISOS. *Gazeta do Rio de Janeiro*. 16 dez. 1818, n. 100, p. 4.

³¹⁴ MACEDO, Joaquim Manuel de. *Rosa*. p. 26.

³¹⁵ MACEDO, Joaquim Manuel de. *Rosa*. p. 26.

cessação de seu comércio, acham-se diferentes fazendas francesas de gostos variados a 50 por cento abaixo dos preços correntes, sapatos de cetim brancos e de cores a 880 o par, vestidos ricos em bordados de prata, a 16\$000 a 20\$000”.³¹⁶ Apesar de alguns valores terem sido noticiados, uma característica peculiar dos comerciantes europeus, inclusive das modistas, como já mencionado, era a não inclusão dos preços nos anúncios de mercadorias importadas. *Bellard*, pelo que se tem notícia, foi uma exceção à regra, uma vez que costumava trazer para o espaço do jornal todos os custos dos artigos de sua loja. Os avisos de modas, majoritariamente, se restringiam às expressões mais genéricas, a saber: “tudo a preços muito cômodos”,³¹⁷ “pelos valores mais razoáveis”³¹⁸ ou “o mais barato possível”.³¹⁹ De partida para fora, *Madame Ruffier Martelet* – modista francesa – destacava uma *Ocasão única* às suas freguesas, no ano de 1849, e lamentava que “[...] por causa de doença venderá ao preço da fatura os últimos modelos de chapéus do melhor gosto, manteletes, plumas de fantasia, turbantes que lhes chegaram de Paris pelo último navio”.³²⁰ Essa tática, é provável, buscava atrair os curiosos que se sentiam seduzidos por algum item específico e desejavam saber o preço e, também, convidavam aqueles que, sem dinheiro para gastar, a pretexto de perguntar o valor ao vendedor, iam aos armazéns para passear. No ano de 1843, uma das autoras de *A mulher do Simplicio* chamou a atenção pela falta de prudência daqueles que tudo olhavam, mas com nada ficavam: “Na loja em que o dono vos mais agradar, entrai, se quiserdes dinheiro gastar. Em caso contrário, também não canseis ao dono e caixeiros se nada quereis. Há tais sujeitinhos que entulham balcões, e só gastam uns maus dez tostões”.³²¹

De modo análogo às promoções, os esporádicos leilões atuaram como uma alternativa para quem pretendesse comprar produtos importados por preços mais cômodos. Com o intuito de vender toda a mercadoria de um estabelecimento, esses eventos eram organizados pelos comerciantes que estavam partindo da cidade. No ano de 1820, foi anunciada uma oportunidade para os interessados em comprar, “na loja nº 107 da Rua do Ouvidor, quinquilharias e joias de toda qualidade”.³²² Além das joias, tais espaços também ofertavam mercadorias que tinham relações diretas com o vestir, como os tecidos finos em peça. Um aviso certificava, a esse respeito, que na última sexta-feira do mês de julho de 1816 *J. D. Thomson* promoveria um leilão em sua casa na Rua Direita, ao pé da Rua dos Pescadores, de

³¹⁶ AVISOS. *Gazeta do Rio de Janeiro*. 29 dez. 1819, n. 104, p. 4.

³¹⁷ AVISOS. *Gazeta do Rio de Janeiro*. 6 jan. 1819, n. 2, p. 4.

³¹⁸ AVISOS. *Gazeta do Rio de Janeiro*. 17 jan. 1821, n. 5, p. 4.

³¹⁹ AVISOS. *Gazeta do Rio de Janeiro*. 6 fev. 1819, n. 11, p. 4.

³²⁰ ANNUNCIOS. *Jornal do Commercio*. 14 mar. 1849, n. 73, p. 4.

³²¹ MODAS. *A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada*. 23 dez. 1843, n 76, p. 17.

³²² AVISOS. *Gazeta do Rio de Janeiro*. 16 fev. 1820, n. 14, p. 4.

uma “porção de trastes, espelhos, camas, louças, sedas e meias de seda, cambraias, quinquilharias, e outras diversas fazendas francesas, chegadas agora e dos últimos gostos, e principiará às 10 horas da manhã em ponto”.³²³ Ali vendia-se uma infinidade de móveis, espelhos, quadros, cadeiras, mesas, xícaras, e, até meias de seda; isto é, o que mais se noticiava era, de fato, artigos para o ornamento das residências. Nota-se, pois, nesses pequenos anúncios de leiloeiros, certo direcionamento dos objetos para o universo feminino, tendo em vista que quando não estavam relacionados com o vestir, tinham a ver com a decoração da casa.

Outra maneira menos usual de colocar itens à venda por preços módicos eram as compras no atacado. Sobre elas, localizamos uma modista que admitiu vender seus chapéus por valores menores, caso as clientes os levassem em quantidades. Era *Madame Adèle Dantigny*, que em 1846 acabava “de receber pelo último navio chegado da França, um grande e muito lindo sortimento de chapéus de seda e escomilha enfeitados na última moda [...] e querendo comprar porção se venderão mais em conta”.³²⁴ Apesar de não terem sido encontradas menções de natureza parecida em outros anúncios, vê-se que as estratégias para o aumento das vendas desses artefatos ligados à moda foram se estabelecendo e se aprimorando com o passar dos anos. Liquidar todo o estoque da loja, portanto, esteve muitas vezes relacionado ao fechamento de um negócio, e, inclusive, dar saída o quanto antes ao estoque acumulado nas casas comerciais.

A instalação de bazares fixos, que era a reunião de diversos armazéns em um mesmo prédio, foi mais um indicativo do avanço comercial no Rio de Janeiro. Esses não tinham relação direta com promoções e preços menores, porém, por compilar dezenas de lojas, facilitava o deslocamento dos clientes de uma casa comercial à outra no momento das compras. Tivemos notícia de apenas um bazar – intitulado Bazar Dillon³²⁵ –, que aconteceu no centro comercial do Rio de Janeiro e durou quatro anos. Pertencente ao comerciante Pedro Felix Dillon, o prédio era constituído por quatorze lojas de ramos distintos, dentre elas destacamos uma modista, um alfaiate, e também um ourives e relojoeiro. No ano de 1843, o *Jornal do Commercio* notificou a inauguração do bazar, a saber:

³²³ AVISOS. *Gazeta do Rio de Janeiro*. 20 jul. 1816, n. 58, p. 4.

³²⁴ ANNUNCIOS. *Jornal do Commercio*. 22 dez. 1846, n. 354, p. 4.

³²⁵ Contamos oitenta e quatro anúncios sobre o Bazar Dillon no *Jornal do Commercio*, entre 1843 e 1848.

Fig. 12. Anúncio de inauguração do Bazar Dillon

BAZAR DILLON,
rua do Ouvidor, n. 60.

LOJA N. 1.
 Mme. Dentigny, costureira modista.

LOJA N. 2.
 Relojeiro e ourives.

LOJA N. 3.
 Armador-estufador: faz colchões elasticos.

LOJA N. 8.
 Rapé e charutos de todas as qualidades.

LOJA N. 9.
 Funtleiro-lampista.

LOJA N. 14.
 Domère, sbridor e desenhador.

LOJA N. 16.
 Crystaes, porcelana e chá.

LOJA N. 19.
 Confeitaria sortida: encarrega-se de apromptar bandejas de doces, vinhos e licores.

LOJA N. 20.
 Le Barbenchon, alfaiate de Paris.

NO 1º E 2º ANDAR.
 Grande variedade de diversas fazendas e trastes.
 N. B. Ainda ha algumas lojas para se alugar.

Fonte: ANNUNCIOS. *Jornal do Commercio*, 1843, n. 119, p. 4.

Estrategicamente instalado na rua mais luxuosa da capital oitocentista, o Bazar Dillon contou com os trabalhos da modista *Madame Adelle Dantigny* – já mencionada acima – por dois anos, até conseguir abrir sua própria loja nos arredores da Ouvidor. Em novembro de 1845, o *Jornal do Commercio* anunciou outra profissional atuante no local: *Madame Lavessiere*, uma modista e costureira disposta a negociar seu “grande sortimento de chapéus que vende a preços fixos”³²⁶. Neste mesmo ano, por ocasião do batizado do príncipe augusto Imperial, organizou-se no estabelecimento uma *Feira por Associação*, onde se vendia todas as mercadorias a preços fixos, por um período de três meses,³²⁷ o que reforçava aquela ideia da relação do comércio com as datas comemorativas. O Bazar Dillon, pelo que temos notícia, foi desativado em fins de 1848, e a última profissional de moda a atender no prédio foi *Madame Richelandet*.³²⁸ A modista anterior, *Lavessiere*, anunciou ao público, em 1848, que tinha se estabelecido em novo endereço, na Rua de São José nº 89, onde esperava atender clientes que procuravam por vestimentas de fantasias e dominós, máscaras e mais alguns itens a gosto do freguês.³²⁹ Nos anos de 1847 e 1848, as menções ao bazar foram, paulatinamente, tornando-se mais espaçadas entre um número e outro. A última publicação do *Jornal do Commercio* que

³²⁶ ANNUNCIOS. *Jornal do Commercio*. 6 nov. 1845, n. 302, p. 4.

³²⁷ ANNUNCIOS. *Jornal do Commercio*. 26 mar. 1845, n. 81, p. 4.

³²⁸ Modista francesa que chegou ao Rio de Janeiro em 1846, ano de seu anúncio sobre os serviços prestados ao Bazar Dillon.

³²⁹ ANNUNCIOS. *Jornal do Commercio*. 17 fev. 1848, n. 48, p. 4.

trouxe informações sobre o local comunicava uma mudança de endereço: o bazar havia passado da Ouvidor para a Rua do Cano. Após esse curto aviso, nada mais foi veiculado a respeito daquela empresa.

Os nomes atribuídos aos lugares de comércio – lojas de fazendas, armazéns, casas de modas, ateliês, *boutiques* e estabelecimentos – e aos comerciantes de modas – modistas, mestres, cabeleireiros, boticários, ourives, alfaiates, sapateiros, costureiras e floristas – foram diversos; apesar do propósito a ser alcançado ter sido similar: atrair, estrategicamente, os olhares e desejos femininos para os produtos que enchiam as prateleiras. Tais endereços, entre Ouvidor, Ourives, Direita, Ajuda, Rosário e outras ruas menos centrais, proporcionaram uma diversificação dos acessórios e adereços, dos tecidos em peça, das vestimentas prontas para o uso e de todos os artigos imprescindíveis para o bem trajar. Ter o privilégio de poder contar com essas lojas nas vias públicas de uma capital em fase de construção e afirmação, era praticamente um convite diário de experimentação do novo, do moderno, do civilizado. Esta detalhada apresentação do Rio de Janeiro da primeira metade do Oitocentos, dos ambientes frequentados pelas mulheres e do comércio europeu, que fincou raízes a fim de atender suas necessidades indumentárias, põe fim à primeira parte desse trabalho. O propósito, *grosso modo*, foi indagar como, por que e em que proporções os papéis femininos foram redefinidos a partir das mudanças ocorridas nas ruas e espaços festivos daquela cidade, bem como da entrada dos estrangeiros e de seus comércios; e, em última instância, até que ponto todos esses novos elementos contribuíram para a disseminação de um discurso e de uma prática no Brasil: a moda endereçada às mulheres.

PARTE II

A MODA DO CORPO BEM VESTIDO

3. Singela e elegante

A capital brasileira do Oitocentos, por ter experimentado mais de perto os hábitos europeus, foi palco dos primeiros jornais que buscaram instruir e informar a gente abastada sobre tópicos diversas. Periódicos destinados às mocinhas, mães de família, estudantes, agricultores, médicos, homens de negócio, entre outros grupos, foram substanciais na veiculação de assuntos sobre literatura, ciências, economia, os cuidados com a residência e os filhos e os modos de se viver bem. Assim, o *belo sexo*, ao sair às ruas, também foi contemplado com impressos para ensiná-lo, entre outras coisas, a se mostrar com graciosidade. Um colunista do semanário *Correio das Modas*, empenhado nesta tarefa, pediu que suas leitoras admirassem o figurino do último número que seria publicado em 1839. Segundo o escritor, embora o modelo tivesse seus atrativos, os críticos não pensariam duas vezes antes de declarar que

o figurino de hoje é muito simples, e não faltará quem se atreva a dizer que é impróprio terminar uma tão linda coleção com um vestido de chita [...] O *Correio* não escreve seus boletins de modas a esmo: em que tempo estamos? Qual é a estação? Onde a passam as pessoas de bom tom? A resposta a essas perguntas indicará o porquê hoje se publica um vestido de chita, e simples como usam as senhoras que passeiam no campo, entre mangueiras, tamarineiros, etc.¹

Vestir-se com maestria no Rio de Janeiro, como anunciado no excerto, significava usar de artigos ora dotados de luxo, ora de uma simplicidade elegante. Fatores como a estação do ano, o clima, o horário do evento e o ambiente ditavam os tipos de roupas que seriam adotadas e divulgadas pelos jornais. Levando-se em conta o calor de uma capital tropical era justificável adaptar os trajes chegados da Europa com tecidos mais leves, utilizando-se também da estratégia dos leques e das sombrinhas.² Da mesma maneira que o clima influenciava os trajes das cariocas, também havia distinções entre o vestir diurno e o vestir

¹ MODAS. *Correio das Modas*. 28 dez. 1839, vol. II, ano I, n. 26, p. 194.

² O leque e a sombrinha eram os principais complementos do vestido. Cf. FREYRE, Gilberto. *Modos de homem e modas de mulher*. p. 106.

noturno: um vestido de seda ou cetim, usado em noites celebrativas, não poderia ser aproveitado em visitas, missas, passeios no campo e na cidade, e procissões durante o dia. Ainda que o Brasil tenha sido, no século XIX, um grande importador das modas europeias,³ as adaptações nas roupas segundo os ditames dos recintos, das estações, do clima e dos momentos do dia⁴ foram pensadas e discutidas por aqueles que escreviam sobre a moda, como será apresentado ao longo dessa segunda parte.

Tardes e noites de poucos afazeres nas ruas eram convites para as damas aparecerem nas janelas⁵ de suas casas. Pelas janelas era possível observar o movimento de vendedores e fregueses nas lojas, flertar com os rapazes, admirar a paisagem e reparar na aparência de quem ia e vinha. Macedo, quanto a esse costume, mencionava que “de tarde, quando o sol já não incomodava e a sombra e o frescor convidavam as moças a chegarem à janela, viam-se passar primeira e segunda vez pela rua numerosos mancebos que se trajavam com gosto [...]”⁶ Um tempo considerável do dia era gasto naquela posição. As personagens Celina e Carolina ficaram conhecidas por serem moças janelleiras: a primeira por se mostrar todos os dias “ao lado de sua tia em alguma das janelas”⁷ de sua residência na Lapa e a segunda por viver debruçada como quem esperava a visita de um rapaz. O autor de *Os dois amores* sublinhou, inclusive, o misto de sensações e acontecimentos captados por quem tudo via à distância, em que os olhos das damas “tem de saltar da carruagem para o cavalheiro, da senhora que passa para o menino que brinca, do séquito do casamento para o acompanhamento do enterro!”⁸

³ Freyre sublinhou que o Brasil foi por muito tempo um passivo importador das vogas europeias. A moda brasileira de mulher se colocou, nesse século, como uma moda vinda essencialmente da França, sem preocupação de sua adaptação a um Brasil diferente no clima. Desse modo, a senhora abastada teve que adaptar-se, desabrasileirando-se e, muitas vezes, martirizando-se. Cf. FREYRE, Gilberto. **Modos de homem e modas de mulher**. p. 106. Ainda que a moda francesa tenha acompanhado a vida das senhoras cariocas, procuraremos expor que as preocupações com o clima e o ambiente estiveram presentes já nos primeiros jornais femininos e, por isso algumas estratégias foram usadas para deixar a moda europeia mais adequada aos corpos brasileiros.

⁴ A autora Maria Alice Ximenes, em seu estudo sobre a moda e a arte na França do século XIX, menciona um nítido contraste entre a vestimenta diária e a roupa de festa: “enquanto a roupa do dia a dia cobria a mulher, das pernas aos braços e pescoço, as destinadas a festas despiam-lhe o colo, os braços e definiam sua cintura e ancas com as elaboradas saias.” Cf. XIMENES, Maria Alice. **Moda e arte na reinvenção do corpo feminino do século XIX**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011. p. 48. Outro estudo crucial para pensarmos a diversidade das roupas segundo os ambientes foi escrito pela historiadora e especialista em moda Elizabeth Wilson. Na análise sobre a vida moderna francesa, ela destaca que “havia vestidos para usar de manhã, para a hora do chá, para a hora do jantar, para sair à rua, para viajar, para estar no campo, para o luto carregado, para o luto aliviado, para o meio-luto”. Os trajes, além de expressar a posição social dos indivíduos, também indicavam uma certa hora do dia socialmente estabelecida e um estado de espírito. Cf. WILSON, Elizabeth. **Enfeitada de sonhos**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1985. p. 51.

⁵ Convém destacar a relevância da janela nas representações da sensibilidade feminina, pois, por meio dela obtinha-se um certo contato com o mundo externo. De dentro das casas elas podiam imaginar como haveria de ser pertencer ao mundo participativo externo. Cf. XIMENES, Maria Alice. **Moda e arte na reinvenção do corpo feminino do século XIX**. p. 43.

⁶ MACEDO, Joaquim Manuel de. **Os dois amores**. p. 8

⁷ MACEDO, Joaquim Manuel de. **Os dois amores**. p. 19.

⁸ MACEDO, Joaquim Manuel de. **A moreninha**. p. 122.

tudo isso em frações de segundos. Macedo, em resumo, afirmava que só de olhar as feições da mocinha era possível captar seus pensamentos:

1ª. Moça que estando de janela tem os olhos fitos no lado do mar, é porque espera que venha alguém desse lado. 2ª. Moça que não conversa com as vizinhas, que olha ora para baixo ora para cima, sempre cuidadosa e suspirante, é porque não sabe por onde surdirá um rapagão. 3ª. Moça sentada quando sente vir o predileto da parte de cima, fita os olhos no lado de baixo, e ao senti-lo de frente de sua janela, faz com a cabeça um movimento formando um arco de círculo, e olha para a parte de onde ele veio, fingindo não tê-lo visto – está de arrufos. 5ª. Moça que ao ver aproximar-se o jovem que a requesta, volta-lhe as costas e foge para dentro – morre por ele.⁹

Os prazeres e as utilidades dessa pequena abertura das casas eram tão notáveis que as senhoras e senhoritas faziam questão de se aprontarem para esse momento. *A Mulher do Simplicio* pontuava que nas festividades de São Pedro “já se prepara a moça bela para mostrar-se airosa na janela! O cabelo pôs liso e macio, que dele não distingue em um só fio; a flor pôs de um lado tão à jeito, que mais realça o rosto já perfeito!”¹⁰ Sem dúvida, os namoros que aconteciam por intermédio da janela eram as principais causas das arrumações. Na coroação de Pedro de Alcântara ao trono brasileiro, em julho de 1841, o mesmo jornal dedicado às moças da cidade não deixou de comentar os episódios dos *Festejos da coroação*. Admirada em ver a quantidade de pessoas que prestigiavam o jovem Imperador, a redatora assinalou: “Fazia gosto em tais dias olhar-se para as janelas, e vê-las todas ornadas de gentes feias e belas”.¹¹ Naquele dia, também mil vivas e flores foram oferecidas a Dom Pedro II, vindas de mulheres e homens que espionavam, de dentro das casas, a movimentação das ruas. Um viajante da época, estranhando esse costume, dizia nunca ter visto em outra cidade algo parecido com o gosto dos cariocas pela janela. Isso dava a impressão de que as mulheres não sabiam criar ocupações dentro de casa e os homens, ao voltarem da rua, tinham tempo suficiente para passar horas inteiras debruçados na janela.¹² Assim, ler, conversar, confidenciar, observar ou simplesmente flertar eram alguns divertimentos oitocentistas que levavam, particularmente, as senhoras casadas e as jovens solteiras a se encostarem nas janelas, que, extrapolando o universo privado, possibilitavam contato com o exterior. Não demorou, contudo, para que os olhares de longe se transformassem em cumprimentos de perto.

⁹ MACEDO, Joaquim Manuel de. *O moço loiro*. p. 102.

¹⁰ A RUA de S. Pedro. *A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada*. 1º dez. 1840, n. 65, p. 7.

¹¹ OS FESTEJOS da coroação. *A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada*. 23 dez. 1841, n. 70, p. 1.

¹² LEITE, Miriam Moreira. *A condição feminina no Rio de Janeiro*. p. 160.

3.1. Vestidos longos em passeios curtos

A partir dos melhoramentos urbanos na província, a janela foi deixando de ser o principal meio feminino de admirar o mundo externo, ou seja, as atividades nas vias públicas, como passeios citadinos à tarde, visitas, idas ao Passeio Público e compras nas lojas da Rua do Ouvidor começaram a fazer parte, cada vez mais, do cotidiano. De modo particular, o hábito de visitar corroborou também para a apreciação de outras residências. Os encontros de senhoras eram oportunos para tratar de frivolidades, falar sobre a vida alheia, comentar os principais eventos e conversar sobre religião, ou seja, “começando em sapatos e acabando pelo sermão,”¹³ esta prática havia se tornado comum entre as mulheres abastadas das primeiras décadas do século. As discussões de modas não podiam faltar, sendo as reuniões os momentos das senhoras compartilharem entre si tudo o que era voga. Na porta antes de se despedirem algumas diziam: “Já ia me esquecendo! Não deixe de me mandar as mangas de seu vestido, para o molde lhes tirar. Venha aquele lavarinto, que a sua pretinha abriu, mande também as pulseiras, os brincos e o ramo, ouviu?”¹⁴ Em *A Moreninha*, um encontro rápido de quatro moças descrito por Macedo rendeu alguns comentários sobre os modos de vestir de outra personagem: “D. Joaquina, você reparou no vestido de chalim de D. Carlota? Quanto a mim, está absolutamente fora de moda”.¹⁵ Se os elogios e as críticas das vestimentas alheias foram assuntos recorrentes nas visitas das donzelas, também a adequação dos trajés para essas situações ganharam uma atenção dos impressos.

Aos 23 de novembro de 1839, um periódico de instrução das senhoras reverenciou a variedade das modas com os seguintes termos: “Se à par de um vestido adornado com todas as delicadezas do mais refinado luxo não houvesse o vestido modesto e simples de riscadinho ou de cambraia [...] quem daria apreço ao requinte da indústria, a habilidade da costureira?”¹⁶ Exibir-se em público composta sempre de uma mesma forma era desaconselhável nos escritos dos periódicos. A verdadeira moda, pelo contrário, consistia em escolher os momentos propícios para empregar cada tipo de adorno, pois também na modéstia e mesmo “na pobreza há bom gosto, elegância e perfeição”.¹⁷ É interessante salientar que a riqueza, pura e simplesmente, não era definida como sinônimo de bom tom. O bem vestir era, antes, a arte de

¹³ VISITAS de senhoras. *A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada*. 22 dez. 1838, n. 60, p. 11.

¹⁴ VISITAS de senhoras. *A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada*. 22 dez. 1838, n. 60, p. 12.

¹⁵ MACEDO, Joaquim Manuel de. *A moreninha*. p. 80.

¹⁶ MODAS. *Correio das Modas*. 23 nov. 1839, vol. II, ano I, n. 21, p. 153.

¹⁷ MODAS. *Correio das Modas*. 23 nov. 1839, vol. II, ano I, n. 21, p. 153.

fazer uso das novidades de forma harmônica, nos distintos espaços da vida social, e saber aproveitar as oportunidades que cada tempo e lugar oferecia.

Fig. 13. Trajes para passeios diurnos



Fonte: MODAS. *Correio das Modas*. 23 nov. 1839, n. 21.

A beleza dos trajes para os passeios foi periodicamente colocada em relevo, como mostra o figurino¹⁸ acima. Toda a composição acima estava de acordo com os frescores de um dia de visita ou de passeio na cidade. O roupão apresentado era

fechado por laços de côr com fivelas apropriadas; usa-se na cintura e no peito laços de côr, sempre a mesma dos laços da abertura. O uso de muitas e diversas cores nos enfeites de vestidos é de muito mal gosto. O laço da cintura deve ter grandes pontas: o do peito tem menores. Estes laços se fazem com cetim ou com seda. Chamamos a atenção das leitoras para a pala em que prende a manga; forma como uma dragona lisa, e por simples não deixa de aparecer bem.¹⁹

¹⁸ As gravuras coloridas retiradas do *Correio das Modas* apresentadas nesse trabalho e alguns números dessa mesma folha não se encontram digitalizadas no site da Hemeroteca Digital, porém, estão disponíveis para consulta pública no acervo físico da Biblioteca Nacional. Assim, todos os figurinos em cores utilizados na dissertação são inéditos e foram fotografados pessoalmente no acervo da BN.

¹⁹ MODAS. *Correio das Modas*. 23 nov. 1839, vol. II, ano I, n. 21, p. 154.

Acompanhavam os roupões os modestos chapéus de seda ataviados com flores que se amarravam firmemente sob o queixo e traziam as primeiras referências românticas. Este modelo ficou conhecido como *bonet* e predominou por muitos anos nos passeios diurnos.²⁰ Uma única recomendação dizia respeito à escolha das cores, que tinham de gradar com a cor mais ou menos morena do corpo que iria vesti-lo. No século XIX, é possível notar uma evolução nos tons da indumentária feminina,²¹ isto é, o rol de possibilidades e combinações tornou-se mais variado. Alguns outros detalhes, como a manga longa que terminava com uma pala e a guarnição do vestido com laços, foram substanciais para a sofisticação do vestuário apresentado acima. Assinado por Emilia M., um boletim, a esse respeito, indagava se aconteceria “em outros objetos de modas o mesmo que aconteceu com as mangas”, isto é,²² a preferência pelos comprimentos longos nos passeios ao sol foi se impondo nessas ocasiões diurnas. As únicas variantes eram quanto aos punhos e a largura que seguia o gosto de cada donzela. Um conselho da *Mulher do Simplicio* explicava que os moldes “para as visitas requer-se um pouco de gravidade, salvo havendo nas famílias plena e ampla liberdade”,²³ por isso a voga das mangas que cobriam todo o braço e a ausência dos decotes.

A sombrinha ou *parasol* – forma inglesada também usada nos jornais – foi um adereço quase obrigatório para o dia. Na gravura, nota-se tanto a presença do chapéu, quanto deste objeto que ia nas mãos das donzelas e que, quando abertos, protegiam a cabeça e o corpo. Aparecer nas ruas ostentando esses acessórios era um sinal da vaidade feminina, bem como da boa condição social por parte da família, se levarmos em conta os preços de cada artigo. Sobre os chapéus, a divulgação de novos materiais e de novos estilos para esse acessório foram assuntos recorrentes no ano de 1840 nas folhas destinadas às vestimentas. Segundo o *Correio das Modas*, os de palha da Itália, de palha de arroz, de cetim branco e de cores, e de seda de cordão haviam caído no esquecimento, temporariamente, para dar lugar aos de renda “feitos desde a copa até a aba de partes ou secções distintas, que depois se reúnem, fazendo-se nas costuras que juntam essas diversas partes uma saliência que se nota por um folho estreito

²⁰ Modificando a voga dos grandes adornos de cabeça usados na década anterior, os chapéus estilo boneca estiveram em alta na moda francesa dos anos 1830. No Brasil ela começou a ser noticiada em 1839, com a publicação do *Correio das Modas*. Tal modelo “era baixo, com o formato de um balde de carvão e dava a impressão de extremo recato.” Cf. LAYER, James. **A roupa e a moda: uma história concisa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 168.

²¹ Gilda de Mello e Souza, sobre a questão das cores, pontua que as mais utilizadas até 1830 eram muito pálidas. Depois dessa década, surgiram os belos tecidos floridos e o esquema cromático se apurou. As cores vivas, por exemplo, eram mais apropriadas para os trajes de jantar. Cf. SOUZA, Gilda de Mello e. **O espírito das roupas**. p. 68.

²² MODAS. *Correio das Modas*. 5 jan. 1840, vol. II, ano II, n. 2, p. 9.

²³ MODAS. *A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada*. 1º out. 1842, n. 72, p. 12.

ou de renda ou de seda”.²⁴ Os chapéus, com toda sua diversidade de cores e tecidos, tornaram-se os objetos mais requisitados pelas mulheres nas visitas e nos passeios matinais, seguidos pelas sombrinhas. O estilo *bonet*, destacado no figurino acima, foi predominante por toda a primeira metade do século, e só começou a perder espaço, na década de 1870, para os chapéus menores que caíam sobre a testa.²⁵

Nas narrativas de Joaquim Manuel de Macedo, o Passeio Público era um cenário predileto, juntamente com “passeios à borda do mar e pelo jardim”.²⁶ Quatro personagens de sua obra – Cândido, Anacleto, Celina e Irias –, por exemplo, aproveitaram um dia ensolarado para juntos tomarem uma fresca e as roupas com que se apresentaram as duas figuras femininas no passeio indicavam uma nítida distinção de modelos para as jovens e para as senhoras já avançadas na idade. Na flor de seus anos, Celina vestia simplesmente um “vestido de escomilha cor-de-rosa e em corpinho, com os cabelos à napolitana; não trazia nem brincos, nem adereços, nem pulseiras, mas sim lindíssimos braços nus, pois que o vestido era de mangas curtas, e ao mesmo tempo tão comprido”²⁷ que escondia completamente seus sapatos. Uma delicada fita azul em volta da cintura e os encantos naturais de Celina arrematavam o traje. Irias, por sua vez, “estava vestida toda de preto, e tinha na cabeça um chapelinho da mesma cor, mas de palha com enfeites de fitas roxas”.²⁸ Esta comparação entre a personagem Celina e Irias descrita por Macedo é oportuna para enfatizar que a faixa etária também determinava o tipo de roupa a ser vestida. Enquanto Celina gozava os prazeres da juventude e se mostrava em cores amenas, Irias, por ter idade avançada, não pensou duas vezes antes de trajar-se com um sóbrio vestido preto, símbolo de sua viuvez²⁹. A singularidade da escolha da mocinha eram as mangas curtas, quase nunca vistas nos passeios. Até onde pudemos analisar, aparecer nas ruas com os braços à mostra não fazia parte das recomendações para os passeios diurnos, mas apenas para as festividades noturnas, visto que as luvas ajudavam a esconder o que a manga curta do vestido não tapava.³⁰

As senhoritas apareciam sempre bem compostas na presença de seus pretendentes e, por serem raros os encontros, buscavam causar boa impressão nos modos e na aparência. Um jornal da época denotava que a donzela carioca era “em casa toda santinha qual pecador

²⁴ MODAS. *Correio das Modas*. 26 jan. 1840, vol. II, ano II, n. 8, p. 64.

²⁵ LAYER, James. *A roupa e a moda*. p. 191.

²⁶ MACEDO, Joaquim Manuel de. *A moreninha*. p. 134.

²⁷ MACEDO, Joaquim Manuel de. *Os dois amores*. p. 167.

²⁸ MACEDO, Joaquim Manuel de. *Os dois amores*. p. 168.

²⁹ Às esposas que perdiam seus maridos eram exigidos vários períodos de luto que se iniciava com o preto total. Para estas, era necessário ainda pelo menos doze meses de uma aparência desolada e coberta pelo negro. Cf. RODRIGUES, Mariana Christina de Faria Tavares. *Mancebos e mocinhas*. p. 98.

³⁰ No último capítulo, cujo propósito é analisar as vestimentas mais luxuosas, retomaremos essa questão.

convertido, mas quando a passeio sai, bem vestida sempre vai. Ora, o que quer? ...marido”.³¹ A busca pela vestimenta perfeita – e os eventuais deslizes ou acertos decorrentes disso – possibilitou o surgimento de prescrições que, muitas vezes, eram publicadas nos jornais.

Fig. 14. Trajes para passeios diurnos



Fonte: MODAS. *Correio das Modas*. 5 out. 1839, n. 14.

Dos refinados bailes aos mais simples passeios, o *Correio das Modas* tratava de informar acerca dos padrões indumentários àquelas que frequentavam esses espaços. Uma das vertentes mais encantadoras das modas, e que colocava à prova a natureza feminina eram os figurinos de passeios. Essas roupas desprovidas de brilhos, jóias e adereços em demasia, para os redatores oitocentistas, não desmereciam a atenção das leitoras. O modelo acima trazia muitas indicações sobre os novos usos vindos do estrangeiro, começando pelo vestido. Aqui notamos a presença dos chamados *jalecos* ou *roupinhas* em um tom de verde alecrim. Essas peças eram talhadas de maneira que vinham “terminar angularmente no peito e ficam muito vistosas se tiverem uma carreira de botões dourados ou pretos desde o vértice do ângulo até a

³¹ O DESEJO. *A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada*. 22 jun. 1844, n. 78, p. 2.

cintura”.³² As *roupinhas* cumpriam funções semelhantes aos corpinhos e corpetes, pois ambos formavam a parte superior do traje e ajudavam a delinear a cintura. Esse costume de usar uma roupa para cobrir o tronco e outra para vestir da cintura para baixo foi pontuada em algumas poucas instruções periódicas, visto que a praticidade de uma única peça – como os vestidos e roupões – era o que reinava naquele tempo. As mangas continuavam a ser longas e largas com alguns fofos,³³ e terminavam com a pala de renda branca.

Não poupando tinta, o colunista ainda comentou sobre a saia da figura, ao sugerir a apreciação dos cinco folhos na barra, que já era moda adotada pela maior parte das cariocas de bom gosto. A notícia do momento era que “do único folho largo que até aqui se usava, passamos para quatro e cinco ordens de folhos mais estreitos”.³⁴ O lencinho bordado da mesma cor da saia foi lembrado por estar muito em uso na Inglaterra e nas sociedades de primeira ordem. Presentes também no guarda-roupa masculino, esses pequenos adereços custavam “bastante caro, mas é uma moda aristocrática, e nós não devemos, por esse motivo, deixar de noticiá-la”.³⁵ Considerando o vestir das mulheres em estágios diferentes da vida, concluímos que as moças *casadoiras* foram mais adeptas ao lenço em locais públicos. As personagens macedianas, Laura e Rosa, não dispensavam seus elegantes lencinhos e, em uma reunião privada, o romancista tratou de descrevê-los: o lenço da primeira era todo “de cambraia liso, cercado de pontinha, com paisagens coloridas nos ângulos; o centro representa um círculo ornado de acasos de flores diversas; no meio do círculo lê-se as iniciais do nome da dona”.³⁶ Seguindo semelhante fineza, o lenço de Rosa era “igualmente de cambraia liso e cercado de pontinha como o outro: tem guarnição de rosas e botões de cor azul [...] e folhagens variadas; o centro é formado por uma guarnição igual do qual vêem-se as iniciais de seu nome”.³⁷ Os leques e os lenços bordados eram dois adereços bastante usados pelas senhoritas nos passeios às vias públicas.

As joias e acessórios de valor tinham que ser guardados para ocasiões mais luxuosas, por isso, não era prudente usá-las em momentos comuns. O código da moda, marcando esta tendência, determinava que “os colares de pedras ou de ouro não servem para as circunstâncias ordinárias, e ou se deixa o pescoço desguarnecido, ou usa-se dois cordões

³² MODAS. *Correio das Modas*. 5 out. 1839, vol. II, ano I, n. 14, p. 105.

³³ Em moda na França entre 1830 e 1835 esse tipo de manga mais volumosa era chamada de *gigot*. Cf. BOUCHER, François. *História do vestuário no Ocidente*. p. 338.

³⁴ MODAS. *Correio das Modas*. 5 out. 1839, vol. II, ano I, n. 14, p. 105.

³⁵ MODAS. *Correio das Modas*. 5 out. 1839, vol. II, ano I, n. 14, p. 105.

³⁶ MACEDO, Joaquim Manuel de. *Rosa*. p. 198.

³⁷ MACEDO, Joaquim Manuel de. *Rosa*. p. 199.

pretos”.³⁸ Assim, caso as senhoras optassem por adornar seus pescoços, o bom tom prescrevia pequenos e delicados colares sem muitos detalhes, a exemplo da imagem abaixo.

Fig. 15. Trajes para o verão carioca



Fonte: MODAS. *Correio das Modas*. 9 nov. 1839, n. 19.

Vindo a público em novembro de 1839, a estampa apresentava um trajar completo para o verão na capital. Além disso, o número trazia uma novidade: algumas leitoras, amigas do redator, por terem tido acesso àquela coluna antes da mesma ter sido veiculada no jornal puderam dar suas opiniões sobre a gravura. As senhoras consultadas, escrevia o colunista, elogiaram a barra do roupão, o forro de renda que guarnecia a gola e “acharam o roupão cinzento de muito bom gosto: a cor é belíssima para pessoas claras”.³⁹ O tom da pele era uma variante a se levar em conta no momento da escolha do vestido. Nas moças claras, por exemplo, tons obtidos a partir da mistura entre cores escuras e o branco gradavam muito bem, isto é, o cinza, o rosa e o azul celeste. Um útil *Emblema das cores*,⁴⁰ publicado no *Correio*

³⁸ MODAS. *Correio das Modas*. 9 nov. 1839, vol. II, ano I, n. 19, p. 138.

³⁹ MODAS. *Correio das Modas*. 9 nov. 1839, vol. II, ano I, n. 19, p. 138.

⁴⁰ Publicado no *Correio das Modas*, o emblema apresentou-se como uma espécie de dicionário das cores. Nele foram definidos os significados de oito cores, são elas: branco, preto, azul, encarnado, amarelo, cor de rosa, verde e escarlata.

das Modas em 1840, explicava que o cinza era considerado secundário por ser o resultado do preto e do branco juntos; outras três cores tidas como secundárias e também usadas pelos oitocentistas era o laranja, o roxo e o pardo. Sobre o figurino da esquerda, a fileira de botões enfeitando a saia, o cinto cor de flor de alecrim e o folho na barra continuavam expressando a singeleza dos passeios matinais. O número de folhos colocados na parte inferior dos vestidos, geralmente, ia de um a três (ver figura 15), contudo alguns chegavam a ostentar até cinco (ver figura 14).

As oscilações nos *toucados* das francesas e o tempo que levavam para serem divulgadas em terras tropicais estavam diretamente relacionados à distância entre o Brasil e o velho continente. Quando uma nova moda era noticiada aqui, provavelmente, já havia deixado de circular nas ruas de Paris e Londres ou passado por reformulações. *Pierre Plancher*, a esse respeito, registrou a efemeridade da moda no *Espelho Diamantino* como um obstáculo para as senhoras fluminenses que seguiam à risca as vogas europeias. A primeira questão colocada pelo redator francês dizia respeito à dificuldade em determinar, rigorosamente, o caráter da moda quando esta vinha de 3000 léguas, sujeita às especulações do comércio e a inconstância dos ventos, ou seja, quando as roupas da França “desembarcam no Rio de Janeiro, aquilo que cá consideramos como primoroso pela novidade, em Paris passa por antiquário”.⁴¹ Um redator do *Correio das Modas*, do mesmo modo, anos mais tarde, pontuou a dificuldade em preencher a coluna, frente ao pouco conteúdo chegado da Europa nos últimos dias, isto é, “minguados devem ser nossos boletins e os leitores hão de se contentar com eles e desculpar quem os escreve”.⁴² No número seguinte, o quadro apresentado permanecia inalterado no jornal dos irmãos *Laemmert*, pois naquela semana ainda não havia chegado “nenhum dos navios que esperamos da França, e é preciso contentarmo-nos com o que tínhamos”. Em meio a escassez de informações, as novidades da moda não deixavam, pois, de serem publicadas, e os jornais para senhoras continuaram sobrevivendo às barreiras do tempo e do espaço.

As folhas dedicadas ao *belo sexo* confirmavam que a ausência de acessórios e penteados elaborados, nos passeios à luz do dia, realçava a beleza natural das moças. Era preferível “ver uma senhora vestida com simplicidade, do que aquelas que andam sempre pelas alturas das modas e do luxo”,⁴³ sem se adequarem aos recintos. Tudo tinha a hora e o lugar para acontecer, e quanto às roupas, isso também se verificava. Os corpos cheios de canotilhos ou pregas, prescrevia um redator, “são propriamente para os bailes, e não para os

⁴¹ MODAS. *Espelho Diamantino*. 1º nov. 1827, n. 4, p. 66.

⁴² MODAS. *Correio das Modas*. 22 mar. 1840, vol. I, ano II, n. 24, p. 185.

⁴³ MODAS. *Correio das Modas*. 23 nov. 1839, vol. II, ano I, n. 21, p. 161.

passeios e divertimentos da mesma espécie”.⁴⁴ Ao comentar as celebrações de 7 de setembro, o *Correio das Modas* já alertava seu público de que “os vestidos, os penteados, os adornos que serviram nesta noite, não servem para as outras noites de teatro, não quadram para passeios, seriam ridículos para visitas de amizade”,⁴⁵ ou seja, modas menos elaboradas tinham de ser adotadas nesses momentos. Além das distinções quanto aos ambientes, nas épocas de intenso calor, os conselhos também não eram imprudentes a ponto de obrigar as senhoras ao sacrifício dos vestidos pesados, penteados custosos e adornos em demasia. Um jornalista reforçava a relação entre bom gosto e bom senso, afirmando que a moda

sabe quando deve enroupar seus favoritos, e quando lhes deve impor vestidos ligeiros: seus decretos tem sempre o cunho do bom senso [...] que há de mais simples, de mais elegante do que esses singelos roupões? Que há de mais próprio para a estação calmosa em que nos achamos? Esse pescoço descoberto sem que em coisa alguma se ofendam as regras do pudor, primeira e mais bela qualidade que se pode adornar uma senhora, seja qual for seu estado ou condição, é uma necessidade urgentíssima da quadra, e a moda procura satisfazê-la sem preterir a elegância e bom gosto.⁴⁶

A *Rainha do mundo*, como alguns coetâneos se referiam à moda, não deixava de ser interessante quando era simples, ou melhor, “todos bem sabem que o botão que desabrocha em nossos jardins ao orvalho da manhã não deixa de ser belo porque somente o envolvem cinco folhas verdes”.⁴⁷ Esta frase, traduzida para o universo do vestir, esclarecia que todos os tipos de trajes tinham seus valores na sociedade e deveriam ser exaltados em pé de igualdade nos periódicos dedicados a isso. Assim, composta com tecidos frescos e simples – chitas, cassas bordadas, cambraia, escomilhas⁴⁸ e riscadinhos –, trajando um chapéu enfeitado com fitas e carregando seu guarda-sol, uma dama carioca estava pronta para passear elegantemente pelas ruas, lojas e residências. O essencial na vida das mulheres era aprender quais ambientes comportavam tais modelos; e os periódicos, a fim de conseguir instruí-las sobre tudo um pouco, na ausência dos bailes e saraus voltavam suas penas para os passeios diários.

⁴⁴ MODAS. *Correio das Modas*. 23 nov. 1839, vol. II, ano I, n. 21, p. 172.

⁴⁵ MODAS. *Correio das Modas*. 14 set. 1839, vol. II, ano I, n. 11, p. 81.

⁴⁶ MODAS. *Correio das Modas*. 14 dez. 1839, vol. II, ano I, n. 24, p. 177.

⁴⁷ MODAS. *Correio das Modas*. 21 dez. 1839, vol. II, ano I, n. 25, p. 185.

⁴⁸ Lençaria muito fina, rara e transparente. Cf. SILVA, Antonio de Moraes. **Dicionário da Língua Portuguesa recompilado dos vocabulários impressos até agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, por Antonio de Moraes Silva.** p. 745. Disponível em: http://200.144.255.59/catalogo_eletronico/imagemVerbete.asp?Verbete_Codigo=63783&Setor_Codigo=11. Acesso em 04/07/2018.

3.2. No campo tudo se trajava com flores

Longe do barulho e movimentação das cidades, os sítios e fazendas proporcionavam certa privacidade para visitar amigas e parentes e liberdade para vestir, andar à cavalo ou mesmo passear por entre o verde das campinas, favorecendo um contato mais íntimo do *belo sexo* com a natureza. Desse modo, aproximações entre as características femininas e as flores foram constantes nesse período, pois, para os redatores, tanto as damas quanto as flores “enfeitam e guarnecem a terra!”;⁴⁹ além de serem coloridas, cheirosas, singelas, pequeninas e cumprirem a função de embelezar a vida dos que estavam ao seu redor.

Nas roupas diurnas, as estampas florais e os adereços enfeitados com flores eram uma marca das senhoras de bom tom. No dia 27 de dezembro de 1840, terminadas as celebrações do Natal e iniciada as preparações do Ano Novo, um colunista, ciente de que suas leitoras deixariam a cidade naqueles dias, estampou um vestido simples conveniente para esses passeios. Dentro desta proposta, a gravura trazia

uma menina viçosa, cheia de graças, adornada de talentos, passeando pelos belíssimos sítios do Engenho Velho ou das Laranjeiras, pelas formosas praias de Niteroy, ou fazendo de Paquetá nova ilha dos amores. E me direis, se ela estiver vestida como o figurino, que efeito mágico não fará aos olhos d'alma e aos do espírito [...] Um vestido furta cores em tais ocasiões e em semelhantes sítios faz lembrar a mensageira de Juno, com seu cinto de variadas cores, com sua beleza sempre pura e brilhante. Ah! E se o chapéuzinho for adornado de flores, quem não pensará no meio da verdura de nossas campinas ver Flora com suas grinaldas!⁵⁰

⁴⁹ MODAS. *Correio das Modas*. 19 jan. 1839, vol. I, ano I, n. 3. p. 24.

⁵⁰ MODAS. *Correio das Modas*. 27 dez. 1840, vol. II, ano II, n. 52, p. 410.

Fig. 16. Trajes para um passeio no campo



Fonte: MODAS. *Correio das Modas*. 27 dez. 1840, n. 52.

De mangas longas, o traje em destaque reforçava uma recomendação muito conhecida daquele tempo para as mulheres: não mostrar seus braços durante o dia. Nos momentos de campo, sobretudo, era sinal de recato levar escondidas todas as extremidades do corpo. O efeito furta cor, entretanto, amenizava a sobriedade das mangas e atribuía ao vestido um toque de leveza. Além disso, os tons claros caíam muito bem nas mais jovens⁵¹, fosse na informalidade dos passeios ou na suntuosidade dos bailes. O chapéu com pequenas flores na aba assinalava a tentativa de aproximação entre moda e natureza. Quando não aplicadas nos vestidos e chapéus, as flores atuavam como arranjos de cabeça, enfeites de sombrinhas ou buquês. A singeleza do adereço feito de palha dava acabamento à vestimenta, tornando-a adequada a um passeio no campo e reforçando o ideal da mocinha que, comedida, cobria suas madeixas com chapéus, toucas, véus, laços e fitas. O boletim de modas do dia 20 de abril de

⁵¹ Ao analisar a moda na segunda metade do século XIX por meio dos romances, a pesquisadora Mariana Christina de Faria Tavares Rodrigues nos chamou atenção para essa questão. Segundo ela, as “jovens da boa sociedade se satisfaziam com cores amenas, mais dóceis, mais plácidas.” As cores podiam, inclusive, dizer se uma mulher era uma virgem solteira ou senhora casada. Cf. RODRIGUES, Mariana Christina de Faria Tavares Rodrigues. *Mancebos e mocinhas*. p. 83.

1839, assinado por Emilia M., trazia para aquelas páginas os tipos de vestimentas usadas nos campos. Para tanto, a mulher faria

o seu modesto trajeto no grande onibus, envolvida no seu roupão de cassa em listas ou de cores diversas, e com a sua singela touca. Quando então quer ataviar-se mais casquilha, aluga o seu carrinho, e veste o seu roupão de seda, ornado de duas ordens de fofos de uma larga renda, e com sua linda touca de filó enfeitada de flores, vai ao seu destino, passeando assim pelos belos jardins;⁵²

Essas poucas linhas destinadas a prescrever as modas para os passeios no campo foram suficientes para expor dois trajés distintos compostos com roupões. O primeiro era de cassa⁵³ listrada e o segundo de seda. A praticidade dessas vestimentas – que se diferenciavam dos vestidos por terem uma abertura frontal – fez com que estas se tornassem peças mais fáceis de serem trajadas, e, por isso, muito recorrente no vestir das mulheres. Em 1840, *A Mulher do Simplicio* pontuava que “as modas há muito tempo que progresso não tem tido, exceto por usarem as damas roupão em vez de vestido. Dos roupões há vários gostos e nisto pouco andam certos; umas os querem fechados, outras os querem abertos”.⁵⁴ Embora tenham sido amplamente recomendados pelos escritos, estas peças não chegaram a substituir os vestidos. Na verdade, ambos conviveram harmoniosamente no universo da moda: os roupões eram recomendados para ocasiões diurnas e, sobretudo, nos campos, já os vestidos eram usados tanto nos passeios quanto nas festividades mais luxuosas. Abaixo vemos dois modelos indicados para os sítios.

⁵² MODAS. *Correio das Modas*. 20 abr. 1839, vol. I, ano I, n. 16, p. 129.

⁵³ Tecido fino e transparente de linho ou de algodão.

⁵⁴ MODAS. *A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada*. 1º dez. 1840, n. 65, p. 12.

Fig. 17. Trajes para festividades no campo



Fonte: MODAS. *Correio das Modas*. 19 abr. 1840, n. 32.

Na Páscoa de 1840, como era comum em algumas datas especiais, o *Correio das Modas* direcionou seus conselhos para as leitoras que estivessem indo passar a festividade nos campos. Depois das missas, segundo os jornais, as visitas a amigos e familiares que moravam fora da cidade era um dos afazeres preferidos dos fluminenses. Dando vivas à elegância desses passeios, o *Correio das Modas* ofereceu naquele domingo “um excelente molde para o campo, para a visita das flores, que estão agora tão bonitas, tão frescas, tão cheirosas, que é um regalo vê-las e cheirá-las”.⁵⁵ Nota-se, em uma das moças, o xale estampado à semelhança do vestido e a sombrinha que ia fechada.⁵⁶ Uma outra coluna, anterior a essa, de março de 1840 trazia algumas assertivas sobre como escolher as cores. As senhoras que assinavam aquela folha sabiam que a adequação dos tons era essencial no vestuário, “entretanto que regras se podem dar a respeito de cores? Como dizer que uma se assentará melhor que outra?”⁵⁷ Uma combinação elegante era o vestido branco mesclado aos verdes e azuis em pontos específicos – muito usado pelas jovens mais abastadas, ou seja, que tinham condições

⁵⁵ MODAS. *Correio das Modas*. 19 abr. 1840, vol. I, ano II, n. 32, p. 277.

⁵⁶ James Laver nos informou que o guarda-sol era um elemento essencial do equipamento da mulher europeia elegante. Cf. LAVER, James. *A roupa e a moda*. p. 166.

⁵⁷ MODAS. *Correio das Modas*. 29 mar. 1840, vol. I, ano II, n. 26, p. 201.

de pagar os serviços especializados para limpá-los e torná-los novos após um dia no campo. O aumento no consumo de roupas brancas era resultado do desejo de ostentar riqueza⁵⁸ e, ao mesmo tempo, externar algumas condições próprias das mocinhas solteiras.

Outras modas eram igualmente recomendadas no dia-a-dia. Além dos sapatos com meia, “se uma dama passeia, leva com primor xale ou manta e vestido de cor”.⁵⁹ Na gravura de 19 de abril de 1840, como vimos, o adorno que cobria os ombros tinha franjas e pequenas estampas nas extremidades, fazendo combinações com o padrão floral do vestido; um acessório que contribuía para a marcação da cintura era o laço, introduzido na cor azul. A manga longa e os chapéus estilo *bonet* finalizavam adequadamente o conjunto de um traje campestre. Nas estações mais quentes do ano era notório o sucesso dos tons pastéis, geralmente estampados com padrões florais. As flores, pela sua importância nessas circunstâncias, apareciam em três pontos distintos da imagem: primeiro adornando os chapéus; depois no buquê levado nas mãos,⁶⁰ e, por último, na estampa do vestido.

A moda, como prática constante no século XIX,⁶¹ conquistou seu espaço na silhueta e no trocador do *sexo amado* fluminense. Os primeiros romances escritos por Joaquim Manuel de Macedo criaram um perfil interessante de mocinha – como Carolina, Honorina, Celina e Rosa – belas por natureza, seguidoras das modas importadas de Paris, sem deixar de ostentar suas características tipicamente brasileiras, educadas para se portarem adequadamente em sociedade. Os artifícios da roupa, para essas mulheres, ajudavam a encontrar o par perfeito, ou seja, quanto mais graciosas elas se apresentassem nas reuniões ou passeios, maiores as chances de um mancebo percebê-las em meio aos convivas. No entanto, não podemos esquecer que o exagero continuava sendo um grande inimigo das modas. Embora os escritos tenham traçado longos elogios às vestimentas refinadas e luxuosas, alguns boletins do *Correio das Modas* ressaltavam que “a simplicidade também é elegante”⁶²; e a prova de tal afirmação estava justamente nos belos modelos escolhidos para os passeios casuais no Rio de Janeiro, principalmente quando o destino eram os sítios. Afinal, “quereria alguém que no campo andasse uma senhora de turbante, vestido de filó e ataviada como para um baile?”⁶³ Além de ser considerado deselegante e desarmonioso, vestir-se com excesso era, aliás, desconfortável em certos lugares e horas do dia.

⁵⁸ ROCHE, Daniel. **A cultura das aparências**: uma história da indumentária (séculos XVII-XVIII). São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007. p. 171.

⁵⁹ MODAS. **A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada**. 23 dez. 1841, n. 71, p. 15.

⁶⁰ As senhoras oitocentistas frequentemente carregavam um buquê de flor em seus passeios. Cf. LAYER, James. **A roupa e a moda**. p. 166.

⁶¹ SOUZA, Gildade de Mello e. **O espírito das roupas**. p. 145.

⁶² MODAS. **Correio das Modas**. 23 ago. 1840, vol. II, ano II, n. 16. p. 122.

⁶³ MODAS. **Correio das Modas**. 28 dez. 1839, vol. II, ano I, n. 26, p. 194.

Ao narrar uma viagem a São Cristóvão feita por um personagem, pelos idos de 1845, o autor de *O moço loiro* deu acento a uma jovem que passeava montada em um cavalo ao lado de seu pai. Alguns aspectos da protagonista como o “meigo sorriso que estava deslizado em seus belos lábios cor de nacar, os seus olhos grandes, negros e ardentes”⁶⁴ foram destacados em primeira ordem. Um recurso muito usado por Macedo – característica cara do romantismo – eram as longas descrições dos atributos físicos e de tudo quanto pudesse definir as mocinhas. À respeito das escolhas vestimentárias,

o vestido da moça era verde-escuro; nada mais engraçado do que sua cinturinha delicada, do que o corpinho justo que desenhava as mais encantadoras e voluptuosas formas: ela trazia na cabeça um simples boné preto que, muito pequeno para esconder seus cabelos, deixava cair uma multidão imensa de belos anéis de madeixas negras, que voavam pelos ares na impetuosidade da carreira que trazia o cavalo.⁶⁵

Os objetos compressores da cintura feminina – espartilhos, roupinhas, coletes e corpinhos⁶⁶ – passaram a acompanhá-las nos ambientes sociais, mais visivelmente, por volta de 1840. O *Simplicio*, a esse respeito, comentou que a moda enaltecia “um vestido engendrado de retalhos em casa da modista mais careira e apertado na cintura até que um aflitivo expresse-se estar no grau do aperto”.⁶⁷ No século XIX, mulheres que não faziam uso desses adereços eram vistas como desdeixadas, a exemplo de quem morava na roça e não tinha acesso às informações citadinas. Em geral, o serviço de espartilhar as damas, e também ajudá-las a vestir outras peças, era feito pelas próprias escravas da casa. Apesar do aparente desconforto, esses componentes da moda atravessaram o século moldando a silhueta das mulheres do Oitocentos.

A Mulher do Simplicio, de 1837, trazia a seguinte colocação a esse respeito: “Qualquer senhora na rua, ou velha ou ainda menina, entre tantos enchimentos mostra cintura fina. Cintura fina! Que é coisa que toda moça quer ter, ainda que arroche coletes, passe embora sem comer”.⁶⁸ O desejo de ostentar *cintura de vespa* era tão grande que, continua a autora desse boletim, se uma senhorita “tinha de sair à tarde almoçava chá, só, sem mais nada engolir. Andava tão apertada, que um dia escorregou numa pedra em que caiu, e do chão não

⁶⁴ MACEDO, Joaquim Manuel de. *O moço loiro*. p. 53.

⁶⁵ MACEDO, Joaquim Manuel de. *O moço loiro*. p. 53.

⁶⁶ A época romântica começou a ser cristalizar na França por volta de 1830, primeiro nas artes decorativas e logo em seguida na moda. Nesse contexto, as mulheres pareciam “sonhar em se desmaterializar, em parecer com anjos ou borboletas.” Nasce a tendência das cinturas marcadas por meio dos *corsets*, das saias em forma de sino e das mangas *gigot*. Cf. BOUCHER, François. *História do vestuário no Ocidente*. p. 338.

⁶⁷ *O Simplicio*. 18 jan. 1832, n. 10, p. 66.

⁶⁸ MODAS. *A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada*. 28 mar. 1837, n. 54, p. 6.

se levantou!”⁶⁹ Assim, corpos espartilhados, nas mocinhas que se preparavam para o matrimônio e também nas mulheres casadas, tornaram-se uma marca de bons modos, beleza e moda. Mesmo nos passeios ao campo isso não era diferente.

Fig. 18. Trajes para um passeio no campo



Fonte: MODAS. **Correio das Modas**. 26 jan. 1839, n. 4.

Voltando aos roupões, este modelo contemplava, outra vez, sua tendência nos campos. As listras em tons de verde, a renda preta guarnecendo a barra, a gola e as mangas dava à vestimenta um acabamento diferenciado. Outro ponto a ser notado era “o chapéu cor de rosa de escomilha com plumas *marabouts*”,⁷⁰ que gradava perfeitamente com o roupão de seda. Na figura de costas dá para se ter uma ideia de como funcionava esse tipo de chapéu na parte de trás: laços, fitas, flores e plumas eram anexadas à copa, e a aba acompanhava o formato da cabeça, terminando na amarração de uma fita abaixo do queixo. A gente abastada – sejam homens ou sejam mulheres – nunca saía de casa sem tais adereços. Para o público feminino, fundamentalmente, mostrar os cabelos soltos sem chapéus nas vias públicas era sinal de despudor, isto é, somente mulheres sem família e descompromissadas com o casamento

⁶⁹ MODAS. **A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada**. 28 mar. 1837, n. 54, p. 6.

⁷⁰ MODAS. **Correio das Modas**. 26 jan. 1839, vol. I, ano I, n. 4, p. 25.

ousavam fazê-lo. A regra de cobrir e prender os cabelos valia tanto para as casadas, como um sinal de respeito ao marido – que poderia apreciar as madeixas soltas de suas companheiras na intimidade da vida conjugal –, quanto para as jovens solteiras. Porém, as últimas gozavam ainda de uma maior liberdade por não terem contraído matrimônio, já que exibir-se *à negligê*,⁷¹ em alguns momentos pontuais, não era um problema para as mocinhas. Estas aparições, nos romances macedianos, eram mais comuns quando as donzelas estavam no âmbito privado. Joaquim Manuel de Macedo, sobre isso, descreveu duas amigas que, dentro de seus aposentos, “pareciam igualmente pálidas, e em descuidado desalinho, que a hora e solidão desculpava, longas madeixas, negligentemente soltas, caíam como espessa nuvem negra”.⁷² Dessa maneira, era somente dentro da privacidade dos lares que as fluminenses podiam despir de suas vaidades e soltar seus cabelos.

É notório que os chapéus variavam conforme o lugar onde se pretendia exibí-los. No campo, eles eram complementados com plumas, fitas e flores coloridas, e os mais usados eram de palha da Itália encapados com sedas e cetins.⁷³ No ano de 1837, *A Mulher do Simplicio* indicava outros tipos de chapéus vistos nas cabeças das mulheres por aqueles dias, como o modelo inglês forrados com seda “branca, cor de rosa, roxa, cinzenta, conforme o gosto da moça que com eles se apresenta. Largas fitas os enfeitam lisamente. Uns novos de trança inglesa, começam a aparecer: não sei se bem recebidos em geral virão a ser”.⁷⁴ Apesar da primazia da moda feminina francesa no Rio de Janeiro, esta teve concorrência maior do ingleses quando se tratava do chapéu. Esta questão foi sublinhada da seguinte maneira pelo *Correio das Modas*:

Acerca dos chapéus há uma renhida discussão entre as modistas: – umas dão preferência ao inglesismo, outras ao francesismo. Não se pode chamar à dúvida a elegância dos chapéus franceses, porque a sua forma é esbelta e elegante, suas plumas belas, seus enfeites escolhíssimos; – mas seria também faltar à justiça negar-se que a simplicidade dos ingleses é encantadora, e mesmo que a sua forma é gentil.⁷⁵

Assim, ficava constatado que a exaltação da beleza dos chapéus franceses não significava, necessariamente, o desprezo pelos ingleses. Cada qual tinha atributos diferentes e os lugares adequados para serem usados. Os mais elegantes e valiosos tinham de ser

⁷¹ A expressão *à negligê* quer dizer à vontade, solto. RODRIGUES, Mariana Christina de Faria Tavares. **Mancebos e mocinhas**. p. 75.

⁷² MACEDO, Joaquim Manuel de. **O moço loiro**. p. 56.

⁷³ BOUCHER, François. **História do vestuário no ocidente**. p. 337.

⁷⁴ MODAS. **A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada**. 28 mar. 1837, n. 54, p. 8.

⁷⁵ MODAS. **Correio das Modas**. 18 mai. 1839, vol. I, ano I, n. 20, p. 164.

guardados para ocasiões especiais, como teatro, aniversário e, em alguns casos, até mesmo em bailes; enquanto aqueles simples e singelos poderiam ser usados em visitas diárias, tanto no campo quanto na cidade.

Sobre os passeios a cavalo,⁷⁶ ou as cavalgadas, estas foram menos recorrentes no cotidiano feminino, embora algumas senhoras e senhoritas tenham se arriscado nessa aventura. Joaquim Manuel de Macedo narrou, pois, algumas cenas de personagens que apareciam montadas à cavalo: Honorina protagonizou momentos de lazer junto a seu pai e seu cavalo; D. Irene, uma outra personagem de mais idade, é descrita cavalgando e sendo elogiada por algumas mocinhas que se reuniram na varanda de uma fazenda para vê-la chegar em seu cavalo. Observando de longe, uma delas exclamava às outras: “– Bravo! A cavalgada avança! É D. Irene mesmo! Vejam a graça com que maneja o chicotinho!”⁷⁷ De acordo com o romancista, a senhora escolheu trajar, naquela tarde, um chapéu cor de violeta e um vestido verde claro. É sabido que ver uma mulher cavalgando pela cidade ou no campo era menos comum do que vê-la participando de um baile ou sarau, contudo, esse hábito esteve presente em algumas mocinhas e senhoras daquele tempo. O *Correio das Modas*, sabendo que havia adeptas desse divertimento na cidade, resolveu escrever um boletim tratando das modas de cavalgadas.

⁷⁶ O historiador Gilberto Freyre ponderou que “na decadência do patriarcalismo rural é que foram aparecendo as amazonas de engenho: as senhoras que montavam à cavalo sentadas de lado, quase nunca escanchadas como homem.” Cf. FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**. p. 217.

⁷⁷ MACEDO, Joaquim Manuel de. **Rosa**. p. 237.

Fig. 19. Traje feminino para cavalgar



Fonte: MODAS. *Correio das Modas*. 22 nov. 1840, n. 42.

Como se vê, as roupas dos dois homens e da mulher da gravura, até a cintura,⁷⁸ são semelhantes: o distanciamento das cores vivas e a presença do marrom, a camisa branca, o tipo de gola que lembrava a do rapaz, a ausência de adereços coloridos, e o chapéu preto – chamado de *Amazonas Egliroton* – com fitas azuis. Segundo o redator, esta coluna era dedicada, especificamente, às moças “que gostam de passear a cavalo”.⁷⁹ As mangas nesses divertimentos deixavam de ser largas para se colarem ao corpo; essa mudança procurava evitar desconfortos e proporcionar uma melhor condução do cavalo. As saias continuavam demasiadamente longas e volumosas,⁸⁰ por isso praticar a equitação requeria cores que não se sujavam com facilidade ou mesmo que a sujeira não ficasse tão aparente no final do dia, isto é, o preto, o cinza, o marrom ou os tons de azul escuro. Os sapatos,⁸¹ pela mesma razão dos vestidos, deveriam ter cores sóbrias e feitos de materiais reforçados, como o couro. A

⁷⁸ Importante salientar que os trajes de cavalgada eram masculinizados somente até a cintura. O ideal seria modificar todo o traje, mas era inimaginável para a época as mulheres usarem roupas bifurcadas. Cf. LAYER, James. *A roupa e a moda*. p. 172.

⁷⁹ MODAS. *Correio das Modas*. 22 nov. 1840, vol. II, ano II, n. 42, p. 330.

⁸⁰ LAYER, James. *A roupa e a moda*. p. 172.

⁸¹ Segundo o historiador alemão Carl Kohler, os sapatos até 1860 eram bastante simples, pois as longas saias impediam a ostentação de luxo nessa peça. As botas subiam mais ou menos três dedos de largura além dos tornozelos. KOHLER, Carl. *História do vestuário*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009. p. 562.

presença dos dois rapazes,⁸² com suas casacas inglesas, chapéu preto e chicote, denotava que uma donzela nunca saía para cavalgar sem estar em companhia de seu marido ou familiares do sexo masculino.

3.3. Roupas de ver Deus

Os ambientes de devoção foram, mais do que as vias públicas e os campos, essencialmente femininos. Vestir-se com maestria para as missas, procissões, enterros, batizados e outros compromissos religiosos, era sumário no cotidiano das moças e senhoras. Na Semana Santa de 1844, uma redatora oitocentista, a propósito dos trajes vistos nas ruas centrais da capital fluminense, salientava que por aqueles dias

o luxo da cor preta a todos cabem; também nas loterias e nas Igrejas é somente o preto que se deseja! Os véus pretos que estavam guardados, vão ser por esses dias bem cotados, e os xales e lencinhos, quem os tem, agora os aproveitam muito bem.⁸³

Nos dias que antecediam o domingo da Ressurreição, era imprescindível vestir-se sobriamente. Como aquele era um tempo de contemplação e não se promovia festas, os trajes luxuosos também eram dispensáveis. Sobre a última semana da quaresma de 1840, um colaborador das modas explicava às suas leitoras que era impróprio, naqueles dias, abusar do luxo. “Quando a Igreja se veste de luto para celebrar os mais solenes e sagrados fatos que fundaram a religião cristã, imperdoável erro seria se os fieis quisessem trajar galas e contrastar com elas o luto da Igreja”,⁸⁴ sublinhava o colunista. Esse quadro só era mudado com a passagem da Paixão para a Páscoa; quando então a gente da cidade podia aproveitar o regalo das comemorações. Os que vinham da roça, porém, ali não se demoravam e partiam de volta logo após a procissão. *A Mulher do Simplicio*, anualmente, informava seus leitores sobre as festividades pascais na cidade carioca, desde missas e procissões, até a movimentação nas lojas eram relatadas em minúcias. Para as donzelas, os encontros em sociedade eram oportunidades de colocar à prova suas graças. Essa mesma folha lançava a seguinte questão no dia de uma comemoração na igreja: “qual foi a velha, qual a menina, que, por morfina, não

⁸² De um total de cento e seis colunas de modas publicadas no *Correio das Modas*, apenas sete traziam alguma informação sobre os trajes masculinos e as novidades chegadas de Londres. Os colunistas sempre justificavam essas raras aparições dizendo que precisavam agradar ambos os sexos e ainda que alguns mancebos os cobravam tais publicações.

⁸³ MODAS. *A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada*. 3 abr. 1844, n. 77, p. 19.

⁸⁴ MODAS. *Correio das Modas*. 15 mar. 1840, vol. I, ano II, n. 22, p. 180.

foi gozar das belas modas a variedade, que a novidade não quis mostrar?”⁸⁵ Desse modo, vestidas com esmero e muitas cores, as damas, na missa do domingo de Páscoa, faziam renascer a alegria outrora esquecida pela Semana Santa.

Fig. 20. Trajes de missa e festividades religiosas



Fonte: MODAS. *Correio das Modas*. 7 set. 1839, n. 10.

Um primeiro adorno a ser lembrado nas celebrações religiosas, à exemplo da Páscoa, era o xale.⁸⁶ As donzelas da alta sociedade não se dirigiam para a igreja sem antes escolherem uma peça de seus trocadores para cobrir os ombros. Este era um sinal de que a devota respeitava a casa de Deus. Os tecidos mais usados na confecção dos xales variava entre lãs, sedas, cambraias e caxemiras. Aqueles de qualidade superior podiam demorar até um ano para serem fabricados, enquanto se faziam, nesse mesmo espaço de tempo, oito de uma espécie mais comum.⁸⁷ A simplicidade pregada nos passeios ao campo e às ruas também voltava a ser recomendada para os compromissos na igreja, ou seja, missas, confissões, procissões,

⁸⁵ NOITE de S. João. *A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada*. 21 jun. 1840, n. 64, p. 7.

⁸⁶ A historiadora Márcia Pinnna Raspanti, em um breve artigo sobre a indumentária no Brasil, contou que no Oitocentos o xale era um item indispensável no corpo das brasileiras, inclusive das mulheres mais pobres. Cf. PRIORE, Mary del. (org). *História do corpo no Brasil*. p. 218.

⁸⁷ SOUZA, Gilda de Mello e. *O espírito das roupas*. p. 172.

festividades de santos, etc. Sem grandes extravagâncias, o molde (ver figura 20) apresentava “belos xales de uma espécie de cassa de linho a que os franceses chamam *organdi*, os quais devem ser ornados com uma banda de seda de cor: uma camisinha sobreposta ao xale dá muita graça, devendo esta ser feita da mesma fazenda do xale”.⁸⁸ Predominavam dois tons pastéis no vestido e nos adereços: o azul e o rosa. Segundo o *Emblemas das Cores* de 1840, o rosa significava “juventude, amor e ternura”;⁸⁹ já o azul queria dizer “pureza de sentimentos, elevação d’alma, sabedoria e piedade”.⁹⁰ Mas nada como o branco, para evidenciar a condição virginal das jovens fluminenses. Depois de fazer um passeio pelas ruas centrais e analisar as vitrines em 1839, um colunista resumiu que os tecidos para vestidos eram vistos em abundância no mercado fluminense, e que as “cores mais claras estão muito em uso, não sendo desprezadas também as escuras modestas”.⁹¹ O preto, por exemplo, era destinado para os ritos fúnebres, para o tempo da Quaresma e do luto e, ainda para outros atos mais sérios.

Os dois eventos religiosos considerados mais pomposos no Rio de Janeiro, segundo Macedo, eram a quinta-feira das Endoenças, quando adorava-se o lenho sagrado, e o chamado dia dos defuntos.⁹² Estes momentos de silêncio, luto e devoção estavam se transformando, na perspectiva macediana, em meras oportunidades de exibição mundana e ostentação de riqueza. Sobre o dia 2 de novembro, o romancista criticou as galas e o luxo de alguns túmulos imensos com molduras douradas, que só faziam acentuar o pó humano. Para ele, nenhuma daquelas pompas eram necessárias, visto que

a verdadeira dor é simples e singela; e a saudade que se não simula, a saudade que sai do coração, não tem necessidade de adornar-se. Assemelham-se nisso as mulheres, que quanto mais feias mais se enfeitam para disfarçar seus senões, e quanto mais belas mais simplesmente se vestem para ostentar seus naturais acentos. Assim a dor e a saudade que se fingem, precisam de ornar-se muito, e as que são verdadeiras apresentam-se nuas... e sua nudez é imensamente sublime.⁹³

A questão de fundo, lançada nessas assertivas do letrado, era que não poderia haver uma relação harmoniosa entre a tristeza, o luto da morte e as riquezas humanas passageiras. A tarefa dos jornais de moda foi tentar reverter esse quadro, instruindo as leitoras a usarem modelos mais adequados para as visitas aos túmulos de seus entes. O preto, símbolo “da

⁸⁸ MODAS. *Correio das Modas*. 7 set. 1839, vol. II, ano I, n. 10, p. 73.

⁸⁹ EMBLEMA das cores. *Correio das Modas*. 18 out. 1840, vol. II, ano II, n. 32, p. 250.

⁹⁰ EMBLEMA das cores. *Correio das Modas*. 18 out. 1840, vol. II, ano II, n. 32, p. 250.

⁹¹ MODAS. *Correio das Modas*. 19 out. 1839, vol. II, ano I, n. 16, p. 121-122.

⁹² MACEDO, Joaquim Manuel de. *Os dois amores*. p. 50.

⁹³ MACEDO, Joaquim Manuel de. *Os dois amores*. p. 52-53.

tristeza, do luto e da morte”⁹⁴, era a cor mais indicada, tanto na hora de velar os mortos, como no dia de Finados. Todos os parentes próximos, mas sobretudo as mulheres viúvas e as meninas órfãs, tinham de usar roupas escuras por um longo tempo,⁹⁵ pois estas eram ocasiões que dispensavam todo e qualquer requinte desmedido, acessórios valiosos ou tecidos caros. Por vezes, o tempo de luto colocava as senhoras em evidência, pois denotava a necessidade de outro companheiro. Uma jovem personagem em *Os dois amores*, mesmo tendo perdido seu marido recentemente, continuava expressando os encantos próprios de sua idade debaixo daquelas roupas escuras, isto é, “um simples lencinho preto que às vezes lhe ornava o colo, era menos um sinal de viuvez, do que um enfeite que a tornava dobradamente interessante”.⁹⁶ Referente a isso, uma anedota publicada em 1843, intitulada *Falasse mais cedo*, relatava o interesse masculino pelas viúvas de maridos ricos: a história era de um doutor que, ao saber da morte de seu amigo, foi dar os pêsames à esposa do defunto e disse-lhe: “– Minha senhora, se tiver de tomar novo estado, para o arranjo da sua casa, espero que se lembre de mim... – Falasse mais cedo, tornou-lhe a matrona; agora já dei palavra a outro”.⁹⁷

Para aquelas que ainda não estavam na idade de ter marido, a perda dos pais e avós igualmente levava a demonstração pública de luto. Após um ano do falecimento de seu avô, uma das mocinhas de Macedo ainda usava vestidos pretos “que mais faziam realçar a alvura de suas mãos, perfeitamente torneadas e a encantadora palidez de seu rosto”.⁹⁸ Entre vestidos, chapéus, sapatos, xales, lenços, laços e fitas de luto, o *sexo amado* fluminense podia expressar seus sentimentos, angústias e saudades.

⁹⁴ EMBLEMA das cores. *Correio das Modas*. 18 out. 1840, vol. II, ano II, n. 32, p. 250.

⁹⁵ Segundo estudos de Gilberto Freyre, a morte de pessoa da família no Brasil patriarcal criava todo um ritual de luto, que incluía estilos de traje. Luto fechado, tratando-se de pai ou mãe, de avô ou avó, de esposa ou esposo, de filho ou filha. Luto fechado por um ano: vestido preto, chapéu preto e calçado preto. Cf. FREYRE, Gilberto. *Modos de homem e modas de mulher*. p. 122-123.

⁹⁶ MACEDO, Joaquim Manuel de. *Os dois amores*. p. 37.

⁹⁷ FALASSE mais cedo. *O Gosto*. 26 ago. 1843, n. 4, p. 4.

⁹⁸ MACEDO, Joaquim Manuel de. *O moço loiro*. p. 71.

Fig. 21. Xale para o tempo do luto



Fonte: MODAS. *Correio das Modas*. 25 mai. 1839, n. 21.

O xale da gravura, segundo o colunista Júlio Paulo⁹⁹, era “de seda preta ornado de uma blonde idêntica, e muito bem se harmoniza com o vestido cor de rosa”.¹⁰⁰, embora tenham sido apropriados da moda espanhola – raramente mencionada nos escritos dessa natureza na capital fluminense – esses enfeites pretos, combinados com cores mais alegres, traziam uma sobriedade moderada e elegante para os trajes daquelas que desejassem externar que estavam de luto. No figurino, por exemplo, foi usado um xale preto junto a um vestido de cor clara e chapéu amarelo. Uma senhora de *A moreninha*, ironizando esta questão de expressar o luto, contava um dos caprichos de seu pretendente, nas seguintes palavras:

O meu predileto está de luto e por isso exige que eu vá à festa com uma fita preta no cabelo, em sinal de sentimento; exige ainda que eu não valse mais, que não tome sorvetes, e que jamais ria quando ele estiver sério; e a tudo isso julga ele ter direito por ser tenente da Guarda Nacional! Pois, por isso, ando agora com fita branca no cabelo, valso todas as noites que posso, tomo

⁹⁹ Júlio Paulo foi o pseudônimo dado a um dos colunistas de modas que mais colaborou para o jornal *Correio das Modas*. Tudo indica que quem escrevia era uma senhora, pois em um boletim ela confessa a um amigo: “Contei a Emilio que o meu pseudônimo era o de Julio Paulo.” Cf. MODAS. *Correio das Modas*. 1839, vol. I, ano I, n. 24, p. 195.

¹⁰⁰ MODAS. *Correio das Modas*. 25 mai. 1839, vol. I, ano I, n. 21, p. 172.

sorvetes até não poder mais e não posso ver o Sr. Tenente Gusmão sério sem soltar uma gargalhada.¹⁰¹

Lenços e meias próprias para o luto também estiveram presentes nos detalhes do vestuário.¹⁰² Desde uma pequena fita preta nos cabelos até um traje completo simbolizavam a perda de entes queridos de mocinhas e senhoras. Convém destacar que existiram, para suprir essa demanda, algumas casas comerciais dedicadas a esse momento da vida. Dentro desta proposta, a modista francesa *Madame Dantigny* dizia ter sempre um grande sortimento de chapéus para o luto em sua oficina; e a loja da Rua do Ouvidor nº 137 – pertencente à *Madame Siebs* – anunciava fazer vestimentas dessa natureza “dentro de vinte e quatro horas”.¹⁰³ Sabendo que um traje comum demorava dias ou semanas para ser cortado, costurado e finalizado, o prazo de um dia prometido pela modista deixava clara a urgência e imprevisibilidade da morte. O preto, recomendado exclusivamente para o luto, não costumava ser visto em momentos comuns da vida feminina, pois em dias de festividades e contemplação religiosa as cores eram protagonistas, exceto, claro, para aquelas em luto.

Alguns compromissos na igreja eram mais frequentes que outros. As missas, por exemplo, aconteciam quase que diariamente e a preocupação com a apresentação pessoal na celebração da Eucaristia na casa de Deus não era menor. Um famoso crítico dos regalos nas vestimentas escreveu, em 1831, que viu senhoras deixando de ir à missa “só porque o vestido de seda há oito dias chegado da modista, já está fora de moda; e o pobre marido ou pai não pode comprar outro!”¹⁰⁴ *O Simplicio*, de modo mais incisivo, denunciava os exageros daquela sociedade ao afirmar que as “mulheres trajadas como na época de Marquês de Pombal eram tão ridicularizadas quanto as que faltavam aos compromissos por não terem roupas do último tom.”¹⁰⁵ Em outras palavras, tanto a preocupação excessiva com as modas quanto simplesmente ignorá-las era prejudicial. Meses depois, o mesmo *Simplicio* ironizava uma nova moda vista nas igrejas:

a mangação das mangas, a macaquice das cinturas; a perspectiva inflamatórias das cadeiras, e os tizicos cabelos das defuntas de outra terra vão outra vez em aumento! E além disso, deram agora em usar um *lençol* de filó, enfiado pela cabeça, que muito se assemelha às *sobrepeizes* dos padres: moda esta que excede a galanteria mais galante! Muitos enganos terão de acontecer por essas igrejas, aonde alguns servos de Deus confessam e dizem

¹⁰¹ MACEDO, Joaquim Manuel de. **A moreninha**, p. 83.

¹⁰² REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 133.

¹⁰³ ANNUNCIOS. **Jornal do Commercio**. 17 jun. 1850, n. 164, p. 4.

¹⁰⁴ **O Simplicio**. 18 fev. 1831, n. 4, p. 20.

¹⁰⁵ **O Simplicio**. 18 fev. 1831, n. 4, p. 20.

a missa. Pode muito bem acontecer que algum devoto, de vista curta, ajoelhe (pensando ser sacerdote) aos pés de uma dessas senhoras rigorosas [...] o que certamente há de dar motivo a risadas dentro da igreja.¹⁰⁶

Como se vê, o luxo com exageros foi mais de uma vez manifesto nos escritos deste jornalista. As capas – destacadas pelo *Simplicio* como semelhantes às sobrepelizes¹⁰⁷ – foram divulgadas por uma outra folha carioca alguns anos mais tarde.

Fig. 22. Roupões *acapotados* para missas e dias frios



Fonte: MODAS. *Correio das Modas*. 15 jun. 1839, n. 24.

Pelo que informou o colaborador do periódico na ocasião, em 1839, os estilos de roupões *acapotados* eram modas ainda pouco conhecidas pelas senhoras fluminenses. Mas nem por isso deveriam ser desprezadas ou omitidas. A gravura apresentava dois modelos dessas peças: o primeiro era um roupão acapotado de cetim “guarnecido de zibelina, forrado de veludo côr de rosa em xadrez ou riscado, as mangas são em forma de concha; da cintura e

¹⁰⁶ *O Simplicio*. 27 jul. 1831, n. 7, p. 44.

¹⁰⁷ Vestidura eclesiástica de lenço branco que se enfia pelo pescoço, e cobre em roda o corpo até o meio. Cf. *Diccionario da Lingua Portugueza recopilado dos vocabularios impressos até agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, por Antonio de Moraes Silva*. p. 710. Disponível em: http://200.144.255.59/catalogo_eletronico/imagemVerbete.asp?Verbete_Codigo=83553&Setor_Codigo=11. Acesso em 10/07/2018.

do alto das mangas pendem os cordões que muito realçam”.¹⁰⁸ O capote de cetim com renda preta e forrado de veludo ou cetim azul claro tinha nas costas um “capuz caído e também guarnecido de renda preta”.¹⁰⁹ Estas vestimentas eram mais curtas que o vestido e próprias para serem usadas – pelo forro de veludo e outro tecidos mais pesados – nas solenidades em dias frios ou úmidos e para as saídas dos bailes. Para finalizar o toalete, vemos na cabeça “chapéus brancos de cetim”,¹¹⁰ que eram os que mais se assentavam a esse vestuário. Nada foi dito sobre o singelo lenço branco que uma das figuras trazia nas mãos, porém, devemos acrescentar que, como nos passeios, os ambientes religiosos igualmente pediam o acompanhamento deste acessório.

Um evento religioso comentado pela *Mulher do Simplicio* foi a homenagem à Santa Presciliana, protetora das virgens, que haveria de acontecer no dia 10 de maio de 1846. Naquela data, a redatora esperava “ver nas janelas e nas ruas o primor das modas por ser a festa de um excessivo esplendor. Vão cento e cinquenta virgens o cortejo abrilhantar: adeus, leitores, adeus, vamos já nos aprontar”.¹¹¹ Seguindo a tendência dos vestidos dentro das igrejas, nas festividades das vias públicas “chitas, cassas de ramagem, são coisas de grande tom para o rico, porque o pobre sendo barato é bom. As mantas pretas rendadas, xales de seda lavrados, manteletes tudo se usa e xales brancos bordados.”¹¹² A simplicidade dos trajés nas ocasiões religiosas era notada por meio da presença constante da chita acompanhada de algumas rendas e o xale de lã. Treze anos antes dessa observação vir a público, o francês *Pierre Plancher* já havia dito em um de seus boletins que “os vestidos de *neglige* de chita francesa e riscados transparente, com franzidos e fofos da mesma peça”¹¹³ ornavam quase todas as lojas. Isso indica que, já há alguns anos, o Rio de Janeiro contava com uma oferta de tecidos de menor custo e luxuosidade para quem quisesse encomendar um vestido para a igreja.

Entre as datas importantes do ano litúrgico, o 25 de dezembro foi o mais propagado pela imprensa feminina, sendo dedicadas extensas colunas às festas natalinas. Uma redatora perguntava a seus leitores, na véspera das ceias: “Quem haverá que ao menos esse dia um momento não tenha de alegria? Mesmo o que, por seus males pena e chora, lá sente um prazer livre, e a Deus adora”.¹¹⁴ O nascimento de Jesus era motivo de extrema alegria para aqueles

¹⁰⁸ MODAS. *Correio das Modas*. 15 jun. 1839, vol. I, ano I, n. 24, p. 196.

¹⁰⁹ MODAS. *Correio das Modas*. 15 jun. 1839, vol. I, ano I, n. 24, p. 196.

¹¹⁰ MODAS. *Correio das Modas*. 15 jun. 1839, vol. I, ano I, n. 24, p. 196.

¹¹¹ MODAS. *A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada*. 30 abr. 1846, n. 83, p. 23.

¹¹² MODAS. *A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada*. 1º dez. 1840, n. 65, p. 12.

¹¹³ MODAS. *Espelho Diamantino*. 1º out. 1827, n. 2, p. 31.

¹¹⁴ A FESTA do Natal. *A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada*. 22 dez. 1842, n. 73, p. 15.

que seguiam os preceitos católicos, acompanhavam as missas e preparavam as ceias; e o bem vestir era sinônimo de um bom e rico Natal na capital do Império. Assim como no dia de Páscoa, a solenidade natalina pedia roupas coloridas e atavios mais singelos. Nas prescrições sobre as vestes a serem escolhidas para a festa, *A Mulher do Simplicio* pontuava suas preferências: “Gosto de tudo que é simples, amo em extremo a franqueza, detesto tanto a impostura quanto detesto a baixezza”.¹¹⁵ A partir das prescrições apresentadas pelos periódicos, mais do que ler e entender sobre as vogas do momento, o *belo sexo* teve de começar a compreender que os ambientes eram quem ditavam a roupa. A moda prescrita para a gente fluminense oitocentista, portanto, deu aos espaços sociais, às estações do ano e aos momentos do dia um papel determinante de indicar os trajés condizentes. Assim, as modas podiam expressar, dependendo do tempo e da ocasião, a singeleza ou o luxo, o recato ou o decote, o simples ou o requintado e o barato ou o valioso.

4. Luxuosa e exuberante

As aparições femininas nos ambientes públicos geraram reações ora de exaltação, ora de desprezo, nos habitantes do Rio de Janeiro. Enquanto a maior parte dos impressos sobre moda discursava acerca da graça que as senhoras traziam para as funções, algumas figuras mais conservadoras mal diziam esse novo costume. Em *O moço loiro*, Joaquim Manuel de Macedo deu voz a uma personagem que dizia:

A embriaguez se tornou mais notável. As ideias deste século pervertido são contagiosas; povos inteiros padeceram o mesmo mal; o brasileiro não podia formar exceção [...] os velhos se tornaram crianças, os meninos não tomaram mais a benção a seus pais, as moças desprezaram os véus da modéstia e a vida sossegada da solidão, para irem com o rosto bem à mostra, e carregadas de adornos e de modas indecentes, dançar em saraus, onde a licença e o desregramento tomaram o nome de civilização e de progresso.¹¹⁶

Alguns desses críticos acreditavam que seguir os padrões de civilidade e sociabilidade importados da Europa poderia colocar em risco a vida privada e recatada das mulheres daquele tempo. Quando se tratava das moças *casadoiras*, a questão tomava uma proporção ainda maior. Macedo, em *Rosa*, narrou uma conversa sobre o futuro da juventude entre um velho roceiro e um pai de família, em que o primeiro, cheio de certezas, bradava: “Não é com

¹¹⁵ MODAS. *A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada*. 23 dez. 1840, n. 66, p. 1.

¹¹⁶ MACEDO, Joaquim Manuel de. *O moço loiro*. p. 96.

uma vida toda passada em festas, bailes e teatros, que uma moça pode-se preparar para ser depois boa e cuidadosa mãe de família”.¹¹⁷ O outro personagem rebateu a ideia do roceiro dizendo que ele não conseguia enxergar as luzes de um novo século. Este velho senhor, por sua vez, confessou que havia ainda receios a respeito dessas luzes, pois sentia que iam “queimando, com muita coisa má, muita coisa boa”.¹¹⁸ Desejoso de que os preceitos dos tempos passados voltassem, o roceiro concluía que seria de grande valia se, como antes, “as moças vivessem enterradas nos fundos das casas, não aparecessem a pessoa alguma, não viessem falar às visitas, se casassem sem ter visto cara dos noivos, e apenas olhassem para a rua pelos buraquinhos das rótulas”.¹¹⁹ Assim, quanto mais a vida mundana ia deixando de se resumir em casacas e chapéus, os apontamentos favoráveis e contrários a esse novo cenário com o *belo sexo* começavam a adquirir corpo e ganhar evidência entre a gente fluminense.

Tempos antes, em 1831, *O Simplicio* trazia colunas reprovando a exposição das donzelas e também reprimia o exagero nos estrangeirismos. Este periódico era um grande crítico da falta de instrução das damas abastadas que só se preocupavam com *bagatelas* e *ninharias*. Para aquele redator, “uma menina que dança bem, que toca piano maravilhosamente, que tem em casa o figurino logo que chega da França, estar tão atrasada na língua da sua Nação, mostra claramente o quanto é inimiga da leitura”.¹²⁰ Assim, de nada adiantava seguir os padrões estrangeiros, estar a par das últimas novidades das modas, estudar piano e dança, se essas jovens não soubessem as normas básicas da língua portuguesa. A instrução feminina dentro de um sobrado requeria, continua o autor de *O Simplicio*, uma dedicação mais prolongada: “das quatro horas que [a mocinha] ocupa desde a manhã na janela desde que passa a Guarda do Paço até ao meio dia, dispense uma para dedicar à Gramatica Portuguesa e a outros livros que são absolutamente necessários”.¹²¹

Além disso, lições e críticas às mulheres que deixavam de cuidar dos afazeres da casa para se ocuparem apenas com coisas mundanas também foram frequentes. Datado do ano de 1831, o primeiro exemplar de *O Simplicio*, sobre isso, já dizia declarar “uma guerra sem piedade à todas as mães de família que se desviarem de seus deveres e não preencherem as obrigações a que estão ligadas na Sociedade”.¹²² Era até admissível que as damas comparecessem, dançassem e cantassem nos bailes e saraus ao lado de seus familiares, porém

¹¹⁷ MACEDO, Joaquim Manuel de. **Rosa**. p. 14.

¹¹⁸ MACEDO, Joaquim Manuel de. **Rosa**. p. 14.

¹¹⁹ MACEDO, Joaquim Manuel de. **Rosa**. p. 14.

¹²⁰ **O Simplicio**. 2 abr. 1831, n. 5, p. 30.

¹²¹ **O Simplicio**. 2 abr. 1831, n. 5, p. 30.

¹²² **O Simplicio**. 8 jan. 1831, n. 1, p. 2.

essas aparições públicas não deveriam tirar delas o papel fundamental de cuidadoras do lar e mães zelosas.

Ainda que existissem escritos que se manifestavam contrários à exposição do *belo sexo* e ao comércio de roupas e adornos importados no Rio de Janeiro, o advento de uma imprensa pensada para ser lida pelas senhoras e suas jovens filhas propiciou um culto às modas nunca antes visto naquela cidade. Ao conquistarem um lugar no cotidiano da aristocracia, os escritos sobre os modos de vestir possibilitaram a ampliação do universo do bom gosto carioca e o nascimento de novas ideias e propostas para as mulheres daquela sociedade. Uns dos primeiros e maiores exaltadores das modas em solo brasileiro foram os irmãos *Laemmert*, por meio do quinzenário *Correio das Modas*. Tão grande era sua importância na sociedade que um dos colaboradores dessa folha declarava: “Se não fosse a moda, não haveriam antiguidades, porque então nada seria velho [...] se não fosse a moda não haveriam progressos na indústria, nas artes e ciências; tudo seria estabilidade completa e absoluta”.¹²³ Dessa maneira, a arte do vestir, a vaidade, os prazeres de ser vista e a preferência por tudo que era europeu acompanhou as senhoras elegantes do século XIX. A moda, pois, passou a ser vista como um braço importante do progresso que se queria para o Rio de Janeiro e os discursos favoráveis a ela corroboraram para tanto.

4.1. O rodar das saias nos bailes e saraus

Das páginas que se dedicaram a contar a vida mundana carioca nessa primeira metade do Oitocentos, aquelas que diziam respeito aos bailes foram mais propagadas, isto é, a descrição do público, os tipos de vestuários mais vistos nos salões e os acontecimentos das festas marcaram, de maneira especial, o dia-a-dia das leitoras. Por serem reuniões noturnas com um público maior, o código da moda determinava para esses momentos que as composições fossem mais requintadas.¹²⁴ Os bailes fluminenses, pelo que foi constatado nos boletins, vinham à cena em épocas específicas do ano: entre junho e agosto. Nesses meses, o calor era mais ameno e os trajes próprios para as noites frias – como os já mencionados

¹²³ MODAS. *Correio das Modas*. 5 jan. 1839, n. 1, vol. I, ano I, p. 5.

¹²⁴ Gilda de Mello e Souza contribui significativamente com esta pesquisa ao tratar sobre o que chamou de uma “mudança arbitrária nas regras de decência” nos eventos noturnos. Alguns recursos, como as flores nos cabelos e nos seios e as joias evidenciando pontos específicos do corpo, foram adotados por quase todas as moças que procuravam casamento. A autor ainda destaca que “sempre havia a esperança de que, no teatro ou no baile, o vestido sublinhasse melhor a graça do corpo e os decotes deixassem transbordar os braços e colos nus.” Cf. SOUZA, Gilda de Mello e. *O espírito das roupas*. p. 94.

roupões *acapotados* – eram tirados dos trocadores e exibidos nas ruas. Aos 17 de agosto de 1839, com a proximidade de um importante *Baile dos Estrangeiros*, as seguintes modas foram divulgadas às cariocas.

Fig. 23. Vestidos para um baile de gala



Fonte: MODAS. *Correio das Modas*. 17 ago. 1839, n. 7.

Estar vestida e penteada requintadamente nos salões, sem perder a delicadeza, dependia do acompanhamento de alguns acessórios luxuosos e valiosos disponíveis no trocador feminino da boa sociedade: joias, tecidos importados, cabelos penteados e enfeitados pelos cabeleireiros e vestidos novos feitos sob medida. No que concerne aos parâmetros definidos para aquela noite, os trajes de filó

enfeitados com duas ordens de fofos na saia ficam lindíssimos. Os fofos devem ser de cetim e apanhados de distância em distância com um ramo de rosas ou de outras flores ao gosto de quem quer o vestido [...] As mangas devem ser formadas por dois fofos da mesma fazenda do vestido, tendo presa no meio uma rosa ou flor semelhante às da guarnição. A gola também se enfeita com fofo de cetim, que é apanhado no centro do peito e nos ombros do mesmo modo que a guarnição.¹²⁵

¹²⁵ MODAS. *Correio das Modas*. 17 ago. 1839, vol. II, ano I, n. 7, p. 49.

O branco, como destacado no capítulo anterior, marcava presença nessas e em outras comemorações e divertimentos da corte, não se restringindo apenas ao dia do casamento. De um modo geral, senhoras e senhoritas podiam usá-lo, porém, as primeiras sem exageros. Era incomum – e até desaconselhável – que uma mulher casada vestisse essa cor dos pés à cabeça, pois as experiências deste estado civil regulavam as tonalidades¹²⁶ escuras como mais condizentes. O *Emblema das Cores*, confirmando tal conselho, dizia que o branco significava “boa-fé, candura, pureza e inocência”,¹²⁷ além de ter sido uma cor muito procurada pelas virgens. Segundo Macedo, “uma virgem pedia sempre um vestido branco e qualquer outra cor não se assentaria tão bem em uma mocinha”.¹²⁸ Das personagens criadas pelo romancista, três tinham uma predileção manifesta pelo branco nos eventos sociais: Celina, Honorina e Carolina. Estas mocinhas macedianas quase nunca saíam de suas casas sem levar algum adereço daquela cor. Sobre Celina, numa tarde de visita a uma grande amiga, Macedo contava que “as duas moças estavam vestidas de branco”;¹²⁹ já Honorina escolheu trajar um belo vestido branco e luvas da mesma cor para se exhibir em um sarau, também seguiu essa voga a jovem Carolina em ocasião análoga. A presença desta cor era tão marcante nos escritos macedianos que a protagonista de *O moço loiro* possuía até “um ligeiro roupão branco”¹³⁰ que trajava toda noite para dormir. Ademais, o uso frequente do branco nas roupas devia-se também às novas tecnologias do setor têxtil, que no século XIX criou técnicas de descoloração dos tecidos;¹³¹ marcando não só a pureza como a distinção social. Desse modo, como a demanda nas lojas do Rio de Janeiro ainda não era expressiva, o valor de um vestido branco na primeira metade do Oitocentos era elevado.

As saias amplas e rodadas¹³² era a voga do momento para os bailes e saraus dançantes e também eram as mais pedidas para as valsas, visto que modelavam o corpo das donzelas e davam amplitude aos quadris. Sob os vestidos de festas, usava-se volumosas crinolinas, o que deixava o corpo propositalmente arredondado da cintura para baixo.¹³³ O corpinho repetindo a

¹²⁶ RODRIGUES, Mariana Christina de Faria Tavares. **Mancebos e mocinhas**. p. 87.

¹²⁷ EMBLEMA das cores. **Correio das Modas**. 18 out. 1840, vol. I, ano II, n. 32, p. 250.

¹²⁸ MACEDO, Joaquim Manuel de. **Os dois amores**. p. 210.

¹²⁹ MACEDO, Joaquim Manuel de. **Os dois amores**. p. 306.

¹³⁰ MACEDO, Joaquim Manuel de. **O moço loiro**. p. 215.

¹³¹ RODRIGUES, Mariana Christina de Faria Tavares. **Mancebos e mocinhas**. p. 87.

¹³² Carl Kohler, em sua análise sobre as vestimentas europeias entre 1820-1870, comentava a amplidão das saias femininas dizendo que elas “ofereciam uma oportunidade para profusão cada vez maior de ornamentos. Em um dado momento, um terço do comprimento do vestido era enfeitado com tiras de tecido e pufes; pouco depois, viam-se vestidos com diversos babados, medindo de 25 a 30 centímetros de altura e feitos com o mesmo tecido, cada babado sobrepondo-se ao de baixo.” Cf. KOHLER, Carl. **História do vestuário**. p. 527. Aqui no Brasil, essa voga das saias cheias e rodadas também reinou nos salões de bailes e saraus.

¹³³ BOUCHER, François. **História do vestuário no Ocidente**. p. 359.

cor da saia era uma escolha adequada para aquelas que desejavam apresentar-se em trajes completamente brancos. Nas composições noturnas,¹³⁴ (ver figura 23) o corpinho, que cobria toda a parte superior do tronco, devia ser de bico, e para melhor assentar no corpo, cortavam-se os dianteiros da mesma forma que os posteriores, de maneira que o corpinho terminasse sendo formado pela reunião de seis partes.¹³⁵ Pelas cores predominantes e os acessórios, o modelo era destinado a uma moça em idade de se casar. Apesar dos pés virem escondidos debaixo das longas saias, calçá-los bem era uma preocupação destacada, em alguns momentos, tanto quanto o vestir. Macedo descreveu sua personagem, Carolina, pontuando que a mocinha havia pecado contra a moda por deixar os sapatos à mostra na noite de um sarau.¹³⁶ Tal escolha fez com que todas as atenções e olhares se voltassem para os pés da jovem quando a mesma apareceu na sala. Isso mostra que, nas primeiras observações do traje, as pessoas de bom tom já percebiam, quando uma moça vestia a moda propagada pelos jornais e, do mesmo modo, quando cometia deslizes.

Além de estarem trajadas de branco, as duas mulheres da imagem apresentavam o mesmo tipo de penteado: cabelo preso com algumas tranças sobressaindo na altura das orelhas. O redator daquela coluna dizia que “as tranças no cabelo dão muita elegância à cabeça”.¹³⁷ Na gravura, é possível perceber, elas começavam nas marrafas e davam volta por punhais dourados, deixando-os à mostra, prendia-se o cabelo que ficava atado bem embaixo da cabeça, e, aí reunidas, fingia-se segurar todo o cabelo por um terceiro punhal. Frente à complexidade dos penteados, muitas vezes, somente a destreza e a experiência de um cabeleireiro era capaz de executar o serviço. A jovem Honorina, uma das personagens de Macedo, no tocante aos cuidados com o cabelo, depois de algumas horas confinada em seu trocador com um desses profissionais, apresentava-se para um sarau ostentando: “dois largos bandós de lindos cabelos negros desciam até dois dedos abaixo das orelhas e para trás se voltavam, indo suas extremidades a perder-se por entre longas tranças de perfeitíssimo trabalho”.¹³⁸ O tempo gasto para realizar um bom trabalho nos cabelos das mocinhas e senhoras era proporcional ao luxo recomendado para o evento. Interessante lembrar que somente os cabelos longos, volumosos, macios e perfumados eram dignos de nota nos romances oitocentistas,¹³⁹ e mesmo nos jornais femininos. Saber cuidar e conservar belas as

¹³⁴ James Laver sublinhou que os corpetes – ou corpinhos – dos vestidos para bailes terminavam em ponta na frente, semelhantemente ao figurino do *Correio das Modas*. Cf. LAYER, James. **A roupa e a moda**. p. 174.

¹³⁵ MODAS. **Correio das Modas**. 17 ago. 1839, vol. II, ano I, n. 7, p. 49.

¹³⁶ MACEDO, Joaquim Manuel de. **A moreninha**. p. 102.

¹³⁷ MODAS. **Correio das Modas**. 17 ago. 1839, vol. II, ano I, n. 7, p. 49.

¹³⁸ MACEDO, Joaquim Manuel de. **O moço loiro**. p. 134.

¹³⁹ RODRIGUES, Mariana Christina de Faria Tavares. **Mancebos e mocinhas**. p. 143.

madeixas passou a ser uma marca crucial das mocinhas de famílias abastadas. Estudos posteriores também apontam que os penteados transformaram os cabelos em mais uma peça do vestuário oitocentista,¹⁴⁰ um objeto, ao mesmo tempo, de arte, moda, sedução e beleza.

A ausência de joias é um ponto a ser destacado no figurino acima, sendo compensadas pela introdução da luva¹⁴¹ branca curtíssima, do leque e dos cabelos impecáveis. O uso de adereços no pescoço não era preferência generalizada entre as moças. No romance *A Moreninha*, por exemplo, a protagonista Carolina aparecia nas festividades desprovida de qualquer objeto dessa natureza. Macedo sublinhou que, embora a mocinha contasse com uma variedade de joias em seu trocador, ela preferiu dividir “seus cabelos em duas tranças que deixou cair pelas costas: não quis ornar o pescoço com seu adereço de brilhantes, nem com seu lindo colar de esmeraldas”.¹⁴² Apesar da resistência de algumas mocinhas, os colares, brincos e braceletes, por certo, traziam para a roupa mais riqueza, denotando posse e boa condição social. No mesmo ano de 1839, *A Mulher do Simplicio* confirmava a fama das joias ao pontuar que, em “teatros, bailes ou festa ornam-lhe a testa um colar; também com eles, por gosto belo, todo o cabelo usam trançar [...] ainda se usam brincos compridos, que conhecidos vos são muito bem”.¹⁴³ Os colares¹⁴⁴, como é possível observar na imagem abaixo, embora não tenha sido usados por todas as damas, foram marcas nos trajés mais desejados para os salões de bailes.

¹⁴⁰ PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 59.

¹⁴¹ Usar luva, como nos conta a mestre em moda Mariana Rodrigues, denotava nobreza de berço, educação privilegiada, distanciamento dos trabalhos manuais. Uma mulher oitocentista pudica mostrava-se calçada de luvas ao contatar com desconhecidos. Também no século XIX “as luvas posicionaram-se como um acessório sutil, deixando para trás os excessos de adornos para se constituir numa segunda pele, de cetim, de seda, de fina pelica, feita sob medida.” Cf. RODRIGUES, Mariana Christina de Faria Tavares. **Mancebos e mocinhas**. p. 106.

¹⁴² MACEDO, Joaquim Manuel de. **A moreninha**. p. 102.

¹⁴³ MODAS. **A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada**. 23 dez. 1839, n. 63, p. 8.

¹⁴⁴ O uso dos colares obedeciam à seguinte regra: em vestidos mais decotados era permitido e recomendado usá-los; nas peças mais fechadas os adereços para o pescoço tornavam-se desnecessários. Cf. KOHLER, Carl. **História do vestuário**. p. 546.

Fig. 24. Joias e acessórios nos bailes



Fonte: MODAS. **Correio das Modas**. 1º jun. 1839, n. 22.

O principal objetivo das colunas sobre bailes de “contribuir, quanto puderem, para o brilhantismo e elegância dessas reuniões”¹⁴⁵, possibilitou que as senhoras tivessem acesso, semanalmente, a modernos moldes estrangeiros de vestidos e acessórios. A imagem exposta era, de fato, inspiradora, para quem estivesse à procura de um belo vestuário. Com a chegada do mês de junho e, com ele, o inverno, o redator não deixou de recomendar os *capotes* aveludados que, a exemplo do figurino, era feito de cetim escuro, com bandas e laços verdes e alguns leves acolchoados. A utilidade destas capas, que cobriam quase todo o vestido, se restringia ao trajeto de ida para o baile e volta para a casa, já que nos salões fechados as temperaturas voltavam a subir. Em países de invernos mais rigorosos – como França e Inglaterra – as mulheres costumavam usar estolas de pele de vários metros de comprimento¹⁴⁶ em festividades noturnas. No Brasil, porém, era quase impossível uma donzela conseguir suportar o calor dos bailes e saraus vestidas com estes adereços mais quentes. O ideal era cobrir-se com os *capotes*, e, logo que chegassem ao destino, retirá-los.

¹⁴⁵ MODAS. **Correio das Modas**. 7 jun. 1840, vol. I, ano II, n. 46, p. 361.

¹⁴⁶ KOHLER, Carl. **História do vestuário**. p. 544.

Os padrões apresentados na figura à direita da gravura também foram dignos de nota, pois, para o jornalista,

os vestidos de bailes são elegantes, e muita graça lhes dão as quatro ordens de *rollos* de cetim de que são guarnecidos. O uso das flores tanto no vestido, como no cabelo é ainda muito aprovado para os bailes. O molde que o *Correio* oferece hoje às suas leitoras é muito bonito, como se pode ver no figurino. No corpo do vestido e nas mangas não há alteração notável.¹⁴⁷

Se os passeios pediam mangas longas, nos bailes era aconselhado o uso das mangas curtas. A gravura não apresentava mudanças significativas nesta parte do vestido, isto é, o mais comum e elegante continuava sendo as mangas que não passavam do cotovelo e com vários folhos para dar volume. O recurso das luvas em eventos dançantes dispensava o uso das mangas longas, em razão de estes acessórios cobrirem desde as mãos até boa parte do braço, ficando pouca pele à mostra. Esse hábito de cobrir as mãos em público foi se estabelecendo como uma obrigação para as senhoras e senhoritas fluminenses. Em 1844, uma folha escrevia que “são as luvas sem dedos mais usadas, sejam pretas, de cores ou bordadas; as curtas, como todas as compridas, são de renda e fitas guarnecidas, para não ficar o braço muito despido junto à curta manguinha do vestido.”¹⁴⁸ O uso de luvas era uma maneira de diminuir o contato físico entre os sexos, pois somente as mãos enluvadas poderiam ser beijadas ou pegas pelos mancebos no momento da valsa. Uma personagem de Joaquim Manuel de Macedo entendida das modas, a respeito desse costume, dizia: “As minhas mãos de neve e dedos de cristal e as unhas de coral desejam-se beijar. Mas devem em luvas finas, mimosas, pequeninas, deixar-se adivinhar”.¹⁴⁹ O fetiche oitocentista pelas delicadas mãos femininas perdurou por todo o século, tendo sido a luva um adorno crucial tanto para mostrar pudor, quanto para externar riqueza. Sem poupar detalhes, o autor de *O moço loiro* comentou que uma de suas personagens apareceu em um sarau trajando

um vestido de finíssimo blonde, que deixava transparecer o branco cetim que cobria o corpinho todo talhado em estreitas pregas, que desenhavam elegantes formas, era debruado por uma longa fita de flores, semelhantes às dos cabelos, as quais ainda se deixavam de novo ver formando uma cercadura em que acabavam as mangas curtas, justas, e singelas; esse vestido cruelmente comprido para esconder dois pequenos pés calçando sapatinhos de cetim, terminava por uma simples barra bordada de branco; no braço esquerdo da moça fulgia um bracelete de riquíssimos brilhantes; e, enfim,

¹⁴⁷ MODAS. *Correio das Modas*. 1º jun. 1839, vol. I, ano I, n. 22, p. 180.

¹⁴⁸ MODAS. *A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada*. 3 abr. 1844, n. 77, p. 18.

¹⁴⁹ MACEDO, Joaquim Manuel de. *Rosa*. p. 32.

suas mãos calçavam luvas de pelica branca, guarnecidas de arminho e com borlas de seda frouxa.¹⁵⁰

Não bastasse a pompa do vestido e das luvas brancas, “duas rosetas de brilhantes pendiam de suas orelhas”,¹⁵¹ dispensando, mais uma vez, a presença do colar. Toda a composição estava de acordo com as instruções propostas pelo bom tom: o vestido branco de mangas curtas e justas que vinha enfeitado de flores, o cuidado em esconder as mãos embaixo de finíssimas luvas de pelica¹⁵² e os pés em lindos sapatinhos de cetim. Para marcar a condição social da jovem, Macedo ainda descreveu o bracelete¹⁵³ todo de brilhantes ostentado por essa personagem, Honorina.

Além das joias, os bailes e saraus mais bem frequentados da cidade carioca também pediam composições que estampassem flores nos vestidos e nos adereços das mocinhas. Joaquim Manuel de Macedo, em *Os dois amores*, confirmou essa voga por meio de uma personagem que portava um belo ramalhete de flores em uma reunião privada; tinha também cabelos

primorosamente penteados e ornados com uma preciosa borboleta de brilhantes; rosetas das mesmas pedras nas orelhas, e o colo cor de jambo, nu, para melhor ostentar sua perfeição; seu vestido era de seda cor de Isabel, e adivinhavam-se enfim dois pequenos pés presos em sapatinhos de cetim. Tinha na mão direita um ramalhete de violetas, e na gola do vestido, mesmo junto da axila, um cravo rajado, que exprimia um não sei quê de provocadora graça.¹⁵⁴

As flores, combinadas com joias e sedas, davam um toque de singeleza aos trajés das mulheres oitocentistas, mesmo nos eventos de maior luxo. Na composição sublinhada acima, as flores naturais apareciam de duas formas: como enfeites do vestido e no ramalhete carregado nas mãos. Rosas, violetas e cravos foram os tipos de flores mais requisitadas na vida mundana da época. Ademais, é interessante notarmos que os tipos de tecidos vistos nos bailes e saraus eram distintos daqueles usados para as ocasiões mais informais apresentadas no capítulo anterior. Redatores de outros periódicos, como o *Simplicio*, também frequentavam

¹⁵⁰ MACEDO, Joaquim Manuel de. **O moço loiro**. p. 134.

¹⁵¹ MACEDO, Joaquim Manuel de. **O moço loiro**. p. 134.

¹⁵² Pele de caneyiro curtida que fica muito branca e muito branda; roupa de mulher feita ou forrada de peles. Cf. **Diccionario da Lingua Portuguesa recompilado dos vocabularios impressos até agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, por Antonio de Moraes Silva**. p. 423. Disponível em: http://200.144.255.59/catalogo_eletronico/imagemVerbete.asp?Verbete_Codigo=76399&Setor_Codigo=11. Acesso em 10/07/2018.

¹⁵³ Outras joias também foram usuais no século XIX, como: relicários, cruces, pulseiras de ouro, broches de mosaico e camafeu e correntes de ouro com pequenos vidros de perfume. Cf. LAYER, James. **A roupa e a moda**. p. 168.

¹⁵⁴ MACEDO, Joaquim Manuel de. **Os dois amores**. p. 78.

esses eventos e davam pistas dos trajes mais requeridos para as festas de salão. Sobre a insistência das mocinhas em ganhar de seus familiares novos vestidos, o redator pontuava que

a profusão das modas, quando chega a ser o pão nosso de cada dia, no centro das famílias, deve-se considerar um terrível flagelo [...] Pode ser que ainda hoje a menina com suas habilidosas carícias obtivesse do papaizinho o rico vestido de filó de seda, para servir duas ou três vezes.¹⁵⁵

Esses vestidos de seda que custavam caro e não podiam ser repetidos mais que algumas poucas vezes, por exemplo, eram muito vistos nas festas noturnas e podiam ser usados de formas diversas: combinando com flores, joias, plumas ou rendas. Um colunista do *Correio das Modas*, a esse exemplo, ao descrever uma dama com quem havia feito par no último baile, aplaudia essa escolha da mocinha, a saber: “as rosas do vestido e a grinalda da camisinha prestavam-lhe o ar de uma divindade campestre, ao mesmo tempo que o vestido e mais adornos indicavam ser ela a rainha dos mais elegantes salões”.¹⁵⁶

Em 12 de janeiro de 1839, o *Correio das Modas* trouxe novidades sobre as duas festividades que estavam acontecendo na cidade em razão das celebrações de Ano Novo: uma era o baile do *Catete* e a outra o baile dos *Estrangeiros*. A fim de coletarem todos os tipos de informações sobre as modas europeias que circulavam na capital do Império, os escritores deste jornal compareceram aos dois bailes, dando notícia do que haviam visto de mais notável em matéria de música e dança. Passados alguns meses, uma outra celebração garantiu a diversão noturna dos fluminenses. Dessa vez, as palavras foram dedicadas inteiramente aos modos de vestir de uma donzela com quem o redator havia bailado. Seu par, prosseguia, “trajava primorosamente e com excelente gosto: um belo vestido de filó de seda [...] sua cintura era apertada por um cinto cor de fogo com um laço na frente”.¹⁵⁷ Os encantos da dama e sua graciosidade no vestir a última moda parisiense fez com que o jornalista elegeesse aquela mocinha como a mais formosa da festa.

¹⁵⁵ *O Simplicio*. 19 jan. 1831, n. 2, p. 6.

¹⁵⁶ MODAS. *Correio das Modas*. 27 abr. 1839, vol. I, ano I, n. 17, p. 138.

¹⁵⁷ MODAS. *Correio das Modas*. 27 abr. 1839, vol. I, ano I, n. 17, p. 137.

Fig. 25. Trajes para bailes e saraus



Fonte: MODAS. *Correio das Modas*, 16 nov. 1839, n. 20.

Em 16 de novembro de 1839, este molde de baile foi publicado no *Correio das Modas* trazendo, em uma das mulheres, um buquê com flores do mesmo tom do vestido. Os acessórios da cabeça também repetiam as cores presentes no vestido, significando que a voga do momento não abusava nas combinações dos tons. “Pelo que respeita ao penteado, a moda que indica o figurino é do mais acabado bom gosto e dá à cabeça um não sei que de oriental que muito realça com as plumas”,¹⁵⁸ constatava o escritor ao final do boletim. Se nos campos e igrejas os chapéus faziam sucesso, nas celebrações de salão eles eram substituídos pelas plumas. Brancas ou coloridas, esses adereços ajudavam a enriquecer qualquer simples penteado. De acordo com os escritos, as plumas eram “de muito bom gosto e muito usadas”,¹⁵⁹ pelas donzelas nos bailes e saraus da Corte. Às mulheres que quisessem entrar nesta moda, o *Correio das Modas* recomendava os serviços do mestre na arte dos cabelos *Mr. Desmarais*, que tinha disponível plumas para embelezar as madeixas.¹⁶⁰

¹⁵⁸ MODAS. *Correio das Modas*. 16 nov. 1839, vol. II, ano I, n. 20, p. 146.

¹⁵⁹ MODAS. *Correio das Modas*. 9 ago. 1840, vol. I, ano II, n. 12, p. 89.

¹⁶⁰ Dono de uma das perfumarias mais famosas do Rio de Janeiro, Desmarais também foi um importante cabeleireiro de senhoras e homens. Permaneceu por muito anos no Brasil, mesmo depois de ter fechado o comércio para dedicar-se à educação dos filhos. Segundo Macedo “Desmarais exerceu governo e fez o encanto

A moda, inclusive, procurava se adaptar quando havia bailes nas estações mais quentes do ano, assim como tudo que era excessivamente luxuoso tinha de ser usado em proporção. Era importante que os encantos da natureza e do clima brasileiros também sobressaíssem nas festas de salão, isto é, o fato das fluminenses usarem modas europeias não deveria anular a beleza natural própria das brasileiras. Convencido disso, o *Correio das Modas* pontuava: “Nossa imaginação não pode circunscrever-se às regras e limites que em outros países lhe impõem circunstâncias diferentes”.¹⁶¹ Assim, a adequação e a prudência no vestir eram tópicos relevantes do código da moda. O redator do *Espelho Diamantino*, em 1827, a esse respeito, aconselhava às brasileiras que “nem no inventar modas, nem na imitação, passem de uma elegante moderação”¹⁶² das vogas estrangeiras, ou melhor, vestir-se segundo os parâmetros do bom tom requeria ponderação, independente dos ambientes onde os vestuários seriam apresentados. As gafes das donzelas que desejavam ser vistas como elegantes tinham, quase sempre, o traje como protagonista. *A Mulher do Simplicio* publicou, em 1832, o caso de uma dama que se atrapalhou no momento de escolher seu traje e acabou sendo motivo de risos:

A um baile certa senhora foi com seu santo marido, e levou mangas postiças que serve em qualquer vestido. Depois de mil etiquetas próprias da sociedade, foi rogada para dançar a *valsinha das saudades*. Um jovem muito educado foi o seu mimoso par; Ao som da altiva Rebeca deram princípio ao dançar. Depois de muitas figuras e muito bem lançados passos, soltaram-se as mangas da moça e mostram despidos braços.¹⁶³

Algumas situações embaraçosas, porém, não diziam respeito propriamente às roupas. Julgando-se muito entendidas das línguas estrangeiras e das boas maneiras, muitas mulheres acabavam caindo em outros deslizes não menos contrangedores. O mesmo *A Mulher do Simplicio*, em 1837, no boletim de *Varietades*, deu a conhecer a história de uma certa senhora de família abastada, que, estando presente em um salão de baile, roubou a atenção dos convivas que dividiam com ela aquele espaço, a saber: estava “vestida elegantemente, e era em extremo divertida, além de querer mostrar-se alguma coisa instruída. Se gabando de saber falar muito bem o francês, *Ui, ne pas* proferia já uma, já outra vez”¹⁶⁴. E depois de algumas taças de licor, a mulher levantou-se, deu um suspiro e o mancebo que estava ao seu lado

do nariz, dos cabelos e das barbas da cidade do Rio de Janeiro [...] o que Desmarais ganhou em pentes durante algum tempo depois de 1830 só o podem calcular aqueles que se lembram das cabeças monumentais das senhoras do melhor tom.” Cf. MACEDO, Joaquim Manuel de. **Memórias da Rua do Ouvidor**. p. 94.

¹⁶¹ MODAS. *Correio das Modas*. 5 jul. 1840, vol. I, ano II, n. 2, p. 9.

¹⁶² MODAS. *Espelho Diamantino*. 15 out. 1827, n. 3, p. 47.

¹⁶³ LUXO e modas. *A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada*. 4 set. 1832, n. 8, p. 67.

¹⁶⁴ VARIETADES. *A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada*. 28 mar. 1837, n. 54, p. 8.

questionou: “*Mademoiselle*, já se vai? Volta-se a ele muito meiga, e diz com denguidade: *Non Monsieur, je vas donner un gros tour de promenade*”. De acordo com a redatora, “quem sabia bem francês riu da ideia infeliz; pois dar um grosso passeio é coisa que não se diz”.¹⁶⁵ O fetiche pelos costumes franceses não estava tão somente nas roupas, mas também no próprio idioma. As moças mais bem educadas da cidade sabiam falar esta língua, porém, algumas que não dominavam e ainda assim se aventuravam acabavam sendo protagonistas de situações análogas a esta.

Com o aprimoramento dos ambientes festivos, outros eventos passaram a fazer parte do calendário daquela sociedade, como os bailes mascarados ou a fantasia. A fama desses eventos era tão notável que ficaram conhecidos no Rio de Janeiro como “a mais bela invenção em matéria de divertimento”,¹⁶⁶ por proporcionarem novas estratégias sociais que permitiam aos participantes esconderem, por meio das máscaras, e ao mesmo tempo se mostrarem nos salões. No ano de 1846, uma coluna inteira foi dedicada a comentar os principais acontecimentos de uma festa à fantasia que durou quatro dias. Sobre os personagens que mais haviam se destacado, a escritora sublinhava: “Chinas, indígenas, tudo naqueles dias notou-se: quem teve gosto ou dinheiro rico ou belo apresentou-se”.¹⁶⁷ Informou ainda que, somando todos os dias, três ou quatro mil pessoas fantasiadas passaram pelo salão. Graças às máscaras, “havia muito que ver e pouco ver-se podia: nos apertos entalada a gente quase morria”.¹⁶⁸ Por terem sido menos recorrentes, era sempre uma euforia e um desafio para as donzelas escolher os trajes perfeitos quando convidadas para um baile à fantasia. A fim de sanar esta dificuldade, o *Correio das Modas* escreveu dois boletins dedicados a eles.

¹⁶⁵ VARIÉDADES. **A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada**. 28 mar. 1837, n. 54, p. 8.

¹⁶⁶ MODAS. **Correio das Modas**. 26 out. 1839, vol. II, ano I, n. 17, p. 130.

¹⁶⁷ BAILE mascarado. **A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada**. 30 abr. 1846, n. 83, p. 18.

¹⁶⁸ BAILE mascarado. **A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada**. 30 abr. 1846, n. 83, p. 18.

Fig. 26 e 27. Vestimentas para bailes a fantasia



Fonte: MODAS. *Correio das Modas*, jul. 1840, n. 2.

Fonte: MODAS. *Correio das Modas*, out. 1839, n. 17.

As combinações de cores marcantes e a mudança nos padrões das vestimentas – inspiradas em personagens – fizeram com que os bailes a fantasia ou mascarados se tornassem divertimentos diferentes dos outros na cidade; estes permitiam que os convivas se vestissem de suas figuras prediletas. Frente às poucas oportunidades de bailes como esses na Corte, um redator comentava, em 1840, que “no Brasil há pouco desejo de adotar esse uso, mas o gosto irá se formando; já temos ido a alguns bailes à fantasia”.¹⁶⁹ Adentrando um pouco mais nos parâmetros apresentados, o figurino da esquerda trazia um vestido de camponesa e outro de dançarina em tons marcantes de azul e vermelho. Um outro detalhe sublinhado pelo colunista diz respeito ao comprimento dos vestidos; estes não desciam até os pés e para um baile à fantasia – excepcionalmente – isso era aceitável. Entendia-se que era mais importante ser fiel ao personagem a ser reproduzido do que aos padrões da moda reinante.

Já a gravura da direita estampava outras duas vestimentas igualmente propícias e que poderiam ser adaptadas para as senhoras da capital brasileira. Uma “camponesa das montanhas da Suíça, com seu saiote azul ferrete, seu avental branco, seu chapeuzinho à pastora ornado de fitas escarlates que também guarnecem o corpinho do saiote”;¹⁷⁰ e uma “senhora da Corte, com todos os adornos, penteada e empoadada à antiga e com essas lindas

¹⁶⁹ MODAS. *Correio das Modas*. 5 jul. 1840, vol. I, ano II, n. 2, p. 9.

¹⁷⁰ MODAS. *Correio das Modas*. 26 out. 1839, vol. II, ano I, n. 17, p. 130.

plumas que tanta elegância dão a cabeça”.¹⁷¹ Mais do que em outras ocasiões, os adereços de cabeça e mão eram muito vistos nos bailes à fantasia. Usar acessórios era um sinal do zelo das mulheres em se prepararem para a noite da festa, e para suprir essa demanda existiram algumas casas comerciais envolvidas nessa questão, como a da modista francesa *Madame Lavessiére*, que, além dos vestidos, fazia máscaras para os bailes à fantasia segundo a preferência da clientela e por preços muito cômodos. Entre os bailes da *Sociedade Philharmonica*, dos Estrangeiros, no Catete, em Niterói, mascarados, à fantasia ou saraus privados, muitas foram as noites em que a boa sociedade carioca da época se divertiu ao som de valsas e músicas, apreciou bebidas e comidas, passeou pelos salões, dançou com seus pares, e, especialmente, as damas puderam vestir-se com sedas, escomilhas, cetins, luvas, joias e plumas.

4.2. Datas especiais, trajés exclusivos

As celebrações oficiais e privadas também convidavam as donzelas a escolherem cuidadosamente seus trajés para aparecerem nas vias públicas e/ou nas casas abastadas. *O Gosto*, apesar do pouco espaço reservado a estes assuntos, trouxe notícias sobre os preparativos do casamento entre o Imperador Dom Pedro II e a futura Imperatriz Teresa Cristina, em 1843. Quando membros da família real se casavam era um burburinho só para saber o modelo do vestido da noiva, as roupas que mais se destacaram, as comidas servidas, os luxos existentes, etc. Todavia, somente após o matrimônio do jovem Imperador, as mulheres do Rio de Janeiro puderam ser agraciadas com as roupas exibidas naquele dia. Segundo o boletim,

a Rua da Quitanda se enfeita, a do Ouvidor se remexe para darem todas o resultado de seus trabalhos no feliz ensejo em que a augusta Imperante apresentar-se entre nós. Antes desse dia tudo são incertezas, não se atina com o gosto da Corte, com o contraste das cores, com a harmonia das vestimentas; depois, não haverá de duvidar, o figurino será dado pela *Imperatriz*, todas as modas serão da *Imperatriz*, todas as fazendas da *Imperatriz*, e todas as lojas da *Imperatriz*.¹⁷²

As mulheres da família de Dom Pedro II, como sua esposa e irmãs, eram as referências de bom gosto mais próximas que as donzelas tinham na capital brasileira. Dessa

¹⁷¹ MODAS. *Correio das Modas*. 26 out. 1839, vol. II, ano I, n, 17, p. 130.

¹⁷² MODAS. *O Gosto*. 12 ago. 1843, n.2, p. 4.

maneira, Teresa Cristina foi muito reverenciada nas folhas femininas por seu aceio e também por suas roupas. Existiram, inclusive, como destacava *A Mulher do Simplicio*, tipos de penteados que levavam seu nome: “Vai ser geral tipo, segundo se diz, o cabelo à moda da Imperatriz. Caindo na frente em pasta arranjado, cobrindo as orelhas atrás bem atado”.¹⁷³ À título de informação, em solo francês e inglês, seguir os estilos usados pela Casa Real foi também um hábito muito presente, afinal, os detentores do poder e do dinheiro tinham que necessariamente dar o exemplo em todos os aspectos da vida, até mesmo nas vestimentas. Levando em conta todas essas asserções, os trajes escolhidos pela companheira de Pedro II no dia de seu casamento, foi, possivelmente, copiado inúmeras vezes pelas moças da cidade. No mês de abril de 1840, a rainha *Alexandrina Victoria*, da Inglaterra, também selou matrimônio com o príncipe *Alberto de Saxonia Coburgotha*. No Rio de Janeiro, tal acontecimento teve repercussão graças às notícias coletadas e divulgadas pelo *Correio das Modas*. Naquela semana, só se ouvia falar no luxo com que tinha se trajado a rainha para um dos momentos mais importante de sua vida. Ela usava “um magnífico vestido de renda e o seu véu era do mais perfeito trabalho. O único ornamento dos cabelos era uma grinalda de flores de laranja, e um alfinete de brilhantes pequeno que segurava o véu”.¹⁷⁴ Segundo o boletim, os periódicos que circulavam na Inglaterra diziam que era impossível captar pela escrita a graça, a decência e a dignidade da jovem soberana, na ocasião em que seu noivo a conduziu para o altar.

¹⁷³ MODAS. *A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada*. 23 dez. 1843, n. 76, p. 16.

¹⁷⁴ MODAS. *Correio das Modas*. 12 abr. 1840, vol. I, ano II, n. 30, p. 230.

Fig. 28. Vestidos de noiva



Fonte: MODAS. *Correio das Modas*, 2 mar. 1839, n. 9.

Não era de um casamento real inglês, mas a gravura acima apresentava um traje típico e belo para matrimônio no ano de 1839. De acordo com o colunista, “se uma noiva se apresentasse no gosto deste molde, todos os olhares se voltariam para ela e seu amado mais encantado ficaria”. Este rico vestido era feito “de seda lavrada todo bordado de renda nas mangas e no corpo”,¹⁷⁵ e também era passível de admiração os laços de rosas que muito bem ornavam com o restante do vestuário. Um acessório que jamais poderia faltar nas noivas era o véu¹⁷⁶ finíssimo e a grinalda de flores e, no modelo estampado, o véu surgia por debaixo dos cachos do penteado. As flores, até no momento de subirem no altar, acompanhavam as mulheres nos vestidos ou nas cabelos. Além, é claro, das luvas brancas e do colar que contribuíam para o recato e, ao mesmo tempo, o luxo da noiva.

Em *O moço loiro*, Macedo destacou que, no dia da celebração do casamento dos personagens Honorina e Lauro, um grande sarau foi promovido na casa da jovem esposa para comemorar o sacramento. A descrição de Macedo sobre a personagem dizia, em breves

¹⁷⁵ MODAS. *Correio das Modas*. 2 mar. 1839, vol. I, ano I, n. 9, p. 69.

¹⁷⁶ Para a historiadora Michelle Perrot, o véu têm significações múltiplas, tanto religiosas como civis para com Deus, e para com o marido. Ele é sinal de dependência, de pudor e de honra. Também no casamento, o véu da noiva é um véu nupcial que apenas o marido deve retirar. Cf. PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. p. 56-57.

linhas, que ela estava “mais bela do que nunca, ornada com suas galas, embelecida com seus naturais encantos; e ainda mais ornada e embelecida com essa interessante mistura de amor e pejo tão apreciável nas noivas”.¹⁷⁷ Os ricos vestidos escolhidos para o ocasião só faziam enaltecer a felicidade das mocinhas que se casavam com seus mancebos. Em *Os dois amores*, o romancista narrou a ansiedade de uma outra personagem nos dias que antecediam seu matrimônio, por meio do seguinte diálogo entre a noiva e seu pai sobre o andamento dos preparativos: “– Meu pai, encomendou as flores? – Encomendei, respondeu o velho suspirando. – Eu quero que o meu vestido de casamento esteja pronto amanhã. – Está bem. – Meu adereço de brilhantes? – Também amanhã o terá”.¹⁷⁸ Responsáveis pelas despesas dos festejos e das roupas, os pais das donzelas faziam de tudo para vê-las felizes nesse momento tão aguardado. Os profissionais que mais lucravam com as pompas realizadas no dia do casamento eram aqueles que se dedicavam aos enxovais, vestidos de noiva, véus, joias, sapatos, flores, etc. Nas ruas centrais do Rio de Janeiro existiram duas modistas que diziam fazer enxovais para o casamento: uma era *Madame Martin* e a outra era uma francesa cujo nome não foi revelado no anúncio. Tais comerciantes prometiam confeccionar tudo quanto uma donzela pudesse necessitar em seu enxoval, mesmo o vestido da noiva.

Para a mulher fluminense do período, como já mencionado no primeiro capítulo, a importância deste sacramento estava relacionada à oportunidade de constituir uma família e ser sustentada por um marido de posses. À vista disso, o casamento sempre foi o maior objetivo a ser alcançado na vida de uma moça. Havia, inclusive, aquelas mulheres que já tinham passado da idade de se casar e apelavam aos santos para encontrar seus futuros maridos. *A Mulher do Simplicio* tratou, certa vez, de confortar essas desafortunadas dizendo-lhes: “Folgai, meninas, folgai, com o que passo a contar: quem tiver seu Santo Antonio, já não fica sem casar”.¹⁷⁹ A crença nos santos casamenteiros era uma espécie de conforto para as jovens, pois estas sabiam que seus pedidos seriam atendidos. Joaquim Manuel de Macedo, sobre esse assunto, assinalava o seguinte:

A mulher é vaidosa sempre, quer ser amada, admirada por sua beleza e por seus vestidos. Quer para seu marido um homem em alta posição para elevar-se ela também; quer estar de alto a baixo, coberta de sedas e de brilhantes, deslumbrando os homens e sendo invejada pelas outras mulheres. No casamento isto é tudo, e o amor é quase nada. E a mulher, que isto consegue, lá vai... incensada... feliz... deslumbradora... invejada... ainda que seu marido

¹⁷⁷ MACEDO, Joaquim Manuel de. **O moço loiro**. p. 429.

¹⁷⁸ MACEDO, Joaquim Manuel de. **Os dois amores**. p. 476.

¹⁷⁹ O CASAMENTO arranjado por Santo Antonio dos pobres. **A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada**. 21 jun. 1840, n. 64, p. 5.

seja um ente abjeto e estúpido; que abjeto!... que estúpido!... não há abjeção nem estupidez onde há riqueza.¹⁸⁰

A noção que se tinha do casamento estava atrelada à posição social e aos mimos que as damas da alta sociedade desejavam continuar recebendo. Lembrando que, a partir do Oitocentos, elas começaram a aparecer a um número maior de pessoas, os maridos passaram também a proporcioná-las tudo quanto havia de melhor na cidade em matéria de vestuário. Para além dos luxos indispensáveis no momento de casar-se, uma outra data especial e que devia ser comemorada nas famílias abastadas eram os aniversários. Macedo contou que sua personagem Celina teve o privilégio de promover, certa vez, um sarau em sua casa, reunindo familiares e amigos. De vestido branco e sapatinhos de cetim, a estrela da festa despertou os olhares de todos os mancebos ali presentes. Segundo o autor, “tudo na “Bela Órfã” respirava encanto, graça, candura e inocência: era um anjo”.¹⁸¹ Comparar as mocinhas aos anjos pelo fato de não terem sido iniciadas em uma vida sexual, cabe ressaltar, era uma tópica recorrente nos escritos sobre as jovens do *belo sexo*, ou seja, para aquela gente, “os anjos são as virgens do céu, como as virgens são os anjos da terra”.¹⁸² Além disso, muitas vezes as senhoras podiam ser comparadas às santas.

Os aniversários, pois, eram momentos de grande importância para as mocinhas, por sinalizarem que a idade de se casar estava se aproximando. Uma personagem macediana, acreditando estar velha demais para o casamento, confessava à sua sobrinha: “Quando eu via entrar na sala pelo braço de seus maridos minhas companheiras de colégio [...] eu sentia que o sangue me estava subindo à cabeça naqueles terríveis momentos e chorava como chora uma criança em desespero”.¹⁸³ O anseio em contrair casamento unido ao desejo de serem bem vistas e elogiadas pelo público contribuíram para que as mocinhas utilizassem dos artifícios da moda tanto quanto fosse possível nas celebrações privadas. Abaixo vemos alguns exemplos de penteados, vestidos e adornos que costumavam compor o *belo sexo* nessas noites especiais.

¹⁸⁰ MACEDO, Joaquim Manuel de. **Os dois amores**. p. 277.

¹⁸¹ MACEDO, Joaquim Manuel de. **Os dois amores**. p. 210.

¹⁸² MACEDO, Joaquim Manuel de. **Os dois amores**. p. 211.

¹⁸³ MACEDO, Joaquim Manuel de. **Os dois amores**. p. 42.

Fig. 29. Penteados para datas especiais



Fonte: MODAS. **Correio das Modas**. 18 mai. 1839, n. 20.

Das seis pequenas gravuras estampadas, quatro estão compostas com os mesmos tipos de penteados. Para os bailes, e também para os dias de ano, o ideal era prendê-los e deixar que uma parte caísse em forma de pequenos ou grandes cachos, formando marrafas.¹⁸⁴ No ano de 1840, alguns apontamentos foram publicados sobre estas últimas: “Já havemos notado o uso das marrafas crespas e compridas, e se bem nos recordamos, anunciamos que era a última moda de Paris”.¹⁸⁵ Até o encerramento do *Correio das Modas*, em finais da década de 1840, os penteados com marrafas continuaram em alta no Rio de Janeiro. A exibição em diversos ângulos permitia visualizar melhor os detalhes dos penteados, o que facilitava a vida das leitoras que quisessem copiá-los. Vistos de frente, nota-se primeiramente as marrafas nas quais eram colocadas flores soltas ou simplesmente uma grinalda no alto da cabeça. De costas, é possível observar que os cabelos da parte de atrás foram presos pouco acima do pescoço. Quanto aos vestidos, temos um branco feito de filó e os outros de *mole-mole*. O redator também destacou uma nota final sobre a exibição dos braços nas figuras, que confirmam as mangas curtas tanto para os bailes e festividades de salão, como para os

¹⁸⁴ Cada uma das metades em que se divide o cabelo, em certos penteados.

¹⁸⁵ MODAS. **Correio das Modas**. 12 jul. 1840, vol. II, ano II, n. 4, p. 25.

aniversários. Já que os vestidos eram desprovidos de mangas longas, alguns adereços como os manteletes,¹⁸⁶ xales ou capotes continuavam sendo recomendados nas estações frias. Os corpinhos marcando a cintura e a delicadeza das rendas e laços faziam daquelas vestimentas as mais indicadas do momento. “Sigam os nossos conselhos, que são filhos do estudo e da experiência dos *toilletes* e dos salões”,¹⁸⁷ escrevia o colunista finalizando o assunto.

Um hábito próprio da mocinha nas celebrações privadas era se ausentar por alguns momentos da festa para ir ao *toilette* retocar os desalinhos. Em seus escritos, Joaquim Manuel de Macedo não deixou de registrar essa mania feminina: em meio a um sarau, quatro jovens foram ao trocador recompor seus penteados, “enfeites e mil outras coisas que estavam muito em ordem, mas que as mãozinhas dessas quatro *demoiselles* não puderam resistir ao prazer, muito habitual das moças, de desarranjar para outra vez arranjar”.¹⁸⁸ Tudo isso enquanto conversavam sobre os mancebos mais interessantes da festa. No trocador de uma donzela, continuava Macedo, além das conversas sobre os partidos mais atraentes da festa, era possível encontrar uma infinidade de produtos embelezadores como “pomadas naturais de todos os países; óleos aromáticos, essências de formosura e de todas as qualidades; águas cheirosas, pós vermelhos para as faces e para os lábios; escovas e escovinhas, flores murchas e outras viçosas”.¹⁸⁹ Por passarem horas ali confinadas, enquanto os divertimentos prosseguiam nas salas, a importância desse cômodo nas residências abastadas foi mais de uma vez descrita pelo romancista:

as senhoras fazem voto de sair cedo de casa; pois que, principalmente entre as moças, não se conta uma só, que não beba os ares por uma noite de teatro, de visita às amigas, ou de passeio pela Rua do Ouvidor; mas quando se vêem em frente o trocador (aqui para nós, um toucador é a cachaça das moças) esquecem-se das horas que passam, e de lá não se desgrudam, sem que os pais ou maridos, gritem por elas cem vezes, tão cansados de esperar que se acham. Há, entretanto, duas cenas sobremaneira apreciáveis: aqui, se vê um homem, que apertado dentro de sua casaca, e enforcado por sua gravata, passeia impaciente ao longo da sala; lá, uma, ou meia dúzia de moças, que firmes ante o toucador, dão graças à natureza, pois não há nenhuma, que não se julgue bonita, e arengam e gritam com as escravas e criadas, para que as apertem até o ponto de sufocá-las.¹⁹⁰

¹⁸⁶ Vestidura, que os bispos trazem sobre o Roxete, quando andam em bispado alheio; manta de guerra. Cf. **Dicionário da Língua Portuguesa recompilado dos vocabulários impressos até agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, por Antonio de Moraes Silva** p. 263. Disponível em: http://200.144.255.59/catalogo_eletronico/imagemVerbete.asp?Verbete_Codigo=72310&Setor_Codigo=11

Acesso em 11/07/2018.

¹⁸⁷ MODAS. **Correio das Modas**. 18 mai. 1839, vol. I, ano I, n. 20, p. 163.

¹⁸⁸ MACEDO, Joaquim Manuel de. **A moreninha**. p. 79.

¹⁸⁹ MACEDO, Joaquim Manuel de. **A moreninha**. p. 78.

¹⁹⁰ MACEDO, Joaquim Manuel de. **O moço loiro**. p. 111.

Fig. 30. Vestidos para festas oficiais



Fonte: MODAS. *Correio das Modas*. 9 ago. 1840, n. 12.

Os dias nacionais também estiveram presentes nas agendas das mulheres abastadas cariocas. As festividades que estavam sendo preparadas para o dia de aniversário da Independência do Brasil começaram a ser noticiadas com um mês de antecedência. Na primeira semana de agosto, um jornalista afirmava que, para aquele 1840, “será seu aniversário festejado com grande pompa”.¹⁹¹ Auxiliando as senhoras sobre o que vestir, o *Correio das Modas* tratou de prescrever adornos elegantes e condizentes com a proposta do evento. Na imagem, a novidade do traje exposto não estava nas mangas nem nas saias, mas no modo como se enfeitava o corpinho do vestido; a folha explicava: “Prega-se na gola uma espécie de cabeção com pregas guarnecido pela parte inferior com renda ou tira bordada. Este cabeção pela frente, traspassa um lado sobre o outro, e as pontas se prendem na cintura, dos lados”.¹⁹² Aconselhava-se que o laço de cetim pregado na frente, especialmente no dia da Independência, fosse verde e o botão amarelo, “por serem estas as cores nacionais”.¹⁹³ Além de representar a pátria brasileira, há tempos que o verde era visto “como um símbolo da

¹⁹¹ MODAS. *Correio das Modas*. 9 ago. 1840, vol. II, ano II, n. 12, p. 89.

¹⁹² MODAS. *Correio das Modas*. 9 ago. 1840, vol. II, ano II, n. 12, p. 89.

¹⁹³ MODAS. *Correio das Modas*. 9 ago. 1840, vol. II, ano II, n. 12, p. 89.

esperança, sem dúvida porque a verdura pressagia os belos dias, e as folhas precedem os frutos”.¹⁹⁴

A *Mulher do Simplicio*, certa vez, sobre a combinação de cores, expressou sua indignação ao avistar algumas senhoras andando pelas ruas “de porte chegado ao belo”, mas que traziam “um xale escarlata sobre um vestido amarelo! Algumas de opostas cores nem fazem combinações, e pondo o azul sobre o preto, julgam que belas estão”.¹⁹⁵ O problema, segundo o impresso, não eram as cores, pois os diversos tons existentes eram dignos de serem usados pelas donzelas, mas sim as composições. A ideia era nunca usar mais de duas cores diferentes em uma vestimenta – exceto nos bailes à fantasia. Havia, por exemplo, fusões que eram “especiais das nações; cores que se chamam nacionais”,¹⁹⁶ como o verde e o amarelo no Brasil. No entanto, elas só apareciam juntas em datas que celebravam acontecimentos da nação, não sendo indicadas em outros eventos.

Fig. 31. Vestidos para festas oficiais



Fonte: MODAS. *Correio das Modas*. 23 ago. 1840, n. 16.

¹⁹⁴ MODAS. *Correio das Modas*. 18 out. 1840, vol. II, ano II, n. 32, p. 251.

¹⁹⁵ MODAS. *A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada*. 1º out. 1842, n. 72, p. 11.

¹⁹⁶ MODAS. *Correio das Modas*. 11 out. 1840, vol. II, ano II, n. 30, p. 233.

Embora não tivesse grandes novidades para serem explanadas, esse outro figurino também indicava os padrões indumentários nas comemorações cívicas no Rio de Janeiro. É notável o verde do primeiro vestido, marcando mais uma vez a tendência das cores nacionais. Sobre o vestido todo branco, o redator escrevia que “à primeira vista parecerá haver demasiado abandono do corpo do saio, entretanto, ele é tão justo como o de qualquer vestido, e o bom gosto deste vestuário consiste nessa aparência de abandono, e no aspecto de candura e inocência que dá à pessoa que o veste”.¹⁹⁷ Adornar os cabelos com diademas e flores ainda era voga, posto que a maioria das senhoras usavam as madeixas presas nesses eventos.

Passada essa semana de comemorações pelo 7 de setembro, as festas não haviam findado. No dia 13, a família real ainda compareceu ao teatro de São Pedro de Alcântara para apreciar um espetáculo. Dom Pedro II e sua esposa foram muito bem recebidos pelos presentes naquela noite de diversão, e, nas palavras do redator, “o amor do bom povo fluminense pela Imperial Família recresce de dia em dia, e exprime-se por todos os modos que é possível”.¹⁹⁸ Tal prestígio foi responsável pela lotação do teatro de rapazes e moças vestidas segundo o tom. De todas as mulheres ali presentes, as irmãs do jovem Imperador foram as que mais se destacaram. Ambas estavam vestidas de branco e “as mangas do vestido eram justas ao braço, porém, todas de folho que se prendiam uns aos outros por um simples cordão”.¹⁹⁹ Uma delas levava um lindo cinto escossês do qual pendiam duas pontas não muito compridas.

Convém destacar que os parâmetros da moda permaneciam quase inalterados nos bailes e nos eventos cívicos, contudo, os dois ambientes eram distintos em sua simbologia e exigiam comportamentos e posturas diferentes das damas. Os primeiros, por serem festividades mais íntimas, davam certa liberdade para que estas pudessem conversar, passear, dançar; já os segundos costumavam reunir um maior número de convidados, o que exigia das mocinhas e senhoras um cuidado com as falas e os gestos exagerados. As comemorações das datas especiais – fosse para uma única família ou para todo o Império – solicitavam, em suma, que o *sexo amado* encomendasse um novo vestido nos ateliês das modistas, comprasse os adereços recomendados pelos jornais e contratasse os cabeleireiros. Os dias de preparações e compras que antecediam a festa eram tão importantes quanto o momento da exibição.

¹⁹⁷ MODAS. *Correio das Modas*. 23 ago. 1840, vol. II, ano II, n. 16, p. 122.

¹⁹⁸ MODAS. *Correio das Modas*. 13 set. 1840, vol. II, ano II, n. 22, p. 169.

¹⁹⁹ MODAS. *Correio das Modas*. 13 set. 1840, vol. II, ano II, n. 22, p. 170.

4.3. A moda entre teatros e concertos

Os teatros, criados com o intuito de difundir os padrões europeus em solo brasileiro e proporcionar distrações noturnas aos coetâneos, foram divertimentos substanciais no cotidiano da aristocracia fluminense ao longo de todo o século. Aconselhamentos como “recomendamos às nossas leitoras o teatro francês: tenham certeza que passarão aí uma noite divertida”,²⁰⁰ dado por um jornalista em 30 de agosto de 1840, encheram os periódicos cariocas do período.²⁰¹ Além de colunas com as sinôpses dos espetáculos, as modas das damas nos camarotes também eram evidenciadas e elogiadas pelos escritores. Na semana seguinte às comemorações do aniversário da Independência de 1839, um redator do *Correio das Modas* enumerou as festividades e divertimentos daquelas celebrações. De maneira especial, sublinhava a magnificência da sala teatral e das exibições que ali haviam acontecido:

Oh! Como estava belo o teatro de São Pedro! Que lindas fisionomias por aqueles camarotes! – Que olhos de fogo, que se volviam de uma parte para outra, e incendiavam os mais duros corações! – Que luxo, que trajar engraçado, que brilhantismo, que perfeitos toucados! – Não, não é possível que em uma reunião qualquer hajam tantos encantos. Não bastavam rostos e fisionomias tão divinas, vieram uns olhos matadores, para acabar com os homens. – Aos olhos, às fisionomias, à esses corpinhos de anjo tão brandos e aéreos como fadas... a essa perfeição da natureza uniram-se as riquezas da arte, os belos filós, os graciosos toucados, os magníficos colares...²⁰²

Acompanhando a beleza dos camarotes, as roupas escolhidas para esses momentos de distração deixavam os teatros repletos de bom gosto e elegância. Um boletim lançado pela *Mulher do Simplicio*, em 1840, trazia alguns ensinamentos acerca do que não vestir nas noites teatrais da cidade: “Não vão agora levar chapéus, e grandes xales e longos véus; quanto isto é feio é já sabido, e nestes dias não permitido. E o que diremos de uma donzela toda perfeita, garbosa e bela, trajar vestido de chita ou cassa, que neste noite não lhe dá graça?”²⁰³ Nota-se que os adornos não recomendados pela redatora eram os mesmos prescritos para os ambientes mais simples e ocasiões diurnas, como passeios e visitas. No teatro, todavia, a moda tinha de

²⁰⁰ MODAS. *Correio das Modas*. 30 ago. 1840, vol. II, ano II, n. 18, p. 138.

²⁰¹ Para se ter uma noção do número de espetáculos teatrais que aconteciam no Rio de Janeiro, *Pierre Plancher* publicou uma nota em 1828 dos dias que haveriam apresentações no Teatro de São Pedro de Alcântara em cada mês do ano. O resultado pode ser conferido no respectivo número do jornal: abril 7; maio 11; junho 10; julho 12; agosto 14; setembro 12; outubro 11; novembro 12; dezembro 13. Cf. *Espelho Diamantino*. 1828, n. 13, p. 279-280.

²⁰² AS MODAS no teatro de São Pedro de Alcântara na noite de 7 de setembro. *Correio das Modas*. 14 set. 1839, vol. II, ano I, n. 11, p. 82.

²⁰³ THEATRO de São Pedro. *A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada*. 1º dez. 1840, n. 65, p. 11.

adquirir tons sofisticados. Joaquim Manuel de Macedo descreveu uma personagem que mostrava-se no rigor do melhor tom em noite de apresentação musical no teatro de São Pedro. O autor descreveu que ela “vestia um vestido de seda cruelmente decotado, tinha na cabeça uma touca de cassa da India, ornada com laços de fitas azuis etc; segurava com a mão direita em um ramo de belos cravos, e conservava a esquerda esquecida sobre o elegante óculos [...]”²⁰⁴ Pela graça e encanto de seus trajes, a moça chamou atenção dos mancebos presentes. Em finais de 1839, uma peça teatral animou a noite fluminense e o boletim intitulado *Crônicas de teatro*, escrito por Jacques, elegeu os dois modelos abaixo como os mais interessantes do recinto.

Fig. 32. Modas para espetáculos teatrais



Fonte: MODAS. *Correio das Modas*. 7 dez. 1839, n. 23.

O luxo notado nesta noite de 2 de dezembro de 1839 tinha duas razões de ser: primeiro, a companhia francesa havia se apresentado no teatro mais importante do Rio de Janeiro; segundo, toda a família de Dom Pedro II havia comparecido para prestigiar o momento. Se a notícia de um espetáculo já causava animação na sociedade abastada, quando

²⁰⁴ MACEDO, Joaquim Manuel de. *O moço loiro*. p. 31.

o Imperador resolvia dar o ar de sua graça, a gente abastada saía logo para comprar ingressos nos melhores assentos da sala. À vista disso, os camarotes “estavam cheios a não caber mais gente; mil senhoras linda e perfeitamente vestidas os adornavam”.²⁰⁵ A mulher eleita pelo redator como a mais bem vestida da noite usava trajes semelhantes ao do figurino, com destaque para o colar de pérolas e brilhantes e para a renda branca com três folhos na barra que guarneciam elegantemente o vestido. Para o *Correio das Modas*, não havia nada mais belo e interessante que ver uma senhora de bom gosto assistindo uma apresentação teatral junto a seu pai ou marido. Sem muitas delongas nas modas, o escritor, que se dizia mais interessado no espetáculo, concluiu o boletim pontuando que aquele figurino era o resumo de tudo quanto houve de melhor na noite de 2 de dezembro. As donzelas eleitas pelos colunistas como as mais elegantes recebiam elogios como, por exemplo: “Muitas senhoras estavam vestidas de maneiras diferentes: entre elas havia uma exatamente trajada no gosto da gravura”,²⁰⁶ “dançava com uma fluminense vestida conforme o figurino”,²⁰⁷ ou simplesmente “vi uma senhora trajada quase no gosto do figurino que o *Correio* apresenta hoje às suas belas leitoras”.²⁰⁸ Um dos intentos dos escritores era sair às ruas e salões à procura de mulheres que adotassem as orientações ditadas nos boletins, para conseguirem legitimar suas publicações. Deixando explícito que as recomendações, constantemente, surtiam efeito na prática.

Outra informação sobre a nobre tarefa de escrever para as senhoras da Corte era que os colaboradores pareciam cumprir com alegria este trabalho, ou seja, era uma obrigação muito aprazível ir até os teatros, assistir as apresentações, ver gente bem vestida e, em algumas ocasiões, conseguir avistar de longe a família do Imperador. Na semana de 20 de setembro de 1840, um redator lamentou por não ter podido comparecer – em razão de doença – a uma apresentação na qual estavam presentes Dom Pedro e suas irmãs. Visto mais como um divertimento do que uma obrigação, as primeiras linhas da coluna foram dedicadas a contar esta história:

O tempo estava um pouco carrancudo, e o médico que me curou da última enfermidade, da qual estou em coalescência, proibiu-me nesse dia que saísse à rua, falou-me de recaída, de morte, tudo adubado com palavras gregas, que não entendo, e por isso mesmo dou-lhes inteiro crédito: taes receios me incutiu, que, desesperado, aceitei o martírio de ficar em casa. Que vos poderei pois contar?²⁰⁹

²⁰⁵ MODAS. *Correio das Modas*. 7 dez. 1839, vol. II, ano I, n. 23, p. 169.

²⁰⁶ MODAS. *Correio das Modas*. 5 jan. 1839, vol. I, ano I, n. 1, p. 2.

²⁰⁷ MODAS. *Correio das Modas*. 27 abr. 1839, vol. I, ano I, n. 17, p. 138.

²⁰⁸ MODAS. *Correio das Modas*. 4 mai. 1839, vol. I, ano I, n. 18, p. 146.

²⁰⁹ MODAS. *Correio das Modas*. 20 set. 1840, vol. II, ano II, n. 24, p. 185.

Sucedeu-se, naquela noite, que os detalhes captados somente pelos olhares especialistas e a eleição dos trajes elegantes não puderam ser realizados. Já de antemão, desculpando-se com suas leitoras pelo deslize, o redator escreveu essas poucas observações feitas por um amigo: “Disse-me que SS. AA. primavam pela graça e singeleza com que estavam vestidas. Mas isto não é bastante, não é bastante saber que SS. AA. trajavam vestidos brancos; que a Sra. Dona Francisca tinha sobre os ombros uma manta pequena [...], eu queria ver tudo”.²¹⁰ Mais do que noticiadores das modas nos teatros, o *Correio das Modas* era um verdadeiro defensor da civilidade em todos os aspectos da vida pública; e a presença dos redatores desse impresso nos divertimentos contribuía para trazer inspirações aos conteúdos novos. Quando se tratava dos membros da família real, o intuito era descrever as vestimentas e logo em seguida justificar o porquê dos parentes do imperador estarem trajados daquela maneira. Um exemplo disso pode ser verificado na seguinte passagem: “S. M. e a Imperial família estiveram quarta-feira passada no teatro francês. A família Imperial trajava luto fechado pela morte de S. M. rei da Prússia”.²¹¹ Como o teatro não era um recinto onde se poderia vestir preto dos pés à cabeça, foi necessário que o escritor buscasse a notícia daquele falecimento para tornarem legítimas as escolhas vestimentárias da casa Imperial.

Ainda sobre episódios de redatores tentando captar a vida noturna e as modas no Rio de Janeiro, um colunista relatou as dificuldades que havia passado em uma noite de teatro:

Logo que a família imperial apareceu na tribuna, peguei os óculos da algibeira, limpei-o e levei-o aos olhos; nada vi! Graduei, tornei a graduar linha por linha, estava na mesma! Façam os leitores ideia da aflição em que eu estava: com a vista pouco distinguia, com os óculos nada! Se eu fosse inclinado a acreditar em coisas sobrenaturais, diria que alguém havia me enfeitado os óculos.²¹²

O excerto destaca, em poucas palavras, o desespero de um cronista que, estando ali para cumprir a tarefa de analisar, não conseguia distinguir cores, tecidos e movimentos em função de seus óculos²¹³ estarem embaçados. Assim, pouco podendo enxergar a plateia, o colunista não pode colaborar expressivamente com as novas modas exibidas nos camarotes. Deixou apenas registrado que “SS. AA. estavam com vestidos ou roupões com mangas justas ao braço, e que tinham na cabeça chapéus brancos enfeitados com flores, que era um só ramo

²¹⁰ MODAS. *Correio das Modas*. 20 set. 1840, vol. II, ano II, n. 24, p. 185.

²¹¹ MODAS. *Correio das Modas*. 27 set. 1840, vol. II, ano II, n. 26, p. 202.

²¹² MODAS. *Correio das Modas*. 6 set. 1840, vol. II, ano II, n. 20, p. 153.

²¹³ O hábito de usar óculos para enxergar o palco e o público no teatro, pelo que podemos ver, já fazia parte da vida dos cariocas desde 1818, ano em que a *Gazeta do Rio de Janeiro* publicou a seguinte nota: “Na Rua do Ouvidor, nº 49 e na detrás do Hospício nº 9, se acha um belo sortimento de óculos para teatro e para o circo.” Cf. AVISOS. *Gazeta do Rio de Janeiro*. 1818, n. 82, p. 4.

de um lado”.²¹⁴ Os adornos de cabeça – tanto toucas quanto chapéus – eram escolhidos segundo a preferência da donzela, isto é, não havia regras que determinassem que um ou outro era mais elegante para as apresentações nos teatros. A moda apenas pedia que as senhoras usassem o que gradasse melhor com o vestido. No figurino abaixo, as senhoras usam duas composições diferentes de acessórios de cabeça.

Fig. 33. Toucas e chapéus para os teatros



Fonte: MODAS. *Correio das Modas*. 8 jun. 1839, n. 23.

A artigo correspondente a esta gravura, assinado por Julio Paulo, além de apresentar os tipos de chapéus²¹⁵ e toucas com os quais uma donzela poderia ir ao teatro, também lançou ao público informações sobre os tecidos que estavam mais em voga no momento. O vestido preto de mangas longas era feito de cetim,²¹⁶ que, segundo o redator este tecido “tinha caído em esquecimento, e tinha dado lugar ao veludo, sedas e cassas; mas ei-lo em vigor e na

²¹⁴ MODAS. *Correio das Modas*. 6 set. 1840, vol. II, ano II, n. 20, p. 153.

²¹⁵ James Laver relevou que, na Europa a partir de 1827, os chapéus começaram a ser usados à noite no teatro, impedindo quem se sentasse atrás de ver o palco, dependendo do tamanho da aba e da copa. LAYER, James. *A roupa e a moda*. p. 164.

²¹⁶ MODAS. *Correio das Modas*. 8 jun. 1839, vol. I, ano I, n. 23, p. 188.

verdade é muito bonito em vestidos”.²¹⁷ A figura em pé usava um leve vestido branco com singelas estampas florais na saia. As mangas e o decote²¹⁸ lembravam os trajes dos bailes, e o próprio escritor confirmou que vestidos semelhantes só eram permitidos em ocasiões luxuosas. Ali também se usava luvas e leques, partes essenciais da toalete noturna, e às vezes também carregava-se um buquê.²¹⁹ Em apresentações cujos camarotes atingiam a lotação máxima, os leques ajudavam no calor excessivo e também serviam como instrumentos comunicativos entre as donzelas e os mancebos.²²⁰ O *Jornal do Commercio*, a propósito, além de publicar diariamente os anúncios sobre peças teatrais, costumava fazer breves comunicados sobre os objetos esquecidos nas salas, que muitas vezes pertenciam às senhoras. Em 1846, por exemplo, a seguinte nota foi veiculada: “Na receita de 2 do corrente foi achado, em um dos camarotes, um leque de senhora; a quem pertencer mande procurar no escritório do mesmo teatro”.²²¹ Tais avisos indicam alguns adereços e acessórios mais comuns que acompanhavam as mulheres nos espetáculos da cidade. Joaquim Manuel de Macedo contou a suas leitoras que nos bailes, saraus, teatros e concertos “uma flor vale uma espada, uma amiga serve às vezes de escudo, um leque pode falar de longe, um lenço branco vale mais que tudo isso”.²²² A moda não só servia para externar riqueza, como também falava, dava pistas, expressava sentimentos. A abertura do leque, uma flor colocada de um modo diferente, o vestido que deixava aparecer os sapatos, tudo isso eram maneiras de deixar que a roupa falasse.²²³

As salas de teatros, como é sabido, não eram propícias apenas para os espetáculos teatrais nacionais e estrangeiros. Um outro tipo de lazer que se utilizou dos palcos no Oitocentos, e logo nas primeiras apresentações caiu nas graças da aristocracia, foram os concertos musicais.²²⁴ Renomados cantores estrangeiros e nacionais se apresentavam em musicais ao público apreciador dessa arte. Os concertos promovidos pela *Sociedade*

²¹⁷ MODAS. *Correio das Modas*. 8 jun. 1839, vol. I, ano I, n. 23, p. 188.

²¹⁸ Na França oitocentista, vale pontuar, os vestidos para noite também eram decotados, deixando parte dos ombros à mostra. Cf. LAVER, James. *A roupa e a moda*. p. 174.

²¹⁹ LAVER, James. *A roupa e a moda*. p. 166.

²²⁰ Gilberto Freyre, ao estudar a vida social no Brasil oitocentista, sublinha que “havia galanteios por meio do leque – isto é, as moças faziam seus leques falar uma linguagem particular de amor que todos os namorados deviam compreender.” FREYRE, Gilberto. *Vida social no Brasil nos meados do século XIX*. São Paulo: Global, 2008.

²²¹ ANNUNCIOS. *Jornal do Commercio*. 9 dez. 1846, n. 341, p. 4.

²²² MACEDO, Joaquim Manuel de. *O moço loiro*. p. 130.

²²³ Tanto os escritos de contemporâneos, como de estudos posteriores relatavam essa prática. Gilberto Freyre, por exemplo, escreve em seu *Vida social no Brasil nos meados do século XIX* que as vestimentas eram maneiras interessantes de dizer frases inteiras. Cf. *Vida social no Brasil nos meados do século XIX*. p. 96.

²²⁴ Mariana Rodrigues notou que o número de casas de espetáculo no Rio de Janeiro do século XIX foi até bastante elevado em relação ao potencial de públicos oferecido pela cidade. RODRIGUES, Mariana Christina de Faria Tavares. *Mancebos e mocinhas*. p. 182.

Philarmonica e pela Assembleia Estrangeira foram os mais citados no *Correio das Modas*. Sempre que as apresentações diziam respeito a essas companhias as congratulações e os elogios aos cantores se faziam presentes. No inverno de 1840, mais especificamente em 20 de julho, um divertimento desse gênero movimentou a cidade do Rio de Janeiro. Segundo o boletim da semana seguinte, “o dia ameaçava noite chuvosa, o céu entretanto parecia ter compaixão dos amadores da música e do belo canto. A noite vestiu-se de gala, rodeou-se de estrelas, e à *Sociedade Philarmonica* concorreu tão grande número de sócios e convidados”²²⁵ tanto que, dado o início da apresentação, não se via nenhum lugar vazio. Os artistas, divididos em duas partes, apresentaram-se com maestria e receberam muitos aplausos da plateia. Sobre a elegância do público feminino, o redator encerrava sua coluna exaltando as mulheres: “A reunião esteve brilhante e escolhida. Lindas damas, belos vestidos, engraçados penteados, tudo encantava”.²²⁶ A riqueza dos trajes nas reuniões musicais assemelhava-se aos teatros e demais eventos festivos da Corte. Os vestidos apresentados na gravura a seguir davam o tom desta moda.

Fig. 34. Trajes de teatros e concertos musicais



Fonte: MODAS. *Correio das Modas*. 11 out. 1840, n. 30.

²²⁵ CHRONICA dos bailes e concertos. *Correio das Modas*. 23 jul. 1840, vol. II, ano II, n. 7, p. 53.

²²⁶ CHRONICA dos bailes e concertos. *Correio das Modas*. 23 jul. 1840, vol. II, ano II, n. 7, p. 53.

Antes de pontuarmos os aspectos indumentários das figuras destacadas, é importante sublinhar a presença de um piano atrás delas na imagem. Como esboçado no primeiro capítulo, uma das atividades preferidas das mocinhas fluminenses era estudar novas músicas ao som desse instrumento, que se tornou uma peça essencial dos sobrados no Oitocentos. O ponto mais relevado na coluna, no que dizia respeito às vestimentas, foi o que o redator chamou de “transações que se pretendem fazer entre as mangas justas e as largas”.²²⁷ Como a moda oscilava ora entre a recomendação das mangas estreitas, ora entre a elegância das mangas largas, as pessoas de bom tom resolveram adaptá-las simultaneamente em seus trajés. A saída encontrada foi: “Da cava do vestido até o meio do antebraço é a manga formada por três fofos [...] que unem ao braço uma terça parte da manga, depois alarga e vem estreitar-se de novo no punho”.²²⁸ Isso também aconteceu em países da Europa por volta de 1835, quando começaram a surgir aquelas que eram justas em cima e mais largas embaixo, apesar de continuarem muito justas nos punhos²²⁹ (ver figura 34). Tal estratégia consagrava, por fim, os dois tipos de mangas como belas e, cada vez mais, apareciam donzelas nos teatros, concertos, aniversários e bailes vestidas de maneira semelhante.

Em linhas gerais, os parâmetros da moda no Rio de Janeiro nesta primeira metade do século XIX estiveram ligados às referências europeias propagadas pelos periódicos que, de modos particulares, discursaram sobre as vestimentas. Todavia, como buscamos apresentar ao longo desta segunda parte, houve tentativas pontuais de modificações das roupas importadas em favor de uma certa brasilidade, por meio das prescrições de tecidos leves para o verão, chapéus e sombrinhas para os dias mais quentes, capas para as noites frias de inverno, adereços luxuosos em ocasiões especiais e em horários apropriados, etc. E, claro, pensar em uma roupa ambientada, condizente com os lugares, era também mais um indicativo de que os ditames da moda europeia acabaram sendo repensados para o vestir das cariocas. Considerações sobre as particularidades dos ambientes, o clima que não coincidia com o outro lado do Atlântico e as demais especificidades de um Império em formação, por fim, foram tópicos dos primeiros escritos sobre a moda no Brasil.

²²⁷ MODAS. *Correio das Modas*. 11 out. 1840, vol. II, ano II, n. 30, p. 233.

²²⁸ MODAS. *Correio das Modas*. 11 out. 1840, vol. II, ano II, n. 30, p. 233.

²²⁹ KOHLER, Carl. *História do vestuário*. pp. 522-525.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de percorrermos parte do cenário social do Rio de Janeiro oitocentista que se abria à novas possibilidades, por meio da criação de ambientes festivos e de diversão, da introdução de lojas e comércios europeus e, sobretudo, da propagação de ensinamentos para bem trajar as damas fluminenses, cabe encerrarmos este trabalho recordando a seguinte frase de um dos redatores do *Correio das Modas*: “Concordemos sempre que a moda traja-se de mil maneiras, é o tirano mais voluptuoso que existe, e que requinta-se todo em gentis galas, e não despreza a mais pequena coisa que possa relevar os seus encantos”.²³⁰ Estas e as demais citações recolhidas neste estudo, pois, fizeram com que a moda, tomada como componente substancial da civilização, ocupasse um espaço importante e inédito nos escritos sobre a sociedade da capital brasileira. À medida que passear pelas ruas, visitar lojas, comparecer aos teatros, bailes e festividades privadas tornaram-se hábitos femininos, os primeiros registros públicos sobre as roupas e a vida mundana dessas figuras começaram a ganhar corpo naquela cidade. Ao dar voz a esses coetâneos – descrevendo brevemente as circunstâncias em que surgiram seus escritos, os conteúdos ali expostos, as festas e os divertimentos que passaram a fazer parte do cotidiano das donzelas, bem como o comércio que se anunciava periodicamente nas páginas dos impressos – buscamos, em um primeiro momento, apresentar ao leitor que as senhoras e as mocinhas, as ruas centrais, especialmente a Ouvidor, e os teatros, os bailes, os saraus e as festas religiosas do Rio de Janeiro protagonizaram o que consideramos ser o despertar de um cuidado mais atento com a aparência.

Os primórdios do mundanismo no cotidiano do *belo sexo* englobavam aspectos que extrapolavam o vestuário, embora continuassem tendo relação com as preocupações do ver e do se mostrar em sociedade. O aprimoramento dos salões de bailes e saraus, a preparação e asseio das casas para receber os convidados, a construção de teatros e, até mesmo, a abertura de lojas europeias nas ruas centrais da cidade foram, pois, acontecimentos incontornáveis para compreendermos o florescer da moda nesse tempo e espaço. Sobre o início de uma atividade comercial de produtos e serviços importados localizada nas principais vias públicas cariocas, intentamos apresentar as nacionalidades francesas, inglesas e, em menor número, portuguesas de quem vendia, as ruas do Ouvidor, Ourives e outras que recepcionaram esse comércio, os artigos vestimentários ofertados, como os vestidos e os adereços e, finalmente, os valores exorbitantes destas mercadorias. Entender e conhecer um pouco da dinâmica de compra e

²³⁰ MODAS. *Correio das Modas*. 19 jan. 1839, vol. I, ano I, n. 3, p. 17.

venda das roupas e acessórios nos ajudou a contar sobre a mulher que começava a transitar pelos salões e ruas. Assim, ao introduzirmos esses primeiros contornos pedagógicos e descritivos das modas, procuramos não apenas dar luz à uma moral do vestir feminino nos trópicos, mas, sobretudo, mapear, na medida do possível, a presença dessas figuras naquele novo cenário social e comercial.

O objetivo maior das primeiras publicações oitocentistas sobre as roupas e a beleza no Rio de Janeiro era, além de ensinar as leitoras a arte de se vestir com bom gosto, instruí-las de que o luxo em demasia e o fetiche exacerbado pelo modelo europeu podia ser tão prejudicial quanto ignorar por completo os ditames, especificamente em folhas como *O Simplício* e *A Mulher do Simplício* e em algumas passagens dos romances de Macedo aqui expostas. O preceito que circundava as páginas dos periódicos e dos romances, como buscamos explorar ao longo deste estudo, era de equilíbrio entre o estrangeiro e o nacional e de valorização da moda como um componente que contribuía para exaltar a beleza natural das brasileiras, isto é, na disputa entre a roupa e a dama quem devia sobressair era sempre a mulher. A necessidade de ensinar as damas a escolherem com prudência seus trajés para que não cometessem gafes e se tornassem motivos de risos nas festividades da cidade foi, cotidianamente, explanada pelos escritores coetâneos.

Ademais, mesmo em impressos cariocas que não tiveram um posicionamento crítico explícito sobre as vogas europeias, como o *Correio das Modas*, o *Espelho Diamantino* e *O Gosto*, preocupações relacionadas ao clima, às ocasiões e aos ambientes tipicamente brasileiros estiveram presentes. Para os passeios diurnos, por exemplo, os redatores prescreviam tecidos notáveis por sua simplicidade e a ausência de joias, pois “a beleza para agradar não necessita de grandes adornos e modas singulares e extravagantes”.²³¹ Adereços como xales, chapéus e sombrinhas eram as peças mais fundamentais do dia-a-dia, embora os jornais aconselhassem suas leitoras a reservarem aqueles acessórios mais caros para as ocasiões luxuosas e noturnas, ou seja, usar xales, chapéus e sombrinhas feitos sob medida e de valores exorbitantes nos campos e nos passeios diurnos era desaprovado; até porque existia a necessidade de que esses artigos tivessem uma durabilidade maior por serem mais caros. Nessa mesma linha da singeleza e da simplicidade estavam as roupas escolhidas para as igrejas, missas, celebrações de santos, quaresma, Semana Santa, ritos fúnebres e, conseqüentemente, para o tempo do luto. As senhoras e senhoritas, quando se mostravam em procissões e festas religiosas, em visitas ou em passeios no campo, tinham de se vestir com

²³¹ MODAS. *Correio das Modas*. 19 out. 1839, vol. II, ano I, n. 16, p. 121.

recato e mais simplicidade, fazendo uso dos chapéus de palha, dos vestidos de mangas longas e de poucos acessórios.

Nas noites de festas oficiais ou espetáculos teatrais, em contrapartida, a exibição dos trajes com as cores nacionais entrava em cena, juntamente com os adereços mais luxuosos. Nessas ocasiões, os padrões das roupas eram, visivelmente, outros: as mulheres mudavam os cortes e os tecidos, colocavam luvas nas mãos e sapatos de cetim nos pés, os decotes ficavam mais profundos e as mangas encurtavam. Dessa maneira, em poucas horas, a moda passava de singela e elegante para luxuosa e exuberante. Todavia, não deixavam de existir discursos que pregavam o simples para esses eventos, como este do *Correio das Modas* sobre a arrumação dos cabelos para os bailes: “Que necessidade tendes vós, para agradar, para ser belas, de alterosos penteados? Em vossa simplicidade sois mais belas, mais admiráveis sois vossas graças”.²³² Malgrado a moda tenha se moldado no padrão de civilidade europeia, no comércio de artigos importados e, em última instância, nos modismos estrangeiros, a roupa e a aparência feminina no Rio de Janeiro daquela época, em resumo, só puderam ser pensadas a partir dos ambientes onde eram exibidas, e, inclusive, das singularidades do clima neste lado do Atlântico.

O que fica dessas páginas, para finalizar, são ainda suposições de como essa pedagogia do vestir contribuiu para despertar nas senhoras e mocinhas cariocas oitocentistas o interesse por se mostrarem no espaço público das ruas e das festividades. Assim, essas primeiras experiências de se exhibir em sociedade, de encantar o sexo oposto nos salões, de demonstrar a condição social e de expressar sentimentos por meio das vestimentas acabaram forjando um ideal de *belo sexo* oitocentista, que, em certa medida, ainda nos diz sobre o papel da moda e da mulher na atualidade.

²³² MODAS. *Correio das Modas*, 19 out. 1839, vol. II, ano I, n. 16, p. 121.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Textos oitocentistas

A FESTA do Natal. **A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada**. Rio de Janeiro: Tipografia de Francisco de Paula Brito. 22 dez. 1838, n. 60, p. 14-15.

A FESTA do Natal. **A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada**. 22 dez. 1842, n. 73, p. 15.

A RUA de S. Pedro. **A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada**. 1º dez. 1840, n. 65, p. 7.

A RUA do Ouvidor. **A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada**. 5 mar. 1837, n. 55, p. 9-11.

ALMANAK ADMINISTRATIVO, MERCANTIL E INDUSTRIAL DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro: Tipografia dos Irmãos Laemmert, 1859, n. 16, p. 182.

ANNUNCIOS. **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro: Tipografia Pierre Plancher, 5 fev. 1830, n. 29, p. 4.

ANNUNCIOS. **Jornal do Commercio**. 17 jun. 1832, n. 227, p. 4.

ANNUNCIOS. **Jornal do Commercio**. 18 nov. 1834, n. 259, p. 4.

ANNUNCIOS. **Jornal do Commercio**. 20 mai. 1835, n. 111, p. 4.

ANNUNCIOS. **Jornal do Commercio**. 1º fev. 1837, n. 25, p. 4.

ANNUNCIOS. **Jornal do Commercio**. 22 mar. 1837, n. 66, p. 4.

ANNUNCIOS. **Jornal do Commercio**. 21 jun. 1837, n. 135, p. 4.

ANNUNCIOS. **Jornal do Commercio**. 24 jul. 1837, n. 161, p. 4.

ANNUNCIOS. **Jornal do Commercio**. 29 ago. 1837, n. 190, p. 4.

ANNUNCIOS. **Jornal do Commercio**. 22 mar. 1838, n. 65, p. 4.

ANNUNCIOS. **Jornal do Commercio**. 22 ago. 1839, n. 192, p. 4.

ANNUNCIOS. **Jornal do Commercio**. 25 out. 1839, n. 255, p. 4.

ANNUNCIOS. **Jornal do Commercio**. 17 dez. 1839, n. 306, p. 4.

ANNUNCIOS. **Jornal do Commercio**. 19 fev. 1840, n. 47, p. 4.

ANNUNCIOS. **Jornal do Commercio**. 2 abr. 1841, n. 85, p. 4.

ANNUNCIOS. **Jornal do Commercio**, 27 abr. 1841, n. 107, p. 4.

ANNUNCIOS. **Jornal do Commercio**. 16 jun. 1842, n. 159, p. 4.

ANNUNCIOS. **Jornal do Commercio**. 11 ago. 1843, n. 211, p. 4.

ANNUNCIOS. **Jornal do Commercio**. 12 jun. 1844, n. 153, p. 3.

ANNUNCIOS. **Jornal do Commercio**. 6 dez. 1844, n. 324, p. 4.

ANNUNCIOS. **Jornal do Commercio**. 22 dez. 1844, n. 340, p. 4.

ANNUNCIOS. **Jornal do Commercio**. 9 fev. 1845, n. 39, p. 4.

ANNUNCIOS. **Jornal do Commercio**. 26 mar. 1845, n. 81, p. 4.

ANNUNCIOS. **Jornal do Commercio**. 30 set. 1845, n. 266, p. 4.

ANNUNCIOS. **Jornal do Commercio**. 6 nov. 1845, n. 302, p. 4.

ANNUNCIOS. **Jornal do Commercio**. 12 jun. 1846, n. 161, p. 4.

ANNUNCIOS. **Jornal do Commercio**. 18 set. 1846, n. 259, p. 4.

ANNUNCIOS. **Jornal do Commercio**. 9 dez. 1846, n. 341, p. 4.

ANNUNCIOS. **Jornal do Commercio**. 22 dez. 1846, n. 354, p. 4.

ANNUNCIOS. **Jornal do Commercio**. 22 mar. 1847, n. 81, p. 3.

ANNUNCIOS. **Jornal do Commercio**. 27 mar. 1847, n. 86, p. 3.

ANNUNCIOS. **Jornal do Commercio**. 22 jul. 1847, n. 201, p. 4.

ANNUNCIOS. **Jornal do Commercio**. 17 fev. 1848, n. 48, p. 4.

ANNUNCIOS. **Jornal do Commercio**. 17 abr. 1848, n. 108, p. 4.

ANNUNCIOS. **Jornal do Commercio**. 21 fev. 1849, n. 52, p. 4.

ANNUNCIOS. **Jornal do Commercio**. 14 mar. 1849, n. 73, p. 4.

ANNUNCIOS. **Jornal do Commercio**. 21 mar. 1849, n. 80, p. 4.

ANNUNCIOS. **Jornal do Commercio**. 21 abr. 1849, n. 110, p. 4.

ANNUNCIOS. **Jornal do Commercio**. 17 jun. 1850, n. 164, p. 4.

ANNUNCIOS. **Jornal do Commercio**. 15 dez. 1850, n. 343, p. 4.

AS MODAS no theatro de São Pedro de Alcantara na noite de 7 de setembro. **Correio das Modas**: jornal critico e litterario das modas bailes, theatros, etc. Rio de Janeiro: Tipografia dos Irmãos Laemmert. 14 set. 1839, vol. II, ano I, n. 11, p. 82.

AVISOS. **Gazeta do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tipografia Régia. 22 ago. 1809, n. 99, p. 4.

AVISOS. **Gazeta do Rio de Janeiro**. 15 fev. 1812, n. 14, p. 4.

AVISOS. **Gazeta do Rio de Janeiro**. 18 dez. 1813, n. 101, p. 4.

AVISOS. **Gazeta do Rio de Janeiro**. 6 abr. 1814, n. 28, p. 4.

AVISOS. **Gazeta do Rio de Janeiro**. 2 mar. 1816, n. 18, p. 4.

AVISOS. **Gazeta do Rio de Janeiro**. 20 jul. 1816, n. 58, p. 4.

AVISOS. **Gazeta do Rio de Janeiro**. 2 nov. 1816, n. 88, p. 4.

AVISOS. **Gazeta do Rio de Janeiro**. 1º jan. 1817, n. 1, p. 4.

AVISOS. **Gazeta do Rio de Janeiro**. 5 fev. 1817, n. 11, p. 4.

AVISOS. **Gazeta do Rio de Janeiro**. 22 fev. 1817, n. 16, p. 4.

AVISOS. **Gazeta do Rio de Janeiro**. 29 mar. 1817, n. 26, p. 4.

AVISOS. **Gazeta do Rio de Janeiro**. 2 abr. 1817, n. 27, p. 4.

AVISOS. **Gazeta do Rio de Janeiro**. 21 mai. 1817, n. 41, p. 4.

AVISOS. **Gazeta do Rio de Janeiro**. 6 ago. 1817, n. 63, p. 4.

AVISOS. **Gazeta do Rio de Janeiro**. 27 set. 1817, n. 78, p. 4.

AVISOS. **Gazeta do Rio de Janeiro**. 29 out. 1817, n. 87, p. 4.

AVISOS. **Gazeta do Rio de Janeiro**. 31 dez. 1817, n. 105, p. 4.

AVISOS. **Gazeta do Rio de Janeiro**. 14 jan. 1818, n. 4, p. 4.

AVISOS. **Gazeta do Rio de Janeiro**. 28 fev. 1818, n. 17, p. 4.

AVISOS. **Gazeta do Rio de Janeiro**. 4 mar. 1818, n. 18, p. 4.

AVISOS. **Gazeta do Rio de Janeiro**. 8 jul. 1818, n. 54, p. 4.

AVISOS. **Gazeta do Rio de Janeiro**. 24 out. 1818, n. 85, p. 4.

AVISOS. **Gazeta do Rio de Janeiro**. 16 dez. 1818, n. 100, p. 4.

AVISOS. **Gazeta do Rio de Janeiro**. 2 jan. 1819, n. 2, p. 4.

AVISOS. **Gazeta do Rio de Janeiro**. 6 jan. 1819, n. 2, p. 4.

AVISOS. **Gazeta do Rio de Janeiro**. 9 jan. 1819, n. 3, p. 4.

AVISOS. **Gazeta do Rio de Janeiro**. 27 jan. 1819, n. 8, p. 4.

AVISOS. **Gazeta do Rio de Janeiro**. 6 fev. 1819, n. 11, p. 4.

AVISOS. **Gazeta do Rio de Janeiro**. 27 fev. 1819, n. 17, p. 4.

AVISOS. **Gazeta do Rio de Janeiro**. 10 mar. 1819, n. 20, p. 4.

AVISOS. **Gazeta do Rio de Janeiro**. 29 dez. 1819, n. 104, p. 4.

AVISOS. **Gazeta do Rio de Janeiro**. 16 fev. 1820, n. 14, p. 4.

AVISOS. **Gazeta do Rio de Janeiro**. 1º mar. 1820, n. 18, p. 4.

AVISOS. **Gazeta do Rio de Janeiro**. 18 mar. 1820, n. 23, p. 4.

AVISOS. **Gazeta do Rio de Janeiro**. 29 abr. 1820, n. 35, p. 4.

AVISOS. **Gazeta do Rio de Janeiro**. 13 mai. 1820, n. 39, p. 4.

AVISOS. **Gazeta do Rio de Janeiro**. 15 jul. 1820, n. 57, p. 4.

AVISOS. **Gazeta do Rio de Janeiro**. 29 nov. 1820, n. 96, p. 4.

AVISOS. **Gazeta do Rio de Janeiro**. 17 jan. 1821, n. 5, p. 4.

AVISOS. **Gazeta do Rio de Janeiro**. 31 jan. 1821, n. 9, p. 4.

AVISOS. **Gazeta do Rio de Janeiro**. 7 mar. 1821, n. 19, p. 4.

BAILE mascarado. **A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada**. 30 abr. 1846, n. 83, p. 16-18.

BAILES. **Correio das Modas**. 12 jan. 1839, vol. I, ano I, n. 2, p. 10.

CHRONICA dos bailes. **Correio das Modas**. 31 ago. 1839, vol. II, ano I, n. 9, p. 66.

CHRONICA dos bailes e concertos. **Correio das Modas**. 5 mar. 1840, vol. I, ano II, n. 19, p. 146.

CHRONICA dos bailes e concertos. **Correio das Modas**. 23 jul. 1840, vol. II, ano II, n. 7, p. 53.

CHRONICA dos bailes e de musica. **Correio das Modas**. 5 out. 1839, vol. II, ano I, n. 14, p. 106.

CHRONICA dos theatros. **Correio das Modas**. 14 set. 1839, vol. II, ano I, n. 11, p. 83.

CONCERTO no Catete. **Correio das Modas**. 19 jan. 1839, vol. I, ano I, n. 3, p. 18.

EMBLEMA das cores. **Correio das Modas**. 18 out. 1840, vol. II, ano II, n. 32, p. 250.

FALASSE mais cedo. **O Gosto**: jornal de teatros, literaturas, modas, poesias, músicas e pinturas. Rio de Janeiro: Tipografia Paula Brito. 26 ago. 1843, n. 4, p. 4.

FLORISTAS. **Pequeno Almanak para o ano de 1842**. 1842, n 1, p. 82.

LA Barbieri. **Espelho Diamantino**: periódico de política, literatura, belas artes, teatro e moda, dedicado as senhoras brasileiras. Rio de Janeiro: Tipografia de Plancher-Seignot. 21 jan. 1827, n. 8, p. 149.

LUXOS e modas. **A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada**. 4 set. 1832, n. 8, p. 65-67.

LUXOS e modas. **A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada**. 12 dez. 1835, n. 45, p. 4.

LUXOS e modas. **O Simplicio**: nem um camarãozinho escapará pelas malhas da minha rede. Rio de Janeiro: Typografia da Austrea. 31 out. 1831, n. 8, p. 54.

MACEDO, Joaquim Manuel de. **A moreninha**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

MACEDO, Joaquim Manuel de. **Memórias da Rua do Ouvidor**. Brasília: Senado Federal, 2005. p. 64. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/1105>.

MACEDO, Joaquim Manuel de. **Os dois amores**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1949.

MACEDO, Joaquim Manuel de. **O moço loiro**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1980.

MACEDO, Joaquim Manuel de. **Rosa**. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1910. (vol. I e II).

MODAS. **A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada**. 28 mar. 1837, n. 54, p. 6.

MODAS. **A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada**. 23 dez. 1839, n. 63, p. 8.

MODAS. **A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada**. 1º dez. 1840, n. 65, p. 12.

MODAS. **A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada**. 23 dez. 1840, n. 66, p. 1.

MODAS. **A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada**. 23 dez. 1841, n. 71, p. 15.

MODAS. **A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada**. 1º out. 1842, n. 72, p. 10-12.

MODAS. **A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada**. 23 dez. 1843, n. 76, p. 16-17.

MODAS. **A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada**. 3 abr. 1844, n. 77, p. 18-19.

MODAS. **A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada**. 30 abr. 1846, n. 83, p. 23.

MODAS. **Correio das Modas**. 5 jan. 1839, vol. I, ano I, n. 1, p. 2.

MODAS. **Correio das Modas**. 5 jan. 1839, vol. I, ano I, n. 1, p. 5.

MODAS. **Correio das Modas**. 19 jan. 1839, vol. I, ano I, n. 3, p. 16-17.

MODAS. **Correio das Modas**. 19 jan. 1839, vol. I, ano I, n. 3, p. 24.

MODAS. **Correio das Modas**. 26 jan. 1839, vol. I, ano I, n. 4, p. 4.

MODAS. **Correio das Modas**. 26 jan. 1839, vol. I, ano I, n. 4, p. 25.

MODAS. **Correio das modas**. 16 fev. 1839, vol. I, ano I, n. 7, p. 4.

MODAS. **Correio das Modas**. 2 mar. 1839, vol. I, ano I, n. 9, p. 69.

MODAS. **Correio das Modas**. 16 mar. 1839, vol. I, ano I, n. 11, p. 89.

MODAS. **Correio das Modas**. 20 abr. 1839, vol. I, ano I, n. 16, p. 129.

MODAS. **Correio das Modas**. 27 abr. 1839, vol. I, ano I, n. 17, p. 137-138.

MODAS. **Correio das Modas**. 4 mai. 1839, vol. I, ano I, n. 18, p. 146.

MODAS. **Correio das Modas**. 18 mai. 1839, vol. I, ano I, n. 20, p. 163-164.

MODAS. **Correio das Modas**. 25 mai. 1839, vol. I, ano I, n. 21, p. 172.

MODAS. **Correio das Modas**. 1º jun. 1839, vol. I, ano I, n. 22, p. 179-180.

MODAS. **Correio das Modas**. 8 jun. 1839, vol. I, ano I, n. 23, p. 188.

MODAS. **Correio das Modas**. 15 jun. 1839, vol. I, ano I, n. 24, p. 196.

MODAS. **Correio das Modas**. 17 ago. 1839, vol. II, ano I, n. 7, p. 49.

MODAS. **Correio das Modas**. 7 set. 1839, vol. II, ano I, n. 10, p. 73.

MODAS. **Correio das Modas**. 14 set. 1839, vol. II, ano I, n. 11, p. 81.

MODAS. **Correio das Modas**. 5 out. 1839, vol. II, ano I, n. 14, p. 105.

- MODAS. **Correio das Modas**. 19 out. 1839, vol. II, ano I, n. 16, p. 121-122.
- MODAS. **Correio das Modas**. 26 out. 1839, vol. II, ano I, n. 17, p. 130.
- MODAS. **Correio das Modas**. 9 nov. 1839, vol. II, ano I, n. 19, p. 138.
- MODAS. **Correio das Modas**. 16 nov. 1839, vol. II, ano I, n. 20, p. 146.
- MODAS. **Correio das Modas**. 23 nov. 1839, vol. II, ano I, n. 21, p. 153-154.
- MODAS. **Correio das Modas**. 23 nov. 1839, vol. II, ano I, n. 21, p. 161.
- MODAS. **Correio das Modas**. 23 nov. 1839, vol. II, ano I, n. 21, p. 172.
- MODAS. **Correio das Modas**. 7 dez. 1839, vol. II, ano I, n. 23, p. 169
- MODAS. **Correio das Modas**. 14 dez. 1839, vol. II, ano I, n. 24, p. 177.
- MODAS. **Correio das Modas**. 21 dez. 1839, vol. II, ano I, n. 25, p. 185.
- MODAS. **Correio das Modas**. 28 dez. 1839, vol. II, ano I, n. 26, p. 194.
- MODAS. **Correio das Modas**. 5 jan. 1840, vol. I, ano II, n. 2, p. 9.
- MODAS. **Correio das Modas**. 26 jan. 1840, vol. I, ano II, n. 8, p. 64.
- MODAS. **Correio das Modas**. 15 mar. 1840, vol. I, ano II, n. 22, p. 180.
- MODAS. **Correio das Modas**. 22 mar. 1840, vol. I, ano II, n. 24, p. 185.
- MODAS. **Correio das Modas**. 29 mar. 1840, vol. I, ano II, n. 26, p. 201.
- MODAS. **Correio das Modas**. 12 abr. 1840, vol. I, ano II, n. 30, p. 230.
- MODAS. **Correio das Modas**. 19 abr. 1840, vol. I, ano II, n. 32, p. 277.
- MODAS. **Correio das Modas**. 7 jun. 1840, vol. I, ano II, n. 46, p. 361.
- MODAS. **Correio das Modas**. 5 jul. 1840, vol. II, ano II, n. 2, p. 9.
- MODAS. **Correio das Modas**. 12 jul. 1840, vol. II, ano II, n. 4, p. 25.
- MODAS. **Correio das Modas**. 9 ago. 1840, vol. II, ano II, n. 12, p. 89.
- MODAS. **Correio das Modas**. 23 ago. 1840, vol. II, ano II, n. 16, p. 122.
- MODAS. **Correio das Modas**. 30 ago. 1840, vol. II, ano II, n. 18, p. 138.
- MODAS. **Correio das Modas**. 6 set. 1840, vol. II, ano II, n. 20, p. 153.

- MODAS. **Correio das Modas**. 13 set. 1840, vol. II, ano II, n. 22, p. 169-170.
- MODAS. **Correio das Modas**. 20 set. 1840, vol. II, ano II, n. 24, p. 185.
- MODAS. **Correio das Modas**. 27 set. 1840, vol. II, ano II, n. 26, p. 202.
- MODAS. **Correio das Modas**. 11 out. 1840, vol. II, ano II, n. 30, p. 233.
- MODAS. **Correio das Modas**. 18 out. 1840, vol. II, ano II, n. 32, p. 251.
- MODAS. **Correio das Modas**. 22 nov. 1840, vol. II, ano II, n. 42, p. 330.
- MODAS. **Correio das Modas**. 27 dez. 1840, vol II, ano II, n. 52, p. 410.
- MODAS. **Espelho Diamantino**. 1º out. 1827, n. 2, p. 31.
- MODAS. **Espelho Diamantino**. 15 out. 1827, n. 3, p. 47.
- MODAS. **Espelho Diamantino**. 1º nov. 1827, n. 4, p. 66.
- MODAS. **O Gosto**. 12 ago. 1843, n.2, p. 4.
- MUSICA. **Correio das Modas**. 17 ago. 1839, vol. II, ano I, n. 7, p. 51.
- MUSICA. **Espelho Diamantino**. 1º out. 1827, n. 2, p. 27.
- NATAL. **A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada**. 23 dez. 1840, n. 67, p. 13.
- NOITE de S. João. **A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada**. 21 jun. 1840, n. 64, p. 7.
- O BAILE do Catete. **Correio das Modas**. 24 ago, 1839, vol. II, ano I, n. 8, p. 58.
- O CASAMENTO arranjado por Santo Antonio dos pobres. **A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada**. 21 jun. 1840, n. 64, p. 5.
- O DESEJO. **A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada**. 22 jun. 1844, n. 78, p. 2.
- O FURTO industrioso. **Correio das Modas**. 14 set. 1839, vol. II, ano I, n. 11, p. 88.
- O PENDÃO de pipocas. **A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada**. 12 dez. 1835, n. 45, p. 11.
- O SIMPLICIO**. 27 jul. 1831, n. 7, p. 43.
- O SIMPLICIO**. 18 jan. 1832, n. 10, p. 65-66.
- O SIMPLICIO**. 18 fev. 1831, n. 4, p. 20.

O SIMPLICIO. 2 abr. 1831, n. 5, p. 30.

O SIMPLICIO. 8 jan. 1831, n. 1, p. 3.

O SIMPLICIO. 19 jan. 1831, n. 2, p. 6.

OCORRÊNCIAS da praça. **A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada.** 23 dez. 1843, n. 76, p. 4.

ORA o homem tem razão. **A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada.** 23 dez. 1840, n. 66, p. 5.

OS FESTEJOS da coroação. **A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada.** 23 dez. 1841, n. 70, p. 1.

OS HOMENS. **A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada.** 1º out. 1842, n. 72, p. 14.

OS ONIBUS theatrais. **O Gosto.** 19 ago. 1843, n. 3, p. 4.

PERFUMARIAS. **Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro. 1850, n. 7, p. 350.

PROSPECTO. **Espelho Diamantino.** 15 set. 1827, n 1, p. 2-3.

PROSPECTO. **O Gosto.** 5 ago. 1843, n. 1, p. 1.

SE SERA feliz nas armas ou nas letras. **A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada.** 21 jun. 1836, n. 48, p. 15.

SILVA, Antônio de Moraes. **Diccionario da Lingua Portugueza recopilado dos vocabularios impressos até agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, por Antonio de Moraes Silva.** p. 61. Disponível em: http://200.144.255.59/catalogo_eletronico/imagemVerbete.asp?Verbete_Codigo=66664&Setor_Codigo=11

SILVA, Antônio de Moraes. **Diccionario da Lingua Portugueza recopilado dos vocabularios impressos até agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, por Antonio de Moraes Silva.** Lisboa: Typografia Lacerdina, 1789. p. 263. Disponível em: http://200.144.255.59/catalogo_eletronico/imagemVerbete.asp?Verbete_Codigo=72321&Setor_Codigo=11

SILVA, Antônio de Moraes. **Diccionario da Lingua Portugueza recopilado dos vocabularios impressos até agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, por Antonio de Moraes Silva.** p. 423. Disponível em: http://200.144.255.59/catalogo_eletronico/imagemVerbete.asp?Verbete_Codigo=76399&Setor_Codigo=11

SILVA, Antônio de Moraes. **Diccionario da Lingua Portugueza recompilado dos vocabularios impressos até agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, por Antonio de Moraes Silva.** p. 710. Disponível em: http://200.144.255.59/catalogo_eletronico/imagemVerbete.asp?Verbete_Codigo=83553&Setor_Codigo=11

SILVA, Antônio de Moraes. **Diccionario da Lingua Portugueza recompilado dos vocabularios impressos até agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, por Antonio de Moraes Silva.** p. 745. Disponível em: http://200.144.255.59/catalogo_eletronico/imagemVerbete.asp?Verbete_Codigo=63783&Setor_Codigo=11.

THEATRO. **Correio das Modas.** 29 jun. 1839, vol. I, ano I, n. 26, p. 212.

THEATRO de São Pedro. **A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada.** 1º dez. 1840, n. 65, p. 11.

THEATRO francez. **Correio das Modas.** 6 set. 1840, vol. II, ano II, n. 20, p. 154.

UM PASSEIO à Nitheroi. **A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada.** 23 dez. 1839, n. 63, p. 13.

UM prefacio. **A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada.** 1º out. 1842, n. 72, p. 8.

UMA LEMBRANÇA de senhora. **O Gosto.** 12 ago. 1843, n. 2, p. 4.

UMA VISITA de senhoras. **A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada.** 22 dez. 1838, n. 60, p. 9-10.

VARIÉDADES. **A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada.** 28 mar. 1837, n. 54, p. 8.

VENDAS. **Diario do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Tipografia do Diario. 23 jan. 1826, n. 17, p. 4.

VENDAS. **Diario do Rio de Janeiro.** 23 jan. 1827, n. 17, p. 4.

VENDAS. **Diario do Rio de Janeiro.** 19 dez. 1831, n. 1200014, p. 73.

VENDAS. **Diario do Rio de Janeiro.** 27 jul. 1843, n. 164, p. 4.

VENDAS. **Diario do Rio de Janeiro.** 13 mar. 1847, n. 7452, p. 4.

VISITAS de senhoras. **A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada.** 22 dez. 1838, n. 60, p. 11-12.

2. Estudos

ABREU, Maurício de. **Evolução Urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPLANRIO, 1997.

ALGRANTI, Leila Mezan. **Honradas e devotas: mulheres na colônia**. São Paulo: José Olympio, 1993.

_____. **O feitor ausente: estudo sobre a escravidão urbana no Rio de Janeiro**. Petrópolis: Editora Vozes, 1988.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Vol. 2, Companhia das Letras, 1997.

AMANTINO, Márcia e PRIORE, Mary Del (org). **História do corpo no Brasil**. São Paulo: 1ª edição, Editora UNESP, 2011.

AZEVEDO, Moreira de. **O Rio de Janeiro: sua história, monumentos, homens notáveis, usos e curiosidades**. Rio de Janeiro: Vol. 1, Instituto Histórico Brasileiro, 1877.

B..., Virginie Leóntine. **A condição feminina no Rio de Janeiro – século XIX**. Míriam Moreira Leite (org.). São Paulo: Edusp, 1984.

BERGER, Paulo. **Bibliografia do Rio de Janeiro de Viajantes e Autores Estrangeiros (1531-1900)**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1964.

BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. **Mulheres de ontem?** Rio de Janeiro – século XIX. São Paulo: T. A. Queiroz, 1988.

BICALHO, Maria Fernanda. **A França Antártica, o corso, a conquista e a “peçonha luterana”**. Revista História, São Paulo, vol. 27, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/his/v27n1/a04v27n1>.

BONADIO, Maria Claudia; MATTOS, Maria da Fátima da S. Costa de. (orgs). **História e cultura de moda**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011.

BOTELHO, Ângela Vianna; REIS, Liana Maria. **Dicionário Histórico Brasil: colônia e império**, ed. 6. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BOUCHER, François. **História do vestuário no Ocidente: das origens aos nossos dias**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

BUITONI, Dulcília Schroeder. **Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira**. São Paulo: Summus, 2009.

CAMPOS, Humberto de. **As modas e os modos nos romances de Macedo**. In: Antologia da Revista da Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010.

CARELLI, Mário. **Culturas cruzadas: Intercâmbios entre França e Brasil**. Campinas: Papyrus, 1994.

CHATAIGNIER, Gilda. **História da moda no Brasil**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.

COARACY, Vivaldo. **Memórias da cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Vol. 3, José Olympio, 1965.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro, Graal, 1989.

COSTA, Nelson. **Páginas cariocas**: trechos de autores brasileiros sobre a Cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Coleção Cidade do Rio de Janeiro, 1961.

CRULS, Gastão. **Aparência do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 1º volume, José Olympio, 1965.

DEBRET, Jean Baptiste. **Rio de Janeiro, cidade mestiça**: nascimento da imagem de uma nação. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

EDMUNDO, Luís. **A corte de D. João VI no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 2ª edição, Conquista, 1957.

ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938.

_____. **O processo civilizacional**: investigações sociogenéticas e psicogenéticas. Lisboa: 1º volume, Publicações Dom Quixote, 1989.

FONSECA, Gondim da. **Biografia do jornalismo carioca (1808-1908)**. Rio de Janeiro: Livraria Quaresma, 1941.

FORSTERS, Edward. **Aspectos do romance**. 2 ed. São Paulo: Globo, 1998.

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Literatura e Sociedade no Rio de Janeiro oitocentista**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1999.

_____. **Mulheres viajantes no Brasil (1764-1820)**: antologia de textos. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da Língua Portuguesa**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1899.

FERREIRA, Tânia Maria Bessone da Cruz. **A presença francesa no mundo dos impressos no Brasil**. In: *Revistas Ilustradas: modos de ler e ver no Segundo Império*. Rio de Janeiro: Mauad, 2011.

FREYRE, Gilberto. **Modos de homem e modas de mulher**. Rio de Janeiro: 3ª edição, Record, 1997.

_____. **O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX**. São Paulo: Editora Global, 2012.

_____. **Sobrados e Mucambos**. Rio de Janeiro: 13ª edição, Record, 2002.

_____. **Vida social no Brasil nos meados do século XIX**. Rio de Janeiro: Global, 2008.

GERSON, Brasil. **História das ruas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Editora Souza, 3ª edição.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

ITALIANO, Isabel; VIANA, Fausto; BASTOS, Desirée; ARAÚJO, Luciano. (orgs). **Para vestir a cena contemporânea: moldes e moda no Brasil do século XIX**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2015.

JANCSÓ, István; KANTOR, Iris. **Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. vol. 2. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

JÚNIOR, Caio Prado. **Formação do Brasil contemporâneo**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

KÖHLER, Carl. **História do vestuário**. São Paulo: 3ª edição, WMF, 2009.

LAVER, James. **A roupa e a moda: uma história concisa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LIMA, Oliveira. **D. João VI no Brasil**. Rio de Janeiro: 3ª edição, Topbooks, 1996.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. **História do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IBMEC, 1978.

MACEDO, Joaquim Manuel de. **Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro**. Brasília: Edições do Senado Federal, 2005.

MACHADO, Ubiratan. **A vida literária no Brasil durante o Romantismo**. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2001.

MALERBA, Jurandir. **O Brasil Imperial: panorama da história do Brasil no século XIX**. Maringá: UEM, 1999.

MARZANO, Andrea; MELO, Victor Andrade de. (orgs). **Vida divertida: histórias do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930)**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

MALTA, Marize. **O olhar decorativo: ambientes domésticos em fins do século XIX no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Mauad X, FAPERJ, 2011.

MESGRAVIS, Laima. **O viajante e a cidade**: a vida no Rio de Janeiro através dos viajantes estrangeiros da primeira metade do século XIX. Tese de Livre-Docência. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1987.

MEYER, Marlyse. **Folhetim**: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MOISÉS, Leyla Perrone. (org.) **Cinco séculos de presença francesa no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2013.

MOLINA, Matias M. **História dos jornais no Brasil**: da era colonial à regência (1500-1840). São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MONTELEONE, Joana. **O circuito das roupas**: a Corte, o consumo e a moda (Rio de Janeiro, 1840-1889) Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Econômica da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

MOTT, Maria Lúcia de Barros. **Mme. Durocher, modista e parteira**. In: Revista Estudos Feministas, vol. 2, n. 3, 1994.

NEEDELL, Jeffrey D. **Belle Époque Tropical**: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

PEREIRA, Milena da Silveira. **A crítica que fez história**: as associações literárias no Oitocentos. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2015.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2008.

PINHO, Wanderley. **Salões e damas do Segundo Império**. São Paulo: 2ª edição, Livraria Martins, 1946.

PRIORE, Mary Del. **História do amor no Brasil**. São Paulo: 2ª edição, Contexto, 2006.

_____. **A mulher na história do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1989.

_____. (org.) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2000.

_____. **Histórias da gente brasileira**: Império. São Paulo: Leya, 2016.

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. **A cidade e a moda**: novas pretensões, novas distinções. Universidade de Brasília: Brasília, 2002.

REIS, João José. **A morte é uma festa**: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RENAULT, Delso. **O Rio Antigo nos anúncios de jornais** (1808-1850). Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1969.

RIOS, Adolfo Morales de los. **O Rio de Janeiro Imperial**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

RIZZINI, Carlos. **O livro, o jornal e a tipografia no Brasil: 1500-1822**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1988.

ROCHE, Daniel. **A cultura das aparências: uma história da indumentária (séculos XVII-XVIII)**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

RODRIGUES, Mariana Christina de Faria Tavares. **Mancebos e mocinhas: moda na literatura brasileira do século XIX**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.

SCHELICHTHORST, Carl. **A condição feminina no Rio de Janeiro – século XIX**. Míriam Moreira Leite (org). São Paulo: Edusp, 1984.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As barbas do Imperador – D. Pedro II, um monarca nos trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SENNA, Ernesto. **O Velho Comércio do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: G. Ermakoff, 2006.

SILVA, Camila Borges da. **O símbolo indumentário: distinção e prestígio no Rio de Janeiro (1808-1821)**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 2010.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. **Cultura e sociedade no Rio de Janeiro (1808-1821)**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1978.

_____. **Donas e plebeias na sociedade colonial**. Lisboa: Editorial Estampa, 2002.

_____. **Vida privada e cotidiano no Brasil**. Rio de Janeiro: 1ª edição, Editorial Estampa, 1993.

SIMMEL, George. **Filosofia da moda e outros escritos**. 1ª edição, Lisboa: Martins Fontes, 2008.

SOUZA, Gilda de Mello e. **O espírito das roupas: a moda no século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

STAROBINSKI, Jean. **As máscaras da civilização: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

STRZODA, Michelle. **O Rio de Joaquim Manuel de Macedo: jornalismo e literatura no século XIX**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2010.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história**. 4. Ed. Brasília: Editora UnB, 1998.

VIDAL, Laurent; LUCA, Tânia Regina de. (orgs.) **Franceses no Brasil: (séculos XIX-XX)**. São Paulo: Editora UNESP. 2009.

XIMENES, Maria Alice. **Moda e arte na reinvenção do corpo feminino do século XIX**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011.

WILSON, Elizabeth. **Enfeitada de sonhos**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1985.

APÊNDICE I

LISTA DAS PRIMEIRAS MODISTAS NO RIO DE JANEIRO

	NOME	ENDEREÇO	SERVIÇOS
1	Madame Ablon	Rua do Ouvidor, 19	vendia chapéus de palha e de outras qualidades
2	Madame Adele Chevrot	Rua do Cano, 60	fazia vestidos para senhora de todas as qualidades e do último gosto; ensinava meninas a coser, marcar, bordar e cortar vestidos
3	Mademoiselle Adele Clarinval	Rua do Ouvidor, 82 – sobrado	trabalhava no ateliê da Madame Flecheux; serviços não especificados
4	Ana Hunter	Rua dos Latoeiros, 39	fazia chapéus; limpava e arranjava chapéus velhos
5	Ana Luiza	Rua do Cano, 40 – 1º andar	fazia vestidos, chapéus e coletes
6	Madame Augusta Lenoir	Rua da Ajuda, 25; Rua da Ajuda, 113	fazia chapéus, toucas, berés, turbantes e vestidos de baile; vendia chapéus prontos
7	Madame Aurora	Rua da Ajuda, 30 – 1º andar	fazia vestidos e todas as outras qualidades de costura
8	Madame Barrat	não especificado	confeccionou o enxoval de um dos filhos de D. Pedro II
9	Madame Bernard	Rua do Carmo, 53	serviços não especificados
10	Berthier	Rua do Ouvidor, 159	vendia chapéus, meias, xales, fitas, cetins, cordões, flores, guarnições e vestidos bordados; também fazia vestidos
11	Madame Bitencourt	Rua do Ouvidor, 26	fazia coletes, vestidos e chapéus do último gosto
12	Madame Bonhome	Rua dos Ourives, 36	modista de lingerie de Paris; vendia modas de senhora e perfumarias
13	Bouchor	não especificado	vendia sapatos de senhora em sua loja
14	Madame Breton	Rua da Ajuda, 63; Rua do Ouvidor, 120	fazia vestidos e coletes; vendia chapéus prontos e acessórios para cabeça
15	Madame Camille Rivemale	Rua do Rosário, 51	fazia vestidos e coletes para senhoras
16	Madame Catharina	Rua da Quitanda, 70; Rua do Ouvidor, 51	serviços não especificados; trabalhou para Madame Josephina

17	Mademoiselle Cecile	Rua do Ouvidor, 25; Rua do Ouvidor, 88 – 1º andar	vendia fazendas para vestidos, chapéus e turbantes
18	Madame Chabry	Rua da Barreira de Santo Antonio, 6	fazia vestidos e modas variadas
19	Madame Chevatiler	Travessa do Ouvidor, 22	fazia vestidos e coletes
20	Madame Coulon	Rua da Ajuda, 9	vendia chapéus e toucas; fazia vestidos de baile; lavava chapéus e plumas
21	Madame Dantigny	Rua do Ouvidor, 60; Rua do Ouvidor, 100	vendia chapéus e mantas; trabalhou no Bazar Dillon
22	Madame Delme	Rua do Ouvidor, 88 – 1º andar	não especificado
23	Madame Demay	Rua do Ouvidor, 137	fazia e vendia coletes variados; vendia luvas e enfeites de vestidos
24	Madame Dreux	Rua do Ouvidor, 54	modista de SS. AA. Imperiais; serviços não especificados
25	Madame Dubois	Rua do Ouvidor, 107; Rua do Ouvidor, 112	fazia chapéus, toucas, vestidos e manteletes
26	Madame Drufesnoy	Rua da Ajuda, 56	fazia vestidos do gosto mais moderno
27	Madame Elisa Richard	Rua do Ouvidor, 114; Rua do Ouvidor 31	fazia vestidos; vendia fazendas de modas
28	Elisabeth Mauger	Largo do Valdetario, 161	fazia espartilhos, vestidos e outras costuras; modista de espartilhos das senhoras Imperiais
29	Madame Eugene Cassemajou	Rua dos Ourives, 73B; Rua do Ouvidor, 54	vendia chapéus, toucas e luvas variadas; fazia vestidos; trabalhou junto a um cabeleireiro
30	Madame Eugenie	Rua de São José, 46	fazia vestidos, manteletes e chapéus
31	Feraudy	Rua do Ouvidor, 94	não especificado
32	Madame Finot	Rua do Ouvidor, 163; Rua do Ouvidor, 103	vendia acessórios e guarnições para roupas – penas, laços, rendas, enfeites para luvas.
33	Mademoiselle Flecheux	Rua do Ouvidor, 82 – sobrado; Rua da Quitanda, 59	vendia chapéus, turbantes e vestidos
34	Francisca (sobrenome ilegível)	Rua do Ouvidor, 39	vendia vestidos, chapéus, corpinhos e outros enfeites; também fazia encomendas
35	Madame Frederic	Rua do Cano, 60; Rua da Ajuda, 21; Rua do Cano, 221	vendia chapéus e toucas

36	Madame Gudín	Rua do Ouvidor, 51; Rua do Ouvidor, 82; Rua do Ouvidor, 77	fazia vestidos da última moda; proprietária de uma fábrica de coletes
37	Madame Guinoud	Rua dos Ourives, 53 – junto à do Cano	fazia toda a qualidade de coletes para senhoras e meninas
38	Madame Guyot	Rua de São Pedro, 92 – canto da Rua dos Ourives	fazia vestidos para senhoras e meninas
39	Madame Heruville	Rua das Marrecas, 16	fazia vestidos e tudo o que pertencia ao toilette de senhoras e meninas
40	Mademoiselle Honorine	Rua de São José, 35 – 1º andar	vendia chapéus, toucas e turbantes
41	Madame Hornois	não especificado	fazia vestidos e chapéus
42	Madame Hortense Lacarriere	Rua do Ouvidor, 211; Rua do Ouvidor, 90; Rua do Ouvidor 64B; Rua do Ouvidor, 68	serviços não especificados
43	Isabel	Rua de São Pedro, 121 – sobrado	fazia vestidos, toucas e chapéus
44	Madame Josephina Meunier	Rua do Ouvidor, 56; Rua do Ouvidor, 97	vendia vestidos, lenços, xales, meias, sapatos, perfumes, leques, chapéus e toucas de Paris
45	Josefina Saurin	Rua do Ouvidor, 128; Rua de Santo Antonio, 121; Rua do Ouvidor, 135	fazia e cortava vestidos; vendia chapéus
46	Madame Josephine	Rua da Valla, 15	fazia chapéus, toucas, bonés, turbantes e vestidos; modista de Madame Elisa Richard
47	Madame Josset	Rua do Ouvidor, 77 – sobrado	costureira de coletes para senhoras; vendia luvas, chapéus, fitas, camisinhas, manteletes, véus, saias e outras miudezas
48	Madame Julia Giraud	Rua da Quitanda, 101 – sobrado; Rua do Ouvidor, 124	costurava vestidos, manteletes e camisinhas; trabalhou para Madame Hortense Lacarriere
49	Mademoiselle Julie	Rua do Ouvidor, 49 – 1º andar	fazia chapéus e vestidos; trabalhou para Madame Tracol
50	Madame Lambel	Rua dos Ourives, 47	fazia vestidos, chapéus, toucas e camisinhas; consertava as rendas e cassas bordadas
51	Madame Lavessière	Rua do Ouvidor, 60; Rua de São José, 89 – esquina da Ajuda	fazia chapés e vestidos; vendia chapéus prontos; fazia e alugava vestidos e máscaras para bailes a fantasia; trabalhou no Bazar Dillon
52	Mademoiselle Leontine	Rua do Cano, 78 – sobrado	fazia tudo o que concernia à arte de costura e modista
53	Leopoldina Amelia de Moraes (modista portuguesa)	Rua do Rosário, 50 – 2º andar; beco de Bragança, 30 – próximo à Quitanda;	fazia vestidos, toucas de lã e chapéus; toucas para o frio
54	Madame Leuvir	Rua da Ajuda, 24	não especificado

55	Madame Louiza	Rua dos Ourives, 17	avestidos modernos e graciosos; fazia persianas, guarnições, saída de baile, manteletes
56	Madame Lumau	Rua dos Ourives, 20 – 1º andar	serviços não especificados
57	Madame Lussan	Beco do Proposito, 2	vendia vestidos, chapéus, flores, penas e outras modas para senhora
58	Madame Maillard	Rua do Ouvidor, 135	vendia chapéus prontos
59	Madame Marechal	Rua do Ouvidor, 186; Rua do Ouvidor, 57; Rua do Ouvidor, 37; Rua do Ouvidor, 68	fazia e vendia chapéus, toucas, bonés, turbantes e barretes
60	Madame Martin	Rua do Ouvidor, 107; Rua da Ajuda, 32	fazia enxoval para batizado e casamento; e confeccionava ornatos femininos
61	Madame Morel Bochere	Rua do Ouvidor, 37; Rua da Ajuda, 4; Rua da Ajuda, 10	fazia chapéus, vestidos e coletes; vendia acessórios, chapéus prontos e perfumarias
62	Madame Paul	Rua do Rosário, 111	fazia vestidos, toucas, chapéus e camisas de homem
63	Madame Pégue	Rua de Matacavallos, 36	lavava rendas e filós; fazia vestidos e chapéus
64	Madame Peltier	Rua de São José, 8	fazia coletes de senhora e os colocava como novos.
65	Madame Pelvilain	Rua de Santo Antônio, 19	vendia camisinhas, colarinhos, fitas e chapéus; lavava as roupas finas
66	Madame Petit	Rua do Ouvidor, 50 – 1º andar	vendia chapéus, toucas, vestidos e manteletes
67	Madame Peyrellade	Rua dos Latoeiros, 76 – esquina do Ouvidor	trabalhou na casa de E. Marcassus e C.; serviços não especificados
68	Mademoiselle Pian	Rua dos Ourives, 37	fazia vestidos e chapéus; vendia chapéus, toucas e fitas
69	Madame Pompon	Rua do Ouvidor, 161	não especificado
70	Madame Richelandet	Rua do Ouvidor, 60	vendia chapéus, toucas, turbantes e luvas; feitura de vestidos; lavava e enfeitava chapéus; trabalhou no Bazar Dillon
71	Madame Rivieri	Rua do Ouvidor, 162; Rua da Ajuda, 84	fazia vestidos e chapéus; vendia fazendas francesas
72	Madame Rosine Faudaux	Rua da Quitanda, 21	fazia chapéus, toucas e vestidos; e vendia algumas modas já prontas

73	Madame Ruffier Martelet	Rua de São José, 64 – 1º andar	vendia chapéus, manteletes, plumas de fantasia e turbantes
74	Madame Seurat	Rua do Ouvidor, 114; Rua do Ouvidor, 55	fazia chapéus, toucas e vestidos; vendia chapéus prontos
75	Madame Sicard	Rua dos Latoeiros, 9	cortava e fazia vestidos de senhora de todos os feitios e do último gosto
76	Madame Siebs	Rua do Ouvidor, 137	vendia vestidos e manteletes segundo os modelos de Paris; aprontava-se vestimentas de luto dentro de vinte e quatro horas
77	Madames Suisse e Neven	Rua do Ouvidor, 39; Rua do Ouvidor, 81 – 2º andar	vendiam chapéus e faziam vestidos e todos os enfeites de senhoras
78	Madame Tholozan	Rua do Ouvidor, 161	fazia chapéus e vestidos; vendia chapéus prontos
79	Madame Tracol	Rua do Ouvidor, 77; Rua do Ouvidor, 95; Rua dos Latoeiros, 83	vendia chapéus, xales, mantas, toucas, rendas, flores e fitas; fazia vestidos de gala
80	Madame Traselher	Rua do Ouvidor, 63	vendia chapéus, coletes, vestidos, flores e mantas; vestimentas de criança
81	Madame Valais	Rua do Ouvidor, 80; Rua do Ouvidor, 62	casa ocupada pela modista e um alfaiate; serviços não especificados
82	Madame Villems	Rua Santo Antônio, 121; Travessa de São Francisco de Paula, 14	fazia chapéus, toucas e turbantes
83	Madame Viannay	Ruada Ajuda, 36	fazia vestidos do último gosto; lavava e consertava toucas
84	Modista (nome e nacionalidade não citados)	Rua do Catete, 83	senhora casada que cortava toda a qualidade de obras pertencentes às senhoras; figurinos da última moda de Paris
85	Modista (nome e nacionalidade não citados)	Rua Formosa, 55	fazia roupas de senhora e homem
86	Modista (nome e nacionalidade não citados)	Rua da Ajuda, 64	fazia vestidos, chapéus e toucas; trabalhava junto a seu marido que era um ourives francês
87	Modista (nome e nacionalidade não citados)	Rua do Sabão, 299	fazia toda a qualidade de costura para senhoras
88	Modista belga (nome não citado)	Travessa da Barreira, 3	fazia bordados e ensinava a quem quisesse aprender o ofício
89	Modista brasileira (nome não citado)	Rua do Cano; Praça da Constituição, do lado do Teatro, 36	fazia vestidos da última moda, corpinhos, toucas, guarnições de vestidos, roupões, tudo por menos que as francesas
90	Modistas de Desbordes e Garay (nomes não citados)	endereço não informado	faziam todos os enfeites de senhora

91	Modista do cabeleireiro Catelineau (nome não citado)	Rua do Rosário, 34; Rua do Ouvidor, 66	vendia chapéus, perfumes, águas e pomadas da França, flores, tecidos, mantas, xales, fitas, meias, sapatos, vestidos e lenços
92	Modista francesa (nome não citado)	Rua da Alfândega, 329	fazia vestidos, chapéus, turbantes e enxovais de casamento
93	Modista francesa (nome não citado)	Rua Direita, 17 – 1º andar	fazia capotes e chapéus; ensinava o ofício de modista a quem quisesse
94	Modista francesa (nome não citado)	Rua dos Ourives, 86	fazia chapéus e vestidos
95	Modista francesa (nome não citado)	Rua dos Ourives, 65	vendia flores, plumas, fitas e chapéus
96	Modista francesa (nome não citado)	Largo do Rocio, 11; Rua do Ouvidor, 214	fazia chapéus para senhoras e meninas
97	Modista francesa (nome não citado)	Beco da Barrera – baixo do sobrado, 3	serviços não especificados
98	Modista inglesa (nome não mencionado)	Rua da Princesa do Catete, sobrado, 18	fazia modas e também consertava e limpava chapéus e barretinas de palhinha

APÊNDICE II

PRIMEIROS JORNAIS DE MODAS DO RIO DE JANEIRO

	TÍTULO DO PERIÓDICO	PERÍODO DE CIRCULAÇÃO	TIPOGRAFIA	ESCRITÓRIO	PREÇO E OUTRAS INFORMAÇÕES
1	Espelho Diamantino: periódico de política, literatura, belas artes, teatro e moda, dedicados às senhoras brasileiras.	1827-1828	Tipografia de Plancher-Seignot	Rua do Ouvidor, nº 95	Publicava-se 2 vezes ao mês (no primeiro dia e no dia 15); 1\$600 por três meses, 3\$200 por seis meses e 6\$000 por um ano.
2	A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada	1832-1846	Tipografia Imparcial de Francisco de Paula Brito	Rua da Constituição, nº 44	Folha sem periodicidade definida; Cobrava-se 80 reis em cobre.
3	Correio das Modas: jornal crítico e literário das modas, bailes, teatros.	1839-1840	Tipografia dos Irmãos Laemmert	Rua da Quitanda, nº 77	Publicava-se todos os sábados 1 número com 1 gravura; 5\$000 adiantados por quatro meses.
4	O Gosto: jornal de teatros, literaturas, modas, poesias, músicas e pinturas.	1843	Tipografia Paula Brito	Rua dos Ourives, nº 21	Publicava-se uma vez por semana, e mais, se conviesse aos redatores.

5	O Simplicio	1831-1832	Tipografia da Austrea	Rua do Sacramento, n° 23	Folha sem periodicidade definida; Cobrava-se 40 reis em cobre.
---	--------------------	-----------	--------------------------	--------------------------------	--